



## **REFUNCIONALIZAÇÃO DE EDIFÍCIOS DE ARQUITETURA INDUSTRIAL, DE ARMAZENAMENTO E COMERCIAL:**

O LISBON WORK HUB (LISBOA), A GUESTHOUSE OPO' ATTICS (PORTO),  
A CASA DA ARQUITECTURA (MATOSINHOS)

**| Ensaio prático: Regeneração dos Antigos Armazéns de Cerâmica  
da Vala do Carregado**





# Refuncionalização de Edifícios de Arquitetura Industrial, de Armazenamento e Comercial

Projeto Final de Arquitetura

2017-2018

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologias e Arquitetura

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

**Vertente Teórica: Refuncionalização de Edifícios de Arquitetura Industrial, de Armazenamento e Comercial:**

**O Lx Work Hub (Lisboa), a Guesthouse OPO'attics (Porto), a Casa da Architectura (Matosinhos)**

Orientadora: Paula André | Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

**Vertente prática: Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado**

Tutor: Pedro Mendes | Professor Auxiliar Convidado, ISCTE-IUL

**Palavras-chave** | Refuncionalização; Ruína; Armazém; Regeneração; Reabilitação; Transformação; Obsolescência; Arquitetura Industrial; Patrimônio Industrial

**Keywords** | Refunctionalization; Ruin; Warehouse; Regeneration; Rehabilitation; Transformation; Obsolescence; Industrial Architecture; Industrial Patrimony

## ÍNDICE GERAL

<b>PARTE I – Vertente Teórica: Refuncionalização de Edifícios de Arquitetura Industrial, de Armazenamento e Comercial: O Lx Work Hub (Lisboa), a Guesthouse OPO’attics (Porto), a Casa da Arquitetura (Matosinhos) .....</b>	<b>9</b>
1. Edificado Industrial, de Armazenamento e Comercial.....	41
2. A Refuncionalização de Edifícios de Arquitetura Industrial, de Armazenamento e Comercial   Casos de Estudo.....	59
3. Ligação vertente teórica – vertente prática.....	169
4. Considerações Finais.....	172
<b>PARTE II - Vertente Prática: Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado.....</b>	<b>265</b>
1. O Território - Faixa Alenquer-Vala Do Carregado.....	270
2. Proposta de Grupo - Percurso Pedonal Vila-Tejo.....	276
3. Proposta Individual - Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado.....	284

## INTRODUÇÃO GERAL

Este trabalho, composto por duas partes, nasce do conjunto de uma vertente teórica e de uma vertente prática realizada no âmbito do Projeto Final de Arquitetura (PFA). As duas partes, apesar de divididas, estão relacionadas entre si, tendo a investigação realizada no âmbito da vertente teórica, apoiado as escolhas e o desenvolvimento da vertente prática.

A vertente teórica incide numa abordagem da refuncionalização de edifícios de arquitetura industrial, de armazenamento e comercial, procurando o entendimento e exploração sobre uma realidade contemporânea – a refuncionalização como solução económica, social e política. Para base deste entendimento são estudados e analisados três casos que vão desencadeando o desenvolvimento do trabalho. Toda a investigação feita nesta vertente tem o objetivo de contribuir para as escolhas e decisões da vertente prática projetual de PFA, uma vez que o tema abordado vai ao encontro da programática desenvolvida no mesmo – refuncionalização de antigos edifícios de arquitetura de armazenamento.

A vertente prática desenvolvida no âmbito do Projeto Final de Arquitetura (PFA) do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, do ano letivo 2017/2018, propõe uma intervenção nuns antigos e obsoletos armazéns de caráter industrial na Vala do Carregado, concelho de Vila Franca de Xira, inserido na Área Metropolitana de Lisboa (AML). Esta intervenção pressupõe uma “abordagem da dinâmica de relações que se estabelecem entre o edificado existente e proposto, bem como do espaço público e do território”.<sup>1</sup> O ensaio projetual aqui desenvolvido trata da refuncionalização das referidas antigas estruturas para alojamento e instalações de apoio a atividades náuticas que noutros tempos, funcionavam como armazenamento do produto da antiga (e já inexistente) Fábrica de Cerâmica da Vala do Carregado, procurando assim uma continuação da identidade do lugar através da preservação da maioria do edificado.

Como referido anteriormente, toda a investigação e análise factual feita na primeira parte, é fundamental para um desenvolvimento coerente da segunda.

---

<sup>1</sup>MENDES, Pedro – Projeto Final de Arquitetura. 2017. Anexo F



# **Refuncionalização de Edifícios de Arquitetura Industrial, de Armazenamento e Comercial:**

**O Lx Work Hub (Lisboa), a Guesthouse OPO'attics (Porto),  
a Casa da Arquitetura (Matosinhos)**





Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitetura

**Eunice Daniela Vieira Ruivo**

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Arquitetura

**Refuncionalização de Edifícios de Arquitetura Industrial, de Armazenamento e Comercial:  
O Lx Work Hub (Lisboa), a Guesthouse OPO'attics (Porto), a Casa da Arquitetura (Matosinhos)**

Orientadora:

Professora Doutora Paula André, Professora Auxiliar

ISCTE-IUL

Lisboa, Outubro, 2018



## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof. Dr.<sup>a</sup> Paula André, pela confiança, simpatia, disponibilidade, entusiasmo, brio, conhecimento e acima de tudo pela persistência em alcançar todos os objetivos pretendidos sempre com o máximo rigor.

Ao meu tutor, Prof. Pedro Mendes, por toda a aprendizagem, paciência, confiança, boa disposição, gosto e entusiasmo na transmissão do seu conhecimento na arquitetura.

Ao Arquitecto Alexandre Loureiro não só pelo contributo fundamental para a concretização deste trabalho, mas também pela disponibilidade, simpatia e entusiasmo demonstrados ao longo desta investigação; Ao Arquitecto Guilherme Machado Vaz pela disponibilidade e partilha do seu testemunho.

À Ana, à Diana e ao Tiago pela amizade, resistência e trabalho em equipa.

À Mariana e à Sarah pela amizade e companheirismo desde o primeiro dia deste percurso.

À Rita, por tudo.

Aos que traçaram e continuam a traçar um caminho comum e, mesmo que por vezes com objetivos diferentes, sempre fizeram prevalecer a entreatajuda, a confiança, a união, e acima de tudo, o respeito e a amizade.

À minha família e amigos que me viram crescer e sempre me apoiaram incondicionalmente.

À minha mãe que me apoia vezes sem conta mesmo sem se aperceber, à minha avó por estar lá sempre e ao meu primo Luís por ter acompanhado de perto todo este percurso. À Juja.

*Last but not least*, ao meu pai por ser sempre o meu braço direito, o meu cúmplice e por me fazer acreditar sempre nas minhas ambições mesmo quando tudo parece impossível. Obrigada.

## RESUMO

A Revolução Industrial – processo de transição de produção artesanal para produção em máquinas - foi um período de grandes mudanças e desenvolvimento global que desencadeou uma série de novas rotinas, pensamentos e necessidades, nomeadamente espaciais capazes de albergar todo o produto desta revolução. Muitos foram os edifícios construídos em massa para uma resposta rápida e adequada, que acompanhasse o desenvolvimento e crescimento da produção, nesta altura. Estes edifícios, uns com mais importância do que outros, além de marcarem uma época, marcaram gerações e culturas, famílias e comunidades, por serem espaços que definiam as suas rotinas, vivências, identidade e evolução.

A partir da década de setenta, após o auge de funcionamento destas estruturas, o rápido desenvolvimento tecnológico e industrial levou à transferência das instalações das indústrias para estruturas com maior abrangência espacial tendo como consequência o encerramento das instalações fabris da época anterior. Estas estruturas encerradas das suas funções, caem no desprezo e abandono e geram cenários de risco atraentes a diversas problemáticas sociais e ambientais, resultando na desvalorização gradual do território.

A reabilitação e refuncionalização surge nestas estruturas como ações regenerativas do próprio edifício e de todos os seus arredores possibilitando a reconversão dos cenários de risco através de novas dinâmicas que revitalizem os espaços. Deste modo, o presente trabalho apresenta uma abordagem a uma problemática da atual realidade de abandono deste tipo de estruturas, numa tentativa de evidenciar as potencialidades que estes edifícios comportam, fundamentando estas evidências na análise de três casos práticos – o Lx Work Hub (Lisboa), A Guesthouse OPO'attics (Porto), a Casa da Arquitetura (Matosinhos). Toda a investigação pretende complementar noções da prática projetual neste tipo de estruturas aplicadas também na vertente prática deste trabalho e realçar a importância que a reabilitação destes espaços tem na comunidade e na cidade.

## **ABSTRACT**

The Industrial Revolution - a process of transition from artisanal production to machine production - was a period of great change and global development that unleashed a series of new routines, thoughts and needs, notably space capable of accommodating the whole product of this revolution. Many were mass-built buildings for a quick and adequate response that accompanied the development and growth of production at this time. These buildings, some more connotated than others, besides marking an era, marked generations and cultures, families and communities, being spaces that defined their routines, experiences, identity and evolution.

Since the 1970s, after the boom in the operation of these structures, the rapid technological and industrial development led to the transfer of the facilities of the industries to structures with more space coverage, resulting in the closure of the factory facilities of the previous era. These closed structures' functions fall into contempt and abandonment and generate risky scenarios that are the catalyst to various social and environmental problems resulting in the gradual devaluation of the territory.

Rehabilitation and refunctionalization emerges in these structures as regenerative actions of the building itself and of all its surroundings, allowing the reconversion of risk scenarios through new dynamics that revitalize spaces. In this way, the present work presents an approach to a problematic of the current reality of abandonment of this type of structures in an attempt to highlight the potentialities of these buildings, basing these evidences in the analysis of three practical cases studies - Lx Work Hub (Lisbon), Guesthouse OPO'attics (Porto), Casa da Arquitectura (Matosinhos). All the research intends to complement notions of the design practice in this type of structures, applied also in the practical aspect of this work, and to emphasize the importance that the rehabilitation of these spaces has in the community and in the city.

## ÍNDICE

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>13</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>14</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>15</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>19</b>
Tema.....	19
Objetivos.....	21
Metodologia .....	22
Estado da Arte .....	23
Estrutura .....	36
Contributos do Estudo .....	38
<b>1. Edificado Industrial, de Armazenamento e Comercial</b> .....	<b>41</b>
1.1 Contexto Histórico da Arquitetura Industrial .....	41
1.2 Edifícios Industriais e o Património.....	46
1.3 A Relevância dos Edifícios Industriais na Comunidade. ....	51
1.4 A Flexibilidade.....	56
<b>2. A Refuncionalização de Edifícios Industriais</b> .....	<b>59</b>
2.1 O Conceito de Refuncionalização e os Edifícios Industriais .....	59
2.2 O Efeito da Refuncionalização .....	60
2.3 Casos de Estudo.....	64
2.3.1 Lx Work Hub   Firma Abel Pereira Da Fonseca, Marvila, Lisboa .....	66
Contexto do Lugar .....	69

A Firma A.P.F., Funções Originais e Características Espaciais.....	75
Surgimento do Novo Programa.....	83
A Arquiteta.....	87
A Intervenção   O Projeto Lx Work Hub.....	89
Registos Fotográficos – Passado Vs. Atualidade.....	96
2.3.2 Guesthouse Opo’attics   Armazém de Carvão, Companhia, Porto.....	102
Contexto do Lugar.....	105
Surgimento do Novo Programa.....	113
O Arquiteto.....	115
A Intervenção   O Projeto Guesthouse Opo’attics.....	117
Registos Fotográficos – Passado Vs. Atualidade.....	124
Desenhos Técnicos.....	127
2.3.3 Casa Da Arquitetura   Companhia Real Vinícola, Matosinhos.....	130
Contexto do Lugar.....	133
A Real Vinícola, Funções Originais.....	139
O Arquiteto.....	147
A Intervenção   O Projeto Casa da Arquitetura d Orquestra Jazz de Matosinhos.....	149
Registos Fotográficos – Passado Vs. Atualidade.....	156
Desenhos Técnicos.....	163
<b>3. Ligação Vertente Teórica – Vertente Prática.....</b>	<b>169</b>
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>172</b>
<b>Índice de Figuras.....</b>	<b>176</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>186</b>

<b>Anexos .....</b>	<b>191</b>
A – Transcrições das entrevistas realizadas .....	191
I - Entrevista ao Arquiteto Guilherme Machado Vaz – Casa da Arquitetura de Matosinhos.....	191
II - Entrevista ao Arquiteto Alexandre Loureiro – Guesthouse Opo’attics, Porto .....	202
III – Transcrição da entrevista realizada por Espaços & Casas Tv à Arquiteta Maria Manuel Alvarez – Lisbon Work Hub, Lisboa.....	223
B – Transcrição Traduzida do Documentário “Un Encuentro” .....	225
C – Registos Fotográficos .....	231
I – Lx Work Hub .....	231
II – Guesthouse Opo’attics .....	238
III – Casa da Arquitetura .....	244
D – Documentos Municipais .....	250
I – Lx Work Hub .....	250
E – Fichas Sipa (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) .....	257
I – Armazéns Vinícolas Abel Pereira Da Fonseca.....	257
II– Edifício da Real Companhia Vinícola .....	259
F –Enunciado PFA (Projeto Final de Arquitetura) .....	260

## INTRODUÇÃO

### TEMA

A presente vertente teórica incide sobre o tema da *atemporalidade*<sup>2</sup> e *flexibilidade*<sup>3</sup> das estruturas industriais de armazenamento e comercial, que por sua vez se reflete na refuncionalização das mesmas, desencadeando sucessivas transformações a diferentes níveis (económicas, sociais, urbanas...). A refuncionalização de edifícios de caráter industrial assume um papel fundamental no desenvolvimento e continuação da identidade e herança dos lugares. O reuso e/ou refuncionalização desta arquitetura, além de permitir a transmissão da história e de conhecimentos sobre determinado lugar, permite a criação/reabilitação de novas programáticas, resultando em novas dinâmicas e vivências do espaço.

Como foco e objeto de estudo deste tema, são analisados três casos de antigas estruturas industriais, de armazenamento e comercial atualmente reconvertidas para outras funções. Estes casos são referentes ao armazém de carvão, situado na zona de Campanhã, no Porto, reconvertido em 2013 pelo Arq. Alexandre Loureiro, em Guesthouse – Guesthouse OPO’attics; aos edifícios da Real Companhia Vinícola em Matosinhos, reconvertidos em 2015, pelo Arq. Guilherme Vaz em Casa da Arquitetura, albergando funções de espaço expositivo, orquestra de jazz, lojas, restauração, etc.; aos antigos armazéns Vinícolas Abel Pereira da Fonseca, localizados na zona de Marvila em Lisboa, reconvertidos em 2015 pela Arq. Maria Manuel Alvarez em espaço de coworking – LX Work Hub.

A arquitetura industrial diferencia-se de outro tipo de arquitetura por estar maioritariamente associada a um palimpsesto de sucessivas transformações tecnológicas que influenciaram o modo

---

<sup>2</sup> a-tem-po-ral - *Que não é afetado pelo tempo ou que o transcende.* = *INTEMPORAL* "atemporal", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/atemporal> [Consult. 5 agosto 2018]

<sup>3</sup> Tema aprofundado no capítulo 2 (página 56)

como estes espaços acabam por ser utilizados tanto no presente como no futuro. Numa atual sociedade marcada por um período economicamente conturbado, existe a necessidade de (re)criar soluções que respondam às exigências das novas realidades de desenvolvimento urbano através de uma forma económica sustentável e que possibilita a continuação ou retorno da memória do lugar. Deste modo estas unidades industriais, a par das estruturas conventuais também reabilitadas e refuncionalizadas (hospitais, escolas, fábricas, etc.) no séc. XIX, acabam por ter um papel fundamental neste desenvolvimento, por serem estruturas flexíveis que rapidamente se adaptam a novas funções e usos.

Contudo, não é apenas pela sua capacidade de soluções, que estas estruturas se distinguem de outro tipo de estruturas, mas também pela capacidade sensorial que nos permite transportar para outros tempos e vivências, como nos confere o arquiteto Juan Domingo Santos no documentário “Un encuentro”, onde é retratada a história de como se apaixonou e ocupou a antiga Fábrica de Açúcar San Isidro, estabelecendo aí o seu estúdio de arquitetura. Neste documentário, o arquiteto afirma a importância das “infraestruturas em abandono” a par das suas estruturas, defendendo que é todo um conjunto que o faz transportar para outros tempos, e não apenas a arquitetura pura e dura. Pelo seu discurso, o arquiteto permite-nos e dá-nos a liberdade de “vaguear” pelo lugar e conseqüentemente apaixonarmo-nos pelo mesmo, pela maneira como o descreve de forma tão sensorial e entusiasta, enfatizando a sabedoria do silêncio e do vazio. É explícito que o espaço não foi ocupado por questões de interesse económico e político, mas sim de atração pelo sítio e suas “imaginárias” histórias, defendendo que é “necessário abordar a história e o seu significado de uma forma mais relaxada, menos dramática, através da experiência pessoal.”<sup>4</sup>

Ou seja, este conjunto de potencialidades e oportunidades confere às estruturas industriais um papel fundamental, tanto a nível da inserção na cidade como a nível sensorial de experiências pessoais e culturais.

---

<sup>4</sup> Ver - *Anexos - B* – Transcrição traduzida do documentário “Un Encuentro”

## OBJETIVOS

É intenção deste trabalho compreender inicialmente as noções de património através do quadro conceptual das autoras Laurajane Smith e Françoise Choay. Estas noções pretendem funcionar como ponto de partida de um desenvolvimento crítico, para abordagens sobre a importância da arquitetura industrial mesmo que não classificada “oficialmente” como património, mas sendo definida e tendo características de património “autorizado”.

O presente trabalho pretende fazer uma breve abordagem à problemática da degradação e abandono de edifícios de natureza industrial, e à importância destes para o património nacional e para a memória da comunidade, através da sua reabilitação, ancorado ao estudo dos casos dos espaços de Coworking Lx Work Hub em Lisboa, da Guesthouse OPO’attics no Porto e da Casa da Arquitetura em Matosinhos. Pretende-se assim perceber, a partir desta análise, as potencialidades destas estruturas em abandono de que estes casos são exemplo, entender a articulação entre o existente e o novo e ainda decifrar os diferentes métodos práticos para o encontro de soluções que os novos programas procuram e exigem.

## METODOLOGIA

Para um desenvolvimento estruturado desta temática, foi adotada uma metodologia baseada na análise de um conjunto variado de fontes de informação. Como ponto de partida, realizou-se uma pesquisa, levantamento e recolha de trabalhos académicos, dissertações e teses, no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP). É de realçar a importância destas fontes na aquisição de novos pontos de vista sobre a temática da refuncionalização de espaços industriais, de armazenamento e comerciais, na construção de matéria bibliográfica crítica e principalmente na contribuição para uma conclusão do trabalho mais equilibrada e concisa. Além de trabalhos académicos, foram analisadas outras fontes, como monografias, artigos, websites de notícias, documentários (nacionais e internacionais), consultados na web e na Biblioteca do ISCTE-IUL, que complementam o estudo e a investigação da temática, auxiliando ainda a estruturação do trabalho.

Para consolidação de conhecimentos, os casos de estudo são estudados consoante uma análise primária baseada em documentos oficiais, monografias, trabalhos académicos e levantamentos dos edifícios. Posteriormente, após um conhecimento prévio e analítico dos mesmos, foram feitas visitas aos espaços, pretendendo uma melhor perceção do edifício e sua envolvente atuais, registos fotográficos próprios e entrevistas aos autores de projeto, procurando perceber os diversos pontos de vista relativos à refuncionalização e as diferentes motivações, fundamentos, critérios na conceção de projeto.

Todo o trabalho foi redigido de acordo com o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, e respeita as “Normas de apresentação e de harmonização gráfica para os Trabalhos de Projeto realizados na Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura”, estabelecidas pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. As referências bibliográficas estão de acordo com a “Norma Portuguesa 405”.

## ESTADO DA ARTE

Na atualidade, são várias as investigações centradas em torno da refuncionalização, o que perfaz um estado da arte bastante vasto de investigações, algumas das quais subtidas como provas finais para obtenção de diferentes graus académicos. Existem ainda monografias e artigos, que completam o estado atual da arte sobre a temática a nível nacional.

Num panorama nacional o artigo ***Um caso de reutilização de património arquitetónico industrial. O Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira*** de Sérgio Lira, discursa sobre a unidade industrial de Chapelaria de S. João da Madeira, construída nos anos 20 e encerrada na última década do séc. XX, que sempre apresentou um interesse significativo mesmo aquando do seu encerramento e ser apenas um objeto obsoleto. Este artigo pretende descrever o processo de restauro e reutilização do espaço para acolher o projeto de 2005 do novo Museu da Indústria Chapeleira. Esta descrição é feita através de fotografias, esquemas e textos que acompanham o processo de restauro desta peça extraordinária em termos de arquitetura industrial. O projeto é avançado em três frentes intimamente coordenadas, programa museológico, projeto de arquitetura com as respetivas especialidade e investigação antropológica. É de salientar a importância destes processos para uma observação minuciosa dos elementos a manter a conservar e a manter ou não para uma melhor concretização do resultado final.<sup>5</sup>

A dissertação de mestrado integrado em Arquitetura ***O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade. A reconversão em habitação no centro urbano*** de Luísa P. Martins, tem como objetivo o estudo dos lofts, a maneira como estes funcionam como ponto de manutenção de antigos edifícios industriais e como, de certo modo, são como uma provocação ao conceito de vivências habitacionais estandardizadas. Neste trabalho pretende-se perceber como funciona o fenómeno “loft” e como é

---

<sup>5</sup> LIRA, Sérgio - Um caso de reutilização de património arquitetónico industrial. O Museu da Indústria de Chapelaria de S. João da Madeira. **A obra nasce: revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa**. Porto. ISSN 1645-8729. 4 (Fev. 2007) 75-82

determinada a sua identidade bem como a sua adaptabilidade à sociedade contemporânea, pois visto ser um conceito adaptado a edifícios fabris é necessário perceber como é pensada a forma de habitar este espaço numa abordagem doméstica.<sup>6</sup>

***Projectar com o Lugar – Novos destinos para edifícios industriais: Fábrica Simões e C<sup>a</sup> Lda.*** de Inês Barcelos “aborda um estudo (...), sobre a constituição do Lugar e o seu conhecimento a partir da fenomenologia e a análise fenomenológica do objeto arquitetónico para a elaboração de um projeto que mantenha sua identidade a nível histórico e da perceção do espaço”<sup>7</sup>. A autora pega em vários casos de estudo nacionais e internacionais onde apoia o seu estudo através do entendimento da evolução das características desenvolvidas através de novas tecnologias bem como das relações mantidas com a envolvente. Defende ainda que o lugar é uma das maiores imposições no pensamento de projetos de conservação e refuncionalização, pois quanto maior e mais abrangente for o lugar, mais conhecimento este envolve e mais elementos têm de ser mantidos em consideração para uma maior conciliação de tudo o que estava presente no local antes da intervenção de modo a este ser o mais enriquecido de memórias possível.<sup>8</sup>

Relativo à desconexão da urbe e das frentes de água por consequência da revolução industrial do séc. XIX, Tânia Lourenço apresenta, no seu trabalho final para obtenção do grau de mestre em Arquitetura - ***Construir no construído: Redescobrir a frente de água como estrutura de espaço público da cidade*** -, uma consciência da necessidade de devolver esta memória ribeirinha, em outrora de extrema importância comercial, aos lugares. É tomado como caso de estudo o Porto de Lisboa, que todo o seu crescimento industrial e de infraestruturas levou à consequente quebra da ligação da cidade com a sua frente ribeirinha afirmada durante sete séculos de história. Esta noção de perda de

---

<sup>6</sup> MARTINS, Luísa Pimentel – **O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade**. Coimbra: FCT-UC, 2009. Dissertação de Mestrado

<sup>7</sup> BARCELOS, Inês - **Projectar com o Lugar - Novos destinos para edifícios industriais: Fábrica Simões e C<sup>a</sup> Lda**. Lisboa: FAUTL, 2010. Projeto Final de Mestrado. P.I

<sup>8</sup> BARCELOS, Inês - **Projectar com o Lugar - Novos destinos para edifícios industriais: Fábrica Simões e C<sup>a</sup> Lda**. Lisboa: FAUTL, 2010. Projeto Final de Mestrado

identidade e ligações, tem levado a cabo uma série de intervenções que procuram devolver à cidade de Lisboa, o espaço público que a revolução industrial “roubou”.<sup>9</sup>

***Tur’n to green*** de Daniela Melo, é uma dissertação de mestrado que pretende perceber alguns dos processos para intervir nas estruturas integrantes do património industrial, mais propriamente as estruturas que envolvem grandes vazios e ruínas urbanas que possibilitam o desenvolvimento de novos espaços verdes, que por sua vez possibilitam o surgimento de novas infraestruturas ou edifícios. A autora realça a importância do desenvolvimento de uma estratégia adaptada a cada uso pretendido para estes espaços industriais obsoletos, pois cada espaço tem a sua identidade característica que em junção com o uso pretendido é determinante no resultado final da reabilitação de cada edifício. É pretensão deste trabalho o consciencializar de um problema crescente nos núcleos urbanos e despertar os habitantes do lugar, para as grandes possibilidades, potencialidades e memórias que estas ruínas industriais podem devolver à cidade.<sup>10</sup>

***Uma chave para a Aurifícia*** de Inês Soares é uma dissertação de mestrado que toma como caso de estudo a cidade do Porto relativamente aos monumentos industriais desaparecidos durante as últimas décadas do séc. XX. A autora critica a história da cidade de desprezar o antigo e construir o novo em terrenos já sobrelotas de construções ligadas à produção fabril. Deste modo Inês Soares, tomando como objeto de estudo uma fábrica do séc. XIX no coração da cidade e já encerrada há seis anos, tem como objetivo principal perceber como pode um espaço privado, cultural e socialmente vantajoso ser transformado num espaço benéfico para os habitantes da cidade.<sup>11</sup>

***Projectar com o lugar: (dos) usos perdidos no tempo: antiga Fábrica “A Napolitana” (2012)*** é um trabalho final de mestrado de Vanessa Ferrão, que aborda a questão da reabilitação e

---

<sup>9</sup> LOURENÇO, Tânia - **Construir no construído: Redescobrir a frente de água como estrutura de espaço público da cidade**. Lisboa: FAUTL, 2011. Trabalho Final de Mestrado

<sup>10</sup> MELO, Daniela - **Tur’n to green**. Coimbra: FCTUC, 2012. Dissertação de Mestrado

<sup>11</sup> SOARES, Inês - **Uma chave para a Aurifícia**. Porto: FAUP. 2012

adaptabilidade da arquitetura industrial para novos usos. Tem uma base teórica assente no desenvolvimento industrial da cidade de Lisboa e toma como caso de estudo o núcleo industrial da antiga Fábrica “A Napolitana”. É nesta fábrica que a autora aplica os conhecimentos adquiridos com a sua investigação, na prática projetual académica onde a antiga fábrica recebe um novo programa – Residência de estudantes e centro de estudos. A mesma explora ainda o conceito de fenomenologia e o método de análise fenomenológico que a apoiam no desenvolvimento dos processos de análise e compreensão do objeto de estudo, sendo a fenomenologia descrita “*como a disciplina que descreve e interpreta os fenómenos que se apresentam à percepção tornando indissociáveis “sujeito” e “objeto”*”<sup>12</sup> e o método Fenomenológico ser entendido “*em examinar todos os conteúdos da consciência, mas em vez de determinar se tais conteúdos são reais ou irrealis, ideais ou imaginários, etc. procede-se a examiná-los enquanto são puramente dados*”<sup>13</sup>

Na obra ***Memória Industrial: presença e transformação***, Nuno Costa começa por uma abordagem de enquadramento histórico da revolução industrial de modo a tentar responder às questões pelo mesmo impostas: “Em que medida a atividade industrial foi responsável por este fenómeno contemporâneo e, até que ponto a arquitectura se transformou no passado perante as suas necessidades? Como terá influenciado as paisagens urbanas que hoje conhecemos, e mais importante, que influência terá no futuro?”<sup>14</sup>. Perante a natureza do tema estudado, o autor determina o aparecimento do edifício industrial como meio de rutura dos antigos modelos arquitetónicos. O pensamento racionalista em junção com novos métodos surgidos na era industrial da produção em série, desencadearam novos ideais arquitetónicos sendo evidenciados por inúmeros arquitetos do

---

<sup>12</sup> PIRES, Amílcar de Gil e - **Vilegiatura e Lugar na Arquitetura Portuguesa**. Lisboa: FAUTL, 2008, Tese de Doutoramento em Arquitetura, p.210, citado por FERRÃO, Vanessa - **Projectar com o lugar: (dos) usos perdidos no tempo: antiga Fábrica “A Napolitana”**. Lisboa: FAUTL, 2012, Projeto Final de Arquitetura, p.26

<sup>13</sup> MORA, José Ferrater - **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978, p.210 citado por FERRÃO, Vanessa - **Projectar com o lugar: (dos) usos perdidos no tempo: antiga Fábrica “A Napolitana”**. Lisboa: FAUTL, 2012, Projeto Final de Arquitetura, p.26

<sup>14</sup> COSTA, Nuno da - **Memória industrial: presença e transformação**. Lisboa: ULL, 2014, Dissertação de Mestrado, p.11

Movimento Moderno. Nuno Costa, estuda ainda o edifício industrial da 1ª metade do século XX com a finalidade de um melhor entendimento das características técnicas, funcionais e sociais de modo a fazer um enquadramento da presença industrial na contemporaneidade – obsolescência industrial por consequência da desindustrialização – e o novo despertar para a reinterpretação dessa mesma indústria. Visto ainda que a contemporaneidade é o resultado do período conturbado que a economia do país atravessa, o desejo de perpetuar arquiteturas passadas assume-se como uma perspetiva otimista, também pelo facto de trazer à memória uma revolução recente e o prenúncio de uma revolução futura onde o ator principal é o edifício industrial – oportunidade de surgimento de novos programas e arquiteturas a ele associadas sem nunca perder a identidade da memória individual e coletiva da urbe.<sup>15</sup>

Em ***Arquitetura Industrial, da obsolescência à reconversão***, José M. P. dos Santos faz uma abordagem das consequências adjacentes à desindustrialização e das ferramentas possíveis à solução destes problemas. Impulsionado por uma questão relacionada com a Estalagem Gado Bravo em Vila Franca de Xira e surgida precocemente, José Santos tenta perceber o impacto que a indústria tem na história a partir do século XIX e as consequências naturais resultantes das inevitáveis mudanças do contexto socioeconómico de determinados lugares. Deste modo e para compreender todas estas alterações, o autor opta por uma abordagem feita através de seis casos de estudo de reabilitação nacionais e internacionais geograficamente diferenciados que servem de base para “uma análise mais representativa da génese desta ação interativa e das suas potencialidades”<sup>16</sup>

Na obra ***Memória da Modernidade industrial. Três Intervenções no Património do Movimento Moderno Português*** a autora Maria João Freitas pretende uma reflexão sobre as intervenções feitas no património industrial do Movimento Moderno. Para esta sua concretização, M<sup>a</sup> João Freitas, utiliza

---

<sup>15</sup> COSTA, Nuno da, - **Memória industrial: presença e transformação**. Lisboa: ULL, 2014, Dissertação de Mestrado

<sup>16</sup> SANTOS, José M. P. dos - **Arquitetura Industrial, da obsolescência à reconversão**. Porto: FAUP, 2013, Dissertação de Mestrado, p. V

3 casos de estudo nacionais classificados pelo IGESPAR, onde irá fazer comparações e estabelecer um paralelismo entre o existente/novo para uma melhor compreensão das opções de projeto onde são evidenciadas as características da arquitetura do Movimento Moderno. A autora conclui que para esta compreensão é necessário analisar primeiro os processos no projeto envolvidos, isto é, é necessária uma primeira avaliação da estrutura preexistente que realce os elementos importantes a preservar para uma posterior adaptação do novo programa que respeite as memórias do edifício. Além do respeito pelas linhas remetentes ao passado do edifício, a importância de uma linguagem diferenciada afirma a nova vida do edifício e assim a sua continuidade.<sup>17</sup>

Na dissertação, para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, ***Novos destinos para edifícios industriais. Reversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca***, defendida em 2014 por Bruno Madeira, presenteia o objetivo de provar as potencialidades da reabilitação e reversão dos edifícios industriais em abandono, através do estudo de quatro casos e do ensaio pratico projetual da reversão dos armazéns de vinho Abel Pereira da Fonseca em Museu de Vinho, baseada primeiramente num estudo da caracterização e enquadramento histórico do edifício. Apresenta e defende a reedificação como alternativa sustentável, urbana, social e económica face às “intervensões de carater capitalista”<sup>18</sup> O autor começa por fazer uma abordagem ao património arquitetónico industrial e à importância da sua salvaguarda através da reabilitação destas estruturas, partindo de seguida para a análise dos casos do Tate Modern em Londres, do Museu D’Orsay em Paris, do Museu da Eletricidade em Lisboa e das Caves Graham’s no Porto. Com esta análise, Bruno Madeira, pretende obter um melhor entendimento e compreensão das potencialidades destas refuncionalizações.

***Intervir no Património industrial. Um estudo da Guimarães 2012*** de Carlos Neves, surge como uma vontade de aprofundar o conhecimento associado à arquitetura sustentável. Esta dissertação

---

<sup>17</sup> FREITAS, Maria João - **Memória da Modernidade industrial. Três Intervensões no Património do Movimento Moderno Português**. Porto: FAUP, 2014. Dissertação de Mestrado

<sup>18</sup> MADEIRA, Bruno - **Novos destinos para edifícios industriais. Reversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca**. Lisboa: ULHT, 2014. Dissertação de Mestrado, p. XXIV

divide-se em duas partes, sendo que a primeira estuda a industrialização e suas transformações do núcleo urbano de Guimarães bem como o seu contraste – processos desindustrialização da mesma, e uma segunda parte que se insere nos processos de reviravolta da cidade em questão, através da precisa renovação dos tecidos urbanos da cidade, dando especial foco às áreas industriais e seus novos usos. A análise de Carlos Neves, faz uma crítica e observação atenta à problemática recorrente dos antigos núcleos industriais na cidade referida. Nesta cidade, estas estruturas abandonadas não apresentam valores estéticos superiores que as identifique como únicas, para os cidadãos que nela habitam representam apenas a memória da glória industrial do lugar. Este trabalho serve de exemplo para a compreender que os processos de reabilitação vão além da importância dos traços arquitetônicos afirmativos de uma determinada época (por vezes inexistentes) e que a consolidação e transformação urbana deve ser também baseada na comunidade e nas suas origens.<sup>19</sup>

***Pesquisa em projeto ou projeto em pesquisa? O espaço e o tempo na construção de um projeto***, é um artigo da arquiteta Joana Vilhena que se refere ao questionamento de lugares pelo projeto, ou seja, o “objetivo consiste em pensar os processos projetuais subjacentes à prática do arquiteto onde esta se associa à investigação, procurando evidenciar a sua contribuição para a problematização e para a formulação de novas hipóteses de trabalho”<sup>20</sup>. J. Vilhena, organiza o artigo em três grandes capítulos: possibilidade programática dos espaços; novos programas, novos territórios; geografias transformadas; que correspondem, respetivamente, à avaliação espacial dos espaços definindo as suas capacidades de campo de reprodução e ação, às novas dinâmicas que os lugares recebem com a reutilização e refuncionalização de antigos edifícios de referência e ainda à demonstração das mudanças onde se criam novos lugares, pois além destes lugares serem

---

<sup>19</sup> NEVES, Carlos - **Intervir no Património industrial. Um estudo da Guimarães 2012**. Porto: FAUP, 2014. Dissertação de Mestrado

<sup>20</sup> VILHENA, Joana - **Pesquisa em projeto ou projeto em pesquisa? O espaço e o tempo na construção de um projeto. Estudo Prévio 8**. ISSN: 2182-4339. Lisboa: CEACTION/UAL – Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2015, p. 1

desenhados fisicamente, dão a liberdade de serem criados mentalmente e partilhados novos espaços tendo estes físicos como referências.<sup>21</sup>

A dissertação **Reconversão de Espaços Industriais. Caso Tabopan** de Filipa Côrte-Real, apresenta como principal objetivo o entendimento dos processos de reconversão de antigos edifícios industriais bem como a aplicação de conceitos de reconversão e reabilitação na preservação destes mesmos edifícios. Este entendimento e conhecimento, pretende ainda ser aplicado no ensaio projetual que a autora faz na reconversão no antigo espaço industrial da fábrica Tabopan em Amarante.<sup>22</sup>

**Reabilitação de fragmentos industriais através da mutabilidade. Resposta a um mundo em constante alteração** de Ana Rita Pombo, é uma dissertação de mestrado em que a autora explora os conceitos associados aos Fragmentos industriais recorrendo ao estudo de diversos autores – M. Halbwachs, Françoise Choay, Deolinda Folgado (entre outros). Aqui é explorado “o conceito de mutabilidade como instrumento de reabilitação de modo a tentar garantir a sua reversibilidade e adaptação a diferentes usos, inesperados e não programados, tendo sido François Ascher, Aldo Rossi e Andrea Branzi autores essenciais para este entendimento. Esta forma de reabilitar tem como finalidade, permitir a constante atualização destas estruturas, procurando fazer face às incessantes transformações do mundo e da sociedade”<sup>23</sup>. O culminar destes conhecimentos resulta num ensaio prático projetual incidindo no fragmento industrial do Complexo Tabopan, em Amarante.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> VILHENA, Joana - Pesquisa em projeto ou projeto em pesquisa? O espaço e o tempo na construção de um projeto. **Estudo Prévio 8**. ISSN: 2182-4339. Lisboa: CEA/UAL – Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2015

<sup>22</sup> CÔRTE-REAL, Filipa Baptista - **Reconversão de Espaços Industriais. Caso Tabopan**. Porto: FAA-ULP, 2015. Dissertação de Mestrado

<sup>23</sup> POMBO, Ana Rita - **Reabilitação de Fragmentos Industriais Através da Mutabilidade: Resposta a um Mundo em Constante Alteração**. Porto: ULP, 2015, Dissertação de Mestrado, p. XV

<sup>24</sup> POMBO, Ana Rita - **Reabilitação de Fragmentos Industriais Através da Mutabilidade: Resposta a um Mundo em Constante Alteração**. Porto: ULP, 2015, Dissertação de Mestrado

**Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso**, é uma dissertação de mestrado em engenharia civil, com especialização em construções, que tem Filipa Barbosa como autora. Sendo este trabalho de engenharia, tem o objetivo de analisar e estudar o Edifício da Real Companhia Vinícola em Matosinhos, na sua vertente construtiva. Este edifício, na data da realização deste trabalho, encontrava-se ainda em abandono e apenas com visionamentos futuros de reabilitação e refuncionalização, tendo sido este trabalho baseado no estudo de patologias existentes e propostas de soluções para as suas resoluções. Apesar de ser um trabalho ligado à prática construtiva, a autora faz uma caracterização evolutiva do conceito de reabilitação e uma análise prévia do edifício da Real Vinícola e sua envolvente através de um enquadramento urbano de zona circundante e descrição da obra em questão.<sup>25</sup>

A dissertação de mestrado, **Transformação de edifícios industriais em museus: três casos de estudo**, de Ana Catarina Silva toma como premissa os museus como sendo dos principais meios de ensino e cultura que um povo pode ter no seu desenvolvimento e que este conceito ficará ainda mais forte quando estes são adaptados a edifícios industriais cheios de “histórias por contar”. Aqui está presente a crítica de que, noutros tempos, os museus eram vistos como elementos pouco relevantes na política cultural. Contudo, na atualidade a extrema relação e ligação destes programas com a cultura e o turismo já é, felizmente, inevitável, resultando num desenvolvimento social e cultural de povos mais consistente e exemplificativo. A autora estuda três museus que foram adaptados a antigas fábricas - Tate Modern, Museu do Oriente, Museu da Eletricidade - para um melhor entendimento de processos a aplicar no seu projeto académico, onde esta faz a refuncionalização da antiga fábrica Daupias de Lisboa, para um novo programa contemporâneo de hostel + coworking.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> BARBOSA, Filipa – **Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso**. Porto: FEUP, 2015. Dissertação de Mestrado

<sup>26</sup> SILVA, Ana Catarina de Oliveira Gomes - **Transformação de edifícios industriais em museus: três casos de estudo**. Lisboa: FAA-ULL, 2016. - Dissertação de Mestrado

O projeto de estudo académico de Helena Dias ***Regeneração da Cidade Industrial. A Frente Ribeirinha da Lisboa Oriental e a Memória Industrial*** apresenta uma intenção de reavivar a memória da frente Ribeirinha de Lisboa, em tempos esquecida, compreendida entre Sta. Apolónio e Braço de Prata por meio de uma abordagem de entendimento do desenvolvimento da cidade industrial. H. Dias expõe uma consciencialização da necessidade e possibilidade de, através da regeneração do tecido urbano, da criação de eixos catalisadores e reutilização das antigas unidades industriais, voltar a relacionar a cidade com o rio e devolver a memória de um passado de história.<sup>27</sup>

***Visões e Revisões do Património*** é um trabalho de Emanuel Freitas que estuda o conceito do património arquitetónico e o seu discurso. Para esta abordagem E. Freitas, seleciona duas monografias que refletem visões críticas e problemáticas sobre o discurso do património atual: *As questões do património. Antologia para um combate* de Françoise Choay e *Uses of heritage* de Laurajane Smith. Nas obras estudadas pelo autor, a primeira, de F. Choay, através de um percurso pela história do património de forma sintetizada, pretende fazer uma clara distinção dos termos “monumentos” e “monumento histórico” e sublinhar as duas revoluções culturais que influenciaram profundamente o conceito de património – Renascimento e Revolução Industrial; na segunda Laurajane Smith “coloca dúvidas quanto ao atual discurso institucionalizado e ao processo de classificação do património arquitetónico”<sup>28</sup> afirmando que o “património está também no meio onde os edifícios estão inseridos e nos valores culturais que aí se constroem juntamente com a comunidade.”<sup>29</sup>

Sofia Alves, autora da dissertação de mestrado, ***Património Industrial e Usos Contemporâneos. O caso do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas (2017)***, contextualiza o património

---

<sup>27</sup> DIAS, Helena - ***Regeneração da Cidade Industrial. A Frente Ribeirinha da Lisboa Oriental e a Memória Industrial***. Lisboa: FAUL, 2016. Projeto Final de Mestrado

<sup>28</sup> FREITAS, Emanuel - ***Visões e Revisões do Património***. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Projeto Final de Mestrado. P. 10

<sup>29</sup> FREITAS, Emanuel - ***Visões e Revisões do Património***. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Projeto Final de Mestrado. P.23

industrial nacional na sua obra, desenvolve uma exploração de conceitos relacionados com a intervenção no património e toma como objeto de estudo o centro de Artes da Ribeira Grande nos Açores. A autora reconhece o conhecimento tardio do legado industrial do período anterior à Segunda Guerra Mundial que, conseqüentemente, conduziu a uma atitude oposta no período pós-Guerra. Esta atitude de reconhecimento da importância do legado do antigo edificado industrial além de alegar que não existe uma regra que dita o modo de reabilitar uma estrutura industrial, pois esta depende do uso e da própria estrutura industrial, afirma que também não existe um único específico para estas edificações, que são programaticamente flexíveis. Esta obra acaba por fazer uma reflexão sobre os processos necessários às novas realidades neste tipo intervenções de transformação e adaptação de edifícios industriais que tentam garantir a proteção do património nacional com características industriais.<sup>30</sup>

***Habitação flexível à transição da vida. Intervenção na Manutenção Militar no Beato, Lisboa*** de Maria Neves Liberato é um estudo que aborda as questões da flexibilidade de edifícios tendo em conta os processos de desenvolvimento do ser humano e as suas necessidades adjacentes. Numa sociedade, onde a tendência é de que as famílias são cada vez menores, é apropriada a abordagem desta nova forma de viver o espaço habitacional flexível que se adapta às necessidades da multiplicidade de eventos presentes no quotidiano. Como aplicação de conhecimentos no seu projeto final de mestrado, a autora desenvolve um ensaio projetual em que adapta novos programas de habitação flexível, coworking e de oficinas numa antiga área de Manutenção Militar no Beato.<sup>31</sup>

Miguel Vinagre na sua dissertação de mestrado ***Do obsoleto à Transformação. Reflexão crítica sobre arquitetura industrial no Ginjal*** estuda a Fábrica de Desestanho Virgílio Martins Correia e os Armazéns Theotónio Pereira e a sua necessidade de transformação, através de uma partilha de

---

<sup>30</sup> ALVES, Sofia - **Património Industrial e Usos Contemporâneos. O caso do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas**. Évora: EADA-UE, 2017. Dissertação de Mestrado

<sup>31</sup> LIBERATO, Maria Neves - **Habitação flexível à transição da vida. Intervenção na Manutenção Militar no Beato, Lisboa**. Lisboa: FAUL, 2017. Projeto Final de Mestrado

experiência pessoal. Nesta dissertação, além de uma proposta desenvolvida para o local mencionado, é feita, como o título indica, uma reflexão crítica sobre a arquitetura industrial do lugar onde este núcleo industrial se insere, no Ginjal, em Almada. Esta reflexão é feita através de uma avaliação da informação de cariz arquitetónico que em conjugação com outras informações multidisciplinares auxilia futuros ensaios para o lugar em questão.<sup>32</sup>

***A Regeneração Urbana através da reconversão de antigos espaços industriais. Uma intervenção na antiga Fábrica da SECLA nas Caldas da Rainha*** de João Diogo Gomes Romão, estuda o facto de que com a reconversão de antigos edifícios industriais é possível uma nova vida para os mesmos e o aumento das potencialidades em seu redor, fazendo assim uma passagem de testemunho para outras gerações. Para este estudo, João Romão faz uma comparação entre as diferentes épocas - antes e pós-Revolução Industrial – onde é evidente a quebra dos ideais da sociedade e com esta quebra, o surgimento de novas visões sobre a arquitetura, nomeadamente, a industrial. Esta arquitetura é portadora de novos materiais e técnicas de construção conferindo-lhe mais adaptabilidade e flexibilidade de espaços que permitem futuramente receber novas funções e programas.<sup>33</sup>

A dissertação de mestrado de Ana Filipa Neves, ***Reconversão de edifícios industriais: Oslo como caso de estudo*** através da contextualização da génese da Noruega, tenciona investigar e conhecer a reconversão industrial deste lugar. Mais uma vez, são destacados e estudados três objetos de estudo (novos programas de ensino e cultura) de Oslo, identificados como património industrial a ser

---

<sup>32</sup> VINAGRE, Miguel - **Do obsoleto à Transformação. Reflexão crítica sobre arquitetura industrial no Ginjal**. Porto: FAUP, 2017. Dissertação de Mestrado

<sup>33</sup> ROMÃO, João Diogo Gomes - **A Regeneração Urbana através da reconversão de antigos espaços industriais. Uma intervenção na antiga Fábrica da SECLA nas Caldas da Rainha**. Lisboa: FAUL, 2017. Projeto Final de Mestrado

conservado. O objetivo é perceber individualmente as características próprias de cada edifício, e do seu conjunto fazendo uma comparação relativa aos precedentes industriais dos três projetos.<sup>34</sup>

***Reconversão dos Armazéns Abel Pereira da Fonseca, como um elemento para a revitalização do Poço do Bispo***, de João Pedro Martins, é um trabalho final de mestrado, em que o objetivo do trabalho é a proposta de reconversão como meio revitalizador dos Armazéns Abel Pereira da Fonseca e sua zona envolvente. O autor organiza o trabalho em três partes, sendo que começa por fazer um contexto urbano, histórico e arquitetónico da firma Abel Pereira da Fonseca e dos edifícios associados, prossegue depois para um desenvolvimento de estudos de caracterização, onde analisa a evolução e desenvolvimento urbano da zona oriental da cidade de Lisboa, estuda as instalações Abel Pereira da Fonseca no Poço do Bispo e faz uma pesquisa de estado da arte e referências surgentes com as hipóteses do desenvolvimento de projeto, e por fim, na última parte, desenvolve a sua proposta de reconversão dos referidos armazéns, projetando para aquelas instalações a programática de museu, restaurante, espaço de co-work, habitação pontual, espaços expositivos e de workshop.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> NEVES, Ana Filipa - **Reconversão de edifícios industriais: Oslo como caso de estudo**. Lisboa: FAA-ULL, 2015. Dissertação de Mestrado

<sup>35</sup> MARTINS, João P. M. Fernandes – **Reconversão dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, como um elemento para a revitalização do Poço do Bispo, Lisboa**. Lisboa: FAUL, 2017. Projeto Final de Mestrado

## ESTRUTURA

Com a finalidade de alcançar os objetivos pretendidos através de uma estrutura organizada e coerente, o trabalho é dividido em dois capítulos principais.

No primeiro capítulo é feito um contexto histórico que aborda a Revolução Industrial e consequentes implicações que esta trouxe à cidade a nível arquitetónico e urbanístico, não sendo intenção desta abordagem ser exaustiva, mas sim meramente em forma de contexto. Nesta contextualização é importante perceber as definições de património que vários autores defendem, deste modo, são estudadas e utilizadas as definições de duas autoras como referência como referido anteriormente – Laurajane Smith e Françoise Choay – que ajudam também à compreensão da importância do Património Industrial numa sociedade.

Aquando do aparecimento da indústria massiva e com esta a mudança de paradigmas sociais, a cidade antiga começou a entrar em deterioração e rapidamente surgiu a necessidade da criação de soluções que visassem à modernização e melhoramento das condições da cidade, nomeadamente de salubridade e circulação. É aqui que começam a surgir grandes relações da indústria com o urbanismo que são necessárias para perceber que implicações pode o mesmo ter com a reabilitação das antigas estruturas industriais e suas envolventes.

Esta reabilitação possibilita uma continuidade do legado arquitetónico de determinado lugar mesmo alterando a sua função inicial e mantendo apenas as linhas condutoras que o definem. O edificado industrial, de armazenamento e comercial, além de representar fisicamente e tatilmente uma identidade local, permite uma partilha de saberes e experiências que apenas podem ser mantidas se devidamente conservadas, daí a ser feita uma abordagem sobre o assunto.

É ainda neste capítulo abordado o tema e conceito da flexibilidade, cuja é consequência da necessidade de espaço que estas antigas indústrias requeriam para o manuseamento de materiais e

maquinarias de grande porte da época, sendo hoje esta flexibilidade a grande potencialidade destes espaços para novos usos, por possibilitar uma grande economia de recursos.

No segundo capítulo, é abordado o conceito de refuncionalização e feito um contexto socioeconómico contemporâneo para perceber a importância da refuncionalização neste âmbito, ou seja, quais as potencialidade e vantagens da refuncionalização num âmbito “não arquitetónico”. Também aqui, é mencionado o papel dos edifícios reabilitados no dinamismo das cidades contemporâneas no período de 2013-2018 de modo a perceber como o reavivar destas estruturas, influencia todo o seu redor.

É neste segundo capítulo que são estudados os três casos de estudo nacionais – Guesthouse OPO’attics, Casa da Arquitetura e LX Work Hub - que revelam e afirmam o importante papel que os edifícios industriais reabilitados têm nas cidades contemporâneas e o que estas reabilitações e refuncionalizações geram, não só a nível arquitetónico e económico mas também no dinamismo e vivências do lugares, possibilitando o reavivar de antigas memórias e costumes perdidos com o tempo.

Por fim, nos anexos, encontram-se as transcrições das entrevistas realizadas aos autores de projeto, bem como fotografias, elementos desenhados, documentos oficiais. Ainda em anexo, encontra-se a transcrição da tradução na íntegra do documentário “Un Encuentro” do Arquiteto Juan Domingo Santos, fulcral para o desenrolar e desenvolver deste trabalho, tendo sido uma das motivações para a sua concretização.

## CONTRIBUTOS DO ESTUDO

A articulação do trabalho teórico com a vertente projetual assume um grande contributo no desenvolvimento da mesma. Esta investigação reúne um conjunto de informações teóricas e práticas que nos auxiliam e influenciam na decisão e resolução de problemáticas que surgem no desenvolver do pensamento projetual, visando assim um equilíbrio e coerência na criação de propostas dentro da refuncionalização.

A arquitetura foi evoluindo de acordo com as diferentes mudanças e necessidades de épocas, acabando por escrever e mostrar a sua história pelas suas próprias linhas. Os edifícios industriais obsoletos são a prova disso, pelo seu culminar de linhas carregadas de um passado histórico, mas desprezado por muitos. Deste modo, é importante a consciencialização da sociedade de uma realidade atual onde é necessário aproveitar as potencialidades destas estruturas desprezadas e (re)criar o novo através das mesmas, gerando um ciclo de construção sustentável sem sobrelotar e sobrecarregar o lugar, ao mesmo tempo que dá continuidade e valor à herança patrimonial e social deixada por antigas gerações, fazendo renascer o passado e definir o presente e o futuro.

*“Na Europa, tal como nos Estados Unidos, são inúmeras as fábricas, ateliers e entrepostos transformados em imóveis de habitação, em escolas, em teatros ou mesmo museus. (...). Esta reconversão dos edifícios, pertencendo alguns à história da técnica, depende quer de uma conservação histórica, quer de uma saudável economia logística. Em contrapartida, estas marcas anacrónicas que são os baldios industriais, os poços e os carris das minas desertas, os montes de escórdia, as docas e os estaleiros navais abandonados, possuem, antes de mais, um valor afetativo à memória para aqueles que, desde há gerações, eles eram o território e o horizonte e que procuram não ser delas desapossados. Para outros, eles têm um valor documental sobre uma fase da civilização industrial. Documento à escala das regiões, que a memória fotográfica conservará, mas cuja preservação real parece tornada ilusória pelas suas próprias dimensões, num tempo de urbanização e de remodelação dos territórios.” F. Choay (2014, pp.234-235)*

Early English industrial town, Staffordshire.



Figura 1 – Cidade industrial do condado de Staffordshire, Inglaterra, no séc. XIX. (Imagem disponível na WEB: <http://marcosbau.com.br/geobrasil-2/1434-2/urbanizacao-no-mundo/>; Autoria: Desconhecida; Data: Desconhecida)

# 1. EDIFICADO INDUSTRIAL, DE ARMAZENAMENTO E COMERCIAL

## 1.1 . Contexto histórico da Arquitetura Industrial

*“Por indústria entende-se o fenómeno complexo que, no curso da sua evolução combina fatores de diferentes tipos (económicos, culturais, técnicos e institucionais) e onde se obtêm resultados refletidos nos produtos, instalações, processos e conjuntos arquitetónicos e território adjacente. Além disso, em vários casos, será assumido como elemento organizador de sua época, regulando as áreas limítrofes e a vivência de inteiras regiões”*<sup>36</sup>

Até meados do século XVIII, a produção industrial estava relacionada com o fabrico artesanal produzido em oficinas, estabelecidas em partes das lojas, geralmente no piso térreo, ou mesmo nas próprias habitações dos artesãos, conseguindo apenas produzir quantidades reduzidas. Estes espaços, ora situados no interior dos centros urbanos, ora em zonas em que fosse possível o aproveitamento dos recursos hidráulicos ou eólicos, não apresentavam qualquer tipo de arquitetura específica e eram muitas vezes sujeitos a pequenas áreas sobrantes, não adaptadas ao tipo de tecnologias utilizadas na época, limitando os recursos utilizados e consequentemente a produção.

Com a expansão do comércio internacional dos séculos XVI e XVII, resultando no aumento da riqueza e acumulação de capital que permitiu o progresso tecnológico, o sistema de produção artesanal começou a ser questionado, principalmente pelas condições de trabalho que acabavam por limitar e

---

<sup>36</sup> BORSI, Franco - **Introduzione all'archeologia industriale**. Roma, Officina Edizioni, 1978, citado por COLOMBO, Anderson – **Fragmentos Urbanos Esquecidos – Requalificação de Espaços Industriais**. Lisboa: ISCTE, 2014, Trabalho Final de Arquitetura, p. 163

obstruir o rápido crescimento que a produção começara a tomar, tornando-se imprescindível a criação de novas estruturas que se adequassem às novas necessidades.

Assim, com o objetivo e ambição de responder às necessidades impostas pela expansão, o fenómeno complexo da indústria começa a ser afirmado no século XVIII, através da Revolução Industrial. Este período é marcado, não só pela transição e evolução dos processos de produção artesanais para processos de produção em massa gerados pelos novos mecanismos, como também pela criação de novas condições de trabalho através da construção de novos edifícios que correspondessem às programáticas das funções pretendidas, tornando assim o arquiteto numa peça fundamental na construção destes edifícios. A este movimento de transformações tecnológicas, procedem ainda consequências no âmbito económico, social e urbano que irão resultar numa mudança de vivências extrema, como é exemplo o êxodo rural que estimulou e agilizou o contacto entre culturas e reorganização do espaço. Também, o surgimento destas estruturas industriais que integram os recursos necessários à produção, nomeadamente a máquina a vapor, permite a deslocação das unidades de produção sitas na periferia das cidades para o centro, aproveitando a mão de obra mais próxima (produção em massa com economia de recursos).

Apesar do início desta transição ter sido em Inglaterra, pois possuía capital, estabilidade política e elementos necessários para o avanço, os seus princípios rapidamente se alastraram pela América Central e Europa Ocidental.

Em Portugal, os primeiros passos desta Revolução são um pouco tardios em relação ao resto da Europa, visto que existiram complicações que levaram a esse resultado; como testemunha José Acúrcio das Neves<sup>37</sup>, em 1820 ainda não existia uma única máquina a vapor em território português. As invasões francesas e ocupações dos ingleses em territórios lusitanos, prejudicaram a indústria

---

<sup>37</sup> Testemunho em NEVES, José Acúrcio das - **Memórias sobre os Meios de Melhorar a Indústria Portuguesa nos seus Diferentes Ramos**. Lisboa: 1920, p.111-112 referido por KONG, Mário – **Central Tejo – Uma Abordagem da Arquitetura Industrial**. Lisboa: Insidcity, Lda., 2013, p. 29

portuguesa no início do séc. XIX, tendo esta apenas renascido por meio da Revolução Liberal com as medidas nacionalistas impostas por Passos Manuel. Estas medidas impulsionaram os empresários e as suas indústrias, porém, a inexistência de capital ameaçou a construção de novas estruturas fazendo com que antigos edifícios, nomeadamente conventos, recebessem estas indústrias.

É, finalmente, na década de 40 do século XIX, que a Revolução Industrial começa a entrar em Portugal. O avanço tecnológico impõe-se e o capital já existente nos empresários (resultado dos lucros das suas empresas nacionais ou de uma vida trabalhadora nas indústrias estrangeiras) permite então a construção de novas instalações fabris mais modernas, devidamente equipadas e com dimensões adequadas para o albergue das maquinarias. Surge então a primeira fábrica que serve de exemplo de arquitetura industrial nacional aos moldes desta Revolução – Fábrica de Lanifícios no Campo Grande, em Lisboa (fundada por Aniceto Ventura Rodrigues que fez fortuna em Inglaterra).

Inicialmente, os edifícios eram construídos em alvenaria de pedra, com estrutura em madeira, o que limitava o tamanho dos vãos para a entrada de luz nestes espaços. Com o progresso tecnológico começou a ser também utilizado o tijolo para as alvenarias e a madeira a ser substituída pelo ferro que reduzia a vulnerabilidade dos edifícios e permitia o desenho de grandes vãos, tornando assim os espaços mais luminosos, amplos e flexíveis no seu interior.

A introdução do betão, do aço e do vidro no século XX, assume um papel bastante importante no desenvolvimento destes edifícios, principalmente o betão, por ser um material que rapidamente se adapta às condições impostas por estas tipologias (devido aos materiais que o compõem), arrebatando o ferro, concedendo uma grande liberdade na conceção de vãos extensos, sem que sejam interrompidos por elementos estruturais que impeçam a manipulação de grandes maquinarias, facilitando a circulação dentro do espaço.

O Movimento Moderno surge neste âmbito, como meio de instaurar relações tipológicas entre o espaço construído e o espaço público, sendo que os espaços começam a ser cada vez planeados e

organizados com os seus programas próprios. Nascem então os planos de urbanização com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos habitantes, mas principalmente dos operários, pois uma melhor qualidade de vida desperta felicidade e, conseqüentemente, mais produção.

Os edifícios industriais chegam ao seu cume com a segunda Guerra Mundial, na primeira metade do século XX, com o aparecimento da eletricidade e das novas tipologias industriais construídas para “dentro de si” – os pavilhões industriais. É a partir deste auge que estes edifícios passam a desempenhar não só um papel de funcionalismo industrial, de armazenamento e comercial, mas também de ícone de marketing para a própria indústria.

O desenvolvimento e processo evolutivo de novas técnicas e alterações assume um rumo veloz e praticamente incontrolável. Esta aceleração, a competitividade de condições entre países, a terciarização, o enquadramento urbanístico, a crise económica do século passado (defendida por muitos, consequência da entrada de Portugal para a União Europeia) e a expansão das indústrias, são muitos dos fatores que resultam na desativação e abandono de vários núcleos industriais, gerando edifícios obsoletos e grandes áreas vazias e desprezadas, ruínas.



*Figura 2 - Feira de gado no antigo Campo 28 de Maio. Edifício: Antiga "Fábrica de Lanifícios do Campo Grande", atual Universidade Lusófona de Lisboa. (Fotografia disponível na WEB: <http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/11/campo-grande-376.html>; Autoria: Charles Chusseau-Flaviens in George Eastman House; Data: Ant. 1902)*

## 1.2 . Edifícios Industriais e o Património

*“Atualmente o património não é apenas um termo relacionado aos campos da cultura e das artes e aos profissionais ligado à sua gestão como arquitetos, urbanistas e historiadores, mas também a outras áreas com a política e a economia (turismo), graças à mundialização do conceito, do efeito da globalização e o potencial lucrativo que o património representa.”<sup>38</sup>*

Existem duas sequências de eventos e alterações ocorridas em contexto social, económico e político - revoluções culturais - que influenciaram profundamente o conceito de património – Renascimento e Revolução Industrial.<sup>39</sup>

A Revolução Industrial surge com um novo pensamento e ideais nas diferentes áreas, social, económica, política e de arquitetura, que levou à mudança dos hábitos quotidianos. Principalmente a nível arquitetónico e social foram muitas as transformações que marcaram esta época. A arquitetura industrial, de armazenamento e comercial toma um papel fundamental e pioneiro na história da arquitetura e da engenharia, dado que todos os novos materiais construtivos e técnicas de construção foram surgindo a par da própria indústria, fazendo destes edifícios e desta arquitetura “contadores de histórias” do lugar e marcos históricos para determinadas épocas. Contudo, logo após o auge destes processos evolutivos, o declínio e abandono dos vários edifícios representativos deste período foi evidente. Este abandono despertou, mais tarde, o interesse em preservar a memória destas antiguidades, sendo que a Europa, com o seu sentimento nacionalista, acaba por fazer uma seleção de edifícios sem grande critério para o reforço da história nacional, classificando-os de património. No entanto, em consequência do uso desta cultura arquitetónica como lazer e consumo, o património

---

<sup>38</sup> FREITAS, Emanuel - **Visões e Revisões do Património**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016, p. 29

<sup>39</sup> FREITAS, Emanuel - **Visões e Revisões do Património**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016, p. 32

começa a perder o seu valor definido e construído pela comunidade e partilhado pelos seus membros, ou seja, os elementos patrimoniais tornam-se objetos mais “impessoais” e sem significado próprio.

São várias as definições do conceito de património e os autores que os definem, entre eles, Laurajane Smith, que define património como sendo “um processo cultural e social em constante transformação, que procura significado para o presente e um ato de lembrança e de construção de memórias que moldam uma comunidade numa ação contínua. O verdadeiro sentido e a nossa ligação com o património não está na posse e na contemplação dos elementos a preservar, mas sim na transmissão de conhecimentos e memórias que nos ajuda na nossa compreensão no presente e na transformação da nossa identidade no futuro.”<sup>40</sup> L. Smith, defende ainda, na sua obra *Uses of Heritage*, que o património está também no meio onde os edifícios estão inseridos e nos valores culturais que aí se constroem juntamente com a comunidade. Sendo o património não só um objeto físico e estático que pertence ao passado, mas também e, principalmente, um processo cultural em progresso, a autora realça vários conceitos aliados a este, que evidenciam e intensificam o valor e o conceito do mesmo: experiência vivida, identidade, inatingibilidade, memória e recordação, performance, lugar, dissonância.

A autora manifesta uma visão crítica quanto ao uso deste património na atualidade, afirmando que “com o consumo em massa da cultura esta indústria revela uma versão da História pouco verídica de modo a satisfazer a procura do turismo do património.”<sup>41</sup>

Por outro lado, fazendo um percurso pela história do Património em *As Questões do Património. Antologia para um Combate*, Françoise Choay questiona o termo *património*, começando por definir o seu significado original “bem de herança que descende, seguindo leis, de pais e mães para os seus

---

<sup>40</sup> FREITAS, Emanuel - **Visões e Revisões do Património**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016, p. 59

<sup>41</sup> SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage**. 1ªed. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 21 citado por FREITAS, Emanuel - **Visões e Revisões do Património**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016, p. 62

filhos”<sup>42</sup> fazendo o paralelismo com as novas articulações metafóricas a ele empregues de “genético”, “natural”, “bancário”.<sup>43</sup>

O substantivo *património*, tende a ser cada vez mais empregue no seu campo semântico. Visto que este substantivo veio substituir os dois termos “monumento” e “monumento histórico”, é necessário perceber a diferença para compreender o que o termo “património” agora suporta. Monumento – substantivo latino *monumentum* que deriva do verbo *monere* (advertir ou lembrar) – caracteriza-se por fazer lembrar à memória viva, pessoas, acontecimentos, crenças, ritos ou regras sociais construtivas da sua identidade, sendo que poderão estar sujeitos a uma destruição deliberada positiva ou negativa, respetivamente, destruída pela comunidade por perda de significado ou pelos inimigos com intuito de destruir a cultura ou sinais de um período conturbado; Monumento histórico designa edifícios já existentes, selecionados pelo seu “valor para a história”, símbolos de acontecimentos concretos ou atributos para o conhecimento do lugar ou do país.

Françoise Choay, acaba por assumir uma visão mais conservadora sobre o património e a sua história, fundamentando o seu pensamento através de exemplos de outros autores como John Ruskin, Viollet-le-Duc e Gustavo Giovani que defendem a arquitetura como um registo fiel e perdurável, recorrendo apenas a pequenas intervenções modestas, para a preservação do mesmo. Não obstante esta visão mais conservadora, F. Choay defende que, em casos mais extremos de má conservação, “a melhor estratégia para a preservação de um edifício ou conjunto de edifícios existentes é dotar-lhes um novo uso de forma a garantir a sua contínua manutenção.”<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> LITTRÉ, Émile - **Dictionnaire de la langue française** citado por CHOAY, Françoise - **As Questões do Património. Antologia para um Combate**. Lisboa: Edições 70, Lda., 2011P. 15

<sup>43</sup> CHOAY, Françoise - **As Questões do Património. Antologia para um Combate**. Lisboa: Edições 70, Lda., 2011 p. 15

<sup>44</sup> CHOAY, Françoise - **As Questões do Património. Antologia para um Combate**. Lisboa: Edições 70, Lda., 2011 p. 52 citado por FREITAS, Emanuel - **Visões e Revisões do Património**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016, p. 83

Após estas noções, considera-se que, apesar de muitos dos edifícios industriais não estarem classificados como património, os valores e transmissão de conhecimentos que estes permitem, tornam estes edifícios importantes para o local onde estão inseridos sendo tanto ou mais importantes que os que estão classificados, o que realça ainda a importância de estes serem conservados e mantidos, pois, como referido anteriormente, muitos dos edifícios foram classificados sem grande critério, apenas por questões nacionalistas sem perceção dos valores que realmente importavam para a comunidade. É de notar que ambas as definições de património aqui mencionadas, se adequam a muitos dos edifícios industriais que conhecemos ausentes de qualquer classificação “oficial”.



Figura 3 – Exemplo da vida fabril, Londres (Disponível na WEB: <https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/sewing-workshop-hamptons-munitions-works-fotografia-de-not%C3%ADcias/464417257>; Autoria: Bedford Lemere and Company; Data: 1914-1918)

### 1.3 . A relevância dos edifícios industriais na comunidade.

*“Os edifícios industriais são o testemunho mais próximo das comunidades, impondo-se pela utilização de algumas linguagens próprias, difundidas através de diversas soluções construtivas”<sup>45</sup>*

O início de muitas comunidades hoje definidas, é produto do estágio inicial de uma indústria com um processo de desenvolvimento veloz, sendo estas definidas pelo desenvolvimento e evolução das comunidades já existentes no lugar onde a nova indústria é implantada ou por “comunidades operárias” que surgem com a aproximação de indivíduos com o mesmo propósito – o trabalho fabril. A ação da comunidade industrial gera-se consoante o reflexo da organização e funcionalização espacial do território baseado no processo histórico e cultural da industrialização.

Com o rápido desenvolvimento da indústria, a mão-de-obra começou a ficar escassa, surgindo então a necessidade de recrutamento exterior à comunidade. Assim, chegam indivíduos provenientes de outras comunidades tradicionais, de diferentes etnias, valores religiosos, nações, culturas, fazendo uma justaposição com as culturas e hábitos criados pela população residente, justaposição essa que não teve resultados muito positivos, aquando da comparação com os valores já existentes, pois o choque de culturas acaba por ser muito contrastante.<sup>46</sup>

Contudo, a aproximação de realidades de trabalho, lar e lazer paralelamente relacionadas e limitadas com os elementos de existência, emergiu em novas redes e círculos sociais. “Assim como em qualquer outro fato social, a comunidade urbana deve ser compreendida como a criação em parte deliberada e em parte acidental de grupos de homens trabalhando para atingir certos objetivos e

---

<sup>45</sup> DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL - **Património Industrial**. [em linha]. Lisboa: DDCI – DGPC. [Consult. 26 abril 2018] Disponível em WWW: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/>>

<sup>46</sup> SCHNEIDER, Eugene V. **Sociologia Industrial. Relações Sociais entre a Indústria e a Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. P. 305

criando os meios para atingi-los de acordo com as condições que os cercam.”<sup>47</sup> Estas articulações sociais de relações pessoais, laborais e de vizinhança desencadeiam o desenvolvimento do associativismo, que por sua vez aumenta a qualidade do tempo de lazer fomentando a cultura das populações locais.<sup>48</sup>

Com os valores culturais desenvolvidos nos lugares, as comunidades criam identidades próprias com as suas características. “O valor cultural inerente a cada “coisa” tem uma forma, um uso, um significado, entre outros, que realça a importância em manter e fazer chegar às gerações vindouras de todo mundo uma herança e uma identidade.”<sup>49</sup> Na observação dos “grandes marcos da presença humana ao longo do tempo para percebermos que há sempre uma simbiose de diversas influências, de diversas épocas, ligando Património material e imaterial, herança e criação”<sup>50</sup>

Sendo o edifício industrial, de armazenamento e comercial, o marco de uma época industrial, de mudanças sociais, tecnológicas, económicas, políticas, este tem na sua essência memórias jamais esquecidas por aqueles que o habitaram ou viram “crescer”. Como referido anteriormente, a criação das comunidades industriais tem origens que não deverão ser esquecidas. O edifício industrial, de armazenamento e comercial de interesse, tal como qualquer edifício histórico do lugar, deverá continuar

---

<sup>47</sup> SCHNEIDER, Eugene V. **Sociologia Industrial. Relações Sociais entre a Indústria e a Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. P. 303-304

<sup>48</sup> Áreas Industriais e Comunidades Operárias. (Encontros de Investigadores Locais. Divulgação de estudos Monográficos. O mundo do Trabalho na Península de Setúbal. III Sessão.) - **Caderno de Resumos** [em linha]. Lisboa: FCSH-UNL. P. 4 [Consult. 26 abril 2018] Disponível em WWW: <<http://www.fcsh.unl.pt/media/eventos/documentos/CadernodeResumosIIISesso.pdf>>

<sup>49</sup> LEITÃO, Daniel Alexandre da Silva - **A Reversibilidade como Metodologia na Reabilitação do Património Edificado: Quinta de Ermelo, Ancede, Baião**. Vila Nova de Famalicão: FAA-ULN, 2016. Dissertação de Mestrado P.28

<sup>50</sup>Excerto de MARTINS, Guilherme d'Oliveira - **Património, Herança e Memória. A Cultura como Criação**. Lisboa: Gradiva, 2009. [Consult. 26 abril 2018] Disponível em WWW: <[http://www.snpcultura.org/vol\\_patrimonio\\_heranca\\_e\\_memoria.html](http://www.snpcultura.org/vol_patrimonio_heranca_e_memoria.html)>

a permanecer no presente e futuro como memória e lembrança de um passado para quem continua a viver o lugar e como narrador histórico para quem passa, envolvendo o indivíduo num diálogo histórico.

Aliado à memória da comunidade, a importância de manter estes edifícios vivos mesmo que sem o seu funcionamento original, traduz-se no conhecimento da variedade do património cultural de determinado país ou região. Por vezes, existem traços arquitetónicos ou apenas elementos decorativos autênticos que, se não forem preservados, a sua importância e significado perdem-se, perdendo com eles “pedaços” da cultura nacional. São estes edifícios, que gerações após gerações, vão guardando a imagem dos lugares e das cidades deixando pistas de como foi e como poderá evoluir através dessas memórias.

Atualmente, afastados da sua função programática inicial de fábricas ou armazenamento do produto industrializado pelo desenvolvimento e evolução do setor, muitas destas estruturas em questão caem em desuso e conseqüentemente degradação e abandono, criando assim áreas de vazios urbanos. Estes vazios erguem questões no âmbito social e económico. A ausência de funções nestes núcleos acompanha a possibilidade de formações de guetos e ajuntamento de classes sociais mais baixas que, exercendo muitas vezes atividades ilícitas nesses locais, baixam a segurança, criando ambientes pouco propícios a serem habitados ou visitados.<sup>51</sup>

Este problema urbano, produto do progressivo desprezo e deterioramento dos lugares, sendo ignorado pela comunidade e entidades competentes, tende a baixar o valor histórico e social que por sua vez diminui também o valor económico do edificado, seguindo para uma desqualificação gradual da cultura e da própria cidade.

---

<sup>51</sup> MARTINS, Luísa Pimentel – **O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade**. Coimbra: FCT-UC, 2009. Dissertação de Mestrado. P.33

É na intenção da resolução deste problema que a conservação e restauro dos edifícios toma um papel de extrema relevância. Contudo, estas “simples” ações não são muitas vezes suficientes para que o lugar ganhe novas dinâmicas que devolvam a vida ao lugar, será então a reconversão com a introdução de novas programáticas e funções no espaço, que poderá fazer renascer a chama viva do lugar, impulsionando assim a qualificação do território e, conseqüentemente, a qualidade de vida da comunidade presente e futura.



*Figura 4 – Vista que coloca em evidência as características estruturais amplas e flexibilidade espacial dos edifícios industriais. Interior da Real Companhia Vinícola em Matosinhos (Fotografia cedida gentilmente pelo Arquiteto Guilherme Vaz; Autoria: Desconhecida; Data: Desconhecida)*

## 1.4 A flexibilidade

*Flexibilidade, s. f. qualidade do que é flexível; destreza; agilidade; aptidão para variadas coisas ou aplicações; complacência.*<sup>52</sup>

Após a revolução industrial e material, que permitiu a modularidade na construção de grandes espaços e o avanço do desenvolvimento da indústria, existiu a necessidade de as estruturas industriais serem flexíveis o suficiente para a manipulação e alteração do lugar das linhas e mecanismos de produção, já por sua vez, de grande porte. Essa necessidade acabou por definir estas estruturas com espaços amplos destinados a diferentes ocupações além da mesma programática.

Esta característica de flexibilidade - presente também nas estruturas conventuais, muitas vezes equiparadas aos edifícios industriais no âmbito da reconversão -, confere mais longevidade ao edifício e ao que este suporta. A possibilidade de o edifício tomar novas funções e novos usos, desperta novas atenções e potencialidades que acabam por resultar na manutenção contínua do edifício e a contemporaneidade é prova disso.

Por serem edifícios de características focadas no funcionalismo programático (fábricas ou armazéns de produto), os traços arquitetónicos dos mesmos acabam por não serem muito trabalhados, ou seja, esta carência de autenticidade permite uma profanação mais profunda sobre qualquer novo uso a aplicar ao edifício existente. Contudo, apesar desta possível exploração, é fundamental a existência de um diálogo entre o que existe e o que é novo. Na reconversão destas estruturas, por vezes, existem necessidades de adições ou subtrações em relação ao existente, devido às novas programáticas, que não devem ser vistas como destrutivas, mas sim como adaptabilidade e transição para a contemporaneidade dando continuidade ao legado industrial, de armazenamento e comercial

---

<sup>52</sup> Gabinete de Estudos e Projetos Texto – **Dicionário Universal de Língua Portuguesa Mais Gramática**. Lisboa: Texto Editora, 2003. ISBN 972-47-1116-1. p.354

com novas funções, pois o aspeto fabril mantém-se de modo a preservar a identidade original e memória do lugar. De realçar que estas ações, bem como o “simples” restauro dos edifícios devem ser sempre intervenções cuidadas e com a contingência da reversibilidade, procurando manter o mais possível do construído intacto.

Perante uma evidência programática para estes espaços vazios, por permitir um contacto direto e expositivo sobre as antigas funções do edifício e da própria comunidade, o museu começa a cair em desuso nestas reconversões por se ter tornado banal e de interesse decrescente, pelas novas gerações. Esta decadência, levou a novas ambições de outras soluções programáticas juntamente com novos desafios, o que resultou na criação de espaços de coworking, alojamentos, residências universitárias, galerias de arte, habitações, restaurantes, bares, etc. nestas áreas de caráter fabril. Estas dinâmicas de novos usos nestes vazios urbanos tornam-se motivadoras para a qualificação da cidade que com a obsolescência destes núcleos só tinham a perder com os problemas sociais e, conseqüentemente, económicos, que estes tinham aliados. Assim, a vivência do lugar sofre grandes melhorias através da continuação da sua memória.

A flexibilidade da arquitetura destas tipologias industriais é evidenciada pelas alterações que o edifício precisa de sofrer para adaptar as novas funções, quanto mais um edifício evoluir sem alterações, mais flexibilidade este tem e, provavelmente, mais longevidade consegue atingir, havendo mais tendência para o abandono e obsolescência do espaço, quando este é desenhado e pensado para uma função restrita e pouco flexível, ficando assim o edifício limitado, tal como a sua durabilidade.<sup>53</sup>

“Os elementos convencionais em arquitetura representam um estágio num desenvolvimento evolutivo e contêm, na alteração de seu uso e expressão, parte de seu significado passado, assim

---

<sup>53</sup> ROMÃO, João – **A Regeneração Urbana pela Reconversão de Antigos Espaços Industriais. Uma Intervenção na antiga Fábrica de Cerâmica da SECLA.** Lisboa: FAUL, 2017, p. 29-31

como de seu novo significado. O que pode ser chamado o elemento vestigial corresponde ao elemento de duplo funcionamento. Distingue-se de um elemento supérfluo porque contém um duplo significado. Isso é o resultado de uma combinação mais ou menos ambígua do antigo significado, convocado por associações, com um novo significado criado pela função modificada ou nova, estrutural ou programática, e pelo novo contexto. O elemento vestigial desencoraja a clareza de significado e promove, em seu lugar, a riqueza de significado. É uma base para a mudança e crescimento da cidade, manifestos nos projetos de reurbanização que envolvem edifícios antigos com novos usos tanto programáticos como simbólicos (palácios que se convertem em museus ou embaixadas, por exemplo) e velhos padrões de ruas com novos usos e novas escalas de movimento.”<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> VENTURI, Robert – **Complexidade e Contradição em Arquitetura**; tradução Álvaro Cabral. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.40

## 2. A REFUNCIONALIZAÇÃO DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS

### 2.1 O Conceito de Refuncionalização e os Edifícios Industriais

O conceito de refuncionalização pode ser definido, segundo Manuel Lacerda, como a ação de voltar a dar à arquitetura “utilidade através de uma mudança de funções obrigando, normalmente a um exercício de projeto a partir de uma preexistência que, muito provavelmente, foi construída com uma finalidade diferente daquela que agora se entrevê venha a receber. A refuncionalização traduz-se numa alteração da substância, do conteúdo, necessária para que um objeto/espaco possa voltar a ser utilizado”<sup>55</sup>

É esta ação que permite uma continuidade e revivência gradual da urbe, concebendo a possibilidade a edifícios devolutos e desprezados de serem restaurados e conservados, impulsionando assim não só a continuação de uma arquitetura associada à identidade de uma cultura, como também a reintegração do edifício na vida da cidade contemporânea.

A ação da alteração ou adaptação do objeto/espaco para o seu retorno funcional, é associada às grandes vantagens que suporta em termos de valores “patrimoniais”, contudo é em termos meramente funcionais que esta ação também se destaca. Como refere o Arq. Guilherme Vaz em entrevista<sup>56</sup> “Há uma questão que tem haver com uma rentabilização dos espacos, se houver um edifício que tenha condições para ser reaproveitado, isso contribui não só para a cidade como contribui também para uma economia de meios, não só financeiros como materiais, sendo uma solução mais sustentável do que fazer edifícios de raiz. (...) o valor histórico, de identidade e memória da cidade é

---

<sup>55</sup> LACERDA, Manuel – **Entre a Memória e a Criação: seis questões**. RP – Revista Património (2). Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, 2014, p. 158 citado por LUÍS, Nácia – **Refuncionalização da Arquitetura. Abordagens Patrimoniais na Cidade**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Dissertação de mestrado, p.1

<sup>56</sup> Ver ANEXO A - I. Entrevista realizada ao Arq. Guilherme Machado Vaz

muito importante nesses edifícios, portanto esses edifícios devem ser preservados [e lhes dada novas funções] sempre que possível, se tiverem qualidade”.

## **2.2 O Efeito da Refuncionalização**

As transformações urbanas recorrentes, devido aos fenómenos pós-industriais da globalização, levaram a uma evolução urbana muito rápida e a uma mudança de escala muito radical, descontrolada e sem planeamento, sendo futuramente previsível a necessidade de repensamento urbanístico através da refuncionalização das estruturas em questão.

Sendo assim, a refuncionalização ligada a novos usos dos edifícios, permite e resulta numa reestruturação urbana que acaba por estabelecer grande relação com os sistemas urbanos implantados e/ou pensados para a cidade. Muitas destas intervenções nascem de planos territoriais associados a estratégias políticas defensoras de uma evolução urbana através de processos sustentáveis, como é o caso do reuso de estruturas industriais.

A importância e as oportunidades destas estruturas, começa a ser cada vez mais realçada e evidenciada no planeamento e gestão de estratégias nos planos urbanos para as cidades, como é o exemplo prático do caso de estudo deste trabalho, da Real Vinícola em Matosinhos, que a sua própria reabilitação e refuncionalização já são englobados nos plano urbanístico do Arq. Siza Vieira para a cidade.

Como referido anteriormente, o declínio urbano consequente da pobre manutenção ou falta de investimento pós-industrial, é o próprio motivo de desafios e oportunidades numa emergência atual e futura de novas dinâmicas e vivências para o lugar.

Esta atitude de regeneração nos núcleos industriais tem repercussões urbanas em toda a sua envolvente, vivências sociais e económicas, não sendo apenas na intervenção arquitetónica do edifício em si. Ou seja, considerando estas intervenções como acupuntura urbana, pelas localizações

dispersas na cidade e suas intervenções pontuais nos edifícios, facilmente os efeitos se projetam entre si e se contaminam, como se de várias “manchas de óleo” se tratasse, desencadeando um desenvolvimento gradual da urbe. As “machas de óleo” aludem a uma propagação pelo território que funciona como elos de ligação entre áreas da cidade, tendo sempre um foco central, neste caso a área/elemento intervencionado. Desta forma, num processo de crescimento expansivo, as tais “manchas” vão criando áreas de influência mútua, resultando num efeito “estrela”. Este pode ser comparado ao efeito Bilbao, contudo, a uma menor escala.

Não só nas áreas centrais das cidades, mas também nas periferias, este efeito poderá ser sentido aquando da refuncionalização deste tipo de estruturas, principalmente quando o valor histórico destes edifícios não é ignorado e é intervencionado convenientemente, ou seja, integra um bom planeamento municipal e consegue estabelecer boas relações arquitetónicas de modo a respeitar a história e identidade do edifício/lugar.

A questão da centralidade, sempre dependente do uso urbano e do seu papel no dinamismo das cidades, acaba assim por suceder também nas áreas semiperiféricas através destes processos evolutivos trazendo grandes vantagens à cidade, como a possibilidade de afastar ambientes e cenários de risco associados ao abandono.

Por outro lado, poderão também resultar em efeitos colaterais negativos e inesperados para a população local. Estes efeitos dão-se, devido aos fenómenos de *gentrificação*<sup>57</sup> e *turistificação*<sup>58</sup>, consequente da (sobre)valorização da classificação dos solos pela regeneração urbana presente nestas áreas intervencionadas que, pelo seu sucesso, atraem cada vez mais indivíduos externos ao lugar, que resultam num sentimento de exclusão e repúdio pela população que aí reside até então –

---

<sup>57</sup> “O conceito de gentrificação significa, resumida e simplisticamente, a reocupação dos centros das cidades por indivíduos ou famílias pertencentes a grupos sociais detentores de volumes globais de capital superiores aos dos indivíduos e famílias que tradicionalmente habitam essas áreas” in QUEIRÓS, João – Estratégias e Discursos Políticos em torno da Reabilitação de Centros Urbanos. Considerações exploratórias a partir do caso do Porto. **Sociologia, Problemas E Práticas** [em linha]. n.º 55 (2007), pp. 95 [Consult. 3 julho 2018] Disponível em WWW: <<http://hdl.handle.net/10071/1115>>. 0873-6529

<sup>58</sup> Fator resultante do excessivo turismo, onde os residentes locais são gradualmente substituídos pelos turistas.

população, frequentemente, de classe baixa resultado das vivências e condições proporcionadas por aqueles espaços anteriormente desprezados.<sup>59</sup> Este sentimento é determinado pela afeção à identidade do lugar que define uma sociedade e que, pela sobrevalorização e tentativa de aproximação ao turista por motivos económicos, os interesses dessa mesma sociedade acabam por ser ignorados assim como as próprias tradições.

Segundo conversa com o Arquiteto Alexandre Loureiro<sup>60</sup> (Guesthouse OPO'attics), torna-se cada vez mais difícil habitar o próprio centro da cidade, pelos preços inflacionados devido à gentrificação e consequente sobrevalorização dos territórios. É desta forma que a nova geração de habitantes, principalmente os mais jovens, começam a abrir os seus horizontes para as franjas da cidade, nas imediações desses centros onde o espaço de manobra é maior.

Existem vários fatores que podem ser impulsionadores da criação e revitalização dessas imediações como é o caso de atrações artísticas decorrentes, por exemplo, em Campanhã, no Porto. Numa zona meramente industrial como esta, as condições para os novos artistas são muito promissoras no sentido da liberdade espacial e de concretização oferecidas pelas antigas estruturas industriais até ali desprezadas. No caso específico do conjunto de armazéns onde a Guesthouse OPO'attics está inserida, começaram a surgir também programas artísticos nos restantes armazéns da envolvente, onde a tentativa de exploração dos novos desafios oferecidos pelo conjunto, revelou um grande sucesso programático, funcional e dinâmico inesperados, resultando numa mudança gradual de olhar, por parte dos cidadãos, para aquela zona. Isto é, a apropriação destes espaços com fins culturais e novas perspetivas futuras, nasce apenas como uma solução encontrada para os problemas económicos sentidos e necessidade de desenvolvimento pessoal, contudo quando a intervenção é bem-sucedida, o lugar começa gradualmente a ser ambicionado por todos pela evidência das oportunidades ali presentes.

---

<sup>59</sup> NEVADO, Ana Catarina Serra – **Da expansão à recentralização / do território ao património. A regeneração urbana da zona ribeirinha oriental de Lisboa (1964-1994)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2017, p. 3 Tese de Doutoramento

<sup>60</sup> Anexo A - II – Entrevista ao arquiteto Alexandre Loureiro



## 2.3 **Casos de Estudo**



*“Já cheira a carvalho das aduelas  
e a vinho de armazém”*

Figura 5 – Instalações da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca. Rua Amorim (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Desconhecida; Data: 1923)

### 2.3.1 Lx Work Hub | Firma Abel Pereira da Fonseca Marvila, Lisboa



*Figura 6 – Localização da freguesia de Marvila e do edifício do Lisbon Work Hub (Diagrama elaborado pela autora sobre ortofotomapa. Fonte: Google Maps, 2015)*

	<b>PRÉ-EXISTÊNCIA</b>	<b>ATUAL</b>
<b>LOCALIZAÇÃO</b>	Largo David Leandro da Silva, tornejando com a rua Amorim 2, Marvila, Lisboa	
<b>DESIGNAÇÃO</b>	Núcleo de lojas e habitação da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca	Lx Work Hub
<b>DATA DE CONSTRUÇÃO</b>	1917	2015
<b>ARQUITETURA</b>	Arq. Manuel Joaquim Norte Júnior	Arq. Maria Manuel Alvarez
<b>FUNDADORES</b>	Abel Pereira da Fonseca e Francisco Assis	Maria Manuel Alvarez e Sara de Praetere
<b>PROGRAMA</b>	Habitação, armazenamento e Comércio de Indústria Vinícola	Espaços de Coworking (piso superior) e Restauração (piso térreo)
<b>PERÍODO DE ATIVIDADE</b>	1917-1993	2015-
<b>UTILIZAÇÃO</b>	Armazenamento, logística e comércio	Escritórios e restauração
<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO</b>	Parte razoável, parte degradado	Razoável; Recente restauro no interior do edifício do arq. Norte Júnior; necessita de obras de conservação no restante edificado não intervencionado
<b>PROTEÇÃO</b>	Imóvel de Interesse Municipal	

*Tabela 1 - Quadro comparativo entre a pré-existência e intervenção do edificado (Quadro elaborado pela autora com base na ficha do SIPA (ver anexo E – I) e visitas realizadas ao edificado em questão)*



Figura 7 – Vista atual da Praça David Leandro da Silva com edifícios da firma Abel Pereira da Fonseca no lado direito (Fotografia disponível na WEB: <https://www.agendalx.pt/2018/07/16/caminho-do-orientei-do-poco-do-bispo-a-marvila-antiga/>; Autoria: Humberto Mouco; Data: 2018)

## CONTEXTO DO LUGAR

O espaço de coworking, sito em pleno bairro do Poço do Bispo, em Marvila, Lisboa, intitulado de Lisbon Work Hub, adaptou as antigas instalações de apartamentos da firma Abel Pereira da Fonseca remetentes à primeira metade do século XX, localizados de frente para o Largo David Leandro da Silva, tornejando com a rua Amorim.

Este bairro, inserido na freguesia de Marvila, tem os seus limites definidos pelo rio Tejo e pela Avenida de Cintura Porto-Lisboa a nascente, pela linha férrea do Norte a poente, pelo Parque das Nações a norte e pela freguesia vizinha do Beato, a sul.

Até há dois séculos atrás, Marvila era de feição nobre e conventual, tendo sido das zonas mais importantes de Lisboa. Era em Marvila que se situavam grandes conventos e palácios, como o Palácio do Marquês de Nisa, a Pousada de D. Afonso III, responsável pela atribuição de capital do reino a Lisboa, o Palácio da Mitra, entre outros, que mais tarde vieram a ser destruídos ou ocupados com outro tipo de funções.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> RTP-Arquivos. **Bairros Populares de Lisboa: Poço do Bispo**. [Registo vídeo em linha] Realização de Courinha Ramos. Lisboa: RTP, 1990 [Consult. 18 junho 2018] Disponível em WWW: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/poco-do-bispo/>>



*Figura 8 – Ambiente rural existente no Poço do Bispo em 1990 (Imagem retirada do vídeo disponível na WEB: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/poco-do-bispo/>; Autoria/Produção: Maria Cecília, RTP; Data: 1990)*

Foi a população oriunda do norte que, até meados do século XIX, explorava os vales do Poço do Bispo com as grandes hortas, quintas e pequenas fábricas que o caracterizavam, como eram exemplo as Quintas do Intendente, da Atouguia, dos Quatro Olhos, de Santo António, dos Ingleses e dos Prazeres<sup>62</sup>. Esta exploração e ocupação territorial e habitacional por parte destes indivíduos, permitiu a continuidade do desenvolvimento produtivo deste território aquando do desenvolvimento industrial ao longo do século XX. Ou seja, a aglutinação de pessoas no local e a consequente mão de obra aliada a uma localização estratégica de produção – rio Tejo e linha férrea com ligação a Sta. Apolónia e à linha do Norte -, permitiu que a zona do Poço do Bispo seguisse a tendência da freguesia de Marvila e implantasse unidades fabris, sendo deste modo um dos bairros da Lisboa Oriental que mais progrediu com a industrialização e, posteriormente, mais sofreu com a forte decaída da mesma.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> RTP-Arquivos. **Bairros Populares de Lisboa: Poço do Bispo**. [Registo vídeo em linha] Realização de Courinha Ramos. Lisboa: RTP, 1990 [Consult. 18 junho 2018] Disponível em WWW: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/poco-do-bispo/>>

<sup>63</sup> MARTINS, João P. M. Fernandes – **Reconversão dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, como um elemento para a revitalização do Poço do Bispo, Lisboa**. Lisboa: FAUL, 2017. Projeto Final de Arquitetura, p. 1-3

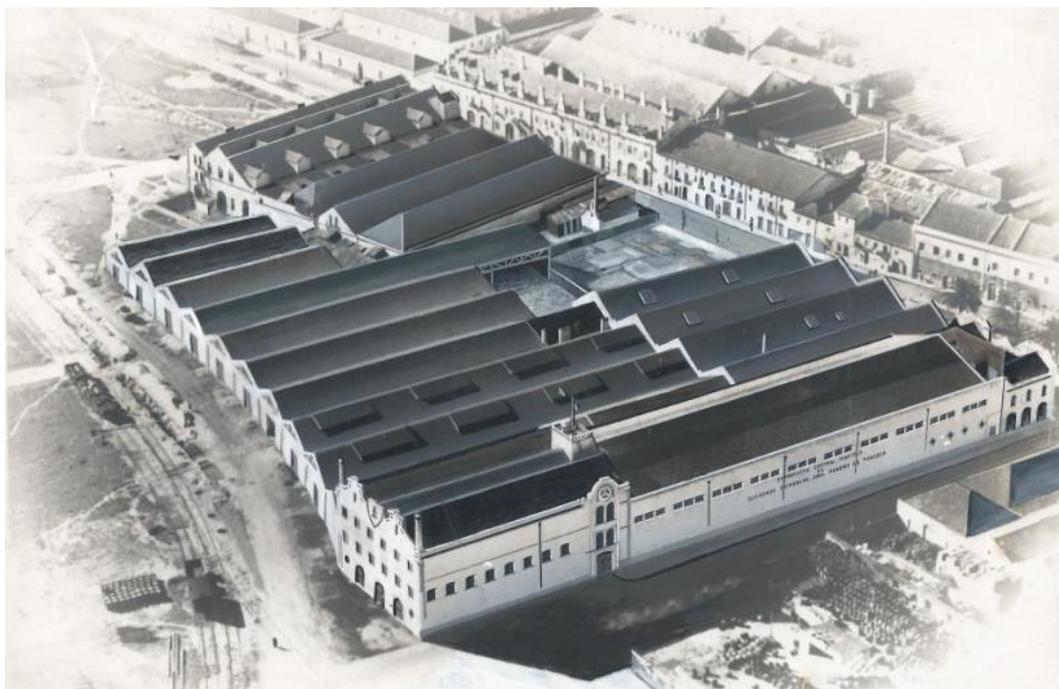


Figura 9 - Vista aérea do espólio de armazéns da Soc. Comercial Abel Pereira da Fonseca, no Poço do Bispo, Marvila (Fonte: MADEIRA, Bruno - *Novos destinos para edifícios industriais. Reconversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca*. Lisboa: ULHT, 2014. Dissertação de Mestrado, p. 89; Autoria: desconhecida; Data: 1950)

Esta progressão de um tecido rural, para uma malha de nível urbano, é notória e necessária de ter em atenção para a preservação da história, memória e identidade do lugar. Apesar da rápida industrialização da zona, são vários os edifícios e elementos urbanos com valor histórico ou com uma construção singular que devem ser preservados para uma coerente continuação da história. Como exemplo desses testemunhos nesta zona, existe a Fábrica de Vinhos Abel Pereira da Fonseca, a Fábrica de material de guerra de Braço de Prata, o Palácio do Duque de Lafões, o Convento dos Franciscanos de Marvila, etc. se bem que nenhum destes edifícios se encontre com as suas funções originais.

É na década de oitenta que se inicia o processo de desindustrialização levando ao abandono de muitos dos espaços fabris aí construídos, sendo estes extintos pelo progresso tecnológico ou transferidos para os “novos arrabaldes da Grande Lisboa”<sup>64</sup>. Neste seguimento, e devido às potencialidades espaciais e à localização, algumas estruturas industriais começam a ser reconvertidas para novos usos. Contudo, pela falta de planeamento estratégico e, principalmente, o surgimento da “cidade nova” do Parque das Nações com novas e melhores condições no fim da década de noventa com a Expo, a área do Poço do Bispo passou a ser ignorada e vista como uma zona de risco pela inexistência de vivência no local.<sup>65</sup>

Apesar desta falta de planeamento em vigor, existem os planos urbanísticos da Matinha e dos Jardins de Braço de Prata que visionam grandes projetos para a zona de Marvila como continuação da extensão do Parque das Nações Sul. Este lugar, tem todas as condições e potencialidades espaciais, apesar da necessária intervenção a nível de espaço público e reabilitação do edificado, para se (re)tornar numa nova centralidade e deixar de ser vista como arrabalde periférico da grande Lisboa.<sup>66</sup>

---

<sup>64</sup> FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge – **Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p.19

<sup>65</sup> MARTINS, João P. M. Fernandes – **Reconversão dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, como um elemento para a revitalização do Poço do Bispo, Lisboa**. Lisboa: FAUL, 2017. Projeto Final de Arquitetura, p. 3

<sup>66</sup> MADEIRA, Bruno – **Novos destinos para edifícios industriais. Reconversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca. Museu do Vinho**. Lisboa: ULHT, 2014, p. 73



*Figura 10 – Vista frente rio dos armazéns da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca com cais privativo da firma, sentido sul-norte (Imagem disponível na WEB: <http://restosdecolecção.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html>; Autoria: desconhecida; Data: 1945)*

## A FIRMA A.P.F., FUNÇÕES ORIGINAIS E CARACTERÍSTICAS ESPACIAIS

Abel Pereira da Fonseca (1876-1955), natural de Almeida, na Guarda, decide aos 13 anos mudar-se para Lisboa com a ambição de um melhor nível de vida. Começa a sua vida de trabalho na capital como comerciante, mas é em 1906 que faz nascer o seu grande negócio juntamente com Francisco Assis – a firma Abel Pereira da Fonseca & Companhia, tendo sido desde o seu início uma firma dedicada à indústria alimentar de vinhos, licores e azeites, sendo uma das principais pioneiras em Portugal neste âmbito.<sup>67</sup>

Teve os seus primeiros armazéns localizados em Xabregas, na Rua da Manutenção do Estado, mas com o rápido crescimento da produção houve a necessidade de ampliação das instalações, dando-se assim a transferência das mesmas, em 1908, para a Praça David Leandro da Silva, tornejando para a Rua Amorim no Poço do Bispo, ficando todo o conjunto em gaveto. Esta nova localização, apesar de estrategicamente bem colocada, como referido anteriormente, era uma zona que, na altura, o impacto do desenvolvimento industrial se começava a sentir em força, o que acabou também por influenciar o rápido crescimento desta firma.

Este rápido desenvolvimento foi resultando em sucessivas mudanças, tanto dentro da própria empresa como nos seus armazéns:

1906 – Surgimento da firma Abel Pereira da Fonseca & Companhia, pelos sócios Abel Pereira da Fonseca e Francisco Assis. Rua da Manutenção do Estado, Xabregas

1908 – Transferência das instalações para armazéns adquiridos aos herdeiros de Manuel da Costa Cabaço. Praça David Leandro da Silva, Poço do Bispo

1910 – 1ª Obra de Ampliação; dois corpos transversais que vão assumir a largura dos armazéns existentes; malha com pilares ao centro.

---

<sup>67</sup> MADEIRA, Bruno – **Novos destinos para edifícios industriais. Reversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca. Museu do Vinho.** Lisboa: ULHT, 2014, p. 74



*Figura 11 – Vista do interior de um dos armazéns Abel Pereira da Fonseca (Imagem disponível na WEB: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/3276526664>; A autoria: Mário Novais; Data: 1927)*

1910 – Entrada de um novo projeto na Câmara Municipal para mais obras de ampliação em direção do Rio Tejo.

1916 – Obras de aterros para um cais privativo da firma.

1916 – 2ª Obra de Ampliação. Construção de um novo armazém frente ao rio, desta vez, com dimensões ainda maiores que os anteriores.

1917 – 3ª Obra de Ampliação. Construção de um novo corpo, englobando edifício de serviço, para refeições dos funcionários no piso superior e taberna/lojas no piso térreo (de frente para a praça e único edifício original do arquiteto, atualmente) e armazéns de planta simétrica, com quatro águas e malha de pilares de estrutura ao centro. Arquitetura singular que confere visibilidade à firma, de grande ecletismo e ornamentação característica deste período, assinada por um dos arquitetos portugueses com maior destaque na nossa história, Arquiteto Manuel Joaquim Norte Júnior.

1918 – Entrada de um novo sócio para a firma – Marcelino Nunes Correia

1921 – 4ª Obra de Ampliação. Edificação de um novo armazém na frente ribeirinha (Fig.11), fazendo o limite da extensão da rua Amorim. Edifício de gaveto, com quatro águas, dois pisos, que mantem, com especial atenção, a linguagem e características do restante conjunto do edificado. Posteriormente, sofre algumas alterações na sua estrutura, fachadas e função (em 1942 passa a edifício de escritórios)

1930 – 5ª Obra de Ampliação. Construção de três naves, que se desenvolvem de frente para o rio, perante o prolongamento de outras três existentes na frente do largo do Poço do Bispo. Desenho de acordo com os armazéns já existentes.

1942 – 6º e última grande obra desta firma. Construção de armazéns na frente ribeirinha, que acabam por preencher toda a frente ribeirinha do quarteirão. Demolição do corpo central e construção de um novo edifício de dois pisos, destinados ao armazenamento de vinho.

1947 – Saída de Abel Pereira da Fonseca da firma; vende as suas ações à família Nunes Correia.

1974 – Pequenas alterações nos vãos do armazém norte, frente para a Rua Amorim; Novos proprietários da firma: Manuel Rodrigues dos Santos e Alcino Rodrigues Pinhão

1982 – Entrada em decadência da firma, passando para segunda maior empresa de comercialização e distribuição de vinhos de Portugal

1993 – Encerramento da firma e suas instalações

1998 – Cedência dos espaços à Câmara Municipal de Lisboa<sup>68</sup>

*“A Casa Abel Pereira da Fonseca insere-se no universo das grandes áreas de comércio de início do século XX, devendo ser interpretada como um reduto da sociedade de consumo”<sup>69</sup>*

Sendo uma empresa que reunia todas as condições para o carregamento e distribuição do produto – localização, espaços amplos, logística, agências de distribuição, etc. -, rapidamente foi apelidada, mesmo que informalmente, por “Catedral do Vinho de Lisboa”, fundamental para a entrada e distribuição de vinho na cidade.

Durante toda esta época de grande crescimento da empresa, foram também criados e construídos depósitos, oficinas, armazéns e vilas operárias de modo a servirem toda a comunidade fabril que a empresa de vinhos movimentava, revelando-se aqui também a notoriedade da firma no lugar e na cidade.

As instalações de hangar, destinadas ao armazenamento, tratamento e transformação do produto, funcionaram durante muitos anos aliadas ao edifício de “serviços” de alçado para a Praça David Leandro da Silva e desenhado pelo arquiteto Norte Júnior, que se distingue dos armazéns por ter uma arquitetura ímpar, única, singular. Destaca-se pelo seu valor arquitetónico e expressão plástica, associada ao labor da firma com tonéis desenhados em volta dos grandes janelões de vidro, com cachos de uvas e folhas de parreiras nas fachadas e ainda o realce do rio através do logotipo presente na fachada com o rio e uma fragata, ilustrados. Todo este edifício é caracterizado pelos seus grandes

---

<sup>68</sup> MADEIRA, Bruno – **Novos destinos para edifícios industriais. Reversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca. Museu do Vinho.** Lisboa: ULHT, 2014, p. 74-93

<sup>69</sup> FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge – **Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial.** Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p.158

vãos envidraçados, pela sua construção em altura e pela estrutura em betão, tal como todos os restantes armazéns do conjunto.

Ao valor arquitetónico presente no edifício de “serviços”, acresce a capacidade funcional existente nos amplos armazéns, definidos pelos telhados de duas ou quatro águas e pelos seus grandes vãos interiores que conferem a flexibilidade mais do que a necessária ao funcionamento fabril e seus futuros usos.

Esta unidade fabril, que preenche praticamente um quarteirão, acaba por se realçar então, não só pela sua particular arquitetura remetente a uma época de grandes mudanças - período industrial -, como também pelo seu espólio móvel arquivístico dos últimos anos de funcionamento da fábrica e das infraestruturas *in situ*, alicerces da grande qualidade de produção, que evidenciam a tecnologia e inovação da firma e das suas instalações.<sup>70</sup>

É após a saída de Abel Pereira da Fonseca e por razões diversas que, após décadas de sucesso, em 1993 a fábrica encerra as suas funções, sendo esta propriedade hoje mantida pela Câmara Municipal de Lisboa e pela família Nunes Correia (família de Marcelino Nunes Correia, sócio da firma) que vai alugando o espaço parcialmente vazio para diversos fins. O abandono é evidente em todo o conjunto, sendo o edifício desenhado por Norte Júnior, o único que mantém atividade com funções ligadas à restauração e ao coworking.

Apesar da evolução dos tempos, o ambiente industrial e meio rural existente no Poço do Bispo no fim século XIX e princípio do século XX, é ainda testemunhado pela existência, se bem que com necessidades de reabilitação, pelas peças de mobiliário urbano (urinóis e chafariz) ainda existentes na Praça David Leandro da Silva, outrora chamado de Praça de D. Luiz, pelos armazéns de vinho da Sociedade Abel Pereira da Fonseca e pelos armazéns de vinho José Domingos Barreiros.

---

<sup>70</sup> FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge – **Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p.157

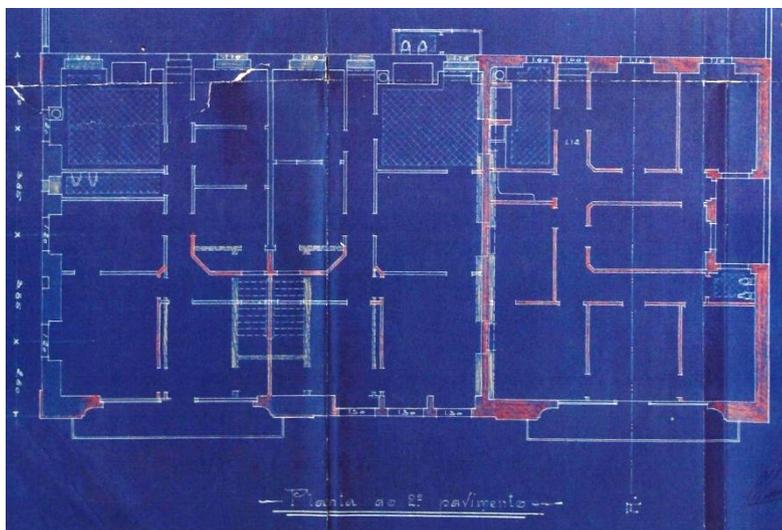


Figura 12 - Planta do piso superior do edifício de habitação e serviços (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Arq. Norte Júnior; Data: 1917)



Figura 13 - Alçado frontal do edifício de habitação e serviços (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Arq. Norte Júnior; Data: 1917)

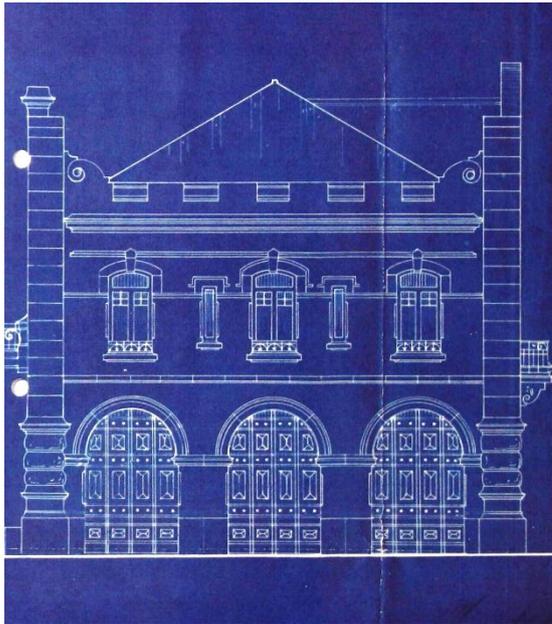


Figura 14 - Alçado lateral do edifício de habitação e serviços (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Arq. Norte Júnior; Data: 1917)

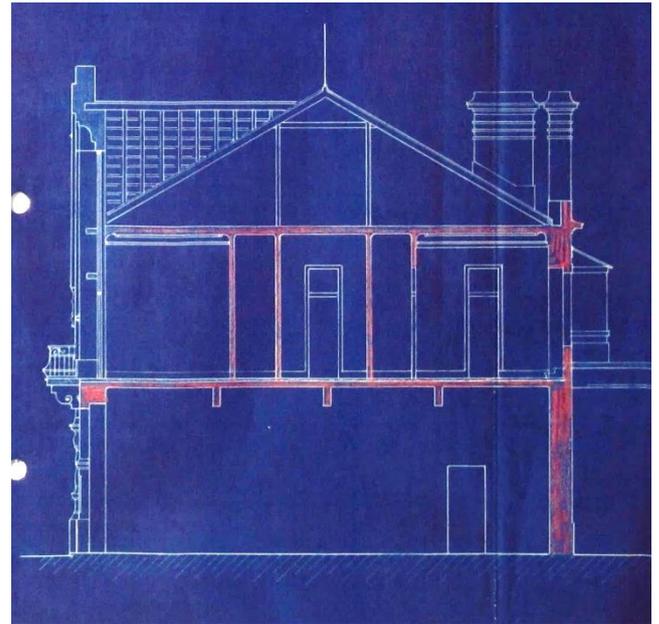
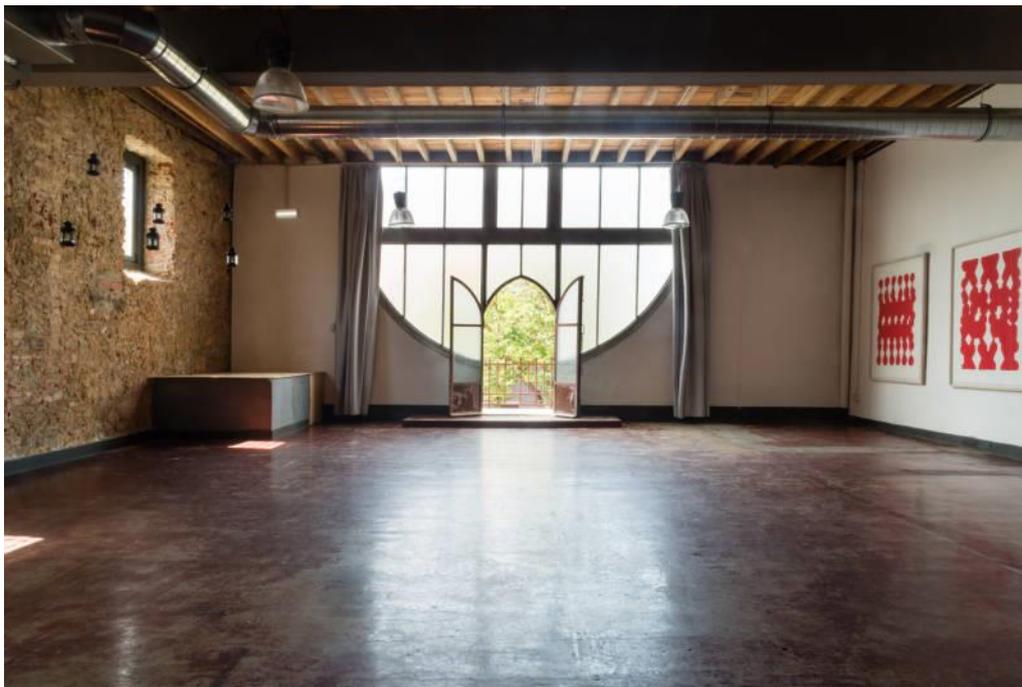


Figura 15 - Corte transversal. Edifício de habitação e serviços (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Arq. Norte Júnior; Data: 1917)



*Figura 16 – Vista do interior da atual sala de eventos de Lx Work Hub, antiga sala de provas de vinho da firma Abel Pereira da Fonseca (Fotografia disponível na WEB: <https://www.workhub.pt/#group-9>; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida)*

## SURGIMENTO DO NOVO PROGRAMA

A localização dos armazéns, como referido anteriormente, é uma localização privilegiada pela proximidade ao rio e à “nova cidade” do Parque das Nações. Estas proximidades despertaram novas visões e novos olhares para a zona do Poço do Bispo, anteriormente desprezada e posta de parte pela sua imensidão de edifícios obsoletos e causadores de cenários de risco.

Atualmente, existem dois planos urbanísticos – plano de pormenor da Matinha e plano de loteamento dos Jardins de Braço de Prata <sup>71</sup> - que objetivam a continuação e ligação das partes da cidade, fazendo desta área uma zona de oportunidades futuras e, apesar do conjunto de Armazéns Abel Pereira da Fonseca não integrar nenhum dos planos, a sua reabilitação surge no seguimento deste movimento e pensar contemporâneo da revitalização da cidade, através da refuncionalização de edifícios abandonados, que foram um marco para a história do lugar onde se inserem.

O seu abandono e estado de degradação avançado contrastando com o interesse arquitetónico e espacial do edifício, impulsionou a Arq. Maria Manuel Alvarez a intervir no edifício motivada também pela ligação familiar e pessoal que a mesma tem com a zona central do Poço do Bispo.

É de notar a importância que estas reabilitações têm no lugar e sua envolvente, ou seja, quando uma área da urbe é intervencionada, não só essa área é afetada fisicamente, como a sua restante envolvente, tanto espacial como dinâmica, também o é.

---

<sup>71</sup> MADEIRA, Bruno – **Novos destinos para edifícios industriais. Reversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca. Museu do Vinho.** Lisboa: ULHT, 2014, p. 73



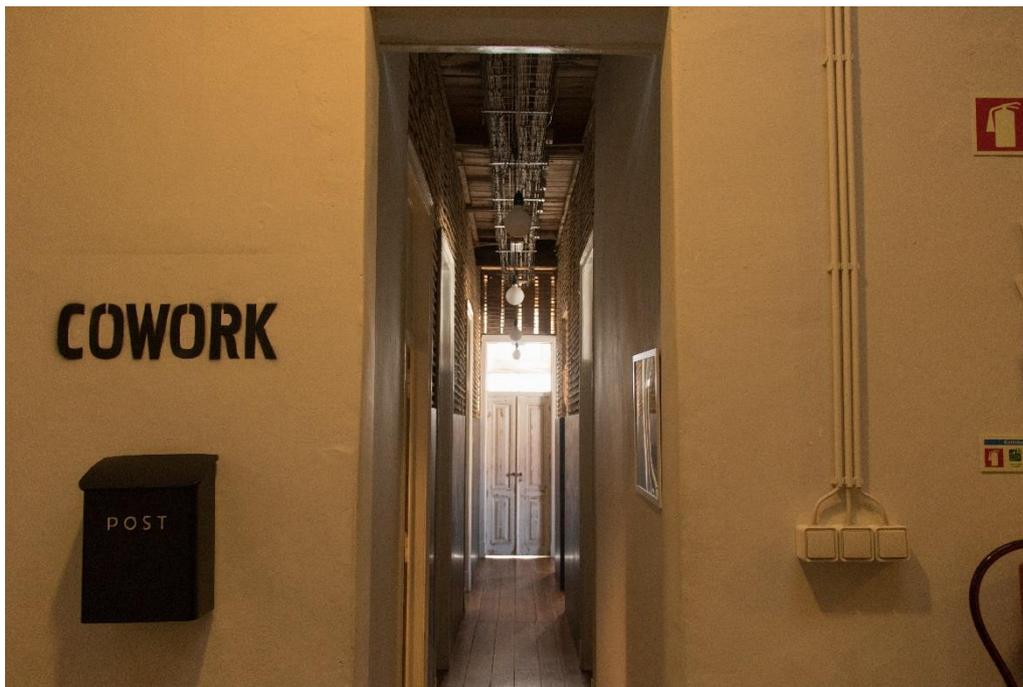
Figura 17 – Vista das escadas interiores de acesso ao piso superior do edifício onde funciona o Lx Work Hub, espaço do antigo pátio existente entre os armazéns e o edifício de habitação e serviços (Fotografia disponível na WEB: <https://www.workhub.pt/#group-12>; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida)

O caso do projeto do espaço de coworking Lx Work Hub, promovido pela empresa de consultoria de gestão *De Praetere Management Consulting, Lda*.<sup>72</sup> e assinado pela arquiteta Maria Manuel Alvarez, que adapta as antigas instalações do edifício desenhado pelo arquiteto Norte Júnior, suscitou bastantes e diferentes resultados a nível da envolvente e sua população. Começaram a surgir novas dinâmicas, as obras de reabilitação do edifício trouxeram gente nova e mais jovem e, conseqüentemente, o espaço urbano (Praça David Leandro da Silva) voltou a ser habitado, vivido e mais cuidado. Contudo, além das novas funções programáticas de *coworking* que se instalaram no piso superior do edifício, também o piso térreo sofreu alterações. A taberna lá existente, ainda desde o funcionamento da fábrica, foi substituída por espaços de restauração modernizados, o que resultou num grande desagrado por parte dos proprietários da taberna e da restante comunidade bairrista que sempre viu os armazéns como fazendo parte da sua vida, do seu crescimento e não aceita que alguém exterior, sem “raízes e tradição” pelo bairro se apodere dos espaços e “expulse” quem os manteve até aos dias de hoje.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Imobiliário - **Lisboa, Porto e Braga saem vencedoras no Prémio Nacional de Reabilitação Urbana**. [em linha]. Lisboa: Público, 2016 [Consult. 18 agosto 2018]. Disponível em WWW: <<http://imobiliario.publico.pt/Noticia/Detalhe/lisboa-porto-e-braga-saem-vencedoras-no-premio-nacional-de-reabilitacao-urbana--1728734>>

<sup>73</sup>MALTA, João e BOURGARD, Joana - Marvila. A indústria foi-se, os criativos estão a chegar. Basta para agarrar o futuro? **Rádio Renascença** [em linha] Lisboa: Rádio Renascença, 2016 [Consult. 18 agosto 2018] Disponível em WWW: <[http://rr.sapo.pt/noticia/47830/marvila\\_a\\_industria\\_foi\\_se\\_os\\_criativos\\_estao\\_a\\_chegar\\_basta\\_para\\_agarrar\\_o\\_futuro](http://rr.sapo.pt/noticia/47830/marvila_a_industria_foi_se_os_criativos_estao_a_chegar_basta_para_agarrar_o_futuro)>



*Figura 18 - Vista do corredor que dá acesso aos escritórios do Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)*

## A ARQUITETA

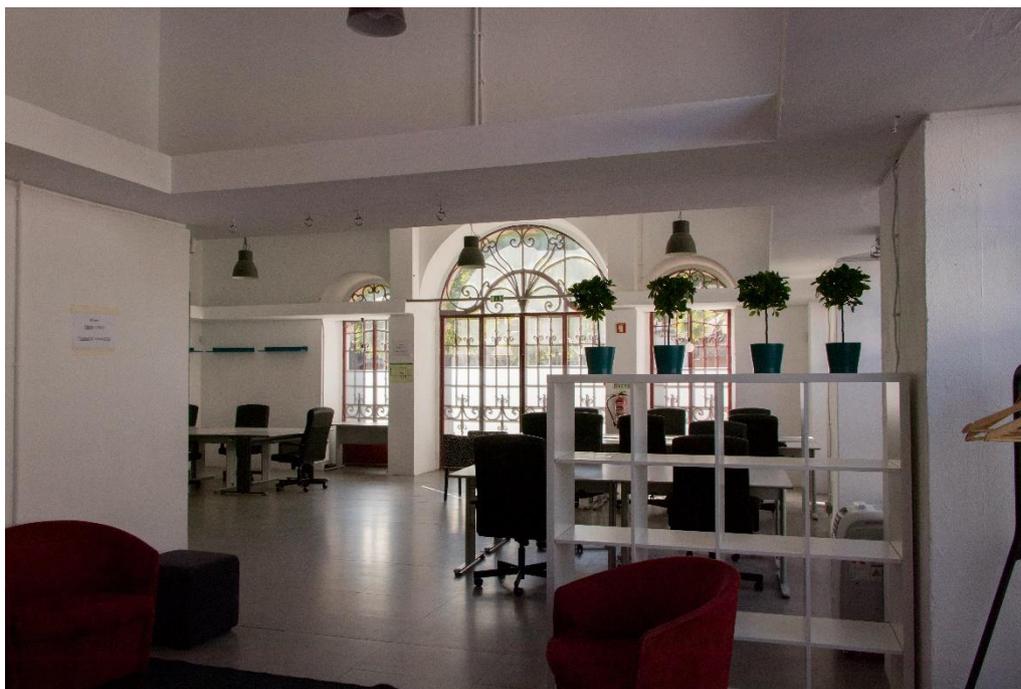
Com 34 anos de experiência prática, a arquiteta Maria Manuel Alvarez tem o seu próprio atelier juntamente com o arquiteto Rui Miguel Serra – Serralvarez Arquitectos, fundado em 1996. Estudou na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1983, lecionou no curso de arquitetura da Universidade Lusíada de 1989 a 1991 e conta com um vasto espólio de projetos construídos de variadas programáticas, tendo sido já, enquanto coletivo, premiada com várias menções honrosas.

Do atelier que representa, são vários os projetos construídos que se destacam na zona oriental de Lisboa do Parque das Nações, entre eles, os edifícios Colmeia (cooperativa de habitação), Condomínio das Nações, Platinium, Âncora do Tejo, Terraços da Expo. Também é de salientar no portefólio destes arquitetos, a colaboração nos projetos de toda a cadeia McDonalds em Portugal.

Foi com o projeto do Lx Work Hub que recebeu Prémio Nacional de Reabilitação Urbana 2016 e a Menção Honrosa de Melhor Reabilitação inferior a 1000 m<sup>2</sup>.



*Figura 19 - Arquiteta Maria Manuel Alvarez (Fotografia disponível na WEB: [http://transparencias.info/2008\\_files/fev2008\\_02\\_home.html](http://transparencias.info/2008_files/fev2008_02_home.html); Autoria: desconhecida; Data: desconhecida)*



*Figura 20 - Vista do interior da futura sala de trabalho do Lx Work Hub situada no piso 0, antiga taberna da firma Abel Pereira da Fonseca (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)*

## A INTERVENÇÃO | O PROJETO LX WORK HUB

O projeto onde se insere o espaço de coworking Lisbon Work Hub, adapta os 700m<sup>2</sup> dos antigos apartamentos da administração da sociedade Abel Pereira da Fonseca, localizados no piso 1 do edifício assinado pelo Arq. Norte Júnior. A estes espaços foi ainda somada a área do antigo pátio, agora coberto e transformado na receção com zona de estar, copa e casas de banho.

O princípio chave desta reabilitação relaciona-se com um tipo de intervenção mínima. Ou seja, poucas foram as intervenções tanto ao nível da planta original, como ao nível de sistemas construtivos, acabamentos e revestimentos. Relativamente ao desenho da planta original, a única alteração feita foi a nível de acessos e instalações sanitárias, foi criado um novo acesso de escadas no espaço onde antigamente funcionava a cozinha e as casas de banho transferidas para o novo núcleo criado no antigo pátio, conferindo assim uma maior fluidez de funcionamento a qualquer programática que o edifício receba.

As configurações espaciais foram mantidas e reabilitadas apenas no necessário. As compartimentações existentes foram aproveitadas para espaços de trabalho e acessos, resultando num total de 14 espaços, sendo que as suas dimensões auxiliaram na distribuição e organização estrutural do funcionamento em coworking, ou seja, as dimensões destas compartimentações permitem uma variada oferta de espaços de trabalho, sendo estes de caráter individual, de grupo ou de partilha de espaço de trabalho, consoante a sua localização no edifício.



*Figura 21 - Vista do interior do sótão correspondente ao espaço de trabalho partilhado do Lx Work Hub  
(Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)*

Os espaços de trabalho individual e de grupo localizam-se integralmente no piso 1 e todos têm em comum as paredes revestidas até meio com painéis de madeira MDF e na restante metade a sua estrutura de tabique à vista. Como referido, todos os compartimentos existentes foram transformados em espaço de escritório, dando um total de 6 escritórios com luz natural e, devido à antiga existência de quartos interiores, outros 6 sem essa característica.

Ainda no piso 1, existe uma sala, dominada/chamada “sala de eventos”, que ocupa o antigo espaço de prova de vinhos. Este espaço é o de mais caráter industrial existente no interior do edifício, pelo seu piso em betão devido à sua antiga função e suporte das cargas das pipas. Novamente, é colocado à vista o sistema estrutural das paredes de alvenaria mista de tijolo e pedra e o pavimento mantido o original. Esta sala é diferenciada então das restantes pelo seu caráter industrial, capacidade espacial, luminosidade, e acesso direto a uma das varandas existentes na fachada principal do edifício.

No sótão, a sua estrutura permite uma grande amplitude espacial que possibilita o trabalho partilhado com 18 pessoas. Mais uma vez, tudo foi mantido e reabilitado neste espaço, tendo sido o seu antigo acesso mantido, mas fechado e feito um novo vão para o atual.

Estruturalmente, não existiu a necessidade de algum tipo de reforço das paredes ou cobertura, mas apenas a sua limpeza e reabilitação. Nas paredes interiores apenas foi “descascado” o que já se encontrava em muito mau estado de conservação, tendo-se deixado o máximo possível à vista do seu sistema construtivo (fig.22), seja em madeira, tijolo ou pedra, e revestido o mínimo necessário com placas de madeira MDF. Também os pavimentos e tetos não sofreram qualquer tipo de alteração, tendo sido de novo toda a estrutura colocada à vista.

As portas, janelas, caixilhos, cantarias, ornamentos foram mantidos os originais dado o seu estado de conservação razoável que permitiu o uso dos mesmos. Apenas algumas letras da fachada tiveram de ser repostas, pela sua ausência.



*Figura 22 - Antigas escadas de acesso ao sótão localizados numa das atuais salas de trabalho do Lx Wok Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)*



Figura 23 – Vista das atuais escadas de acesso ao sótão do LX Work Hub (Fotografia disponível na WEB: <https://www.workhub.pt/#group-5>; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida)



*Figura 24 – Vista do interior do restaurante pizzaria "Refeitório do Senhor Abel", antigo refeitório da firma Abel Pereira da Fonseca situado no piso 0 do edifício de habitação e serviços (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)*

Apesar de não pertencerem ao mesmo projeto, também os espaços do piso térreo foram reabilitados e sujeitos a novos usos. A antiga taberna da firma, onde a presença de Fernando Pessoa na altura era muito assídua, foi o único espaço em funcionamento até há pouco tempo. Esta antiga taberna funcionava no espaço central deste piso e era ladeada por mais dois amplos espaços: a loja da firma e a cantina/refeitório dos trabalhadores da antiga fábrica de vinhos.

Atualmente, o antigo espaço de loja que torneja para a Rua Amorim, pertence ao Lisbon Work Hub e tem intenções de exploração futura pela própria empresa; na antiga taberna instalou-se recentemente um bar que, por sua vez, tem acesso direto ao espaço do antigo refeitório, hoje restaurante pizzaria com o nome de “Refeitório do Senhor Abel” (Fig.32).

## REGISTOS FOTOGRÁFICOS – PASSADO vs. ATUALIDADE



*Figura 25 - Vista da Praça David Leandro da Silva e da fachada frontal do edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, em 1966 (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Augusto de Jesus Fernandes; Data: Agosto 1966)*



*Figura 26 - Vista da Praça David Leandro da Silva e da fachada frontal do edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)*

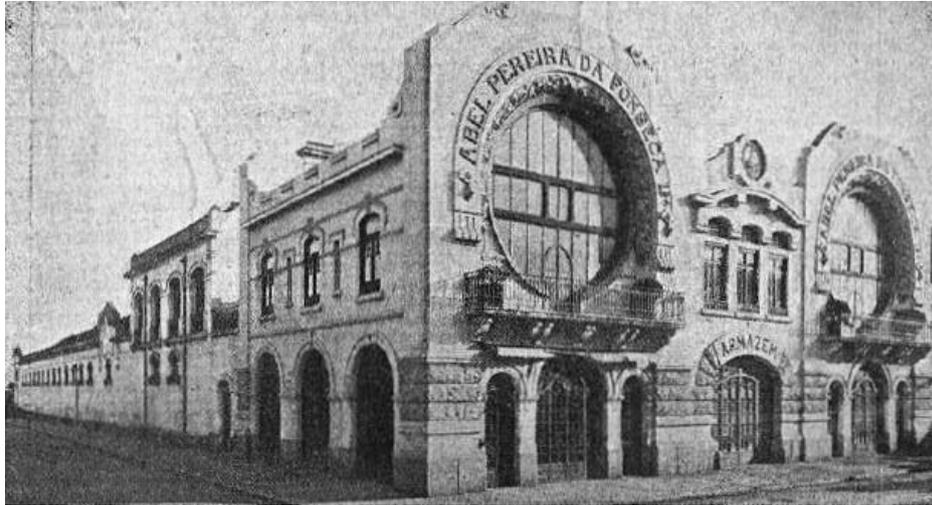


Figura 27 – Alçados lateral e frontal do edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, em 1923 (Imagem disponível na WEB: <https://abiliocoelho.webnode.pt/products/sociedade-comercial-abel-pereira-da-fonseca/>; Autoria: desconhecida; Data: 1923)



Figura 28 – Alçado lateral do edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)



Figura 29 - Vista da frente rio dos armazéns da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, sentido norte-sul, em 1942 (Imagem disponível na WEB: [https://c7.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/o4312c508/14119079\\_uZrVR.jpeg](https://c7.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/o4312c508/14119079_uZrVR.jpeg); Autoria: desconhecida; Data: 1942)



Figura 30 – Vista da frente rio dos armazéns da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, sentido norte-sul, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)



Figura 31 – Vista do interior da antiga taberna dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, no edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, em 1923 (Imagem disponível na WEB: <http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html>; Autoria: desconhecida; Data: 1923)



Figura 32 - Vista do interior da futura sala de trabalho do Lx Work Hub situada no piso 0, antiga taberna dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, no edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018) (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)





*Figura 33 – Vista do interior da Guesthouse OPO'attics (Fotografia da autora; Data: Março 2018)*

## 2.3.2 Guesthouse OPO'attics | Armazém de Carvão Campanhã, Porto



Figura 34 - Localização da freguesia de Campanhã e do edifício da Guesthouse OPO'attics  
(Diagrama elaborado pela autora sobre ortofotomapa. Fonte: Google Maps, 2015)

	<b>PRÉ-EXISTÊNCIA</b>	<b>ATUAL</b>
<b>LOCALIZAÇÃO</b>	Rua de Miraflor 121, Campanhã, Porto	
<b>DESIGNAÇÃO</b>	Armazéns de Carvão de Campanhã	Guesthouse OPO'Attics
<b>DATA DE CONSTRUÇÃO</b>	1905	2012-2015
<b>ARQUITETURA</b>	Desconhecido	Arq. Alexandre Loureiro
<b>FUNDADORES</b>	Desconhecido	Alexandre Loureiro e Sónia Costa
<b>PROGRAMA</b>	Armazenamento e comércio de carvão e cascalheira	Alojamento/Guesthouse
<b>PERÍODO DE ATIVIDADE</b>	1905-?	2015-
<b>UTILIZAÇÃO</b>	Armazenamento e comércio	Habitacional: Alojamento
<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO</b>	Degradado	Bom estado; Recente restauro na totalidade do edificado
<b>PROTEÇÃO</b>	Desconhecida/Inexistente	

*Tabela 2 - Quadro comparativo entre a pré-existência e intervenção do edificado  
(Quadro elaborado pela autora com base na entrevista realizada ao arquiteto (ver anexo A-II) e visitas realizadas ao edificado em questão)*



*Figura 35 – Imagem da ponte Maria Pia e da linha férrea que fazia o transporte de matéria prima, Porto  
(Imagem retirada do vídeo disponível na WEB:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Eu3EPCPOdKs&feature=youtu.be>; Produção: Câmara Municipal do Porto; Data: desconhecida)*

## CONTEXTO DO LUGAR

A Guesthouse OPO'attics, localiza-se na zona Campanhã, zona oriental do Porto, próxima à célebre estação ferroviária de Campanhã, tendo como sua única frente a Rua de Miraflor.

Tomando como base de informação o documentário produzido pela Câmara Municipal do Porto<sup>74</sup>, Campanhã é uma freguesia pertencente à zona oriental da cidade do Porto bastante acentuada pela evolução industrial. Através da toponímia existente pode-se concluir que é habitada desde a pré-história, tendo sido devido à sua localização próxima do rio permitindo grande pluviosidade, uma importante reserva agrícola que englobava grandes zonas de cultivo, zonas arborizadas e diversas indústrias caseiras ligadas ao setor têxtil, que acabavam por servir toda a cidade do Porto.

A configuração da freguesia acabou por ser definida e enriquecida pelo aparecimento das indústrias resultado da revolução industrial e pelos transportes, nomeadamente, a estação de Campanhã e a ponte Maria Pia (Fig. 35) construídas a par em 1877. Com este desenvolvimento, a população começou a fixar-se junto aos seus postos de trabalho, surgindo assim as chamadas ilhas. Estas ilhas identificavam-se por serem aglomerados de habitações familiares, de pequena dimensão e baixo custo, rentabilizando todos os possíveis recursos para a sobrevivência destas famílias operárias que poucas possibilidades económicas tinham.

---

<sup>74</sup> PORTO PONTO. **Freguesia #5 | Campanhã**. [Registo vídeo em linha] Porto: CMP [Consult. 7 junho 2018] Disponível em WWW: <<https://www.youtube.com/watch?v=Eu3EPCPOdKs&feature=youtu.be>>

Atualmente, com a desindustrialização da zona, Campanhã é vista através de dois pontos de vista ambíguos; por um lado, a sua génese de bairros sociais fortemente marcada não só pelo ainda funcionamento de algumas ilhas, grandes edifícios habitacionais ausentes de pensamentos organizacionais e arquitetónicos, mas também pelos edifícios industriais que caíram em esquecimento e abandono, criando assim cenários de risco para os indivíduos que habitam ou estão apenas de passagem; por outro lado, esta zona oriental da cidade começa a ser observada como potencial território de expansão da cidade pelas suas enormes potencialidades – localização, edifícios abandonados de grande porte aptos para novos usos, proximidades com o rio e estação de comboios - que ainda hoje são desprezadas mas já com visionamento gradual futuro.

## OS ARMAZÉNS DE CARVÃO

O antigo armazém de 33x6m onde esta Guesthouse está inserida, completa um conjunto de onze armazéns destinados originalmente, na era industrial, ao armazenamento e stocagem do carvão e gravilha vindos de diversos pontos do país, através do meio de transporte ferroviário.

Este conjunto de edificado, pertencia a um senhor que armazenava e vendia a retalho o carvão, com o propósito de servir não só as famílias burguesas do Porto, que necessitavam do carvão para o aquecimento das suas caldeiras, como também para as grandes indústrias que já trabalhavam com maquinaria a vapor. A gravilha tinha apenas o seu destino na construção.

O edifício caracterizava-se por ser um plano aberto, longo e estreito, com uma métrica simples de 5,5m a eixo e 33m de comprimento. Tinha três grandes portas na sua frente para a Rua de Mirafior, sendo que nas suas traseiras tinha uma grande porta que dava acesso a uma casa de banho no exterior. Todos os onze armazéns, pertencentes a uma só pessoa na altura, estavam unidos entre si, através de vãos de acesso abertos consoante as necessidades, o que resulta no desfasamento e falta de relação entre eles.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Anexo A - II – Entrevista ao arquiteto Alexandre Loureiro



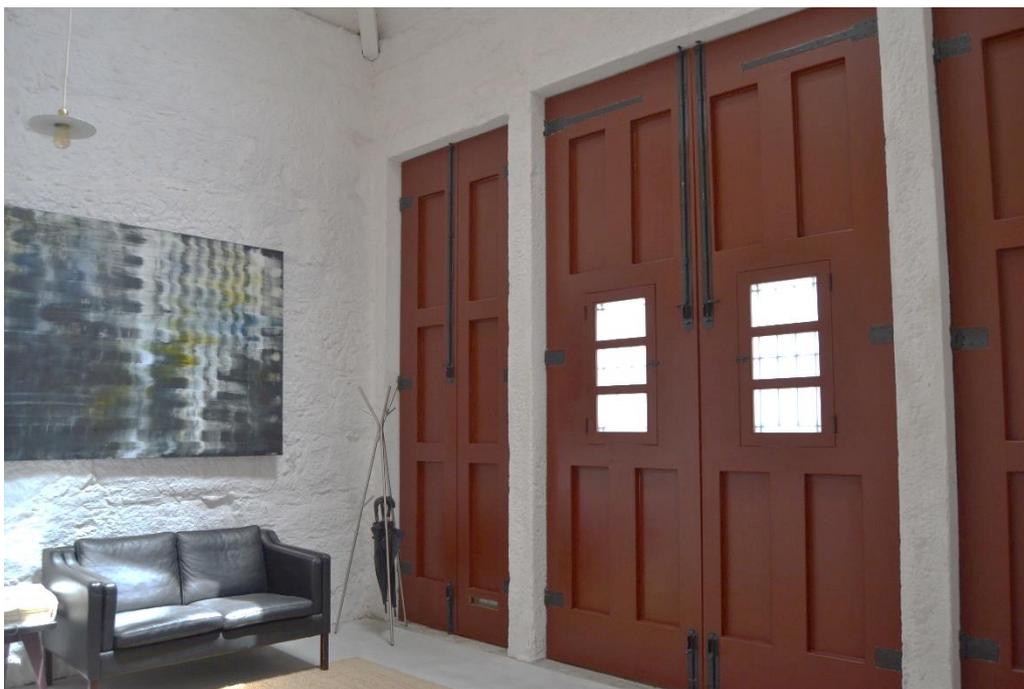
*Figura 36 – Vista do interior do armazém de carvão, atual espaço comum da Guesthouse OPO'attics (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Alexandre Loureiro; Autoria: Diana Rui; Data: Maio 2013)*

Com o decorrer do tempo, desenvolvimento da indústria e, principalmente, com o aparecimento da eletricidade, os armazéns deixaram de ter a função de armazenamento dos produtos vindos pelo meio ferroviário. Muitos foram abandonados e outros foram recebendo novos usos – fábrica de camisas, fábricas têxteis, talhos com secção de matador, oficinas de carros e motas, etc. - funcionando estes armazéns apenas como abrigo, sendo desprovidos de qualquer preocupação de adaptação ou manutenção espacial.

Este conjunto esteve ao abandono durante aproximadamente 10 anos, tendo sido as atuais galerias de arte Mira Fórum, pioneiras na apropriação de dois armazéns deste conjunto. Atualmente, todas as naves se encontram ocupadas com novos usos – galerias de arte, habitações, casa-atelier, coworking, guesthouse, estúdios – devidamente adaptadas aos mesmos pelo meio da refuncionalização.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Anexo A - II – Entrevista ao arquiteto Alexandre Loureiro



*Figura 37 – Vista da entrada da Guesthouse OPO'Attics (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)*



*Figura 38 – Vista da transição da entrada para o espaço comum da Guesthouse OPO'Attics (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)*



*Figura 39 – Vista do espaço comum da Guesthouse OPO'Attics (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)*

## SURGIMENTO DO NOVO PROGRAMA

É em 2012 e terminado em 2015, que nasce o projeto da Guesthouse pela mão do arquiteto e proprietário do espaço Alexandre Loureiro e sua mulher Sónia Costa. Vivendo há dois anos fora de Portugal, o casal decidiu voltar às origens (Porto), com a ambição de comprar um antigo armazém, um loft, e fazer dele a sua habitação, pois não se identificavam com a típica habitação comum e a ideia de uma “tela em branco” e “pintar” o que se quisessem sem grandes restrições espaciais agradava ao casal. Contudo, após terem encontrado e comprado o lote com essas características em Campanhã, surgiu a oportunidade de comprar um outro armazém no lugar onde sempre viveram e pretendiam voltar.

O projeto começa então por ser pensado e desenhado como espaço de habitação familiar e escritório para a família do próprio, porém, posteriormente acaba por sofrer uma pequena reformulação, através do acrescento de dois volumes correspondentes a quartos, passando o edifício a ter 6 quartos e uma vertente mais comercial para o simples aluguer dos quartos.

O desenho do projeto e intenções do que queriam que o espaço fosse para os outros, surge baseado nas experiências culturais de viajantes que o casal foi adquirindo, ou seja, este tipo de tipologia, permite duas circunstâncias essenciais para o sucesso do projeto – a flexibilidade dos espaços e, conseqüentemente, as dinâmicas que o espaço apresenta e cria.

O seu crescimento e sucesso, nomeadamente arquitetónico, fez com que este programa se desenvolvesse e se tornasse rapidamente numa das *guesthouses* mais procuradas da cidade do Porto, na atualidade.



*Figura 40 - Arquiteto Alexandre Loureiro (Fotografia disponível na WEB: <http://www.alexandreloureiro.com/about-2/>; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida)*

## O ARQUITETO

Alexandre Loureiro, é um jovem arquiteto portuense, graduado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Fez o seu estágio Atelier Voor Bouwkunst em Roterdão, Holanda, tendo depois colaborado com vários profissionais da área– Bernardo Rodrigues Arquitetos; Prof. Dr. Gonçalo Furtado; Paulo Providência Arquitetos Associados.

Recentemente, abre o seu atelier em nome próprio – Alexandre Loureiro Architecture Studio, pelo qual já foi distinguido pelo seu trabalho, nomeadamente, com o projeto Loft Álvares Cabral em 2016 e 2017 e com o projeto FoFoFo em 2013.

Com influências do norte da Europa, a arquitetura de A. Loureiro define-se por ser de uma leitura simples e funcional, onde procura, sempre que possível, o uso de materiais naturais e tradicionais, como é o exemplo da pedra e da madeira que acaba por ser predominante em todas as suas obras. Destes materiais, o arquiteto tenta, sempre que possível, tirar o máximo de expressão, ou seja, colocá-los à vista para que a sua textura e relação entre si sobressaia.



*Figura 41 – Núcleos de apoio às infraestruturas com nichos de apoio aos espaços (chamados de “settlements” pelo arquiteto) (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)*

## A INTERVENÇÃO | O PROJETO GUESTHOUSE OPO'ATTICS

É segundo a premissa de visionamento futuro que a refuncionalização do edifício em estudo surge. O projeto da OPO'attics, denominado LMF pelo Arquiteto, tem como princípios base a preservação do *outline* original do edifício, da cobertura com as três águas, das paredes de pedra existentes e do ambiente industrial que este transmitia. É, mais uma vez, através dos materiais escolhidos que esta continuação de ambiente industrial é mantida, como exemplo o pavimento em betão e a pedra das paredes à vista.

A ideia fundamental do espaço comum, era “tornar o espaço aberto com uma espécie de pequenas povoações, tal como os europeus fizeram quando chegaram à América, na conquista do Grande Oeste, foram fazendo pequenas povoações, pequenos assentamentos humanos até chegar ao *East Coast*”<sup>77</sup>. O primeiro *settlement*, como lhe chama o arquiteto, caracteriza-se por ser um volume que marca a entrada e suporta todas as funções de armazenamento, infraestruturas e casa de banho de serviço. Este volume introduz o espaço comum, fazendo de filtro entre a zona da entrada/receção e restantes espaços, não revelando logo todo o espaço da guesthouse. A partir deste primeiro volume, todo o espaço comum é caracterizado por vários momentos definidos pelos nichos existentes por baixo de cada “caixota” de quartos. Estes “*settlements*” correspondem a espaços de estar, espaços de refeição, partilha, convívio e espaço de cozinha, sendo que todos os nichos anteriormente referidos têm dimensões aproximadas o que facilita a (re)organização e trocas de espaços, consoante a necessidade da função, à exceção da área da cozinha por todo o tipo de infraestruturas a ela adjacentes.

---

<sup>77</sup> Anexo A - II – Entrevista ao arquiteto Alexandre Loureiro



*Figura 42 - Escadas de acesso às áreas privadas da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018)*



*Figura 43 – Vista do interior de um quarto da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018)*

Com o objetivo funcional e também de assumir o espaço, são então “penduradas as caixotas de madeira como se fossem ninhos de pássaros, sendo que cada caixota corresponde a um quarto com wc”<sup>78</sup> Estas caixotas suspensas, desenham um jogo de volumes de cheios e vazios ao longo de todo o edifício, acabando por definir e “dividir” os espaços comuns no piso inferior, através dos armários com nichos (Fig.41) que apoiam todo o tipo de infraestruturas necessárias ao funcionamento dos quartos (*settlements*) e dos limites não físicos impostos pelas linhas imaginárias da continuação dos eixos das caixotas para o piso comum.

Além destes elementos que caracterizam a área de convívio comum, os seus materiais também são elementos bastante importantes na forma como o espaço é lido e compreendido. O arquiteto pretendeu, acima de tudo realçar a importância da leitura dos materiais tradicionais e das suas próprias potencialidades como exemplifica com as vigas lameladas – *engineering woods* – que servem como material de estrutura, mas também isolante e que através de uma métrica controlada, permite, por aceleração perspética a leitura de um teto contínuo como um todo (Fig.50).

---

<sup>78</sup> Conversa informal com o arquiteto Alexandre Loureiro em Março de 2018



*Figura 44 – Detalhe da utilização dos materiais naturais - madeira e pedra (Fotografia da autora; Data: Março 2018)*

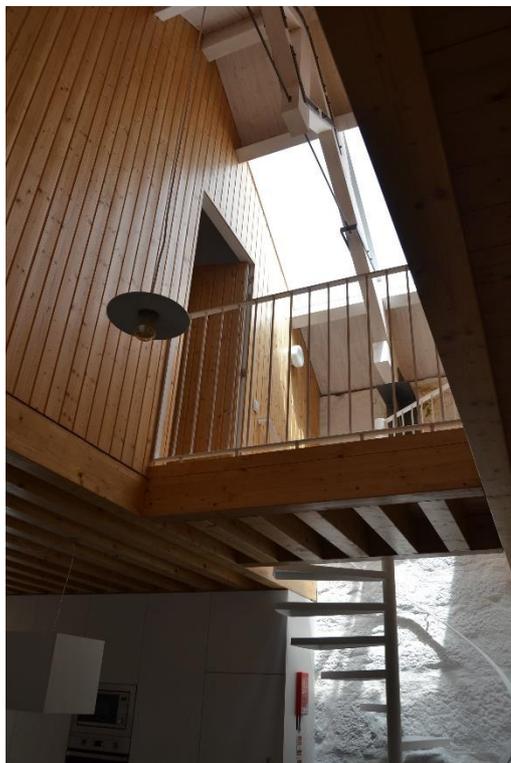
O autor reforça ainda a ideia de uma utilização coerente dos materiais naturais e tradicionais pré-existentes no edifício, aliada à utilização de materiais industriais que assumem contemporaneidade ao projeto. Ou seja, as asnas de madeira foram redesenhadas baseadas nas asnas originais, os núcleos dos quartos revestidos e construídos em madeira, a bancada da cozinha é de pedra xisto – material muito comum nas casas do Porto -, foi mantida a pedra das paredes estruturais e evidenciada através da sua textura à vista revestida com uma leitada de “argamassa pobre” de cal, saibro e cimento branco, conferindo-lhe alguma resistência estrutural e térmica.

Relativamente à utilização de materiais e técnicas não tradicionais no pavimento, que é radiante, foi utilizado betão talochado mecanicamente e na estrutura das “caixotas”, foram utilizadas vigas metálicas que auxiliam na estruturação e assentamento das vigas de madeira lamelada.

Como referido anteriormente, os quartos e casas de banho são então construídos em estrutura de madeira, com acabamentos lineares e claros para uma leitura de uma superfície contínua. As paredes, sendo de cor branca, funcionam também como *plafom* de luz, seja ela natural ou artificial, sendo que as técnicas utilizadas na sua construção foram tradicionais, à maneira da construção americana, com prumos de madeira verticais que têm umas chamadas cruces, a travar. As paredes são revestidas por placas de gesso cartonado no interior, por um forro de madeira macheado de madeira no exterior e isoladas com lã de rocha colocada entre dois painéis de OSB.<sup>79</sup> As dimensões destes espaços são condicionadas e reduzidas por serem introduzidos no meio das asnas que suportam a cobertura. Tal como nos quartos, tanto a entrada de luz como a ventilação natural no espaço comum são feitas pelos vãos existentes na cobertura.

---

<sup>79</sup> Anexo A - II – Entrevista ao arquiteto Alexandre Loureiro



*Figura 45 - "Caixotas" dos quartos e sistema construtivo com asnas de madeira recortadas e apoiadas com "cachorros" (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)*



*Figura 46 – Vão na fachada tardoz que estabelece a relação do interior com o exterior (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)*

Estruturalmente, as asnas de madeira tiveram de ser recriadas por questões de segurança e legislação em vigor. Apesar de novas, foram desenhadas consoante o desenho e funções das originais, contudo, devido à dinâmica espacial e acessibilidades associadas, existiu a necessidade de se fazerem recortes nas mesmas, mas tendo sempre em atenção a sua principal função estrutural.

Aquando do pensamento de projeto, existiu o cuidado das entradas de luz feitas pela cobertura, serem viradas a norte para um melhor controlo da luminosidade. Desta forma, tanto a luz como a sombra são constantes, sem que se criem contrastes muito grandes no interior, e sem que haja ganhos de luz e energia absurdos.

Também a fachada tardoiz (Fig. 52) teve de ser refeita devido a problemas estruturais. Aquando das obras de restauro e desmonte da fachada, a fachada e por consequência o próprio edifício começaram a ceder e a entrar em colapso. Sendo a ideia inicial retirar as pedras, numerá-las e voltar a colocar no sítio, o mesmo não foi possível por a numeração não ter sido feita, o que obrigou a uma solução alternativa e decidida em obra da construção da fachada em betão, o que posteriormente veio facilitar no desenho do grande vão, que estabelece a relação do interior com o exterior do edifício.

“Era pretendido coisas que fluíssem, que fossem adaptáveis e evolutivas com o tempo. Gostávamos que fosse amplo e genérico o suficiente para poder albergar qualquer coisa, hoje é uma Guesthouse e amanhã tem outro programa diferente, é flexível o suficiente para que isso aconteça. Não se quer nada, então ainda é mais flexível, tira-se tudo.”<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup> Anexo A - II – Entrevista ao arquiteto Alexandre Loureiro

## REGISTOS FOTOGRÁFICOS – PASSADO vs. ATUALIDADE



*Figura 47 - Vista do alçado frontal do edifício, em 2013 (Fotografia gentilmente cedida pelo autor e Arq. Alexandre Loureiro; Data: Maio 2013)*



*Figura 48 - Vista da rua de Miraflor e do alçado frontal do edifício do lado esquerdo, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)*



Figura 49 - Vista do interior do armazém de carvão, atual espaço comum da Guesthouse OPO'attics (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Alexandre Loureiro; Autoria: Diana Rui; Data: Maio 2013)



Figura 50 - Vista do espaço comum da Guesthouse OPO'attics (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



*Figura 51 - Vista do alçado tardo do edifício, em 2013 (Fotografia gentilmente cedida pelo autor e Arq. Alexandre Loureiro; Autoria: Diana Rui; Data: Maio 2013)*



*Figura 52 - Vista do alçado tardo do edifício, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Março 2018)*

## DESENHOS TÉCNICOS

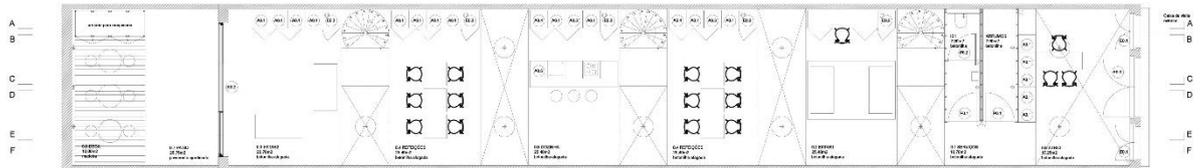


Figura 53 – Planta do piso 0 da Guesthouse OPO'Attics (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Agosto 2012)

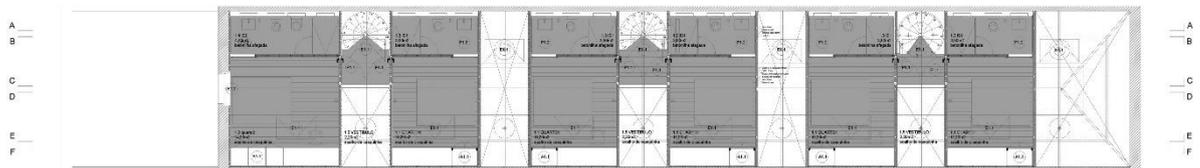


Figura 54 – Planta do piso 1 da Guesthouse OPO'Attics (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Agosto 2012)

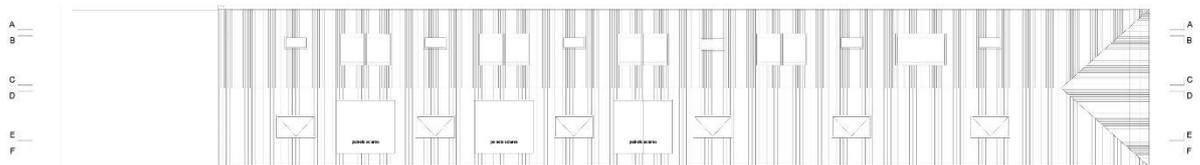


Figura 55 – Planta de cobertura da Guesthouse OPO'Attics (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Agosto 2012)

## Refuncionalização de Edifícios de Arquitetura Industrial, de Armazenamento e Comercial

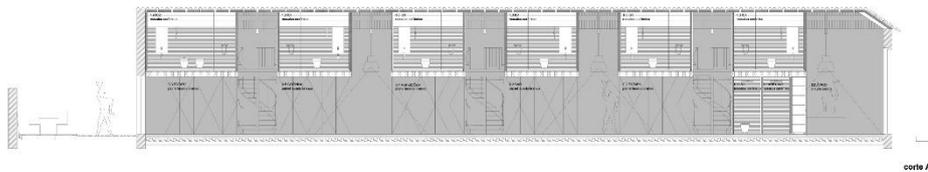


Figura 56 - Corte A (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Maio 2013)

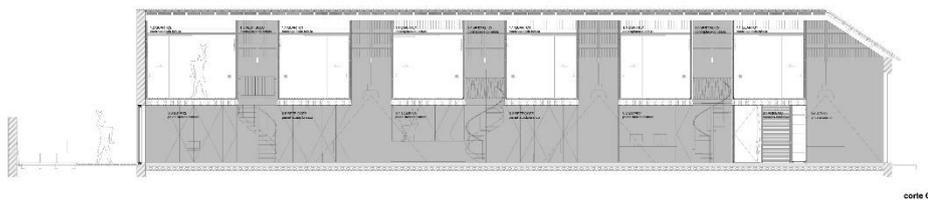


Figura 57 - Corte C (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Maio 2013)

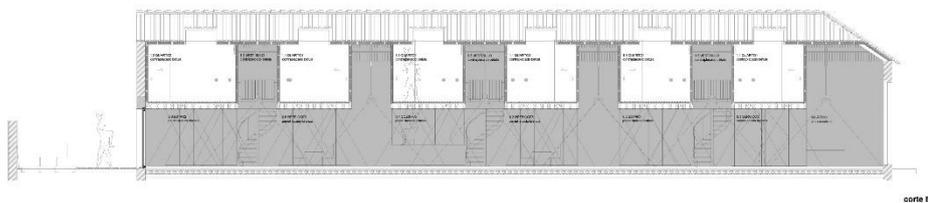


Figura 58 - Corte E (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Maio 2013)



*“We shape our buildings thereafter  
they shape us”*

*Figura 59 - Pátio exterior da Casa da Arquitectura (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves;  
Data: Novembro 2017)*

### 2.3.3 Casa da Arquitetura | Companhia Real Vinícola, Matosinhos

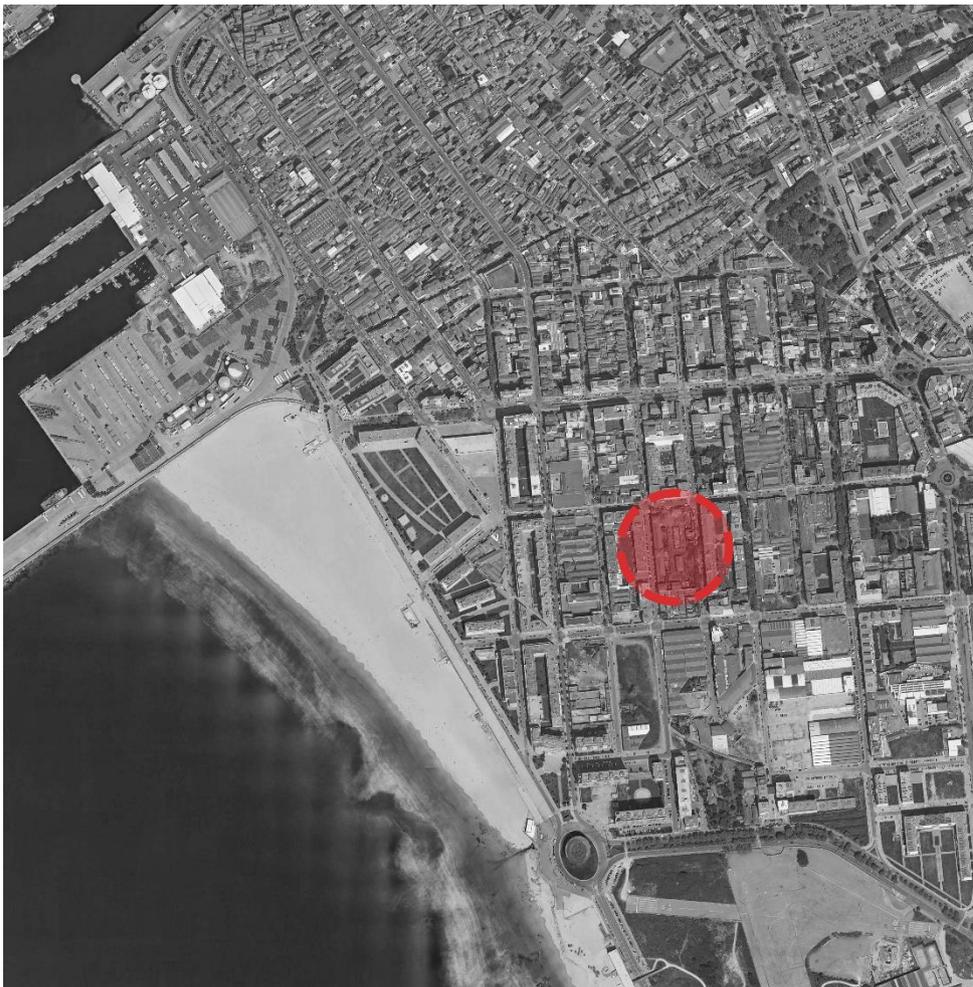


Figura 60 - Localização do quarteirão da Real Vinícola em Matosinhos Sul, Porto  
(Diagrama elaborado pela autora sobre ortofotomapa. Fonte: Google Maps, 2015)

	<b>PRÉ-EXISTÊNCIA</b>	<b>INTERVENÇÃO</b>
<b>LOCALIZAÇÃO</b>	Quarteirão Real Vinícola, Av. Menéres 456, Matosinhos Sul	
<b>DESIGNAÇÃO</b>	Real Companhia Vinícola da Zona Norte	Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura
<b>DATA DE CONSTRUÇÃO</b>	1897-1901	2015-2017
<b>ARQUITETURA</b>	Eng. António da Silva	Arq. Guilherme Machado Vaz
<b>FUNDADORES</b>	Sociedade Meneres & C <sup>a</sup>	Câmara Municipal de Matosinhos
<b>PROGRAMA</b>	Indústria Vinícola	Cultural e Recreativo
<b>PERÍODO DE ATIVIDADE</b>	1901-1930	2017-
<b>UTILIZAÇÃO</b>	Industrial, armazenamento e logística: adega	Centro de exposições e instalações de orquestra jazz
<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO</b>	Degradado	Bom estado; Recente restauro na totalidade do edificado
<b>PROTEÇÃO</b>	Monumento de Interesse Público	

*Tabela 3 – Quadro comparativo entre a pré-existência e intervenção do edificado  
(Quadro elaborado pela autora com base na ficha do SIPA – ver anexo E - II -, entrevista realizada ao arquiteto -ver anexo A - I - e visitas realizadas ao edificado em questão)*



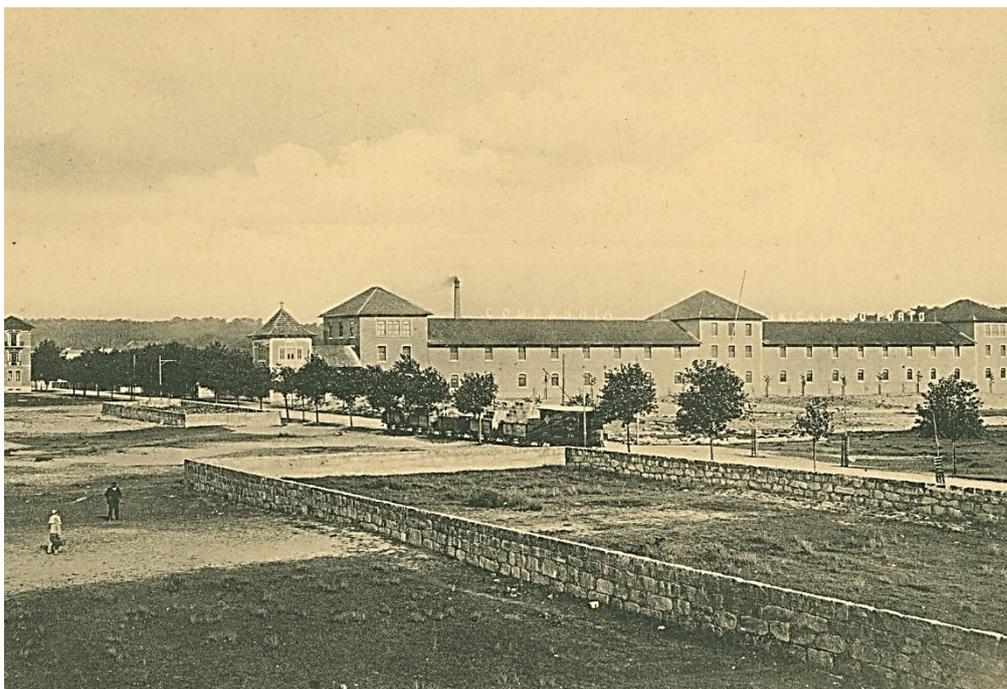
Figura 61 - Vista aérea do quarteirão da Real Vinícola antes da intervenção de 2015 (Fotografia disponível na WEB: <https://matosinhosnohorizonte.blogs.sapo.pt/>; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida)

## CONTEXTO DO LUGAR

A Casa da Arquitetura – Centro Português de Arquitetura, em Matosinhos, foi instalada nos antigos armazéns da Companhia Real Vinícola, desenhados pelo Engenheiro António da Silva em 1897 e localizados no quarteirão limitado pela Av. Menéres, pela Rua Mouzinho de Albuquerque, pela Rua de Sousa Aroso e pela Rua Dom João I.

Matosinhos é uma cidade da periferia da cidade invicta do Porto e foi, em tempos, conhecida por ser terra de pescadores e lavradores devido à sua localização, muito próxima ao mar. Esta proximidade, desencadeou uma série de indústrias no fim do século XIX, princípios do séc. XX, que acabaram por ser um marco para a história de Matosinhos Sul, visto que, nesses tempos, esta zona era meramente industrial.

Com o rápido desenvolvimento industrial, e conseqüente desindustrialização das pequenas indústrias sentida em todo o país, este território caiu no abandono e no desprezo por parte dos cidadãos. Assim, com o desenvolver do tempo e, principalmente, devido às inflações que o ramo imobiliário começa a sofrer nas grandes cidades, as periferias e antigas zonas industriais tendem a ser cada vez mais procuradas e potenciadoras de novas oportunidades de negócio, tanto na habitação como noutras áreas de comércio e serviços. Matosinhos, tal como Marvila do caso de estudo anterior, não é exceção, ainda para mais a acrescentar a sua forte relação com o mar, devido à sua proximidade.



*Figura 62 - A Real Vinícola de Matosinhos no início da sua função (Imagem disponível na WEB: <http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/>; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida)*

“Aquela zona de Matosinhos [onde está inserida a Casa da Arquitetura], foi em tempos uma zona única e exclusivamente industrial, hoje em dia é uma zona praticamente residencial e acho que é interessante uma pessoa ainda manter a memória daquilo que o espaço foi e não arrasar tudo. Há edifícios que foram alvo do plano do Arq. Siza e o Arq. Siza na altura marcou alguns edifícios que deviam ser preservados e a Real Vinícola foi um deles, sei que há outros que também foram marcados, mas que não resistiram à pressão imobiliária, de maneira que hoje em dia os edifícios industriais em Matosinhos Sul são uma exceção, portanto o que se poderem ainda salvar, recuperar e reutilizar acho que é uma mais valia para a cidade.”<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> Anexo A - I – Entrevista ao arquiteto Guilherme Vaz



Figura 63 – Edifícios da Real Vinícola em ruína (Fotografia disponível na WEB: [https://ardina.news/article/2017\\_11\\_15\\_762149411\\_espreite-aqui-a-nova-casa-da-arquitetura-que-abre-ja-esta-sexta-feira-17-em-matosinhos](https://ardina.news/article/2017_11_15_762149411_espreite-aqui-a-nova-casa-da-arquitetura-que-abre-ja-esta-sexta-feira-17-em-matosinhos); Autoria: Gilson Fernandes; Data: desconhecida)

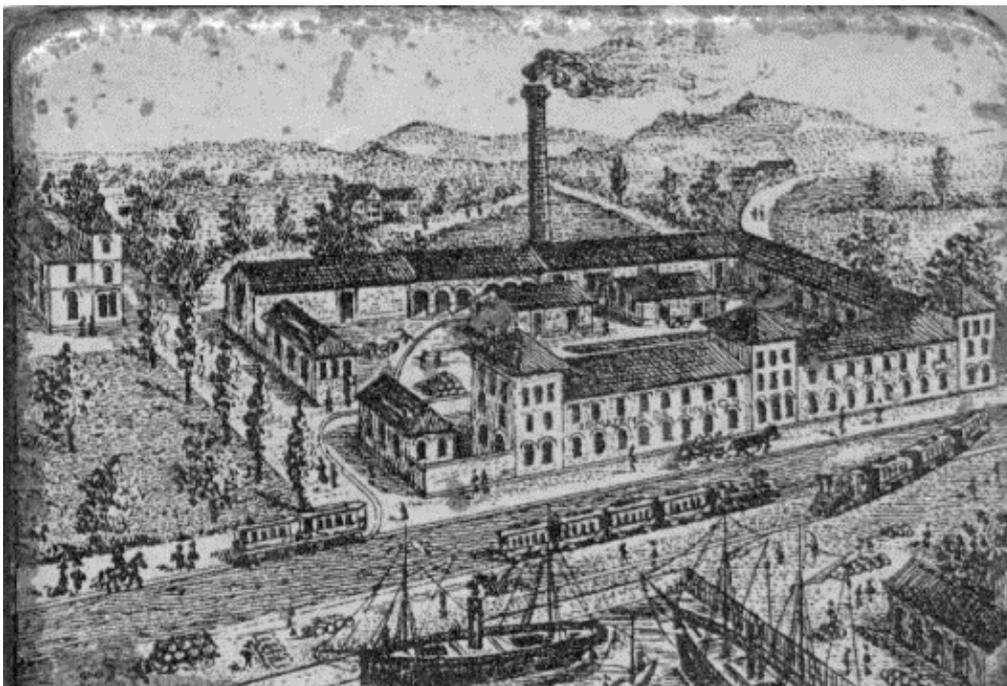
Com o objetivo de tornar esta zona atrativa e competitiva com a restante metrópole, foram pensadas várias estratégias de planeamento urbano, que se focavam no forte investimento da arquitetura e engenharia deste território. Deste modo, surge o plano de urbanização do Arq. Siza Vieira que visa, além de uma distribuição espacial mais organizada, uma “salvaguarda dos imóveis que representam importância na memória desta área da cidade, assim como da envolvente urbana de proximidade, que permita uma imagem de coerência do todo”<sup>82</sup> e assim, através da conservação, restauro e refuncionalização de muitas destas estruturas industriais, “potencializar a pluralidade de usos”<sup>83</sup> permitidas na mesmas. É então, no contexto deste plano que se insere a Casa da Arquitetura de Matosinhos que, através da conservação e restauros dos antigos armazéns, o arquiteto e autor do plano Siza Vieira “pretende manter o edifício como polo de uma praça maior “à espanhola”, propondo-se a construção de equipamentos de turismo e lazer no edifício.”<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> BARBOSA, Filipa – **Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso**. Porto: FEUP, 2015. Dissertação de mestrado. p. 11

<sup>83</sup> BARBOSA, Filipa – **Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso**. Porto: FEUP, 2015. Dissertação de mestrado. p. 11

<sup>84</sup>DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL – **Edifício da Real Companhia Vinícola**. [em linha]. Lisboa: DDCI – DGPC. [Consult. 18 junho 2018] Disponível em WWW: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/156099>>



*Figura 64 – Imagem ilustrativa da Real Companhia Vinícola em funcionamento (Fonte: BARBOSA, Filipa – Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso. Porto: FEUP, 2015. Dissertação de mestrado, p. 13; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida*

## A REAL VÍNICOLA, FUNÇÕES ORIGINAIS

A antiga Fábrica da Real Vinícola, surgiu em Matosinhos, como muitas das outras indústrias da área, pelo desenvolvimento industrial que se fez sentir na época da revolução industrial. Teve como sua impulsionadora a Sociedade Meneres & C<sup>a</sup> que, após anos de sucesso com os seus negócios no antigo Convento de Monchique, sentiu a necessidade de expansão e transferência do negócio dos vinhos e do azeite em 1897 para Matosinhos pela sua localização fora do alcance visual da fiscalização (à qual a firma tentava fugir na altura).

É em 1905 que, após a extinção da sociedade Meneres e formação a partir desta, nasce a Companhia Vinícola do Porto que, mais tarde associada à Companhia Vinícola do Norte de Portugal, resulta na Real Companhia Vinícola Portuguesa, em 1908.

O complexo de caris industrial pertencente à Real Companhia e projetado pelo Eng. António da Silva, responsável por muitos edifícios e casas existentes na zona da Foz, comporta um conjunto de armazéns que se destaca pela sua arquitetura de “soluções fortemente inspiradas nos modelos ingleses das primeiras explorações agrícolas industrializadas”<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> CASA DA ARQUITECTURA, Centro Português de Arquitectura - **Real Vinícola** [em linha]. Matosinhos: ACA. [Consult. 6 junho 2018] Disponível em WWW: <<http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/>>



*Figura 65 - Interior do quarteirão com comboio para o transporte do produto aquando do funcionamento da fábrica (Imagem disponível na WEB: <http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/>; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida)*

“Os edifícios, de planta retangular, dispõem-se a todo o perímetro do quarteirão, deixando no interior um enorme pátio, onde a linha férrea tinha o seu términus e onde se dispunham os dois armazéns/depósitos ainda existentes. Apresenta paredes em alvenaria de pedra e cobertura em telha, assente em asnas de madeira e pilares de ferro forjado no corpo principal. Não há registos de que o edifício original tenha sofrido grandes alterações ao longo dos tempos, ressaltando-se apenas uma ligeira ampliação ocorrida em 1903, de que resultou a construção de um torreão num dos extremos da fachada voltada para a Avenida Menéres.”<sup>86</sup>

Como consequência da falência da firma em 1930, as instalações foram encerradas, o que foi resultando na sua gradual degradação. Contudo, estes edifícios tiveram um papel fundamental quando se procedeu à ampliação do porto de Leixões. A necessidade subjacente da busca de terreno para essa ampliação levou à demolição de várias habitações na zona ribeirinha, ficando grande parte da população desalojada e resultando assim na ocupação dos armazéns da Real Vinícola por parte desses indivíduos. Também, anos mais tarde, após o 25 de Abril, voltou a servir de alojamento, desta vez para os retornados das ex-colónias portuguesas que regressavam ao Porto e a Matosinhos sem alojamento definido.<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup> CASA DA ARQUITECTURA, Centro Português de Arquitetura - **Real Vinícola** [em linha]. Matosinhos: ACA. [Consult. 6 junho 2018] Disponível em WWW: <<http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/>>

<sup>87</sup> Anexo A - I – Entrevista ao arquiteto Guilherme Vaz



*Figura 66 - Interior da nave principal durante a reabilitação (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: desconhecida; Data: Outubro 2015)*

## SURGIMENTO DO NOVO PROGRAMA

Estes edifícios culminam numa carga histórica muito forte para o local, pois suportam memórias de diversas comunidades e épocas a eles associados – comunidade fabril da própria fábrica; população da zona ribeirinha; retornados das ex-colónias; habitantes da zona que foram assistindo ao desenvolvimento da própria cidade, etc. Desta forma, este peso da memória aliado à boa construção, acaba por intensificar a importância da preservação deste imóvel patrimonial, nutrido de identidade local.<sup>88</sup>

Comprados pela Câmara Municipal de Matosinhos nos anos 90, os edifícios da Real Vinícola tinham seu destino original “uma espécie museu do mar”<sup>89</sup> por estarem implantados numa zona relacionada e de grande proximidade com o mesmo. Contudo, por questões logísticas, o concurso lançado por volta do ano 2000 associado a este projeto foi anulado, tendo o edifício ficado parado e esquecido até há cerca de 5 anos aquando do surgimento do projeto da Casa da Arquitetura para aquelas instalações.

Com o abandono do edificado, toda a estrutura integrante do mesmo começou a degradar-se e a prejudicar o que ainda não estava a dar de si. Sendo este conjunto de edificado classificado como Monumento de Interesse Público pela portaria nº431-B/2013, a necessidade de intervir no conjunto dos armazéns era cada vez mais evidente. Numa primeira fase, o presidente da Câmara da altura, Guilherme Pinto, decidiu proceder a obras de conservação e restauro dos armazéns, refazendo apenas as coberturas para a preservação das paredes, sem lhe dar nenhum uso específico, porém, seria uma empreitada demasiado cara sem oferecer algum uso ao edifício, acabando assim por ficar sem efeito.

---

<sup>88</sup> Anexo A - I – Entrevista ao arquiteto Guilherme Vaz

<sup>89</sup> Anexo A - I – Entrevista ao arquiteto Guilherme Vaz



Figura 68 – Vista exterior da atual nave de exposições durante as obras de reabilitação (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Dezembro 2016)



Figura 67 – Vista do interior da nave dos espaços concessionados para o exterior durante as obras de reabilitação (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Dezembro 2016)

A Casa da Arquitetura de Matosinhos foi, inicialmente, um projeto da autoria do Arquiteto Siza Vieira para a zona das docas. Seria um edifício de grande porte, com cerca de 7 pisos de altura e construído de raiz, mas, novamente, excedia o orçamento que o município teria disponível para a obra.

Assim, a ambição de uma Casa da Arquitetura em Matosinhos e a necessidade de novas instalações para a Orquestra de Jazz de Matosinhos, juntamente com a gradual degradação da Real Vinícola e a necessidade de lhe dar novos usos para rentabilização dos espaços, faz com que o projeto do arquiteto (da Câmara Municipal de Matosinhos) Guilherme Machado Vaz acabe por ser resultado de uma série de fatores, principalmente económicos, que determinaram e impulsionaram, finalmente em 2015, à refuncionalização do espaço em questão.



*Figura 69 - Arquiteto Guilherme Machado Vaz (Fotografia disponível na WEB:  
<http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/ver/2017-11-15-Espreite-aqui-a-nova-Casa-da-Arquitetura-que-abre-ja-esta-sexta-feira-17-em-Matosinhos>; A autoria: Lucília Monteiro; Data: 2017)*

## O ARQUITETO

Nascido em 1974, no Porto, Guilherme Machado Vaz licencia-se pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto em 1998 e, mesmo enquanto estudante, colabora com o Arquiteto Eduardo Souto de Moura num período de 2 anos. Desde 2000 que exerce a sua função de arquiteto na Câmara Municipal de Matosinhos e mantém, em paralelo, desde 2004, o seu próprio estúdio de arquitetura “Guilherme Machado Vaz”.<sup>90</sup>

Além da sua prática, leciona arquitetura na Universidade Lusófona do Porto e no Politécnico di Milano, foi júri do prémio FAD Architecture e foi líder de workshops na Academia do Porto (FAUP) e na Wa.ve (Veneza).

Relativamente ao reconhecimento do seu portefólio, várias das suas obras já foram evidenciadas, nomeadas e/ou vencedoras de prémios, nacional e internacionalmente. Dos seus trabalhos são vários os que se destacam, nomeadamente, no Porto, a Casa do João; em Vieira do Minho, a Casa do Vale; em Óbidos, 4 casas no Bom Sucesso; em Matosinhos, o centro cívico de Custóias, o Clube de Futebol de Custóias, a Esplanada no Jardim, o Estacionamento e a Casa de Arquitetura e Orquestra Jazz de Matosinhos na Real Adega Vinícola.

---

<sup>90</sup> GUILHERME MACHADO VAZ - **Guilherme Machado Vaz**. [em linha]. Matosinhos [Consult. 18 junho 2018] Disponível em WWW: <<http://www.guilhermemachadovaz.pt/pages/about-minimal/about/>>



*Figura 70 - Árvore pré-existente e pátio em processo de obra (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Data: Outubro 2016)*

## A INTERVENÇÃO | O PROJETO CASA DA ARQUITETURA E ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS

“O objetivo principal deste projeto foi restabelecer o equilíbrio das forças entre a natureza e o espírito humano. Um equilíbrio que passou por uma negociação com ambos. Com a natureza, que reivindica, numa luta infindável, um espaço que outrora foi seu; o espírito humano manifestado há cem anos atrás e que construiu esse espaço; e aquele que obrigatoriamente terá de se manifestar hoje e dialogar com os anteriormente referidos.”<sup>91</sup>

Segundo o arquiteto Guilherme Vaz em entrevista em anexo<sup>92</sup>, a intenção fundamental deste projeto seria a recuperação máxima dos edifícios originais, para que o seu caráter e identidade fossem devidamente preservados no seu conjunto.

Esta recuperação foi desenvolvida em torno dos desenhos originais e tentativa de reprodução de todos os elementos em falta, contudo, sempre com a noção da impossibilidade da reprodução na totalidade dos elementos de carpintaria que outrora existiam no edifício, tanto pela inexistência de maquinaria adequada como de mão de obra qualificada para tal.

---

<sup>91</sup> Texto do Arquiteto Guilherme Vaz [Consult. 18 junho 2018] Disponível em WWW: <<http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/>>

<sup>92</sup> Anexo A - I – Entrevista ao arquiteto Guilherme Vaz

Como referido anteriormente, o conjunto de edifícios é diferenciado pelas diferentes funções a que cada um corresponde, como podemos observar, mais à frente, na figura 41. O programa original e motor deste projeto de reabilitação é a Casa da Arquitetura que diz respeito a um conjunto de três edifícios:<sup>93</sup>

- Edifício da antiga administração e laboratório de análises; edifício com grande qualidade arquitetónica, melhores acabamentos, mais conforto – atual loja
- Antigo armazém de vinhos de mesa (piso inferior) – atual zona da reserva e depósito dos espólios de arquitetos; pipas e vinhos finos (piso superior) – atual espaço expositivo
- Antigo armazém de engarrafamento de vinho – atual espaço expositivo e espaço de trabalho

O restante edificado, corresponde à Orquestra de Jazz de Matosinhos (edifício Sul do conjunto que funcionava como oficina de carruagens, cavalaria, cocheira e arrecadação da Real Vinícola) e a espaços (lojas, escritórios, bar, espaço para realização de eventos) que funcionam sob concessão para uma melhor rentabilização financeira, complementação programática e dinâmica dos espaços.

A construção destes espaços comerciais, no edifício com antigas funções de carpintaria, tanoaria, cozinha dos operários e casa das máquinas, tem, mais uma vez, o princípio básico da retoma ao original com a particularidade de uma fachada. A fachada a nascente, que faz frente com a Rua Mouzinho de Albuquerque, era uma fachada cega, sem vãos. Contudo, com a criação de espaços comerciais no interior dessa nave, houve a necessidade de relacionar a envolvente urbana com as programáticas a que o edifício se propunha assumir. Deste modo, utilizando de certa forma o projeto do Convento das Bernardas, do arquiteto Souto de Moura, como referência para a abertura de vãos e manipulação da fachada, Guilherme Vaz desenha estes novos elementos, as janelas, de uma forma diferente, contemporânea e assumida para que se percebesse que eram elementos que não faziam parte do conjunto original mas que acabam por conferir uma contínua evolução do edifício que se vai

---

<sup>93</sup> BARBOSA, Filipa – **Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso**. Porto: FEUP, 2015. Dissertação de mestrado. p. 25

adaptando a cada época e a cada necessidade. Também no seu interior, esta adaptação de flexibilidade é conferida pela forma modelar de compartimentação existente, ou seja, devido às grandes dimensões da nave e inutilidade de ser utilizada com uma só função, foram criados módulos que possibilitam a abertura ou fecho dos espaços, consoante a necessidade de cada programa. Cada um destes espaços tem armários de apoio e infraestruturação associada, que vai verificando a cada espaço, facilidade na sua exploração.

O espaço que antigamente correspondia ao depósito dos vinhos transportados pelo comboio, foi adaptado e preparado para a realização de eventos. Define-se por ser um espaço “multiusos que, por ser um espaço coberto, mas ventilado, complementa todo o resto, pois permite fazer desde festas, mercados, feiras, exposições, concertos, podendo fazer muitas coisas diferentes, criando ali uma dinâmica especial e que pode relacionar-se tanto com a Casa da Arquitetura como com a orquestra de Jazz, ou algum espaço comercial que queira utilizar o espaço.”<sup>94</sup>

As atuais instalações da Orquestra Jazz de Matosinhos conferem uma mesma leitura do restante edificado pertencente ao conjunto, contudo, por terem um programa que exige outro tipo de preocupações estruturais e técnicas, a possibilidade de manter o espaço como era originalmente ficou comprometida, tendo sido, de todo o conjunto, o edifício que mais dificuldades projetuais apresentou. No interior deste, foi criada uma estrutura apoiada em micro-estacas, pois o terreno tem características areosas, algumas das paredes existentes foram reforçadas com malha metálica e betão projetado, e foi ainda construída uma nova estrutura em betão em todo o interior, que pela dificuldade de ocultação, foi decidido assumi-la por completo contrastando com o existente.

---

<sup>94</sup> Anexo A - I – Entrevista ao arquiteto Guilherme Vaz



*Figura 71 – Vista sobre o elemento de betão que contém as escadas de ligação entre pisos no interior da Casa da Arquitetura; Vista do espaço público no interior do quarteirão (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017)*

Focando-nos agora na reabilitação do edifício da Casa da Arquitetura, é de realçar a importância que o arquiteto deu à preservação e tentativa de aproximação ao desenho original da estrutura em questão. Fundamentando-se com a frase de Winston Churchill “*we shape our buildings thereafter they shape us*”, o arquiteto defende que o edifício foi dando forma à cidade e às pessoas a nível de memória e identidade pela carga histórica que suporta, pelo que a sua intervenção objetiva essa continuação de memória e evolução em termos de novas vivências para o espaço que agora foi reabilitado e refuncionalizado.<sup>95</sup>

Relativamente à qualidade espacial e estrutural, que confere grandes áreas e vãos no interior das naves e, conseqüentemente, grande flexibilidade de adequação funcional ao edifício, o arquiteto pretendeu que essa originalidade fosse mantida e respeitada, mesmo com a necessidade da colocação de novos elementos ou mesmo alterações que se prendiam com regulamentos e legislação.

Tentando que a linguagem arquitetónica do edifício não fosse perturbada, foram sendo introduzidos espaços dentro de “caixas” de madeira ou de alvenaria de tijolo que auxiliam no seu funcionamento. Estes espaços modulares, pretendem ser apenas espaços que respondem à organização e às necessidades do funcionamento atual, sendo que podem ser facilmente removidos, não interferindo com a leitura e características espaciais originais do edifício.

Estruturalmente, e exemplo da tentativa de aproximação ao original, são as asnas que suportam todas as coberturas que foram redesenhadas de forma idêntica às originais, apesar da sua construção ter sido executada de maneira diferente. Contudo, as asnas existentes no principal corpo expositivo da atual Casa da Arquitetura não apresentavam sinais significativos de degradação, não havendo a necessidade da sua substituição, mantendo-se as originais de madeira maciça.

No exterior, foram também inseridas duas caixas de betão que correspondem às escadas de ligação do piso inferior ao piso superior de exposição. A decisão da localização destes dois elementos quase escultóricos “colados” ao edifício existente, relaciona-se com a necessidade espacial que estes

---

<sup>95</sup> Anexo A - I – Entrevista ao arquiteto Guilherme Vaz



*Figura 72 - Exterior da nave de exposições. Relação dos elementos naturais existentes (árvores nos pátios) com o edificado (Fotografia da autora; Data: Maio 2018)*

elementos ocupariam dentro do edifício, ou seja, para que a regulamentação de segurança contra incêndios fosse cumprida no âmbito dos acessos, a existência de dois pontos de circulação emergente, com dimensões mínimas, era fundamental. Com o intuito de manter as características espaciais interiores e dar continuidade estrutural ao piso inferior, estas esculturas foram colocadas no exterior. Estes elementos de linguagem um pouco abstrata, acabam também, de certa forma, por marcar a contemporaneidade da intervenção, tentando sempre esta conciliação entre o existente e o novo.

Além destas duas leituras distintas, o arquiteto refere ainda que houve a preocupação de aproximar, uma terceira leitura – a natureza (Fig. 72). Durante os muitos anos de abandono do edifício, surgiram várias alterações ao mesmo, por consequência ou da ruína, ou da própria natureza que se foi apoderando dos espaços, como foi o caso das duas árvores que foram crescendo ao longo dos 80 anos de abandono das instalações. Estes dois elementos da natureza que cresceram no meio de um dos edifícios da atual Casa da Arquitetura, foram mantidos pelo arquiteto, que mostrou respeito pelos mesmos, deixando este apontamento de memória integrar o seu projeto. Além deste caráter de lembrança, estas árvores acabam por ajudar na organização espacial da nave através dos pátios que as envolvem, sendo que o primeiro pátio pertence a um espaço expositivo e o segundo pátio a espaços de trabalho relacionados com a Casa da Arquitetura.<sup>96</sup>

O quarteirão da Real Vinícola preenche um lote com 11000 m<sup>2</sup>, sendo que apenas aproximadamente 50% é correspondente a edificado<sup>97</sup>, ou seja, toda a área restante impulsiona à relação com o espaço urbano envolvente, acabando assim o projeto de Guilherme Vaz por refletir uma clara preocupação com o redesenho do espaço público, sendo muito clara a intenção de abrir o conjunto à cidade.

---

<sup>96</sup> Anexo A - I – Entrevista ao arquiteto Guilherme Vaz

<sup>97</sup> BARBOSA, Filipa – **Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso**. Porto: FEUP, 2015. Dissertação de mestrado. p. 15

## REGISTOS FOTOGRÁFICOS – PASSADO vs. ATUALIDADE



*Figura 73 – Vista do exterior da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015)*



*Figura 74 – Vista do exterior da Casa da Arquitectura, na atualidade (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017)*



*Figura 75 - Vista da entrada da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015)*



*Figura 76 - Vista da entrada da Casa da arquitectura, na actualidade (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017)*



*Figura 77 - Vista do espaço exterior da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015)*



*Figura 78 - Vista do espaço exterior da Casa da Arquitectura, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Março 2018)*



*Figura 79 - Vista do espaço exterior da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; A autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015)*



*Figura 80 - Vista do espaço exterior da Casa da Arquitetura, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Maio 2018)*



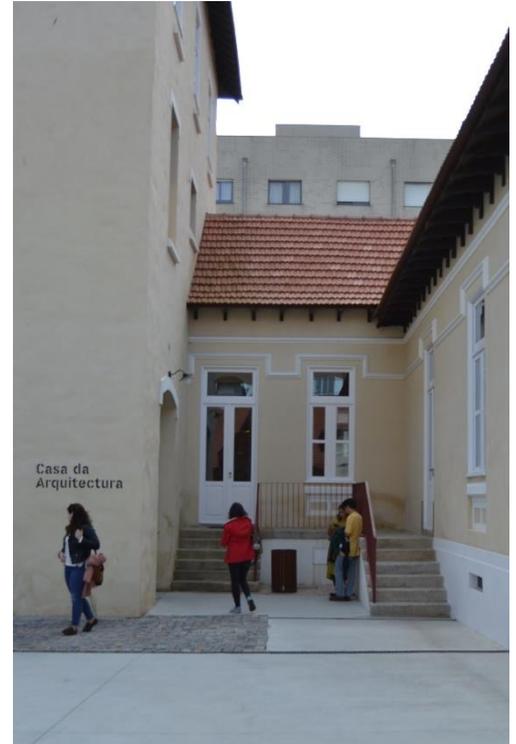
*Figura 81 - Vista parcial do alçado este de um dos armazéns da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015)*



*Figura 82 - Vista parcial do alçado este da galeria da Casa da Arquitectura, na atualidade (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017)*



*Figura 83 - Vista de um hall exterior da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015)*



*Figura 84 - Figura 83 - Vista de um hall exterior da Casa da Arquitectura, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Maio 2018)*



*Figura 85 - Interior da nave principal antes da sua reabilitação, em 2015  
(Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira  
Alves; Data: Abril 2015)*



*Figura 86 – Vista do interior da nave principal de exposições da Casa da  
Arquitetura (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria:  
Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2018)*

## DESENHOS TÉCNICOS



Figura 87 - Planta do piso 0 (Diagrama elaborado pela autora sobre desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015)

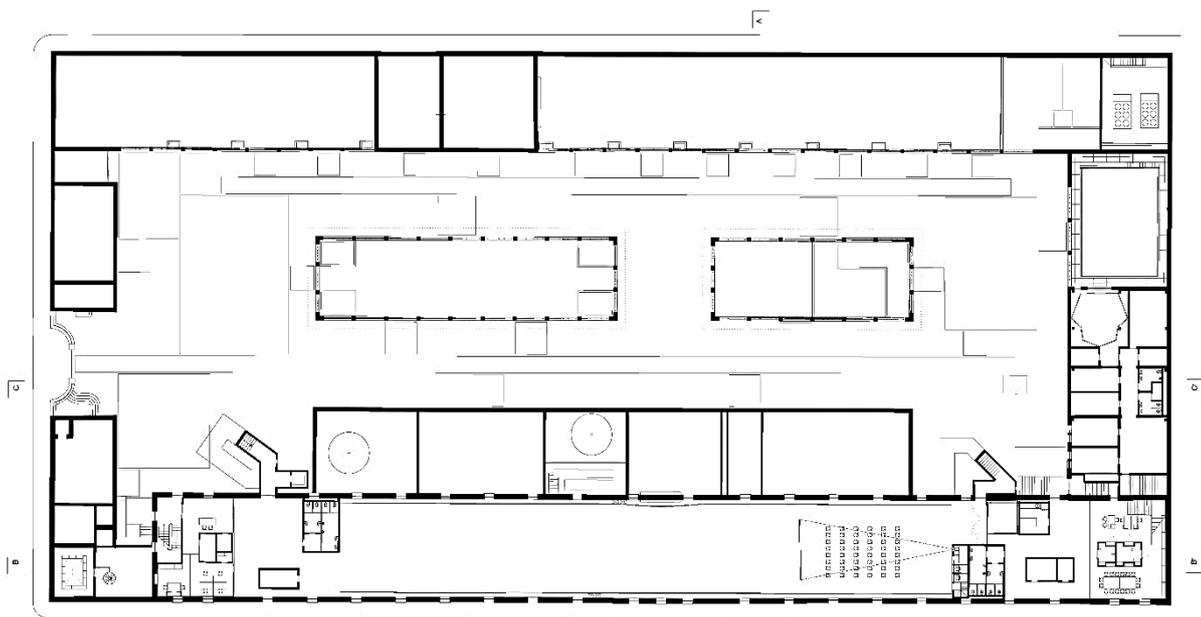


Figura 88 - Planta do piso 1 (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015)

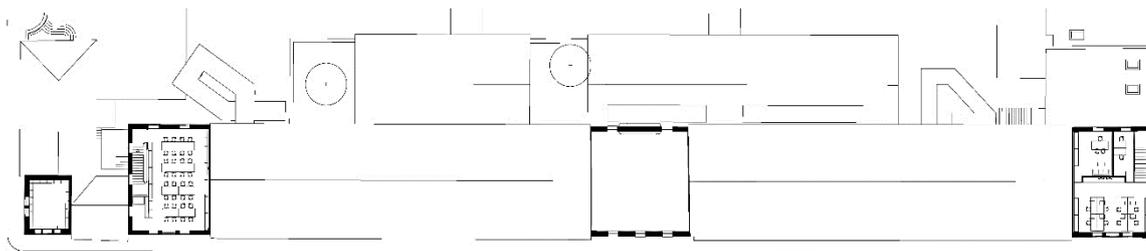


Figura 89 - Planta do piso 2 (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015)

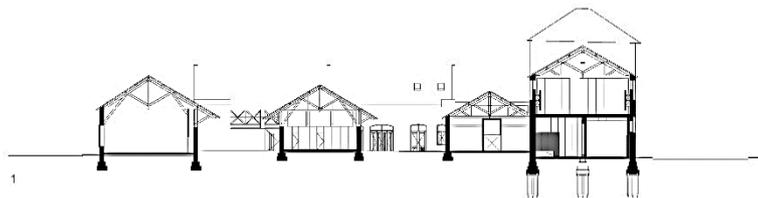


Figura 90 - Corte A-A' (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015)

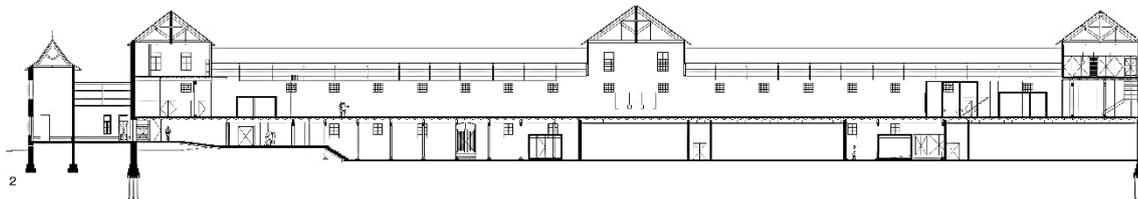


Figura 91 - Corte B-B' (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015)



Figura 92 - Corte C-C (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015)

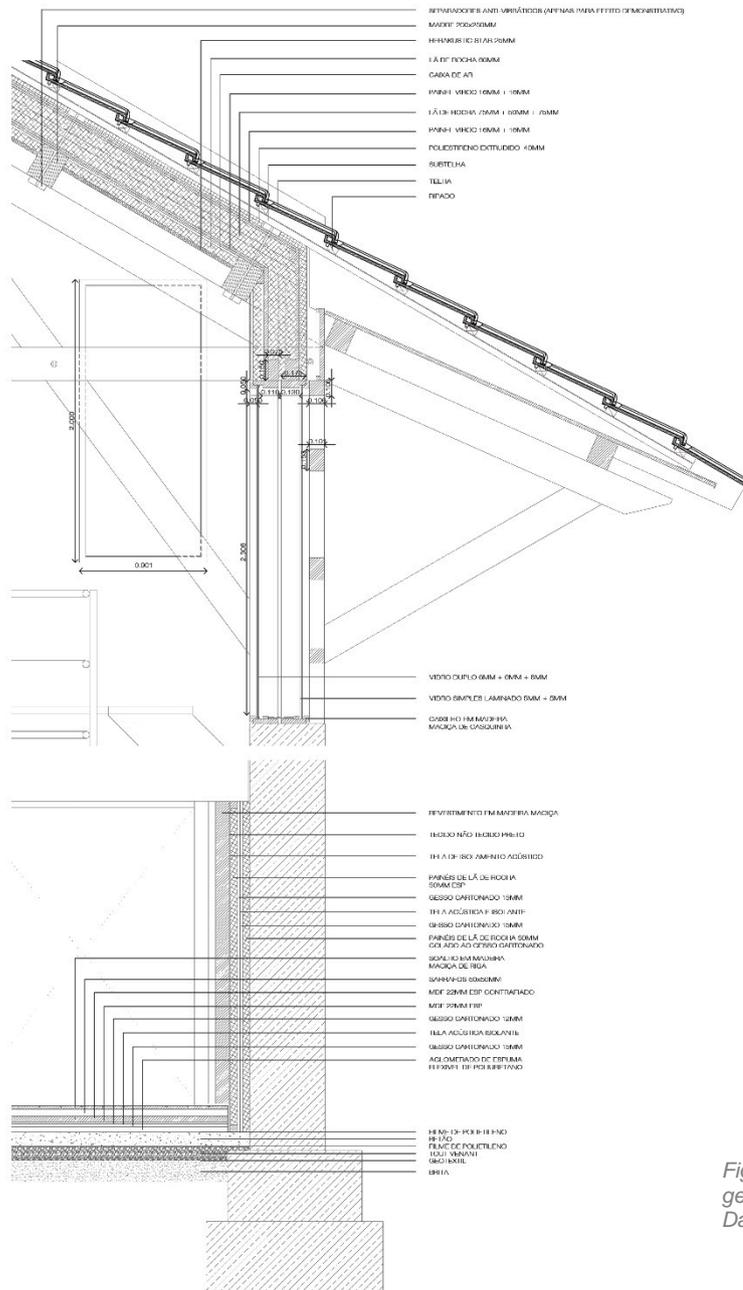


Figura 93 - Pormenor Construtivo (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015)



### 3. LIGAÇÃO VERTENTE TEÓRICA – VERTENTE PRÁTICA

Sendo o ensaio prático projetual desenvolvido no âmbito de PFA (Vertente Prática), referente à reabilitação e refuncionalização de um antigo conjunto de edificado de arquitetura de armazém e habitacional, que caiu em abandono a meados do séc. XX pelo rápido desenvolvimento da indústria, um dos objetivos fundamentais desta investigação foca-se na aplicação dos conhecimentos adquiridos no pensamento projetual.

A importância desta relação teórico-prática debate-se com a necessidade de uma perceção de entendimento sobre o verdadeiro valor deste tipo de estruturas para o lugar, para a sua comunidade e, após esse entendimento, refletir sobre as maneiras mais adequadas da preservação desse edificado. Uma das grandes opções tomadas na vertente projetual, refere-se à preservação da maioria do edificado, reabilitando-o e fazendo as alterações e ampliações necessárias para o funcionamento do novo programa. Françoise Choay, autora estudada no desenvolver deste trabalho, fundamenta também o seu discurso de conservação do edificado histórico, defendendo estratégias de preservação através da refuncionalização dos edifícios/conjuntos de edificado, pois uma das consequências destes novos usos são as novas dinâmicas que requerem a manutenção dos edifícios e dos espaços, garantindo-lhes assim continuidade.<sup>98</sup>

Além da continuidade do edificado em si e preservação da sua história, a reabilitação deste núcleo objetiva a melhoria da envolvente pelo efeito mancha de óleo referido anteriormente<sup>99</sup>. É através deste efeito que outras estruturas e espaços urbanos são positivamente afetados, sendo impulsionados a novas dinâmicas, a maior manutenção e possíveis reabilitações, resultados dos crescentes fluxos gerados pela refuncionalização de estruturas abandonadas.

---

<sup>98</sup> CHOAY, Françoise – As Questões do Património: Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70, 2015, p.52

<sup>99</sup> Ver página 60.

O novo programa que irá adaptar as antigas instalações dos armazéns da antiga fábrica de cerâmica da Vala do Carregado, corresponde a um alojamento que alberga nove quartos comuns com zona de cafetaria e uma unidade de apoio a atividades náuticas. A escolha desta programática destina-se ao público mais jovem pelo tipo de dinâmicas aí implicadas, mas pretende manter viva a identidade do lugar para os que ainda mantêm ligação e história com o mesmo. Trata-se de um lugar localizado na zona ribeirinha da Vala do Carregado, importante no século XIX pelos seus fluxos comerciais através do cais aí implantado mas que atualmente é servido apenas por um espaço de socialização meramente utilizado e em funcionamento sazonalmente e aos fins de semana, que com a devida exploração e incentivo (refuncionalização dos armazéns), é pretensioso que se torne alvo do efeito mancha de óleo criado pela intervenção em questão.

A reabilitação destes armazéns pretende dar continuidade à identidade do lugar, a zona do Corado na Vala do Carregado, através não só da preservação do existente, mas também da construção de um novo núcleo que responde às necessidades da nova programática, assumindo um papel de contemporaneidade no conjunto. Existiu a preocupação da conciliação de três leituras distintas – edificado existente, natureza existente, novo – para uma coerência espacial e histórica bem definida, ou seja, o edificado e a natureza existentes foram preservados e reabilitados o máximo possível, tentando manter sempre uma aproximação fiel à sua identidade e o novo completamente assumido, mas sem ofuscar o existente, permanecendo sempre o equilíbrio.

Apesar do edificado existente não estar classificado como património, este conjunto de armazéns é uma forte representação da evolução da arquitetura civil do século XIX para o século XX, sendo que nele estão presentes dois tipos de construção evidentes, que distinguem a época de construção de cada nave, auxiliando assim o entendimento deste conjunto, uma vez que a informação sobre o mesmo é escassa. A representação de uma arquitetura civil do séc. XIX e XX associada à história de um passado fabril aí existente, atesta a importância deste núcleo para a comunidade da Vala do Carregado que em tempos aí trabalhou, quer nos armazéns da fábrica de cerâmica, quer no transporte de vinhos e pedra feitos através do cais, ou simplesmente sempre teve aquele cenário de

grande escala como paisagem quando praticava atividades de laser no rio, sendo também desta forma a sua reabilitação sustentada por esta ligação e respeito à identidade e história do lugar.

Os exemplos que serviram como casos de estudo foram também fundamentais para as escolhas de projeto. As entrevistas realizadas aos autores dos projetos estudados, as visitas aos edifícios e a análise dos desenhos trouxeram um melhor entendimento do edifício em questão e tornaram mais conscientes algumas das opções tomadas no projeto subsequente, nomeadamente o funcionamento estrutural das asnas de madeira, o funcionamento de alvenarias de pedra/mista e seu reforço estrutural, os vãos abertos na cobertura, orientados a norte para melhor eficiência energética, relações de uma arquitetura existente com gestos contemporâneos, contraste de materiais naturais com materiais associados à indústria, problemas estruturais, problemas em obra, passagens de infraestruturas fundamentais para o funcionamento do edifício, etc.

É segundo as premissas referidas anteriormente, que é proposto o novo programa de alojamento e unidade de apoio a atividades náuticas nos antigos armazéns de carvão e antiga habitação no Corado, Vala do Carregado. As transformações feitas procuram evitar grandes discrepâncias em relação ao original, de modo a que a identidade do lugar e os valores imateriais ali assentes e presentes não sejam comprometidos e afetados, na tentativa de respeitar o discurso que o próprio conjunto de edifícios vai ditando.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metodologias selecionadas permitiram um conhecimento teórico-prático capaz de responder aos principais objetivos deste trabalho:

- A compreensão das definições do conceito de património através do quadro conceptual de Laurajane Smith e Françoise Choay – L. Smith não aprofunda o tema da conservação do edificado patrimonial, mas considera abusador o uso do património na atualidade para uso turístico, defendendo que esse uso distorce a verdade da história através da adaptação ao gosto do turista com objetivos consumistas. Desta forma, a visão que este trabalho toma e defende, vai de acordo com a visão de F. Choay que assume uma visão mais conservadora do edificado considerando que apenas ações de conservação e refuncionalização permitem a continuação da manutenção deste, e consequentemente da sua história;

- A abordagem à problemática da degradação e abandono de edifícios de natureza industrial, que se considera ser uma problemática recorrente na atualidade, passa despercebida por muitos. Apesar do fator de degradação e abandono das estruturas industriais servir de íman para muitos problemas, como a desvalorização territorial e a criação de cenários de risco, acredita-se que estes problemas são facilmente combatíveis e abafados face às potencialidades que estas estruturas têm após a sua reabilitação e regeneração urbana envolvente, como é provado e afirmado pela análise dos casos estudados no desenvolvimento deste trabalho: espaço de coworking Lisbon Work Hub em Lisboa, guesthouse OPO'attics no Porto e Casa da Arquitetura em Matosinhos.

Construídas inicialmente com o único objetivo de albergar grandes quantidades de maquinarias, grandes quantidades de matérias e produtos, e ter amplitude espacial para fácil manobra e manuseamento, as estruturas industriais, de armazenamento e comercialização obsoletas e abandonadas, revelam oportunidades múltiplas quando são aplicadas ações de conservação, restauro e refuncionalização.

Muitos são os fatores considerados fundamentais e responsáveis pela importância destas estruturas, dos quais se destacam: a história e a identidade que o edifício transmite sobre o lugar e a comunidade, o seu valor arquitetônico e as características atemporais e espaciais que apenas estas tipologias comportam.

Este tipo de edifícios transborda história, identidade e tradição em todos os seus cantos e linhas, permitindo uma leitura do seu historial desde a época em que foi construído até à última comunidade fabril que nele trabalhou e/ou viveu. Perante esta premissa, considera-se importante a sua continuação através da refuncionalização com enfoque no envolvimento da comunidade, pois apenas as comunidades que aí viveram têm a capacidade da transmissão do conhecimento do passado, por experienciá-lo e testemunhá-lo em primeira mão, ou, por outro lado, aqueles que a tradição já tivera sido passada pelas gerações anteriores. Desta forma, reabilitar estes edifícios e dar-lhes novos usos, pode resultar no impulsionamento de encontros geracionais e transmissão de tradições, culturas e costumes através da história contada pelos seus cenários singulares.

Considera-se a atribuição do valor arquitetônico destas tipologias pelas técnicas utilizadas (muitas já inexistentes), pelos materiais escolhidos, pela riqueza ornamental, pelos caixilhos, pelo desenho dos vãos, pelo desenho da estrutura e do próprio espaço. Conseguem-se observar através destes cenários traços de uma arquitetura singular, marcada pela rápida e crescente evolução tecnológica, que rapidamente se transformam em lições de arquitetura.

As características atemporais e espaciais formam um conjunto de atributos fundamentais que motivam a conservação, reabilitação e refuncionalização destas estruturas. São estas características que permitem a adaptabilidade de quaisquer novas funções ao edifício, sem que sejam forçadas grandes intervenções, criando conseqüentemente novas dinâmicas espaciais no seu contexto local.

A refuncionalização expressa um ato de mudança de uso e funções numa determinada estrutura resultando, na maioria dos casos, num pensamento projetual colaborante com a pré-existência dessa mesma estrutura. Esta ação impulsiona a continuidade e/da memória do lugar anteriormente referida e desencadeia uma série de conseqüências positivas na sua envolvente através

de um efeito tipo mancha de óleo, onde o edifício refuncionalizado é caracterizado pelo óleo que cai sobre uma “tela” e se vai espalhando pela “urbe” em seu redor, contaminando o que aí existe com novas vivências e novas dinâmicas espaciais.

A análise dos três casos de estudo - Lisbon Work Hub em Lisboa, guesthouse OPO’attics no Porto e Casa da Arquitetura em Matosinhos - são afirmações e exemplos práticos do estudo teórico feito previamente na presente investigação. Em todos os casos são evidenciadas as variadas vantagens da reabilitação e refuncionalização do edifício, nomeadamente preocupações em manter os edifícios o mais próximo da sua identidade original possível, preocupações com o redesenho do espaço público (Casa da Arquitetura), mínima intervenção necessária de modo a manter o que é original e de raiz (Lx Work Hub), conciliação e reconhecimento do contemporâneo, respeito pelas pré-existências, etc.

Através das vistas feitas aos edifícios em questão, conseguiu-se observar, identificar, presenciar e sentir todas as preocupações e intenções que os seus autores ambicionavam e pretendiam para aqueles edifícios e para aqueles espaços. As cores, as texturas, os materiais, as linhas contemporâneas em conciliação com as existentes, os ambientes industriais misturados com os novos ambientes habitacionais, recreativos e culturais - tudo é possível de se sentir e compreender dentro destes espaços. É de notar também os efeitos que a reabilitação e refuncionalização destes edifícios tiveram, perante a sua envolvente. Em todos os casos, é clara a diferença entre o antes e o depois das intervenções propriamente ditas, ou seja, estas intervenções conseguiram atingir relevâncias tais para o local, que a sua envolvente, antes desprezada e descuidada, se tornou alvo de novos planeamentos intervencionais – edificado e urbano - consequência dos novos fluxos resultantes das intervenções estudadas.

Do mesmo modo que as visitas se consideram importantes na perceção das dinâmicas criadas por estas intervenções, as entrevistas realizadas, feitas apenas a dois dos autores dos projetos mencionados, foram fundamentais para o entendimento de diferentes pontos de vista sobre a refuncionalização das tipologias em questão, através da discussão de ideologias, pensamentos,

referências projetuais onde os principais objetivos da reabilitação e refuncionalização são aplicados ou não e explicação das escolhas, métodos e técnicas utilizadas nos seus projetos ou possíveis alternativas.

Além de comprovarem todas as premissas referidas ao longo do trabalho, estes estudos de caso revelaram-se fundamentais e fulcrais para que as decisões e opções tomadas na prática projetual, presente na segunda parte deste caderno, fossem cientes e as mais adequadas.

Em suma, sublinha-se a relevância da consciencialização sobre uma nova realidade de sustentabilidade na construção, onde é necessário e essencial o aproveitamento de recursos, utilizando estruturas existentes com grandes potencialidades e oportunidades para novos usos. Considera-se assim, extremamente importante, para um desenvolvimento e crescimento das urbes, evitar problemas de sobrelotações e de gastos incontroláveis e desnecessários. É o passado a ferramenta que define o presente e o futuro destes lugares.

## INDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Cidade industrial do condado de Staffordshire, Inglaterra, no séc. XIX. (Imagem disponível na WEB: <a href="http://marcosbau.com.br/geobrasil-2/1434-2/urbanizacao-no-mundo/">http://marcosbau.com.br/geobrasil-2/1434-2/urbanizacao-no-mundo/</a> ; Autoria: Desconhecida; Data: Desconhecida) .....	40
Figura 2 - Feira de gado no antigo Campo 28 de Maio. Edifício: Antiga “Fábrica de Lanifícios do Campo Grande”, atual Universidade Lusófona de Lisboa. (Fotografia disponível na WEB: <a href="http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/11/campo-grande-376.html">http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/11/campo-grande-376.html</a> ; Autoria: Charles Chusseau-Flaviens in George Eastman House; Data: Ant. 1902) .....	45
Figura 3 – Exemplo da vida fabril, Londres (Disponível na WEB: <a href="https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/sewing-workshop-hamptons-munitions-works-fotografia-de-not%C3%ADcias/464417257">https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/sewing-workshop-hamptons-munitions-works-fotografia-de-not%C3%ADcias/464417257</a> ; Autoria: Bedford Lemere and Company; Data: 1914-1918) .....	50
Figura 4 – Vista que coloca em evidência as características estruturais amplas e flexibilidade espacial dos edifícios industriais. Interior da Real Companhia Vinícola em Matosinhos (Fotografia cedida gentilmente pelo Arquiteto Guilherme Vaz; Autoria: Desconhecida; Data: Desconhecida).....	55
Figura 5 – Instalações da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca. Rua Amorim (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Desconhecida; Data: 1923).....	65
Figura 6 – Localização da freguesia de Marvila e do edifício do Lisbon Work Hub (Diagrama elaborado pela autora sobre ortofotomapa. Fonte: Google Maps, 2015).....	66
Figura 7 – Vista atual da Praça David Leandro da Silva com edifícios da firma Abel Pereira da Fonseca no lado direito (Fotografia disponível na WEB: <a href="https://www.agendalx.pt/2018/07/16/caminho-do-orient-e-i-do-poco-do-bispo-a-marvila-antiga/">https://www.agendalx.pt/2018/07/16/caminho-do-orient-e-i-do-poco-do-bispo-a-marvila-antiga/</a> ; Autoria: Humberto Mouco; Data: 2018).....	68
Figura 8 – Ambiente rural existente no Poço do Bispo em 1990 (Imagem retirada do vídeo disponível na WEB: <a href="https://arquivos.rtp.pt/conteudos/poco-do-bispo/">https://arquivos.rtp.pt/conteudos/poco-do-bispo/</a> ; Autoria/Produção: Maria Cecília, RTP; Data: 1990) .....	70
Figura 9 - Vista aérea do espólio de armazéns da Soc. Comercial Abel Pereira da Fonseca, no Poço do Bispo, Marvila (Fonte: MADEIRA, Bruno - Novos destinos para edifícios industriais.	

	Reconversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca. Lisboa: ULHT, 2014. Dissertação de Mestrado, p. 89; Autoria: desconhecida; Data: 1950).....	72
Figura 10 – Vista frente rio dos armazéns da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca com cais privativo da firma, sentido sul-norte (Imagem disponível na WEB: <a href="http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html">http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html</a> ; Autoria: desconhecida; Data: 1945) .....		74
Figura 11 – Vista do interior de um dos armazéns Abel Pereira da Fonseca (Imagem disponível na WEB: <a href="https://www.flickr.com/photos/biblarte/3276526664">https://www.flickr.com/photos/biblarte/3276526664</a> ; Autoria: Mário Novais; Data: 1927).....		76
Figura 12 - Planta do piso superior do edifício de habitação e serviços (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Arq. Norte Júnior; Data: 1917) .....		80
Figura 13 - Alçado frontal do edifício de habitação e serviços (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Arq. Norte Júnior; Data: 1917).....		80
Figura 14 - Alçado lateral do edifício de habitação e serviços (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Arq. Norte Júnior; Data: 1917).....		81
Figura 15 - Corte transversal. Edifício de habitação e serviços (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Arq. Norte Júnior; Data: 1917) .....		81
Figura 16 – Vista do interior da atual sala de eventos de Lx Work Hub, antiga sala de provas de vinho da firma Abel Pereira da Fonseca (Fotografia disponível na WEB: <a href="https://www.workhub.pt/#group-9">https://www.workhub.pt/#group-9</a> ; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida) .....		82
Figura 17 – Vista das escadas interiores de acesso ao piso superior do edifício onde funciona o Lx Work Hub, espaço do antigo pátio existente entre os armazéns e o edifício de habitação e serviços (Fotografia disponível na WEB: <a href="https://www.workhub.pt/#group-12">https://www.workhub.pt/#group-12</a> ; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida).....		84
Figura 18 - Vista do corredor que dá acesso aos escritórios do Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....		86
Figura 19 - Arquitecta Maria Manuel Alvarez (Fotografia disponível na WEB: <a href="http://transparencias.info/2008_files/fev2008_02_home.html">http://transparencias.info/2008_files/fev2008_02_home.html</a> ; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida) .....		87

Figura 20 - Vista do interior da futura sala de trabalho do Lx Work Hub situada no piso 0, antiga taberna da firma Abel Pereira da Fonseca (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....	88
Figura 21 - Vista do interior do sótão correspondente ao espaço de trabalho partilhado do Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....	90
Figura 22 - Antigas escadas de acesso ao sótão localizados numa das atuais salas de trabalho do Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....	92
Figura 23 – Vista das atuais escadas de acesso ao sótão do LX Work Hub (Fotografia disponível na WEB: <a href="https://www.workhub.pt/#group-5">https://www.workhub.pt/#group-5</a> ; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida).....	93
Figura 24 – Vista do interior do restaurante pizzaria "Refeitório do Senhor Abel", antigo refeitório da firma Abel Pereira da Fonseca situado no piso 0 do edifício de habitação e serviços (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....	94
Figura 25 - Vista da Praça David Leandro da Silva e da fachada frontal do edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, em 1966 (Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa; Autoria: Augusto de Jesus Fernandes; Data: Agosto 1966) .....	96
Figura 26 - Vista da Praça David Leandro da Silva e da fachada frontal do edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018) .....	96
Figura 27 – Alçados lateral e frontal do edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, em 1923 (Imagem disponível na WEB: <a href="https://abiliocoelho.webnode.pt/products/sociedade-comercial-abel-pereira-da-fonseca/">https://abiliocoelho.webnode.pt/products/sociedade-comercial-abel-pereira-da-fonseca/</a> ; Autoria: desconhecida; Data: 1923) .....	97
Figura 28 – Alçado lateral do edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018) .....	97
Figura 29 - Vista da frente rio dos armazéns da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, sentido norte-sul, em 1942 (Imagem disponível na WEB: <a href="https://c7.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/o4312c508/14119079_uZrVR.jpeg">https://c7.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/o4312c508/14119079_uZrVR.jpeg</a> ; Autoria: desconhecida; Data: 1942) .....	98
Figura 30 – Vista da frente rio dos armazéns da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, sentido norte-sul, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....	98
Figura 31 – Vista do interior da antiga taberna dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, no edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior, em 1923 (Imagem disponível na WEB:	

<p><a href="http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html">http://restosdecoleccion.blogspot.com/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html</a>;                  Autoria: desconhecida; Data: 1923) .....</p>	99
<p>Figura 32 - Vista do interior da futura sala de trabalho do Lx Work Hub situada no piso 0, antiga taberna dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, no edifício desenhado pelo Arq. Norte Júnior (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018) (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....</p>	99
<p>Figura 33 – Vista do interior da Guesthouse OPO'attics (Fotografia da autora; Data: Março 2018) .....</p>	101
<p>Figura 34 - Localização da freguesia de Campanhã e do edifício da Guesthouse OPO'attics .....</p>	102
<p>Figura 35 – Imagem da ponte Maria Pia e da linha férrea que fazia o transporte de matéria prima, Porto (Imagem retirada do vídeo disponível na WEB: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Eu3EPCPOdKs&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=Eu3EPCPOdKs&amp;feature=youtu.be</a>; Produção: Câmara Municipal do Porto; Data: desconhecida) .....</p>	104
<p>Figura 36 – Vista do interior do armazém de carvão, atual espaço comum da Guesthouse OPO'attics (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Alexandre Loureiro; Autoria: Diana Rui; Data: Maio 2013) .....</p>	108
<p>Figura 37 – Vista da entrada da Guesthouse OPO'Attics (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018) .....</p>	110
<p>Figura 38 – Vista da transição da entrada para o espaço comum da Guesthouse OPO'Attics (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....</p>	111
<p>Figura 39 – Vista do espaço comum da Guesthouse OPO'Attics (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018) .....</p>	112
<p>Figura 40 - Arquiteto Alexandre Loureiro (Fotografia disponível na WEB: <a href="http://www.alexandreloureiro.com/about-2/">http://www.alexandreloureiro.com/about-2/</a>; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida) .....</p>	114
<p>Figura 41 – Núcleos de apoio às infraestruturas com nichos de apoio aos espaços (chamados de “settlements” pelo arquiteto) (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....</p>	116
<p>Figura 42 - Escadas de acesso às áreas privadas da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018) .....</p>	118
<p>Figura 43 – Vista do interior de um quarto da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018) .....</p>	118
<p>Figura 44 – Detalhe da utilização dos materiais naturais - madeira e pedra (Fotografia da autora; Data: Março 2018) .....</p>	120

Figura 45 - "Caixotas" dos quartos e sistema construtivo com asnas de madeira recortadas e apoiadas com "cachorros" (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....	122
Figura 46 – Vão na fachada tardoz que estabelece a relação do interior com o exterior (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018) .....	122
Figura 47 - Vista do alçado frontal do edifício, em 2013 (Fotografia gentilmente cedida pelo autor e Arq. Alexandre Loureiro; Data: Maio 2013) .....	124
Figura 48 - Vista da rua de Mirafior e do alçado frontal do edifício do lado esquerdo, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....	124
Figura 49 - Vista do interior do armazém de carvão, atual espaço comum da Guesthouse OPO'attics (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Alexandre Loureiro; Autoria: Diana Rui; Data: Maio 2013).....	125
Figura 50 - Vista do espaço comum da Guesthouse OPO'attics (Fotografia da autora; Data: Março 2018) ..	125
Figura 51 - Vista do alçado tardoz do edifício, em 2013 (Fotografia gentilmente cedida pelo autor e Arq. Alexandre Loureiro; Autoria: Diana Rui; Data: Maio 2013) .....	126
Figura 52 - Vista do alçado tardoz do edifício, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Março 2018) .....	126
Figura 53 – Planta do piso 0 da Guesthouse OPO'Attics (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Agosto 2012) .....	127
Figura 54 – Planta do piso 1 da Guesthouse OPO'Attics (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Agosto 2012) .....	127
Figura 55 – Planta de cobertura da Guesthouse OPO'Attics (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Agosto 2012) .....	127
Figura 56 - Corte A (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Maio 2013).....	128
Figura 57 - Corte C (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Maio 2013).....	128
Figura 58 - Corte E (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Alexandre Loureiro; Data: Maio 2013).....	128
Figura 59 - Pátio exterior da Casa da Arquitetura (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017).....	129
Figura 60 - Localização do quarteirão da Real Vinícola em Matosinhos Sul, Porto.....	130

Figura 61 - Vista aérea do quarteirão da Real Vinícola antes da intervenção de 2015 (Fotografia disponível na WEB: <a href="https://matosinhosnohorizonte.blogs.sapo.pt/">https://matosinhosnohorizonte.blogs.sapo.pt/</a> ; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida) .....	132
Figura 62 - A Real Vinícola de Matosinhos no início da sua função (Imagem disponível na WEB: <a href="http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/">http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/</a> ; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida) .....	134
Figura 63 – Edifícios da Real Vinícola em ruína (Fotografia disponível na WEB: <a href="https://ardina.news/article/2017_11_15_762149411_espreite-aqui-a-nova-casa-da-arquitetura-que-abre-ja-esta-sexta-feira-17-em-matosinhos">https://ardina.news/article/2017_11_15_762149411_espreite-aqui-a-nova-casa-da-arquitetura-que-abre-ja-esta-sexta-feira-17-em-matosinhos</a> ; Autoria: Gilson Fernandes; Data: desconhecida) .....	136
Figura 64 – Imagem ilustrativa da Real Companhia Vinícola em funcionamento (Fonte: BARBOSA, Filipa – Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso. Porto: FEUP, 2015. Dissertação de mestrado, p. 13; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida .....	138
Figura 65 - Interior do quarteirão com comboio para o transporte do produto aquando do funcionamento da fábrica (Imagem disponível na WEB: <a href="http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/">http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/</a> ; Autoria: desconhecida; Data: desconhecida) .....	140
Figura 66 - Interior da nave principal durante a reabilitação (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: desconhecida; Data: Outubro 2015) .....	142
Figura 67 – Vista do interior da nave dos espaços concessionados para o exterior durante as obras de reabilitação (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Dezembro 2016) .....	144
Figura 68 – Vista exterior da atual nave de exposições durante as obras de reabilitação (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Dezembro 2016) .....	144
Figura 69 - Arquiteto Guilherme Machado Vaz (Fotografia disponível na WEB: <a href="http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/ver/2017-11-15-Espreite-aqui-a-nova-Casa-da-Arquitetura-que-abre-ja-esta-sexta-feira-17-em-Matosinhos">http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/ver/2017-11-15-Espreite-aqui-a-nova-Casa-da-Arquitetura-que-abre-ja-esta-sexta-feira-17-em-Matosinhos</a> ; Autoria: Lucília Monteiro; Data: 2017) .....	146

Figura 70 - Árvore pré-existente e pátio em processo de obra (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Data: Outubro 2016).....	148
Figura 71 – Vista sobre o elemento de betão que contém as escadas de ligação entre pisos no interior da Casa da Arquitetura; Vista do espaço público no interior do quarteirão (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017) .....	152
Figura 72 - Exterior da nave de exposições. Relação dos elementos naturais existentes (árvores nos pátios) com o edificado (Fotografia da autora; Data: Maio 2018).....	154
Figura 73 – Vista do exterior da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015) .....	156
Figura 74 – Vista do exterior da Casa da Arquitectura, na atualidade (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017) .....	156
Figura 75 - Vista da entrada da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015) .....	157
Figura 76 - Vista da entrada da Casa da arquitectura, na atualidade (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017) .....	157
Figura 77 - Vista do espaço exterior da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015) ....	158
Figura 78 - Vista do espaço exterior da Casa da Arquitetura, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	158
Figura 79 - Vista do espaço exterior da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015) ....	159
Figura 80 - Vista do espaço exterior da Casa da Arquitetura, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Maio 2018) .....	159
Figura 81 - Vista parcial do alçado este de um dos armazéns da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015) .....	160
Figura 82 - Vista parcial do alçado este da galeria da Casa da Arquitectura, na atualidade (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017).....	160

Figura 83 - Vista de um hall exterior da Real Vinícola antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015)....	161
Figura 84 - Vista de um hall exterior da Casa da Arquitectura, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Maio 2018) .....	161
Figura 85 - Interior da nave principal antes da sua reabilitação, em 2015 (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Abril 2015).....	162
Figura 86 – Vista do interior da nave principal de exposições da Casa da Arquitectura (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2018) .....	162
Figura 87 - Planta do piso 0 (Diagrama elaborado pela autora sobre desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015).....	163
Figura 88 - Planta do piso 1 (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015) .....	164
Figura 89 - Planta do piso 2 (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015) .....	165
Figura 90 - Corte A-A' (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015) .....	166
Figura 91 - Corte B-B' Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015).....	166
Figura 92 - Corte C'-C Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015) .....	166
Figura 93 - Pormenor Construtivo (Desenho gentilmente cedido pelo autor Arq. Guilherme Vaz; Data: 2015) .....	167
Figura 94 - Fachada principal do edifício Abel Pereira da Fonseca, desenhado pelo Arq. Norte Júnior, atuais instalações do Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....	231
Figura 95 - Entrada para o Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....	231
Figura 96 - Corredor de acesso a escritórios; revestimento de MDF nas paredes (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....	231
Figura 97 - Escadas de acesso ao Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Maio 2018).....	232
Figura 98 - Zona de receção (Fotografia da autora; Data: Maio 2018) .....	232
Figura 99 - Corredor de acesso a escritórios (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....	233
Figura 100 - Copa (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....	233
Figura 101 - Parede de tabique (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....	234
Figura 102 - Antigas escadas de acesso ao sótão (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018) .....	234

Figura 103 - Sala de estar onde se encontram as atuais escadas de acesso ao sótão (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....	235
Figura 104 - Sala de trabalho (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....	235
Figura 105 - Sótão; espaço de trabalho partilhado (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....	236
Figura 106 - Sótão; espaço de trabalho partilhado (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....	236
Figura 107 - Estrutura de madeira à vista no teto (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018).....	237
Figura 108 - Parede de tabique com revestimento de MDF (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)....	237
Figura 109 - Fachada do conjunto dos antigos armazéns de carvão, após reabilitação (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	238
Figura 110 – Asna de madeira existente na entrada da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	238
Figura 111 - Instalação sanitária de serviço do piso 0 (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	239
Figura 112 - Área comum partilhada da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	239
Figura 113 - Área comum partilhada do espaço da cozinha (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....	240
Figura 114 - Escadas de acesso às áreas privadas dos quartos (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....	240
Figura 115 - Quarto (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	241
Figura 116 - Instalação sanitária do quarto (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....	241
Figura 117 - Estrutura de madeira das "caixotas" dos quartos (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	242
Figura 118 - Vão da fachada tardoz que permite a relação com o pátio exterior (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	242
Figura 119 - Acesso às áreas privadas; lanternim na cobertura (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018).....	243
Figura 120 - Transição do espaço comum para a entrada da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	243
Figura 121 - Entrada para o quarteirão da Real Vinícola, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	244
Figura 122 - Interior do quarteirão da Real Vinícola, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	244

Figura 123 - Edifícios onde funciona a Casa da Arquitectura (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	245
Figura 124 - Pátio interior da galeria da Casa da Arquitectura (Fotografia da autora; Data: Maio 2018).....	245
Figura 125 - Vista do espaço de arquivos da Casa da Arquitectura (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017).....	246
Figura 126 – Vista do interior da nave principal de exposições da Casa da Arquitectura (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017).....	246
Figura 127 – Vista do interior do núcleo do escadas em betão (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017).....	247
Figura 128 - Espaço de arquivos da Casa da Arquitectura com núcleos de apoio (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017).....	247
Figura 129 – Vista do interior do espaço multiusos existente dentro do quarteirão da Real Vinícola (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	248
Figura 130 – Vista exterior do edifício de espaços concessionados (Fotografia da autora; Data: Março 2018).....	248
Figura 131 - Vista da entrada da Orquestra Jazz de Matosinhos (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Janeiro 2018).....	249
Figura 132 - Vista do espaço de ensaios da Orquestra Jazz de Matosinhos (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Janeiro 2018).....	249

## BIBLIOGRAFIA

Áreas Industriais e Comunidades Operárias. (Encontros de Investigadores Locais. Divulgação de estudos Monográficos. O mundo do Trabalho na Península de Setúbal. III Sessão.) - **Caderno de Resumos** [em linha]. Lisboa: FCSH-UNL. Disponível em <<http://www.fcsh.unl.pt/media/eventos/documentos/CadernodeResumosIIISesso.pdf>> [Consult. 26 abril 2018]

BARBOSA, Filipa – **Reabilitação de um Edifício em Matosinhos: Estudo de Caso**. Porto: FEUP, 2015. Dissertação de Mestrado

CASA DA ARQUITECTURA, Centro Português de Arquitectura - **Real Vinícola** [em linha]. Matosinhos: ACA. Disponível em <<http://casadaarquitectura.pt/instituicao/instalacoes/futuras/>> [Consult. 18 junho 2018]

CHOAY, Françoise - **As Questões do Património. Antologia para um Combate**. Lisboa: Edições 70, Lda., 2014

COLOMBO, Anderson – **Fragmentos Urbanos Esquecidos – Requalificação de Espaços Industriais**. Lisboa: ISCTE, 2014. Trabalho Final de Mestrado

CÔRTE-REAL, Filipa Baptista – **Reconversão de Espaços Industriais. Caso Tabopan**. Porto: ULP, 2015. Dissertação de Mestrado

DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL – **Edifício da Real Companhia Vinícola**. [em linha] Lisboa: DDCI–DGPC. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio->

imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/156099> [Consult. 18 junho 2018]

DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL - **Património Industrial**. [em linha] Lisboa: DDCI - DGPC. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/>> [Consult. 26 abril 2018]

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge – **Caminho do Oriente. Guia do Património Industrial**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999

FREITAS, Emanuel - **Visões e Revisões do Património**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Trabalho Final de Mestrado

FURTADO, Teresa - Armazéns Vinícolas Abel Pereira da Fonseca. **Sistema de Informação para o Património Arquitetónico**. 1998 [em linha] Disponível em: <[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3180](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3180)> [Consult. 22 setembro 2018]

Gabinete de Estudos e Projetos Texto – **Dicionário Universal de Língua Portuguesa Mais Gramática**. Lisboa: Texto Editora, 2003. ISBN 972-47-1116-1

GUILHERME MACHADO VAZ - **Guilherme Machado Vaz**. [em linha]. Matosinhos. Disponível em <<http://www.guilhermemachadovaz.pt/pages/about-minimal/about/>> [Consult. 18 junho 2018]

KONG, Mário – **Central Tejo – Uma Abordagem da Arquitetura Industrial**. Lisboa: Insidecity, Lda., 2013

LEITÃO, Daniel Alexandre da Silva: **A Reversibilidade como Metodologia na Reabilitação do Património Edificado: Quinta de Ermelo, Ancede, Baião**. Vila Nova de Famalicão: FAA-ULN, 2016. Dissertação de Mestrado

LUÍS, Nácia – **Refuncionalização da Arquitetura. Abordagens Patrimoniais na Cidade**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Dissertação de mestrado

MARTINS, Guilherme d'Oliveira - **Património, Herança e Memória. A Cultura como Criação**. Lisboa: Gradiva, 2009. Disponível em  
<[http://www.snpcultura.org/vol\\_patrimonio\\_heranca\\_e\\_memoria.html](http://www.snpcultura.org/vol_patrimonio_heranca_e_memoria.html)> [Consult. 26 abril 2018]

MARTINS, Luísa Pimentel – **O Loft (n)O Património Industrial (d)A Cidade**. Coimbra: FCT-UC, 2009. Dissertação de Mestrado.

MARTINS, João P. M. Fernandes – **Reconversão dos armazéns Abel Pereira da Fonseca, como um elemento para a revitalização do Poço do Bispo, Lisboa**. Lisboa: FAUL, 2017. Projeto Final de Mestrado

MADEIRA, Bruno – **Novos destinos para edifícios industriais. Reconversão dos Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca. Museu do Vinho**. Lisboa: ULHT, 2014. Dissertação de Mestrado

MALTA, João e BOURGARD, Joana - Marvila. A indústria foi-se, os criativos estão a chegar. Basta para agarrar o futuro? **Rádio Renascença** [em linha] Lisboa: Rádio Renascença, 2016. Disponível em  
<[http://rr.sapo.pt/noticia/47830/marvila\\_a\\_industria\\_foi\\_se\\_os\\_criativos\\_estao\\_a\\_chegar\\_basta\\_para\\_agarrar\\_o\\_futuro](http://rr.sapo.pt/noticia/47830/marvila_a_industria_foi_se_os_criativos_estao_a_chegar_basta_para_agarrar_o_futuro)> [Consult. 18 agosto 2018]

NEVADO, Ana Catarina Serra – **Da expansão à recentralização / do território ao património. A regeneração urbana da zona ribeirinha oriental de Lisboa (1964-1994)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2017. Tese de Doutoramento

PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Imobiliário - **Lisboa, Porto e Braga saem vencedoras no Prémio Nacional de Reabilitação Urbana**. [em linha]. Lisboa: Público, 2016. Disponível em

<<http://imobiliario.publico.pt/Noticia/Detalhe/lisboa-porto-e-braga-saem-vencedoras-no-premio-nacional-de-reabilitacao-urbana--1728734>> [Consult. 18 agosto 2018]

PORTO PONTO. **Freguesia #5 | Campanhã**. [Registo vídeo em linha] Porto: CMP. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Eu3EPCPOdKs&feature=youtu.be>> [Consult. 7 junho 2018]

PRIBERAM, 2018. Atemporal. In: *Priberam Dicionário*. [em linha] Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/atemporal>> [Consult. 5 agosto 2018]

QUEIRÓS, João – Estratégias e Discursos Políticos em torno da Reabilitação de Centros Urbanos. Considerações exploratórias a partir do caso do Porto. **Sociologia, Problemas E Práticas** [em linha]. n.º 55 (2007) Disponível em <<http://hdl.handle.net/10071/1115>>. 0873-6529. [Consult. 3 julho 2018]

ROMÃO, João – **A Regeneração Urbana pela Reconversão de Antigos Espaços Industriais. Uma Intervenção na antiga Fábrica de Cerâmica da SECLA**. Lisboa: FAUL, 2017. Projeto Final de Mestrado

RTP-Arquivos. **Bairros Populares de Lisboa: Poço do Bispo**. [Registo vídeo em linha] Realização: Courinha Ramos. Lisboa: RTP, 1990 Disponível em <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/poco-do-bispo/>> [Consult. 18 junho 2018]

SANTOS, Juan Domingo. **Un Encuentro**. [Registo vídeo em linha] Realização de: Juan Sebastián Bollaín. Luna Imagen Estudio JDS, 2009. Disponível em <<http://www.tvarquitectura.com/tv/juan-domingo-santos-un-encuentro>> [Consult. 1 agosto 2018]

SCHNEIDER, Eugene V. **Sociologia Industrial. Relações Sociais entre a Indústria e a Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980

SERENO, Isabel - Edifício da Real Companhia Vinícola. **Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.** 1995 [em linha] Disponível em: <[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4967](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4967)> [Consult. 22 setembro 2018]

SMITH, Laurajane - **Uses of Heritage.** 1ªed. Nova Iorque: Routledge, 2006

VENTURI, Robert – **Complexidade e Contradição em Arquitetura;** tradução Álvaro Cabral. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

## ANEXOS

### A – Transcrições das entrevistas realizadas

#### I - Entrevista ao Arquiteto Guilherme Machado Vaz – Casa da Arquitetura de Matosinhos, realizada a 02 de maio de 2018

Eunice Ruivo: **Existem muitos edifícios industriais de boa construção com valor arquitetónico ou histórico que conseguem estabelecer grandes relações com a envolvente e se mostram portadores de grandes potencialidades. Perante uma atual conjuntura de abandono e obsolescência destes testemunhos, qual a importância que vê na conservação, manutenção e refuncionalização destas estruturas e qual importância de salvaguardar o património industrial na memória da comunidade?**

Arquiteto Guilherme Vaz: Em primeiro lugar acho que estes edifícios além de terem um valor muito grande em termos patrimoniais e de memória e identidade das cidades e dos espaços onde estão, muitos deles também já adquiriram com o tempo um valor arquitetónico também muito importante, alguns edifícios industriais na altura eram edifícios banais, hoje em dia são edifícios com valor arquitetónico. Há uma questão que tem haver com uma rentabilização dos espaços, se houver um edifício que tenha condições para ser reaproveitado, isso contribui não só para a cidade como contribui também para uma economia de meios, não só financeiros como materiais, sendo uma solução mais sustentável do que fazer edifícios de raiz. Acho que o valor histórico, de identidade e memória da cidade é muito importante nesses edifícios, portanto esses edifícios devem ser preservados sempre que possível, se tiver qualidade. Há edifícios que por vezes têm uma conotação tão má num espaço que se calhar mais vale serem demolidos, mas no caso da Real Vinícola é um edifício que traz boas

memórias às pessoas, houve inclusivamente a muita gente que em algumas alturas estiveram lá alojadas. A Real Vinícola funcionou até aos anos 30, e dos anos 30 até há 4 anos atrás esteve abandonada e houve momentos, por exemplo, na altura do 25 de Abril, quando vieram os retornados das ex-colónias, chegou muita gente ao Porto e a Matosinhos e estiveram temporariamente alojados na Real Vinícola. Já tive conversas com algumas pessoas que se lembram de haver quase que uma comunidade lá dentro, mesmo sendo algo sem grande conforto nem qualidade era uma espécie de um refúgio. E, portanto, o edifício tem uma história e uma importância muito grande na cidade, não só de quando funcionava como armazéns de vinho e depois mais tarde foi ocupado não só na altura do retornados como também quando foi ampliado o porto de Leixões. O Porto de Leixões numa primeira fase foi construído uns “motes” para o mar, mas depois numa segunda fase construíram-se os tanques, ou seja, tiveram que ir buscar terreno à parte da terra e aí demoliram-se muitas casas, na altura da zona histórica de Matosinhos e de Leça e houve muitas pessoas que nessa altura também foram alojadas nos edifícios, portanto, esses edifícios são edifícios com mais de 100 anos que têm uma carga histórica e de memória muito forte.

Aquela zona de Matosinhos [onde está inserida a Casa da Arquitetura], foi em tempos uma zona única e exclusivamente industrial, hoje em dia é uma zona praticamente residencial e acho que é interessante uma pessoa ainda manter a memória daquilo que o espaço foi e não arrasar tudo. Há edifícios que foram alvo do plano do Arq. Siza e o Arq. Siza na altura marcou alguns edifícios que deviam ser preservados e a Real Vinícola foi um deles, sei que há outros que também foram marcados, mas que não resistiram à pressão imobiliária, de maneira que hoje em dia os edifícios industriais em Matosinhos Sul são uma exceção, portanto o que se poderem ainda salvar, recuperar e reutilizar acho que é uma mais valia para a cidade.

### **ER: Como surgiu o projeto da Casa da Arquitetura?**

A.GV: Eu tenho aqui o meu escritório [Guilherme Machado Vaz estúdio] mas eu sou arquiteto na Câmara de Matosinhos também, e esta comprou os edifícios da Real Vinícola no anos 90 e a ideia na altura era construir la uma espécie de museu do mar, uma espécie de aquário e na altura lançaram um concurso publico por volta do ano 1999/2000, só que o concurso deu uma embrulhada desgraçada e foi anulado e de maneira que não se construiu nada e o edifício ficou parado e esquecido até à cerca de 5 anos atrás. O edifício estava a começar a ficar muito degradado, as coberturas estavam a deixar entrar muita água e os edifícios estavam-se a degradar muito. Muitos já não tinham cobertura, o edifício principal ainda tinha cobertura, mas já estava a degradar-se, já tinha caído uma parte e estava a por em causa, inclusivamente, as próprias paredes do edifício. O presidente [na altura Guilherme Pinto] numa primeira fase quis refazer as coberturas para preservar as paredes do edifício e depois apercebendo-se que só esse trabalho ia custar tanto dinheiro, achou um disparate gastar tanto dinheiro só para preservar o edifício sem sequer poder utilizá-lo, porque seria apenas o arranjo das coberturas, e então começou a pensar em hipóteses de ocupação do edifício.

A casa da Arquitetura originalmente foi também um projeto do Arq. Siza para Matosinhos, para a zona das docas que era um edifício muito grande, para comparar era um edifício que era maior do que o museu de Serralves, com 7 pisos de altura, uma coisa gigantesca. Como coincidiu com a altura da crise e o orçamento para fazer o edifício eram cerca de 40 milhões de euros e a camara não tinha capacidade financeira para construir e o governo também não tinha hipóteses de apoiar uma coisa deste género, de maneira que foi esquecida essa casa da arquitetura e o presidente Guilherme Pinto como viu que nunca iria construir esse edifício pensou na hipótese de trazer a casa da arquitetura para os edifícios da Real Vinícola.

Assim como a Casa da Arquitetura, Matosinhos também tem uma orquestra de jazz – Orquestra de Jazz de Matosinhos – que não tem instalações próprias, ensaiam na casa da Musica no Porto e era algo também que a camara também gostaria de fazer era dar umas instalações à orquestra de jazz,

por isso também incluiu-se na Real Vinícola as instalações da Orquestra Jazz de Matosinhos, depois tratou-se de encontrar um programa que complementasse esses dois espaços uma vez que havia mais espaço na Real Vinícola que tinha de ser ocupado e nessa altura pensou-se arranjar uma forma de rentabilizar o complexo porque tanto a Casa da Arquitetura como a Orquestra Jazz são da Camara, a camara é que criou a Casa da Arquitetura, a camara faz parte da Direção da Casa da Arquitetura e a Casa da Arquitetura vive dos subsídios da camara, portanto, tanto a casa da Arquitetura como a Orquestra de Jazz são a mesma coisa, a camara de Matosinhos apoia a Orquestra de Jazz, por isso tanto numa como noutra as despesas iam ser todas superadas pela camara de Matosinhos, de maneira que o que se pensou para o resto dos espaços vazios foi criar espaços que pudessem ser arrendados a privados, comércio, serviços, o que fosse para de alguma forma conseguir equilibrar financeiramente o investimento, portanto, se a Casa da Arquitetura e Orquestra de Jazz consomem economicamente a camara, o outro lado trazia algum retorno.

**ER: Quais as primeiras impressões e compreensões do território e das suas pré-existências?**

A. GV: Quando me deparei com aquele complexo de edifícios em ruína, a primeira ideia que eu tive foi de tentar preservar ao máximo possível os edifícios porque achei que hoje em dia eles tivessem uma importância muito grande na história da cidade. Era mais importante devolver os edifícios tal como eles eram à cidade do que intervir de uma forma mais radical naquele conjunto do património. Se o edifício desaparecesse, no fundo era uma parte da memória da cidade que desaparecia também e, portanto, a ideia foi tentar recuperá-lo o mais próximo possível do que era original, sabendo que obrigatoriamente teriam que haver algumas adaptações e algumas transformações.

**ER: Foi realizada algum tipo de investigação histórica para a realização do projeto?**

A. GV: No início do projeto confrontamo-nos com uma ruína, quer dizer, uma parte era ruína, mas a outra não, mas julgo já poder considerar tudo uma ruína e o projeto foi feito em condições muito difíceis, com prazos de execução muito curtos. Eu tive 3 meses para lançar o concurso publico daquele edifício, que num edifício daqueles é absolutamente surreal e, portanto, acho que deveria ter havido uma parte de análise e investigação histórica e arquitetónica que devia ter sido feita e eu não pude fazer como gostaria, o que fiz foi de uma forma muito rápida. Durante a obra, cada vez que ia à obra, ia descobrindo coisas novas e pensava “como não me apercebi disto antes”. No início foi feito tudo com tanta velocidade, só para garantir que o projeto era lançado, porque era necessário depois concorrer também aos fundos comunitários, coisa que se fez e foi aprovado, ou seja, é participado pelos fundos comunitários. Mas achei que ficou a faltar esse trabalho, essa análise, investigação prévia que demora tempo a fazer para que depois as coisas sejam feitas com mais cuidado.

**ER: Quais foram as principais intenções do projeto, nomeadamente no que se refere ao modo como o conjunto se deveria relacionar e afirmar no local e zona envolvente?**

A. GV: A ideia base foi recuperar o edifício mais próximo do original e tentar manter o seu carácter e a sua identidade. O edifício tinha sido feito por um engenheiro, Eng. António Silva, que era uma pessoa que também projetava muito aqui, na zona da Foz fez muitas casas para gente com dinheiro. Mas a ideia no fundo foi preservar esse projeto original, recuperar todas as peças de madeira que em tempos existiram e foram roubadas (em tempos houve alguém que entrou na Real Vinícola e começou a roubar as asnas de madeira, grande parte foram roubadas). Mas nós tínhamos os desenhos originais e então redesenhámos as asnas de forma idêntica às originais, claro que já foram construídas de maneira diferente, contudo ainda existem asnas originais na nave expositiva do edifício principal da

Casa da Arquitetura. Enquanto as [asnas] originais são em peças de madeira maciça, as novas são em lamelado colado.

A ideia foi no fundo fazer essa recuperação mais fiel possível ao edifício sabendo que, por exemplo, partes de carpintaria eram impossíveis de reproduzir até porque havia peças/máquinas que já não existem hoje em dia e trabalhos que se faziam na altura e que hoje em dia já não podem ser feitos [para não ser prejuízo para as empresas]. Quis-se manter também a originalidade espacial e estrutural do edifício, não alterar muito isso, houve algumas coisas que tiveram de ser alteradas e houve algumas transformações que foram feitas nomeadamente aquelas caixas de betão que tiveram de ser inseridas, das escadas, prendendo-se com regulamentos de segurança contra incêndios, uma vez que a sala de cima seria o espaço expositivo com muita gente lá em cima, então as regras de segurança contra incêndio obrigam a que se tenha caixas de escadas de um lado e outro com dimensões mínimas e optou-se por fazê-las no exterior, porque se as introduzíssemos no interior também íamos interferir muito com aquela estrutura metálica no piso de baixo, os pilares e as vigas, que eu achei importante manter aquela continuidade dessa estrutura. Ao mesmo tempo ao introduzir aquelas escadas, também se estava a marcar de alguma forma a contemporaneidade da intervenção, tentando ao máximo possível não interferir com a linguagem arquitetónica do edifício, por isso aqueles dois elementos um bocado abstratos, quase como se fossem duas esculturas que estão ali adoçadas ao edifício. Mantivemos também duas árvores que tinham crescido ao longo dos 80 anos dentro de um dos edifícios, criando dois pátios para se manterem as árvores e esses pátios acabaram por ajudar na organização do edifício, sendo que o primeiro pátio é do espaço expositivo e o segundo de espaços de trabalho.

**ER: Ou seja, existiu a preocupação de aproximar as duas leituras distintas? Ou seja, a leitura do que já existia e do contemporâneo?**

A. GV: Sim, do contemporâneo e depois de uma terceira leitura de respeitar a natureza, neste caso que tinha ganho alguma legitimidade por estar presente ao longo destes 80 anos, aquelas duas

árvores ganharam um porte enorme, achei um bocado injusto, chegar ali, cortar as árvores e fazer como se elas não estivessem lá. No fundo foi lidar com a natureza que já tinha tomado conta do espaço, com o projeto original e com aquilo que agora nós íamos construir.

**ER: Então, a organização espacial interior também foi pensada tida em conta o existente, para respeitar a pré-existência...**

A. GV: Sim, foi. A Casa da Arquitetura adaptou-se ao edifício principal, onde eram os antigos armazéns de vinho e a administração da Real Vinícola, tanto que a casa da Arquitetura ocupa todo o lado direito quando se entra; a Orquestra Jazz de Matosinhos tem o edifício do fundo; os espaços comerciais são todos do lado esquerdo; e no centro um é espaço multiusos e outro é espaço de restauração. Procurou-se no fundo, adaptar essas novas funções aos espaços que nos pareciam mais apropriados de maneira a não ter que alterar a espacialidade desses lugares. O único que realmente sofreu uma alteração foi a Orquestra Jazz de Matosinhos porque eles precisavam de mais área que não tinham e, portanto, o que se fez, uma vez que os edifícios tinham um pé direito muito grande foi criar uma laje a meio e fazer dois pisos, não havendo mesmo outra hipótese.

**ER: O projeto reflete uma clara preocupação com o redesenho do espaço publico e é muito clara a intenção de abrir o conjunto à cidade. O que desejavam que a Casa da Arquitetura fosse para a Cidade e para os cidadãos?**

A. GV: Claro que sim, a ideia é essa. O Winston Churchill tem uma frase que diz “we shape our buildings thereafter they shape us”, e aquele edifício que está ali há 100 anos foi dando forma à cidade e às pessoas em termos de memória e identidade e a ideia ao recupera-lo foi que ele continue a faze-

lo, agora de forma diferente mas que continue a ser uma marca e continue a dar forma à cidade e à vida cultura agora da cidade que era uma coisa que não acontecia até então. A ideia foi tentar manter as dinâmicas originais dentro do edifício, ou seja, marcar aquela entrada principal para tentar criar alguma dinâmica dentro daquele pátio interior, um dia que estejam as lojas também a funcionar. Relativamente a esses espaços comerciais, a parede desses espaços que dava para a rua era uma parede fechada sem janelas e uma vez que se iam criar espaços comerciais, houve necessidade de se fazerem aberturas para a rua para haver comunicação visual, tendo sido dos elementos mais fortes que se criaram em termos de alterações ao edifício original, desenharam-se umas janelas novas nessa rua mas desenharam-se as janelas de maneira diferente para se perceber que era realmente um elemento que foi colocado agora, que não era original, são como se fossem umas molduras encostadas à parede. Ao fazer isso, poder-se-ia ter feito uma passagem da rua para o espaço comercial direta mas optámos por não fazer porque quisemos sempre privilegiar aquela entrada do portão original, se tivéssemos feito essas entradas diretas, as pessoas entravam para a loja, saíam da loja para a rua e não se conseguia criar essa dinâmica que se pretende.

**ER: A longo do processo de conceção do projeto, teve arquitetos de referência (obra) ou autores de referência (teoria)?**

A. GV: (Acho que nem tive tempo para pensar nisso, elas estavam cá de certeza de forma inconsciente). Lembro-me de olhar para o Convento das Bernardas do Souto Moura, mas como foi tudo tão à pressa, só depois mais tarde é que comecei a olhar para outras coisas, para comparar, mas que não têm nada haver, por exemplo, o Matadero de Madrid, a fundação Prada em Milão... Não tem nada haver, mas foi apenas para ver a questão de abordagens diferentes à questão do mesmo problema. Vi de facto, o Convento das Bernardas porque quando tive de abrir janelas nessa fachada que disse quis ver como o Souto Moura tinha feito no Convento das Bernardas porque ele manipulou de certa forma

as fachadas. Lembro-me também de ver o Olgiati por causa de um edifício que ele tem, tinha haver com a materialidade da fachada e as aberturas. Infelizmente, não deu para mais.

**ER: Existem diferentes modos de abordar o tema da reabilitação do património industrial e da sua adaptação para novos usos, onde são tidos em conta a escala do edifício, a sua morfologia, os tipos de programas a acolher, entre outros aspetos. Sabemos que a Real Vinícola é um conjunto de vários edifícios destinados a receber diferentes funções – casa da arquitetura, sede da orquestra de jazz de Matosinhos, espaços comerciais. Quais as relações que podemos encontrar nestas diferentes programáticas e quais as maiores dificuldades de assegurar essas mesmas relações ou mesmo diferenças?**

A. GV: Isso é uma coisa que não é muito fácil e muitas vezes nem sequer passa pelo arquiteto, o arquiteto às vezes nem tem esse poder. A mim disseram-me que eu tinha de colocar lá a Casa da Arquitetura e a Orquestra de Jazz passando a ter um programa cultural que se complementam um pouco – a música e a arquitetura. Mas a ideia era tentar encontrar outras funções que complementassem essas, podendo não ser da mesma área, por exemplo, os espaços comerciais iam servir para trazer mais pessoas ao espaço, para não ser só museu e orquestra jazz, no fundo era abrir o leque o mais possível para poder atrair o maior número de pessoas possível, sendo pretendido para esses espaços comerciais sempre uma ligação em termos temáticos ao resto, que seja mais virada para a cultura. Por essa razão, também se criou no pavilhão central um espaço multiusos que, por ser um espaço coberto, mas ventilado, complementa todo o resto, pois permite fazer desde festas, mercados, feiras, exposições, concertos, podendo fazer muitas coisas diferentes, criando ali uma dinâmica especial e que pode relacionar-se tanto com a Casa da Arquitetura como com a orquestra de Jazz, ou algum espaço comercial que queira utilizar o espaço. Depois a trás, o espaço de restauração

que acaba também por complementar por ser um serviço que não existe, podendo-se ligar com qualquer um dos outros, mas funcionar também de forma autónoma.

Não posso dizer que encontrei muitas dificuldades, em termos de distribuição dos espaços e das funções até foi relativamente pacífico, a Casa da Arquitetura, encaixou-se muito facilmente nos edifícios armazéns porque um armazém, um edifício industrial é sempre um espaço muito flexível espacialmente e a Casa da Arquitetura sendo um museu, também acaba por ser um armazém de arte, em vez de ser um armazém de vinhos é um armazém de arte. No piso de baixo, acabou por se fazer a zona da reserva e depósito dos espólios de arquitetos e no piso de cima acabou por se fazer um espaço expositivo, são duas grandes naves, de maneira que nesse aspeto se encaixou tudo muito bem, depois o resto das funções também de uma forma, mais ou menos natural, também se foi adaptando aos espaços existentes, não havendo necessidade de fazer qualquer tipo de alterações aos espaços. Os espaços novos necessários criar, nós criámos dentro de caixas, não fizemos paredes divisórias porque queríamos que houvesse sempre aquela leitura do espaço, da nave principal, de maneira que os espaços que foram criados lá dentro vão sendo caixas que foram colocadas de forma estratégica também para organizar o espaço, fazendo no fundo uma analogia aos espaços de armazenamento industriais que têm sempre caixas e caixotes dentro. A zona da loja, foi colocada na zona da antiga administração que era um espaço com outra qualidade arquitetónica, com outros acabamentos, mais confortável, e achámos assim que a loja se enquadrava bem aí, uma vez que também estava muito próximo da entrada e do público. A orquestra de jazz é que foi mais complicada por se ter de criar uma estrutura dentro da estrutura existente e aí já não foi possível manter o espaço como era originalmente.

**ER: E a nível de sistema construtivo existiram grandes dificuldades?**

A. GV: Não... [Na Orquestra de Jazz] o sistema construtivo basicamente foi criar uma estrutura de betão dentro do edifício existente, não sendo fácil de a esconder, quisemos assumi-la. Uma vez que

era a Orquestra de Jazz, haviam muitos requisitos técnicos nesse espaço, tinha de ser uma estrutura com massa por questões de acústica e transmissão de vibrações. Algumas das paredes existentes levaram pequenos reforços de betão projetado com uma malha metálica. Também nesse espaço da orquestra de jazz, a estrutura teve de ser feita através de micro-estacas por ser uma zona de prado, de areia. De resto, nos espaços comerciais, que eram grandes naves, pensou-se no espaço de forma modelar para poder compartimentar esses espaços comerciais. Criou-se uma espécie de um módulo em que cada espaço tem o seu armário onde passam as infraestruturas, não fechando o espaço para quem vier a explorar o espaço, tenha flexibilidade na exploração dos módulos que necessitar.

## II - Entrevista ao Arquiteto Alexandre Loureiro – Guesthouse OPO'attics, Porto, realizada a 03 de agosto de 2018

**Eunice Ruivo: Existem muitos edifícios industriais de boa construção com valor arquitetónico ou histórico que conseguem estabelecer grandes relações com a envolvente e se mostram portadores de grandes potencialidades. Perante uma atual conjuntura de abandono e obsolescência destes testemunhos, qual a importância que vê na conservação, manutenção e refuncionalização destas estruturas?**

Arquiteto Alexandre Loureiro: No meu entender é muito importante ter esta atitude de refuncionalizar as estruturas industriais que já estão em fase de abandono ou totalmente decrépitas. São peças, frequentemente, com carácter muito forte, de um forte e bom desenho, até um certo passado de interação que têm com a sociedade ou com algumas zonas das cidades. Aqui neste caso, em Campanhã, estes [armazéns] não seriam propriamente o caso. Nós temos algo similar como uma Lx Factory, ou uma Oliva Factory ou algo muito parecido, mas que neste momento também não têm uma presença muito forte. Penso que podem ser aproveitadas ou reaproveitadas estas estruturas e infraestruturas para se fazer algo similar, não tem de ser no mesmo modelo ou no mesmo molde, no mesmo tipo do LxFactory, mas refuncionalizar para, por exemplo, funcionarem funções mais quotidianas como habitação, não digo centros de comércio mas pequenas coisas, pequenos workshops, salas para estudo, salas para ateliers, etc. ... acho que se pode tornar numa situação bastante dinâmica.

E quem diz este tipo de construção ou tipo de arquitetura também diz outro tipo de funções [e construções], como por exemplo, existe aqui perto [de Campanhã] um shopping de primeira geração muito antigo, muito mal desenhado, sem janelas, sem ventilação natural, sem luz natural a entrar, é tudo muito escuro, mas desde que foi refuncionalizado tem um misto de mercado para pequenos

setores, como pequenas bandas musicais de todo o tipo, desde música pimba, música rap, metal, existe um pouco de tudo. Não estou a dizer que estas estruturas têm de servir para algo deste género, mas há pequenas funções que a cidade não consegue albergar e que, possivelmente, estes edifícios, sendo uma tipologia de planta livre, com grande vãos, desafogados, desimpedidos, podem atrair muita gente ao albergar este tipo de funções que normalmente estão relacionadas com uma população mais jovem. Penso que estas infraestruturas devem ser reabilitadas, reestruturadas e refuncionalizadas para este tipo de funções que me parece que não há, numa cidade tradicional, uma tipologia de construção de edifícios “normais” com capacidade de absorver e dar resposta [a outro tipo de funções]. Por exemplo, os estúdios de música são, normalmente, na casa de alguém ou num sítio aleatório, não é algo construído e adaptado para aquela função. Outro exemplo, são estas infraestruturas ou estas estruturas industriais poderem também servir para albergar companhias ou empresas com carácter [mais dinâmico], tipo Google ou algo semelhante, não tem de ser só para indústrias ou criativos.

Tenho um projeto que fiz para um conhecido meu que tinha um edifício industrial relativamente antigo e queria lá colocar um espaço de co-work, então a estratégia dele era não fazer grandes intervenções, só pintar, tipo retocar, uma atitude quase conservadora, para o edifício não cair, ter um mínimo de aparência e a ideia dele era “vou chamar uns artistas para aqui e os artistas adaptam-se a todo o tipo de espaços”. É uma atitude redutora para a refuncionalização de um edifício. Os artistas são capazes de se adaptarem a qualquer circunstância porque têm esta flexibilidade, mas não penso que seja esse o caminho. De qualquer das formas, as pessoas que estão ligadas à criatividade, design, arquitetura, estão mais abertas, não se importam porque o importante não é a estrutura em si, a casca, mas é o que o sítio proporciona. Mas também há outro tipo de instituições mais formais, empresas, ordens, entre outras [que se adaptam] ...

Este carácter [de open space] também pode ser útil para este tipo de novas formações, não são empresas formais, que têm uma sala de reuniões, que têm o *board chamber*, onde toda a gente vai la mostrar os cartazes, os painéis... Talvez, aqui as reuniões são mais informais, num espaço aberto como este, as coisas não são sigilosas, não têm de ser fechadas. A maneira como nós, mais jovens,

entendemos o trabalho, os edifícios e os espaços é diferente, as pessoas mais velhas, talvez sejam mais formatadas para aquilo, mais conservadoras.

Os edifícios industriais são uma espécie de pedra, um diamante em bruto. O diamante antes de se tornar naquilo que é, era um pedra como outra qualquer, a arte e a sabedoria de quem o esculpe e de quem o vai lapidando é que depois atribui o caráter de diamante e acho que estes edifícios são exatamente a mesma coisa - a arte e o engenho de quem lhe vai dar o jeitinho e de quem o vai por a funcionar também é capaz de transformar aquela pedra, aquele edifício, que não era nada, para um coisa mais espetacular.

**ER: E qual a importância que vê nesta salvaguarda do campo coletivo, da memória da comunidade e na continuação de culturas geracionais?**

A. AL: Era como [referia] há pouco, há empresas ou fábricas, edifícios industriais que têm este carácter muito forte ... Por exemplo, aqui no Porto, existia a Fosforeira, onde se faziam fósforos. Era uma empresa muito grande e tinha uma presença muito forte no sítio onde estava instalada, junto ao Rio Douro, na travessia para a Furada. Naquela zona existiu um grande bairro mandado construir pelo proprietário da empresa, para albergar a grande maioria dos seus trabalhadores, fazendo com que a comunidade se revisse naquela empresa e naquele senhor. Hoje em dia já não existe a fábrica, mas existe a memória dos avós, das pessoas mais velhas que se lembram [com saudade] “-Eia, a fábrica da Fosforeira, eu trabalhava tanto...” - Acho que era um edifício que era bonito de se recuperar porque não só é em frente ao rio, mas também tem uma arquitetura industrial de *sheds* de metal, com aquele tijolinho de burro, muito a lembrar aquela arquitetura que não é daqui, que é de Inglaterra, aqueles edifícios industriais construídos em tijolo de burro. Aqui no Porto, [o normal] era o granito como estas pedras daqui [balcão da cozinha do loft], muito escuro, muito cinzento. E esse era um edifício que me parece que valesse a pena recuperar. (...) A identidade daquelas pessoas identifica-se claramente com

a fábrica e confundem-se. A vida da família, ou a vida do homem da casa e da mulher que trabalham lá, era a própria fábrica, a vida familiar era trabalhar na fábrica, eles só vinham a casa dormir, os miúdos continuavam na rua, depois havia lá um infantário... E quem diz estas, diz outras tantas fábricas aqui no Porto. Talvez por ser do Porto, há esta noção de bairrismo quase “a minha fábrica é melhor que a tua”. E acho que estes edifícios são quase como *landmarks*, não só na própria cidade, mas também são fatores identitários “a minha fábrica é melhor que a tua”; “eu consigo fazer mais”; “eu trabalho mais”; “a nossa exporta não sei para onde” e as pessoas lembram-se com certa saudade daqueles tempos que eram muito agrestes, de muito trabalho, muito difíceis, as condições de trabalho não têm nada haver com o que é hoje naturalmente. (...) [Contudo e apesar da localização *primium* em frente ao rio] a Fosforeira ainda continua abandonada, sendo em termos imobiliários muito chamativo (...) por ser um elemento arquitetónico, uma peça e objeto que pode ser muito valorizado, por tudo.

**ER: Que papel podem ter, nas cidades e no território, estes conjuntos de arquitetura industrial, que atualmente se encontram abandonados e obsoletos? (novas oportunidades, novos desafios, conjuntos de vantagens, novas soluções...?)**

A. AL: Sim... esse papel da regeneração urbana é muito importante não só para a habitação mas também para estes conjuntos como estava a dizer Eu dou sempre o exemplo de Berlim, que acho ser um exemplo muito bem conseguido, Kreuzberg e aquela zona envolvente era composta de edifícios não só de armazém mas também de pequenas fábricas que laboravam e que de um momento para o outro com o pós guerra, a população se viu sem trabalho, sem solução nenhuma ficando assim durante algum tempo. Ora, com o aproximar dos anos 90/2000, são os artistas e as subculturas associadas, por exemplo à comunidade gay, LGBT, etc., que se vão apropriar daquele lugar... Apesar de diferente escala e à semelhança de Campanhã, situa-se numa zona norte industrial da cidade, portanto associada a todo o tipo de problemas sociais, prostituição, droga, desemprego, condições desumanas

de vida, pessoas trabalhadoras de salários muito baixo, como aqui. É quase um papel químico, a diferença é a escala. E de um momento para o outro, o que não aconteceu aqui ainda, em Berlim todas estas subculturas começaram a olhar [para aquela zona]. Causa disso foi o *Land value*, preço por metro quadrado em Berlim, aumentar estupidamente, então estas pequenas subculturas começam-se a reapropriar, um pouco à maneira do que aconteceu na América com o The Factory do Andy Warhol. Estas pessoas começaram a procurar estes espaços mais baratos e mais económicos, com tetos altos, de planta livre, sem qualquer constrangimento e ideal para fazerem as suas atividades, pintura, escultura, festas, em todo um ambiente de subcultura urbana, completamente segregada, era isso que eles procuravam, pois não têm propriamente condutas normais, têm comportamentos sociais ditos desviantes, ou seja, que saem fora da norma. Assim, esta zona começou a atrair estes pequenos grupos de artistas, tendo dado com a comunidade gay um grande salto, ganhou uma dimensão absurda e hoje não há ninguém que não queira viver em Kreuzberg. Agora estas pessoas das pequenas subculturas que foram para lá numa primeira fase (...) já não conseguem lá estar porque toda a gente quer ir para aquele lugar. Ora bem, isto não acontece aqui, mas acho que é uma oportunidade para regenerar a cidade, é uma oportunidade para se repensar o espaço urbano, coisa que em Berlim se começou a pensar. As ruas não tinham passeios, não tinham condições, não tinham nada, portanto houve uma aposta clara na infraestruturização do território, na reformulação e perfilamento das ruas, na criação de espaços livres, de pequenos jardins, na reabilitação de pequenos riachos, etc. Eu espero que isto aconteça aqui, não por causa da polarização ou do *land value*, mas sim por ser um espaço que merece atenção política. Nós sabemos o que fazer em arquitetura e urbanismo, mas se não houver força política para atuar nestas áreas, vão continuar a ser o que são, continuar extra cidades e com falta de condições. Por exemplo, se formos aqui fora a esta rua [rua de Mirafior, Porto], a rua é muito estreita, tem uns passeios de 60 cm. Eu não tenho qualquer condicionamento de mobilidade, mas às vezes saio fora do passeio que tem quase 20 cm de altura e torço um pé. Eu ponho-me no papel dos senhores de idade que andam por aqui que têm alguma dificuldade de locomoção, têm muita dificuldade em atravessar a rua que é estreita e está sempre cheia de carros e com estas dificuldades

todas para passar o passeio e locomoverem-se em cima de um passeio, torna-se muito difícil [a deslocação e vivência], já não falo em casos extremos, numa senhora com um carrinho de bebé, ou uma grávida, ou alguém de cadeira de rodas, em que a deslocação se torna ainda mais complicada. Já nem estou a falar da limpeza da rua, manutenção, varrer... Estou a falar deste tipo de coisas que também estão relacionadas com o desenho urbano, como não haver um jardim de socialização ou encontro informal, onde possamos ir só contemplar as árvores, jogar uma sueca, umas damas, como se faz muito aqui no Porto, passar um bocado a falar com os velhotes ou ter os miúdos a jogar à bola, coisas deste género não existem cá. Os miúdos ficam na mesma na rua mas com as condições que já falei, se houvessem condições era muito melhor, por exemplo, proteção contra os carros, em que houvesse uma zona mais pedonal, sem este confrontos e desfasamentos de passeios, algo mais pensado, para dar condições às pessoas que vivem aqui, não precisam de viver assim. Viver aqui, nas condições que vivem já é mau, e quando saem à rua continua mau... Mas espero que a refuncionalização destes armazéns, seja uma gota que comece a despertar outras coisas, já há um planeamento para que isso aconteça, porém não vejo nada a acontecer, mas espero que em breve haja qualquer coisa melhor do que está neste momento.

Um papel importante na revitalização dos edifícios é chamar outro tipo de pessoas para aqui... As pessoas daqui estão acomodadas e sentem que o seu papel como cidadãos não é importante, não sentem que a sua opinião interessa, nem que o seu voto pode fazer a diferença, elas são completamente vilipendiadas de cidadania e até de humanidade, estão acomodadas à sua condição que é esta, não têm poder ou não querem ter poder. Se tivermos este (in)fluxo de pessoas com mais poder e capacidade para reclamar alguma coisa, mais consciência de si próprias, do que está errado, de cidadania pelo menos, se calhar pode ser uma coisa muito importante para esta zona e para estas pessoas também. É certo que o tecido social pode demorar muitos anos a mudar, mas se eles forem bem apoiados isto pode influenciar.

**ER: Quais as antigas funções do edifício aquando da chegada deste projeto e como era feita a sua organização programática?**

A. AL: Isto era um edifício de retém e armazém, e tanto quanto eu sei e pesquisei, nas plantas das câmara e na memória descritiva, fala-se sempre num armazém de carvão e cascalheira. Pelo que li, o senhor armazenava e vendia a retalho o carvão para as casas burguesas ou indústrias aqui da zona. Naquela altura, em 1905, todas as indústrias eram motorizadas a vapor, haviam máquinas a vapor, comboio a vapor, e para por essa maquinaria a funcionar, tinha-se de alimentar as fornaças, e mesmo para as casas burguesas que tinham o forno já a lenha ou a carvão. Portanto, [o edifício] era um plano aberto, é um edifício longo e estreito com uma métrica de 5m limpos, 5,5m a eixo e 33 m de comprido, tem três portas grandes/portões, na parte de atrás tinha uma pequena casa de banho e tinha uma grande porta que dava para aquele espaço [exterior]. [Todos os 11 armazéns] estavam unidos, eram de uma só pessoa e alguns tinham passagem entre si. Estavam todos ligados, mas não no mesmo sentido, haviam portas desfasadas, que foram abrindo consoante a necessidade de unir os espaços. [Os armazéns] trabalharam assim durante algumas décadas, até que a indústria do carvão ou associada ao carvão entrou em decadência, ou mudou [de localização] e os armazéns começaram a ficar sem uso. Isto quer dizer, ninguém consumia carvão naquela medida, veio a eletricidade, mudaram-se os hábitos nas casas das pessoas e, eventualmente, o cascalho que se usa na construção também deixou de se utilizar tanto, começando assim os armazéns a serem apropriados a outros tipos de funções. Foram pequenas fábricas de camisas, fábricas de têxteis, talhos com secção de matador, oficinas mecânicas de motas e carros, armazém de plásticos, tinha, portanto, funções diversas.

### ER: **Como surgiu o projeto da Guesthouse OPO'attics?**

Estes edifícios ficaram abandonados nos últimos 10 anos. Quando chegámos aqui estavam os armazéns todos abandonados, tinha apenas o talho que continuou até há pouco tempo a trabalhar, mas uma câmara frigorífica explodiu, levantando o telhado e deitando algumas paredes abaixo. Depois, a apropriação contemporânea ou atual, foi feita primeiro pelas galerias de arte, o Mira-fórum que começou por ocupar os dois primeiros armazéns e depois ocuparam os dois seguintes. De seguida, estávamos nós, tendo sido já vendido o do lado.

A nossa ideia era fazer aqui a nossa casa, mas acabou por não acontecer. Fizemos uma pequena reformulação do projeto, isto é, acrescentámos dois volumes e tornámos isto em 6 quartos, ficando com uma vertente mais comercial e fazer deste espaço uma Guesthouse. Mas, esta tipologia de edifício pode ser apropriada para qualquer função, isto é, como se fosse uma tela branca em vazio, pode-se pintar em cima o que nos quisermos, vezes sem conta. Acaba por ser uma das potencialidades e versatilidade desta tipologia e das tipologias industriais, que são planos abertos, não têm qualquer elemento de restrição, são uma caixinhas que só têm estas limitações [exteriores] e no interior faz-se o que nós quisermos. Neste caso, foi mais ou menos isto, não é fácil, não ter limites ou fazemos tudo o que quisermos, temos de impor os limites a nós próprios.

Tivemos de ter alguma contenção, não só orçamental, mas também onde começar, como fazer, por exemplo, quando trabalhamos open spaces, é difícil controlar onde começar, onde parar e onde localizar as peças. Temos de criar a nossa própria cartografia, a nossa georreferenciação aqui dentro. Ora a nossa ideia foi muito simples, tornar este espaço aberto com uma espécie de pequenas povoações, tal como os europeu fizeram quando chegaram à América, na conquista do grande Oeste, foram fazendo pequenas povoações, pequeno assentamentos humanos até chegar ao *East Coast* e foi mais ou menos isso que nós tentámos fazer aqui, criar pequenos *settlements*, funcionais, que têm apoio nestes grandes armários.

O primeiro *settlement*, aquele grande volume de entrada que tem todas as funções de armazenamento, casa de banho de serviço que se introduz e que faz um filtro, um certo sifão, tampão para quem chega da porta não ter este espaço todo exposto. Depois temos um segundo momento que é uma pequena biblioteca com duas cadeirinhas, temos uma mesa que tanto pode servir de apoio à cozinha ou à zona de comer, como também pode ser uma zona informal de conversa, ou para estudar mapas, ou tomar um chá, fazer coisas desse género. Depois a outra do outro lado a mesma coisa. No meio, entre as duas mesas, temos a zona de cozinha, no final temos uma zona de estar e depois temos um pequeno jardim. Ora, todos estes móveis ou estes pequenos volumes de armário estão sempre associados e complementam as funções a que estão associados, neste caso a cozinha que tem a mesma estrutura, mas depois como tem o fogão e micro-ondas e frigoríficos, tem de ser reconfigurado de outra maneira. Mas os restantes têm mais ou menos a mesma dimensão e os mesmo nichos que tanto servem para por pratos, copos ou livros, mapas, recomendações e coisas assim do género. Não existem prateleiras, mas sim nichos para por a televisão, o que fez com que esta estratégia de ocupação do espaço não fosse fácil, e nós gostávamos que estes *settlements* tivessem o espaço suficiente para não ficar umas coisas em cima das outras e também quando o espaço tivesse idealmente com 12 pessoas não se sentissem que estão umas em cima das outras e desconfortáveis. Acho que cada uma precisa de ter o seu espaço. E nessa medida, parece-me que foi parcialmente atingido.

**ER: O que desejava que a reabilitação deste antigo armazém fosse para a Cidade e para os cidadãos? Ou seja, que resultados pretendia ver a nível da envolvente, mais propriamente nesta zona de Campanhã?**

A. AL: Não queríamos modificar nada, nem ser um farol. Gostamos de passar despercebidos, gostamos desta atitude *low profile*. No interior é tudo novo, mas gostamos de manter a mesma

[essência], *we have to change to keep the same*, temos de nos modificar para manter a mesma coisa e nós gostamos desta ideia. A porta manteve-se e o volume manteve-se, mas o interior foi tudo novo, teve que ser porque não havia condições. Mas acho que o grande objetivo, o nosso contributo com este edifício, atitude para a cidade e para esta zona em particular é acima de tudo beneficiação social. Nós tentamos trabalhar sempre com pessoas de zona para empregar pessoas aqui. Talvez seja uma atitude um pouco burguesa da nossa parte do género só servem para limpar, mas não é nada disso, procuramos também pessoas para falar inglês, para fazer a receção das pessoas que falam fluentemente português, francês, espanhol, inglês, e, mas não há pessoas que saibam falar inglês, quer dizer pelo menos fluentemente. O nosso contributo é, acima de tudo, tentar ajudar as pessoas daqui da zona na renovação deste tecido social, não queremos que elas mudem, não é isso que estou a dizer, são pessoas genuínas e autênticas e é isso que falta, por exemplo, quando agora vou à Ribeira e só vejo turistas e poucas pessoas do Porto vejo, atualmente se quero ver pessoas do Porto venho a Campanhã que é onde estão as pessoas autênticas, a autenticidade, o DNA está concentrado aqui. Na realidade nós procuramos pessoas de confiança ou que nos pareçam que são de confiança para estar aqui connosco e não temos encontrado nenhuma que consiga preencher os requisitos. Não nos estamos a colocar em cima deles, gostamos que as pessoas que vêm aqui que vão comprar as frutas à senhora da frente ou àquela mercearia mais abaixo que gostam de ir ali comprar o azeite. Há um senhor que vende vinho do Porto aqui à frente e nós recomendamos. Aqui na zona de Campanhã era muito típico a comida tradicional do polvo ou as cabeças de pescada, porque as pessoas daqui eram pessoas de trabalho de indústria, nunca tinham muita capacidade financeira para arranjar terem, por exemplo, carne, isso quase nunca havia aqui, era só o peixe que era relativamente económico.

Portanto, este é o nosso contributo, criar mais dinâmicas para que estes pequenos comércios locais possam lucrar com o facto de nós estarmos aqui. Nós queremos que as pessoas estejam bem e confortáveis no nosso espaço, mas também que conheçam o Zé, o Manel, a Maria, a Dona Antónia, o que é típico aqui da zona. Se nós conseguirmos mudar uma ou duas pessoas ou contribuir para que uma ou duas famílias aqui da zona possa almejar ou ter qualquer coisa diferente daquilo que eles têm

hoje [já é um feito muito importante], poder atribuir-lhes esperança, que é uma coisa que falta nestas pessoas, capacidade de verem esperança, até porque até à pouco tempo, nem a economia nem os políticos transmitiam alguma confiança ou esperança.

Interessa-nos que o projeto possa viver por si e que possa repercutir ou transportar qualquer coisa de positivo para os outros, um pouco mais no sentido da família, se o pai e a mãe tiverem um bom emprego e estiverem a trabalhar bem, têm que dar alguma coisa aos filhos diretamente e talvez aos mais chegados para que todos possam beneficiar. Não quer isto dizer viver no Fausto porque isto também não dá para isso nem é esse o objetivo, mas se todos poderem viver um pouco mais confortáveis, porque não ajudar nisso, é isso é o que nós queremos.

**ER: No decorrer do processo de projeto, é para si uma preocupação a manutenção da autenticidade das pré-existências?**

A. AL: Sim, claro. Este edifício em particular, apesar de pouco restar. Em termos de arquitetura e construção é muito simples, tem os muros de pedra granito, uma fachada típica de edifício industrial de primeira geração, sendo tudo em granito, uma cobertura de três águas e no interior tinha tudo em materiais tradicionais, madeira, pedra e com um pavimento a que chamamos de cimento queimado. É um cimento muito fininho que é queimado com um cimento como agora se faz, é muito similar a este [atual do loft] mas depois fica mais escuro e até poderia ter algumas cores, normalmente é o vermelho que tem aqueles óxidos no meio e conferem alguma resistência à água, fica brilhante e mais resistente. No interior quisemos manter estas paredes de pedra, que são uma memória ao sítio, à construção. A estrutura também era de madeira, gostamos de trabalhar com esta ideia da madeira e dar continuidade ao que já estava, apesar de toda a estrutura tenha sido feito de novo, tendo sempre como base a estrutura existente, isto quer dizer, as asnas, com as pernas, as linhas, tudo é igual exatamente ao que estava. Existiram apenas alguns reforços, mais ao nível da rigidez, com peças metálicas... Tem de

comprimir com as regulamentações do Euro-código, e as peças de madeira tradicionais, que são as de 7cmx21cm, já não servem para esse tipo de serviços, pois a regulamentação não permite. De resto, tentamos dar o maior conforto possível ao edifício, isto é, tudo que sejam isolamentos, impermeabilizações, conforto interior, tivemos a preocupação de nunca desvirtuar desta casca que existia. Por exemplo, o telhado foi todo feito de novo, mas com isolamento térmico, mantivemos na mesma as telhas, estrutura de madeira e todos estes aspetos formais tradicionais, ou associados à origem, à construção original, tentando sempre manter este respeito e tradição de fazer [mesmo que com elementos novos]. As madeiras e o pavimento em betão também têm esse aspeto industrial tradicional, contudo também lhe é conferido um ar de moderno.

**ER: Existiu a preocupação de aproximar as duas leituras distintas? Ou seja, a leitura da era industrial e do contemporâneo?**

A. AL: Não houve uma preocupação a esse nível. Isto é, houve uma tentativa de compatibilizar, mas gostaríamos de sentir que é uma coisa totalmente nova, não digo moderna, mas nova [que conjuga] com outra já existente. Acho que isso é conseguido na fachada e acho que também é o único elemento. Temos estas asnas, estes elementos construtivos que também podem dar a memória da tradição, mas gostamos essencialmente que o interior fosse novo, não digo moderno, mas novo, ou seja, que nós possamos olhar e não nos remetesse para um período da história ou algo do género, mas sim para 2015, o edifício tem 110 anos mas o interior é 2015, apesar da estrutura em madeira, das paredes em madeira, dos tetos de madeira, dos pavimentos de madeira à exceção do rés do chão que é de betão.

Para nós é importante esta leitura e utilização dos materiais tradicionais, como as vigas lameladas - *engineering woods* - que é “madeira engenhada”, gostamos destas leituras, de utilização deste material e da possibilidade que este material dá, da leitura, da expressão das vigas, dos nós, da

luz/sombra e da própria potencialidade que tem não só como material de estrutura mas também isolante, ou conforto acústico, sendo que as reentrâncias entre elas funcionam como barreiras acústicas, não são só uma demanda arquitetónica, é uma demanda também funcional. Agrada-me muito esta ideia das vigas e da proximidade entre elas, da métrica estrutural ser muito próxima e permitir por aceleração perspéctica uma leitura de um teto contínuo e não precisar de mais nada. Além de que, a leitura deste madeira lamelada, parece ter um toque de mel que transforma logo espaço quando a luz incide ou é colocada, pois transporta uma áurea mais amarelada, mais confortável e acho isso positivo.

Acima de tudo foi isto, o respeito pela tradição da madeira mas com um toque contemporâneo, assumindo algo novo, não queríamos dizer que construímos coisas à maneira antiga, não queremos nada disso, não queremos rodapés altos, apesar de tudo os quartos e os espaços são muito espartanos, se repararmos nas texturas da madeira, nas texturas das paredes, observamos que são elementos planos, simples, em que depois existe a textura associada à própria materialidade. Mas os quartos são muito espartanos, são muito delineados quase à faca, um pouco até duros, eu reconheço que são duros de mais, duros no sentido que não têm nenhum elemento que lhe transmita um certo miminho. Acho que são anónimos o suficiente, mas não têm um miminho e o miminho que nós temos ali pode ser dado apenas pela janela, pela luz, apesar de queremos que fosse apenas um quarto para ter uma cama, uma casa de banho e espaço para as pessoas poderem circular, mas era o mínimo dos mínimos como se fosse um mosteiro, uma célula monástica que serve apenas para dormir e depois, para usufruir, têm o espaço todo da parte de baixo.

Esta era a nossa ideia, porque antes de chegarmos aos que somos agora, viajámos toda a nossa vida, à boleia ou de carro e quando chegávamos a um sítio gostávamos de contactar com outros viajantes. Não gostamos muito da ideia de ser turistas, porque ser turista chega-se lá, vês e vens embora, nós gostamos da ideia de sermos viajantes, de termos contacto com a realidade do local, com os locais ou com outros próprios viajantes, que esses sim transportam informações importantes e boas para nós que somos também viajantes - “agora vais ali” , “ficas ali” - e nós, nos sítios onde ficávamos

sentíamos falta de nos encontramos num café ou mesmo num hostel, sentimos falta de proximidade com outros viajantes, e tentámos reproduzir exatamente isso no loft. Aqui, uns podem ficar no seu quarto, na sua caixa isolado, se o pretender ou quando pretender, outros procuram um espaço para se encruzarem com outros viajantes. Esta era a nossa ideia primordial, ter os espaços mais curtos possível, mais pequenos possíveis, mais espartanos possíveis para que ninguém quisesse parar lá , para que pudessem todos ficar cá em baixo, onde há espaço, há largueza e comodidade suficientes para se cruzarem e trocarem informações, (...) há pessoas que se cruzam e depois se tornam amigas, cruzam-se informações, cruzam-se semelhanças. Há uns que são mais individualistas e não se querem cruzar muito, esses sim, são mais turistas.

Queríamos mesmo que fosse uma coisa 2015, dizer “isto é novo!” e tem todas as comodidades dos tempos de agora, gostamos muito deste confronto entre o novo e o antigo, o moderno e o tradicional. Por exemplo, temos uma fachada 1905 e temos uma fachada de betão, com um grande vão de vidro de 2015. Esta fachada é de betão por “infortúnio” das coisas, quer dizer, não estou desagradado com a situação, antes pelo contrário. Aconteceu que pensámos numa maneira de desmonte da fachada com a numeração das pedras, para que pudéssemos depois voltar a repô-las no mesmo sítio, mas, dadas as circunstâncias, o pessoal que estava aqui a trabalhar não teve esse cuidado e quando cheguei aqui, estavam as peças todas desmontadas, perdidas, umas por cima das outras no meio da lama. Então pegámos nessa oportunidade para se fazer uma grande fachada com uma grande janela e foi o melhor que fizemos, dadas as circunstâncias, pois trouxe muito mais relação do interior-exterior, muito mais luz, muito mais conforto e mais um toque de moderno. E, portanto, se quisermos continuar neste confronto, à frente temos uma frente tradicional, atrás contemporâneo, sendo o interior todo novo... Acho que estamos a viver numa espécie de abraço antigo ao interior todo novo, como um abraço do pai ao filho.

**ER: Quais as maiores preocupações estruturais aquando da conservação e restauro dos edifícios? O que foi feito de novo, e as técnicas para manter o existente...**

A. AL: Quando partimos para a obra, uma das maiores preocupações foi manter ou proteger, toda a construção, neste caso de pedra de pedreiros e de madeiras. Já tínhamos a ideia de que a cobertura não se ia manter igual, no entanto tivemos que preservar toda a casca de pedra, ou seja, o desmonte das estruturas e dos telhados de madeira superiores não poderiam causar dano aqui nas pedras. Tivemos especial cuidado com a fachada da frente que tem peças de cantaria, pedra lavrada, muito bem talhada, bem cuidada; houve particular importância também na preservação das portas, que mesmo não sendo as originais [tiveram de ter muitos cuidados porque] produzimos o desenho idêntico; mantivemos também o reboco idêntico à época, que é feito com saibro e cal.

De todas as pedras, foi retirado todo o saibro que já tinha muitos anos e já se encontrava podre. Picámos tudo e recolocamos na mesma uma argamassa pobre igual ao saibro misturado com cal. Esta argamassa tem saibro, cal e um toque novo de cimento branco, que foi nos aconselhado pela equipa de engenharia, que trabalham muito a reabilitação, para lhe dar mais alguma resistência. Tanto quanto soube, quando se fizeram os últimos estudos do comportamento das paredes de alvenaria de perpianho, sempre se duvidava do contributo da cal e do saibro para a estabilidade estrutural da parede. Contudo, verificou-se que, apesar de não ter grande compacidade, ou de não resistir muito a compressão, esta argamassa pobre dá um contributo substancial ao comportamento da parede, assim reagimos nesta medida, introduzindo ainda o fator de cimento branco que lhe dá ainda mais resistência. A cal e o saibro são um elementos tradicionais, este outro elemento do cimento não é tradicional, mas o cimento branco misturado [com estes dois elementos tradicionais] fica uma argamassa pobre na mesma, mas com alguma compacidade. Assim, a parede continua na mesma a trabalhar, isto é, apesar da pedra ser um elemento inerte, ela tem capacidade de absorver e libertar o vapor de água consoante a época do ano, ou dia. Lembro-me que na casa dos meus avós que é uma casa que tinha alguma humidade, havia um bloco de cal viva dentro de um pote e que quando vinha o inverno aquilo e ia-se

esboroando, porque ia absorvendo a humidade relativa dentro da casa. (...) Aquilo estava a absorver a humidade do ar e a higienizar, porque a cal também tem esta vertente de higienizar, se nós passarmos uma leitada de cal, no Alentejo podemos ver isto, não há insetos, não há nada a subir. Aqui também tivemos essa preocupação, manter as mesmas propriedades de “respirar”, adicionar esta componente de estrutura e acima de tudo também manter a mesma linguagem de branco, isto é, basta uma leitada de cal passada em todas as paredes. É óbvio e vê-se logo, quando há presença de água (infiltrações), a cal fica amarelada. O vizinho do lado fez pátios interiores e não impermeabilizou a parede, quando chove ou quando há entradas de água, a parede deste lado fica com manchas amarelas. E isto é importante no sentido da manutenção, vemos logo onde a água está a entrar e qual é o problema. Mas também tem uma solução fácil, pintar outra vez tudo de cal branca, dar de novo a leitada de cal e fica tudo bem, pelo menos até ao próximo inverno.

Portanto, as técnicas utilizadas na fachada foram técnicas tradicionais, no interior foram técnicas baseadas na tradição utilizando materiais tradicionais, incorporando esta vertente de cimento branco, mas a técnica de aplicação é exatamente a mesma, com um homem a gatear pedras, a meter a massa para dentro e fica concluído. Houve também a preocupação de fazer explicar o pretendido aos trabalhadores, normalmente eles gostam de fazer a chama gola, que é barrar o cimento a toda a volta para esconder e depois fica um género de uma almofada por cima as pedras onde não se ficam a ver as pedras na totalidade, nem as pedrinhas que estão a calçar as pedras grandes. Desta forma, houve alguma troca de informação com os homens que estavam a aplicar a argamassa para que ficasse com este aspeto, não queríamos que as pedras ficassem enterradas, mas queríamos que se lesse o contorno das pedras grandes e das pedrinhas que estão a calçá-las.

De resto, [nos quartos, nas caixotas], foi a técnica tradicional da construção em madeira, as paredes foram todas feitas com prumos de madeira, à maneira da construção americana, com uns prumos verticais que têm umas chamadas cruces a travar. Não é bem como a gaiola pombalina ou lisboeta porque as cruces não são propriamente entre marcos e têm uma métrica de 40cm em 40cm. Este sistema tem as cruces mais diagonais, tem uma linha horizontal e depois existem diagonais que

vão travando um sim, um não, havendo um espaço entre que não tem travamento. Em cima desta estrutura, são apertados os painéis OSB, tanto de um lado como do outro e no meio tem o isolamento, uma manta de lã de rocha. Nas faces, faz-se o revestimento final, [sendo que no interior é com pladur e no exterior é feito] com este forro tradicional, macheado e muito fininho, de madeira que se vê muito no Porto. Tentámos dar um aspeto moderno, com os rodapés embutidos, para se ler uma superfície continua. As paredes servem como plafom de luz, tanto da janela como da lâmpada, tudo sempre muito mínimo e contido, à semelhança quase [da arquitetura] japonesa, assim tudo muito direitinho, cortado a x-ato, muito depurado.

As casas de banho já têm outra tecnologia, não quisemos optar por prumos de madeira na zona de águas, apesar de ser possível, mas quisemos uma solução mais tradicional até porque era mais versátil para se montarem os elementos, as sanitas suspensas, as mochilas, todas as estruturas que dão apoio às peças cerâmicas da casa de banho.

A técnica de construção [do espaço comum], não é propriamente tradicional, mas é completamente moderno porque tem um pavimento radiante, foi talochado mecanicamente. O camião bolsa despejou o betão para este espaço e depois foi afagado horas e horas a fio.

Incorporámos também o elemento da bancada de xisto. O xisto era muito utilizado nas casas das famílias que não tinham grandes posses. Como é uma rocha sedimentar, qualquer impacto ela lasca. É possível comprovar aqui na zona envolvente, todas as casa mais antigas que não tiveram nenhum *update*, nenhuma renovação, têm bancas de cozinha de xisto e nós gostamos desta ideia de ter uma bancada de xisto, dando-lhe este ambiente industrial e tradicional aqui da zona, se bem que não seja nada tradicional, isto é uma coisa completamente nova mas foi interessante trabalhar com este material que resulta numa peça decorativa, simbólica, que faz este momento da cozinha. Mas foi um elemento que nós também tentámos transportar para aqui, da memória do sítio, desta maneira industrial de se fazer e construir, da memória das pessoas que vivem aqui, de se fazer antigamente.

**ER: Por fim, ao longo do processo de conceção do projeto teve qualquer tipo de referências (teóricas, autores, projetos)?**

A. AL: Honestamente não. A grande base que eu tinha para fazer isto foi das coisas que fui vendo lá fora, das viagens que vamos fazendo quando somos estudantes e jovens, quando temos tempo e dinheiro, mas algumas coisas vão ficando... Tive uma experiência de trabalho que foi muito útil (...) e gostei bastante. Nunca tinha visto nada igual ao que está aqui feito.

A cima de tudo, [eu e a minha mulher] viemos com uma ideia de viver num loft, (...) tomámos a decisão de regressar a Portugal e procurar um armazém. Agrada-nos muito a ideia dos lofts de Brooklyn, não sei porque, do Andy Warhol, com a sua The Factory ... da limpeza e clareza espacial, do espaço que isso disponibiliza. Não no identificamos muito com essa arquitetura fechada, entras tens uma sala, noutra tens um atelier, noutra um quarto, casa de banho. (...) Gostamos do espaço que [estas tipologias mais livres] transmitem, porque o facto de não serem compartimentados ou terem paredes a conter-nos, a sensação de espaço duplica logo. Se tivermos uma luz continua e estes pés direitos um pouco mais generosos, essa sensação [de espaço] voltar a aumentar.

Referências teóricas nunca tive. Uma vez tive de escrever um artigo e já tinha comprado o armazém. Achei interessante este confronto da arquitetura doméstica dentro de um espaço industrial, o habitar um espaço industrial. E escrevi um artigo "*loft living*", onde fui buscar o Andy Warhol, entre outros. [Mas o artigo era mais relacionado com a] apropriação de espaços industriais, mais propriamente com os áticos. Fui-me baseando em histórias de arquitetos que fui recolhendo, mas acima de tudo de coisas muito particulares, por exemplo o Lewerentz, que é um arquiteto sueco com formação de arquiteto e que tinha um negócio de família de fazer caixilharias, mas as caixilharias que ele desenhava em projeto nunca eram as caixilharias que ele vendia, [no seu projeto] era tudo muito duro. Isto quer dizer, ele construía tudo em betão ou em tijolo e depois a caixilharia não ia dentro do vão, era quase como colada, pregada, aparafusada ao edifício, por isso é que nós vemos nos edifícios dele, tem a casca, a parede, depois temos a caixa da janela ou da porta e a porta é literalmente pregada ao

edifício. (...) Ele como a maioria dos arquitetos, vive no limiar da indigência, e foi o caso do Lewerentz, apesar de bom arquiteto e trabalhar em parcerias, deixou de viver na sua casa por dificuldades económicas, foi viver para a própria fábrica, neste caso para o ático da fábrica. É duro viver no ático principalmente quando tens neve ou frio 50% do ano como na Suécia. Ele ocupou o ático e como o frio se instala, não sendo aquilo próprio para habitação, forrou o ático todo com uma liga de alumínio para reter o calor. Achei aquilo muito interessante, porque o espaço era todo *open space* também, não havia uma definição clara do espaço e era todo ele forrado a alumínio. As fotografias que vi da época, com uma mesa e um café, muitos papéis, desenhos de caixilharias e uma luzinha pendurada, mostram o reflexo desta luz a refletir no alumínio, dando um efeito psicadélico. Vê-se a asna, as duas águas... É uma solução interessante que nunca tinha visto e isto em 1920... A ideia do *loft living*... A apropriação de espaços fora do comum em loft... O loft não é só espaço ático, é também esta limpeza, ou esta abertura do espaço, o *open space*... Foi isto achei interessante, a maneira que ele arranjou para contornar as dificuldades.

Da necessidade surgem os espaços e os artistas [têm esta facilidade, esta flexibilidade], como o Andy Warhol, [o Sigurd Lewerentz], os artistas em Berlim que têm dificuldades económicas e encontram um espaço que conseguem comportar financeiramente e conseguem sustentar.

Isto foi uma história curiosa que encontrei por acaso à cerca destes espaços, basicamente é um espaço que surge da necessidade e nós gostamos desta ideia, da necessidade de termos a nossa casa surgiu este loft, não queríamos viver num apartamento, não queríamos viver numa casa [típica] e também viver no centro já é impossível. O que nos empurrou para este tipo de situação foi também a facilidade da obra, isto é, não há nada para deitar abaixo, só há a caixa envolvente, os muros, as paredes e no interior, à partida, será tudo amplo, o que é fácil para se instalar tudo o que se pretende, todas as comodidades, todos os espaços, todas as ideias. Não tens de demolir, não tens de respeitar os tubos e infraestruturas existentes, podes fazer tudo de novo como tu quiseres e isso foi uma facilidade, algo que nós vimos também, a operacionalidade da operação. (...) Estes edifícios industriais são muito mais baratos também, até pelos impostos, mas depois é transformado em habitação e os

impostos voltam, mas a aquisição, a compra é substancialmente mais barata. (...) Os armazéns estão vazios, podemos fazer o que quisermos e da maneira que quisermos lá dentro, meter tubos, tirar todos, eletrificar, fazer o aquecimento, etc., mas apesar disso, temos de nos autodisciplinar se não, não nos conseguimos conter com tanta liberdade que temos. Estamos habituados a trabalhar com caixinhas e quando chegamos aqui, temos um *open space* e questionamo-nos sobre o limite desta coisa, como é que agora fazemos esta relação funcionar. (...)

[Mas] não foi nada teoricamente elaborado, nada com referências que alguma vez tivéssemos visto. Sabíamos que existiam, mas à medida que fomos fazendo fomos tomando conta de alguns exemplos já feitos, mesmo em Lisboa, aquelas fábricas que foram transformadas, em Londres, em Roterdão, (...) é uma bagagem cultural das nossas viagens que vamos colecionando e um dia surgiu isto. Há pessoas que chegam aqui e dizem que tem influências e inspirações dos países nórdicos, Europa do Norte, mas não consigo ver bem onde, no máximo pode parecer uma sauna meio esquisita, mas nunca tinha pensado isto na Finlândia. Apenas associei o forro que se usa no Porto, com a textura de madeira, assim lamelado ao alto. São composições muito básicas, não tem nada de erudito, tem acima de tudo praticidade.

É simples e o simples não é nada fácil, o fácil é o complexo que agora pegamos neste material e colocamos assim. Queríamos ter este efeito unitário, das texturas, das cores naturais, branco, madeira, cimento e tudo o resto meter-lhe uma caixa branca. (...) O que dá também alguma cor ao edifício, são os elementos de mobiliário que são objetos que dão algum conforto, de resto, de isto tiver de mudar de ordem, muda, tem esta capacidade.

Era pretendido coisas que fluíssem, que fossem adaptáveis e evolutivas como o tempo. Gostávamos que fosse amplo e genérico o suficiente para poder albergar qualquer coisa, hoje é uma Guesthouse e amanhã tem outro programa diferente, é flexível o suficiente para que isso aconteça. Não se quer nada, então ainda é mais flexível, tira-se tudo. O sistema de construção é rápido, tentámos de certa forma estabelecer princípios de standardização da construção, ou seja, as cantoneiras metálicas foram introduzidas para facilitar a montagem, portanto o que nós fizemos foi regularizar os

apoios destas cantoneiras de fora a fora, para que o carpinteiro quando viesse cortar as vigas, fosse só ter o cuidado de montar as “200” vigas no sítios determinados. Tínhamos a pressa de fazer a obra rápido para termos custos muito diminuídos relativamente à mão de obra implicada e à duração da obra, apenas acabou por demorar mais porque íamos fazendo à medida da nossa bolsa. (...) Havia também a necessidade de as madeiras não encostarem na pedra pelos posteriores problemas de apodrecimento, humidades, xilófagos, etc., e para contrariar essas adversidades, as vigas de madeira apoiam nas peças metálicas, fazendo assim com que essas questões sejam contornadas.

### III – Transcrição da entrevista realizada por Espaços & Casas TV à Arquiteta Maria Manuel Alvarez – Lisbon Work Hub, Lisboa, realizada em 2016

Disponível em <https://vimeopro.com/gotovideos/espacos-e-casas-tv/video/191063033> [consult. 16 setembro 2018]

“Um antigo armazém de vinhos em Lisboa ganhou novos usos e é agora ocupado por um projeto de Coworking. A adaptação do imóvel a esta nova função preservou, no entanto, a memória do lugar. Foi nos 700 m2 da parte administrativa que Sara Praetere e Maria Alvarez criaram o Lisbon Work Hub. Um projeto onde profissionais e empresas dividem espaços de trabalho. O pátio coberto foi transformado na receção com zona de estar e dá acesso a uma copa, casa de banho e sala de eventos.

Repórter: Em termos de decoração, o que é que tentaram fazer aqui nesta zona que é a entrada, por assim dizer, para o espaço de trabalho?

Arquiteta M. A.: A decoração é um pouco eclética. No fundo é uma recolha de objetos que tínhamos em casa, alguns que adquirimos aqui em lojas e armazéns à volta, alguns sofás, o próprio piano, algumas caixas de fruta. No fundo tentámos recriar aqui um ambiente muito informal de armazém em que cada um pode também contribuir com aquilo que quiser trazer, algumas palavras na parede, algumas obras de arte ...

R: Vamos para a zona de trabalho?

A. M. A.: Aqui existia a cozinha. A sala já existia com esta configuração, com este piso em betão, porque aqui faziam provas de vinho e já suportava uma certa carga das pipas. Tentámos descobrir o que estava por trás dos estuques e das massas, o que confere aqui algum interesse à sala, mantém as paredes brancas e o teto original em madeira que também se pôs à mostra. Neste tipo de eventos a varanda é muito agradável, as pessoas vêm aqui fumar um cigarro ou apanhar um pouco de ar, são eventos que demoram dias inteiros. Tivemos de repor algumas letras da fachada

que tinham caído, mas foi toda a obra seria o que fizemos, nem pintámos caixilharia, mantemos o que estava originalmente.

R: Manter o carácter industrial do edifício?

A: O mais possível.

A: Tínhamos um quarto interior, tínhamos a sala de estar que se transformou em Co-work com espaço de trabalho para oito pessoas e uma parte da grande janela redonda que é partilhada com o escritório também que dá para a varanda.

A compartimentação existente foi aproveitada para a criação de gabinetes de trabalho. Estes podem ser ocupados individual ou coletivamente, já o sótão alberga até 18 pessoas.

A intervenção realizada preservou a essência do imóvel e manteve o seu carácter industrial. O edifício da sociedade Abel Pereira da Fonseca, com a sua silhueta singular faz parte do cenário da capital.”

B – Transcrição traduzida do documentário “Un Encuentro”, de 2009

Disponível em <http://www.tvarquitectura.com/tv/juan-domingo-santos-un-encuentro> [consult. 1 agosto 2018]

“História da ocupação de uma antiga fábrica de açúcar nos arredores de Granada, por Juan Domingo Santos, onde irá estabelecer ali o seu estúdio de arquitetura. Curta-metragem documental de 16 minutos, dirigida por Juan Sebastián Bollaín”

“Na minha época de estudante, pelo menos quatro vezes ao mês, fazia o trajeto entre Granada e Sevilha. Recordo, nessas viagens, o momento em que via ao longe a torre de uma antiga fábrica, isolada no meio da paisagem de cultivo. A torre tinha um certo ar de art nouveau, muito elegante e diferente das construções à volta. Gostava da forma como o comboio se aproximava lentamente até a passar, roçando-se, para depois a perder de vista.

Este encontro repetia-se sempre da mesma maneira, uma e outra vez, como um ritual à chegada e à despedida. Cheguei a pensar, naquelas viagens, que a torre se podia transformar em estúdio de arquitetura. Ficava aquele espaço de tempo, a imaginar como seria aquele lugar para trabalhar e viver. Vinha-me à memória, a ocupação que os artistas faziam das fábricas americanas e londrinas, e o ambiente em que lidavam com os seus trabalhos em relação a esses lugares. Atraía-me a ideia de ocupar aquele lugar antigo, carregado de história, imaginar como poderia adaptar aí, a minha vida.

Uma manhã de Julho de 1985, decido entrar no lugar que fazia parte dos meus sonhos de estudante. Descobri o que se escondia entre aqueles muros de pedra. Repeti o mesmo trajeto que fiz durante anos de comboio, mas agora a pé, caminhando sobre o caminho de ferro. Recordo com

emoção esse momento e as sensações que, hoje em dia, ainda se mantêm vivas. Reconheço que sempre gostei de desejar coisas, desejá-las com intensidade até as tornar possíveis.

Ao chegar junto à torre, descobri que era composta por arcos metálicos que constituíam a fachada. Mais tarde, descobri que a torre pertencia a uma fábrica de açúcar, de nome, San Isidro. Saltei o muro que ainda se encontra como o encontrei, há já quase vinte anos, e procurei no chão, mas sem êxito, a letra que faltava.

Nunca pude desconfiar que se escondia uma espaço assim por detrás daqueles muros. Chamou-me à atenção a extensão do terreno e a dimensão das construções industriais. Tudo vivia numa lenta sobreposição, com esse aspeto tão sugerido, que tomam todos os lugares que as pessoas deixam de habitar e se abandonam à ruína e ao tempo.

Era um lugar estranho, em que se misturavam fragmentos da paisagem agrícola com as edificações industriais. As construções, em determinados momentos, chegavam a confundir-se com as infraestruturais. Estas, por sua vez, confundiam-se com a topografia do território cultivado, misturando-se as formas de umas e outras, o que provocava uma sensação realmente confusa.

Desde aquele dia que passeava por aquele território difícil carregado de memória, perseguindo o espaço e tempo. Cada vez, depois de saltar o muro, libertava-me das sensações daquele lugar. No princípio estranhava-me aquele constataste tão acusado entre a arquitetura da fachada principal, e as da parte posterior, onde se acumulavam infraestruturais e outros equipamentos mais residuais, como chaminés, tubos a sair pelas janelas, carboneiras e passagens elevadas de ferro. Reconheciam-se com facilidade épocas e estilos diferentes, chegando à conclusão que o conjunto não respondia a uma única intervenção.

Impressionavam-me os espaços vazios e em silêncio, sem maquinaria, pelo seu tamanho e atmosfera, o que me fazia pensar como teriam sido noutra época, cheios de atividade, que pessoas o teriam habitado e como se teria levado a cabo a vida nesta pequena cidade industrial.

A luz entrava de uma maneira muito cenográfica, colando-se aos buracos que as janelas deixavam ao descoberto. Mas com o tempo, a atração por estes espaços, deu lugar a outros elementos que a princípio passavam despercebidos. Deduzi que o pavimento do recinto interior seria elevado a 3.50m acima do solo, e uma série de caminhos elevados por onde circulavam frequentemente carregadoras de material industrial, se cruzavam umas com outras. Encontrei também os carris do caminho de ferro, que se cruzavam por sua vez com outros carris.

A relação entre a arquitetura e as infraestruturas, converteu-se rapidamente de numa forma obsessiva de ver o lugar. Tomava atenção ao intercâmbio entre coisas diferentes, mais que à arquitetura em si.

Desde o primeiro momento, tentei recusar a informação que existia sobre a fábrica. Não quis saber se estava “catalogada” ou se de outra forma, terminaria por desaparecer. Recusei qualquer informação que pudesse influenciar a minha forma de ver aquele lugar tão surpreendente. Nada de nada, preferi confiar à minha intuição o conhecimento sobre aquele lugar, do que ficar condicionado por documentos, escritos de nenhum tipo. Queria entranhar no lugar como se se tratasse de um espaço desconhecido para a humanidade, que alguém decide explorá-lo pela primeira vez. Um trajeto emocionante que implicava uma certa aventura.

Estava consciente que o lugar não tinha a atenção que merecia, pensei que era melhor manter assim por um tempo, porque o abandono permitia imaginar com liberdade. Os passeios diários pelo recinto, ocupavam-me, às vezes, o tempo todo, e mostravam-me o contexto que me conduzia às revoluções industriais, em detrimento aos outros elementos considerados como secundários. Assim, decidi que nenhuma parte sobressairia sobre o resto.

Organizava, com amigos, excursões a lugares elegidos à vez, em busca de possíveis achados que quando encontrávamos, celebrávamos com alguma comida improvisada no lugar do sucesso. Assim os lugares começaram a ser vistos como igualmente importantes, esplendidos ou decepcionantes,

sem hierarquia entre eles. Cheguei a confeccionar uma lista de objetos estranhos, invisíveis e sem aparente utilidade. Objetos, que por outro lado, me permitiam reconstruir a história da fábrica desde a abertura até que deixou de funcionar.

“Eu sigo-te igualmente com passos entusiasmados e não te abandono, minha vida, minha luz  
Acelero o andamento e não me detenho, não deixo de ser arrojado e existir em mim mesmo  
Não me detenho, não me detenho. Eu sigo-te igualmente com passos entusiasmados.  
E não te abandono, minha vida, minha luz, minha vida, minha luz.” -

Se calhar aquele lugar desabitado estava a guardar o momento da minha chegada. Com o tempo, passou-me pela cabeça que os encontros e viagens de estudante não eram casuais, que a torre exercia uma força de atração especial sobre mim, e por sua vez, eu tinha uma especial predisposição em relação a ela, em relação à sua presença na paisagem. Desde aí, não sei se a minha visão do património se deve a esta experiência, ou se pelo contrário, a minha maneira de entender o património é o que me levou a ocupar a torre.

O caso é que já só faltava tomar uma decisão, e esta veio sozinha, de maneira natural ainda que com muito esforço. Arranjei janelas, vigas e pavimentos em mau estado, com ajuda de uma pequena oficina de carpintaria, que construí na torre, e meti a funcionar o sistema elétrico existente com lâmpadas que fui encontrando nos meus passeios pelo recinto.

Decidi também, construir uma varanda sobre as vigas para ver passar o comboio desde a torre. Pensei que se antes via a torre desde o comboio, agora poderia inverter a situação.

Depois de um certo tempo, e com esforço, consegui estabilizar a situação de ruína da torre, até finalmente conseguir utilizá-la como estúdio de arquitetura, no dia 16 de março de 1986, há 24 anos.

- “Eu sigo-te igualmente com passos entusiasmado.

Eu sigo-te igualmente com passos entusiasmado

E não te abandono, minha vida, minha luz,

Minha vida, minha luz,

Acelero o andamento e não me detenho, não deixo de ser arrojado e existir em mim mesmo

Não me detenho, não me detenho. Eu sigo-te igualmente com passos entusiasmado

Minha vida, minha luz.” -

Aceitei os problemas de um lugar desabitado, com goteiras, calor e frio, viver sem saneamento, cortes de luz e a invasão de todo o tipo de animais e insetos.

Um dia, acordei na torre com um remate de madeira e para-raios caído, por sorte, não estava lá dentro nesse momento. A sua reconstrução, levou vários meses de trabalho numas condições

difíceis. Desde aí, ao trabalho normal de um estúdio de arquitetura, somam-se as tarefas para manter o equilíbrio deste lugar, nas quais participam também, todas as pessoas que trabalham ali comigo.

A ocupação reforçou o meu conhecimento, de que ter sentido histórico e patrimonial, não implicava a representação de figuras da memória. Era necessário abordar a história e o seu significado de uma forma mais relaxada, menos dramática, através da experiência pessoal.

De acordo com esta ideia, levei a cabo uma série de ações que me permitiram ter uma visão mais ampla da história daquele lugar. Estas atividades, consistiam em ocupar o território, agrupando um elevado número de pessoas a quem incumbia várias tarefas diferentes, como cozinhar, projetar imagens, organizar jogos e exposições, prolongar o cultivo para o interior dos espaços industriais, ou empilhar dentro de uma nave, peças sanitárias abandonadas no recinto industrial.

Fazia excursões com os amigos para descobrir lugares novos todos os dias, jogando a meter-lhes nome e relacionando a topografia do lugar com atividades possíveis ou desejáveis. Desta forma, as carboneiras ao ar livre, foram os cinemas de verão. A nave principal de produção de açúcar, um espaço de conferências e exposições dos trabalhos dos meus alunos de arquitetura. A nave secadora de polpas, um improvisado campo de futebol coberto, e os espaços e exteriores em frente à fachada principal, lugares para pic-nic e atividades de cultivo.

Não tinha relógio e acostumei-me a viver sem ele, media o tempo pelo movimento do sol através das janelas da torre, e a passagem do comboio, permitiu-me criar um horário que conferia as horas do dia, o tipo de máquina e o sentido em que circulava. Sempre existia uma permanente acumulação e desleixo de elementos que alteravam a forma dos espaços. O tempo jogava também a favor de este efeito e mesmo que a fábrica estivesse sem uso desde há já quase 30 anos, cada manhã quando eu chegava, faziam-me senti-la diferente.”

-Um encontro-

## C – Registos Fotográficos

### I – LX WORK HUB



Figura 94 - Fachada principal do edifício Abel Pereira da Fonseca, desenhado pelo Arq. Norte Júnior, atuais instalações do Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)



Figura 95 - Entrada para o Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)

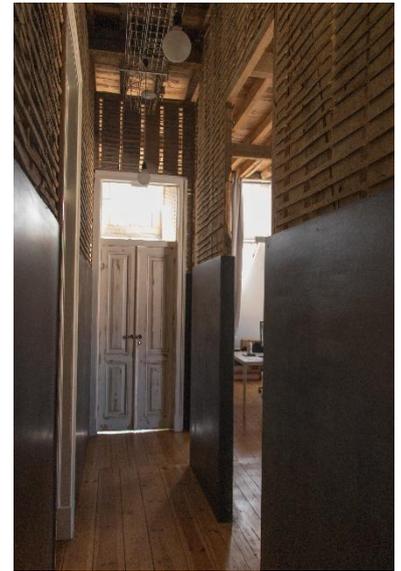


Figura 96 - Corredor de acesso a escritórios; revestimento de MDF nas paredes (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)

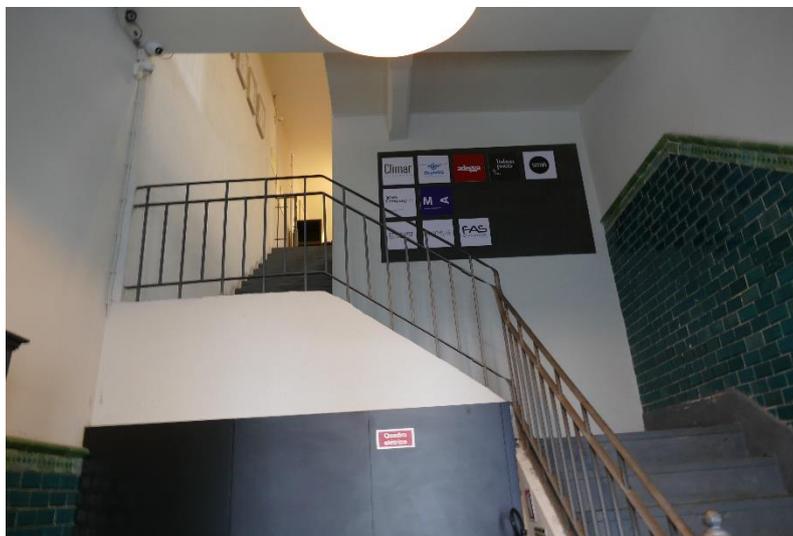


Figura 97 - Escadas de acesso ao Lx Work Hub (Fotografia da autora; Data: Maio 2018)



Figura 98 - Zona de receção (Fotografia da autora; Data: Maio 2018)



Figura 99 - Corredor de acesso a escritórios (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)

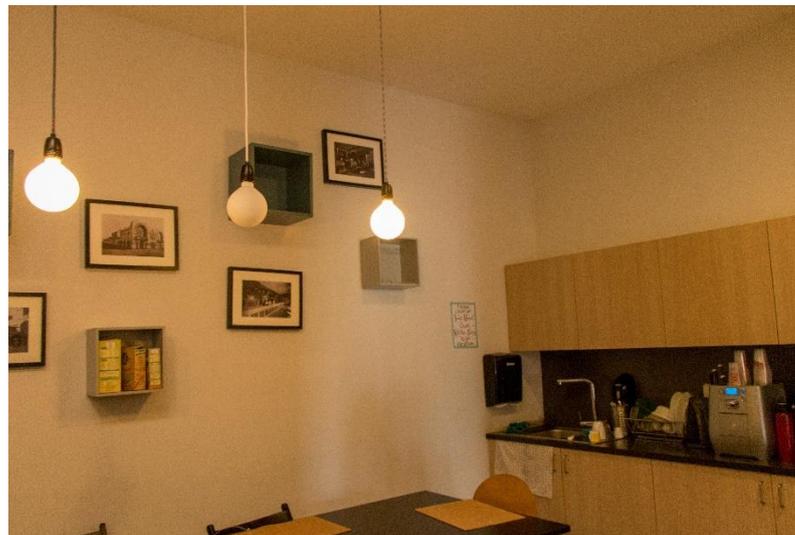


Figura 100 - Copa (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)



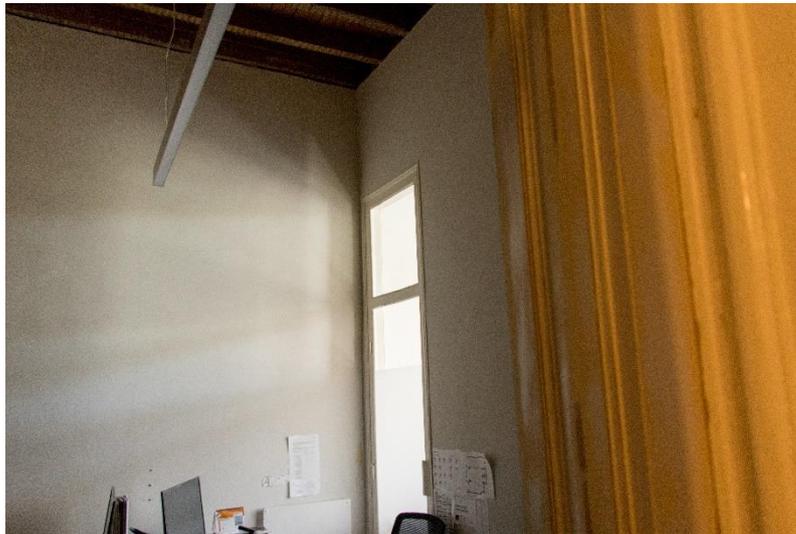
Figura 101 - Parede de tabique (Fotografia da autora;  
Data: Setembro 2018)



Figura 102 - Antigas escadas de acesso ao sótão  
(Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)



*Figura 103 - Sala de estar onde se encontram as atuais escadas de acesso ao sótão (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)*



*Figura 104 - Sala de trabalho (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)*



Figura 105 - Sótão; espaço de trabalho partilhado (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)

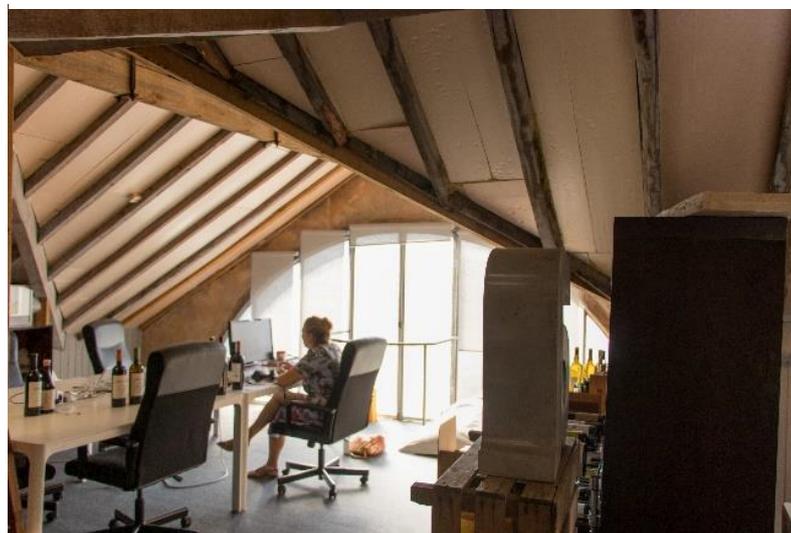


Figura 106 - Sótão; espaço de trabalho partilhado (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)



Figura 107 - Estrutura de madeira à vista no teto (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)



Figura 108 - Parede de tabique com revestimento de MDF (Fotografia da autora; Data: Setembro 2018)

## II – GUESTHOUSE OPO'ATTICS



*Figura 109 - Fachada do conjunto dos antigos armazéns de carvão, após reabilitação (Fotografia da autora; Data: Março 2018)*



*Figura 110 – Asna de madeira existente na entrada da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018)*



Figura 111 - Instalação sanitária de serviço do piso 0 (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



Figura 112 - Área comum partilhada da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



Figura 113 - Área comum partilhada do espaço da cozinha (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)



Figura 114 - Escadas de acesso às áreas privadas dos quartos (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)



Figura 115 - Quarto (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



Figura 116 - Instalação sanitária do quarto (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)



Figura 117 - Estrutura de madeira das "caixotas" dos quartos (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



Figura 118 - Vão da fachada tardoz que permite a relação com o pátio exterior (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



Figura 119 - Acesso às áreas privadas; lanternim na cobertura (Fotografia da autora; Data: Agosto 2018)



Figura 120 - Transição do espaço comum para a entrada da guesthouse (Fotografia da autora; Data: Março 2018)

### III – CASA DA ARQUITETURA

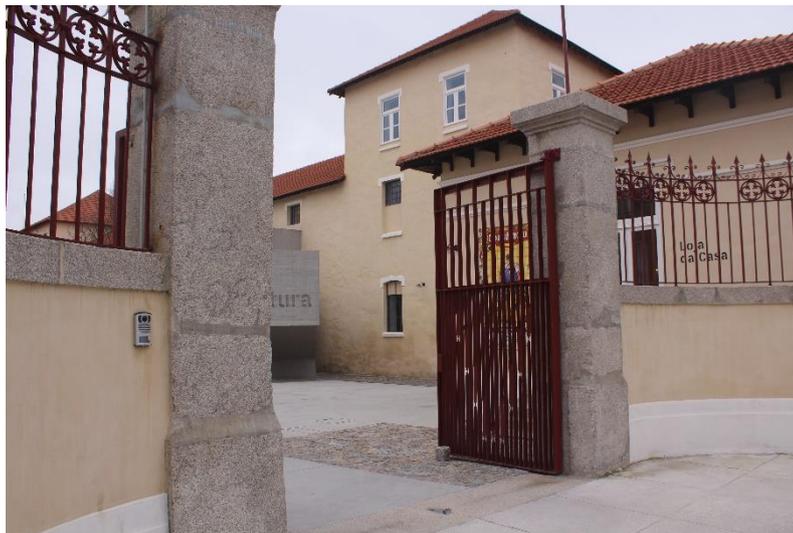


Figura 121 - Entrada para o quarteirão da Real Vinícola, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



Figura 122 - Interior do quarteirão da Real Vinícola, na atualidade (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



Figura 123 - Edifícios onde funciona a Casa da Arquitectura (Fotografia da autora;  
Data: Março 2018)



Figura 124 - Pátio interior da galeria da Casa da Arquitectura (Fotografia da autora;  
Data: Maio 2018)



*Figura 125 - Vista do espaço de arquivos da Casa da Arquitectura (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; A autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017)*



*Figura 126 – Vista do interior da nave principal de exposições da Casa da Arquitectura (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; A autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017)*



Figura 127 – Vista do interior do núcleo do escadas em betão (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017)



Figura 128 - Espaço de arquivos da Casa da Arquitectura com núcleos de apoio (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Novembro 2017)



Figura 129 – Vista do interior do espaço multiusos existente dentro do quarteirão da Real Vinícola (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



Figura 130 – Vista exterior do edifício de espaços concessionados (Fotografia da autora; Data: Março 2018)



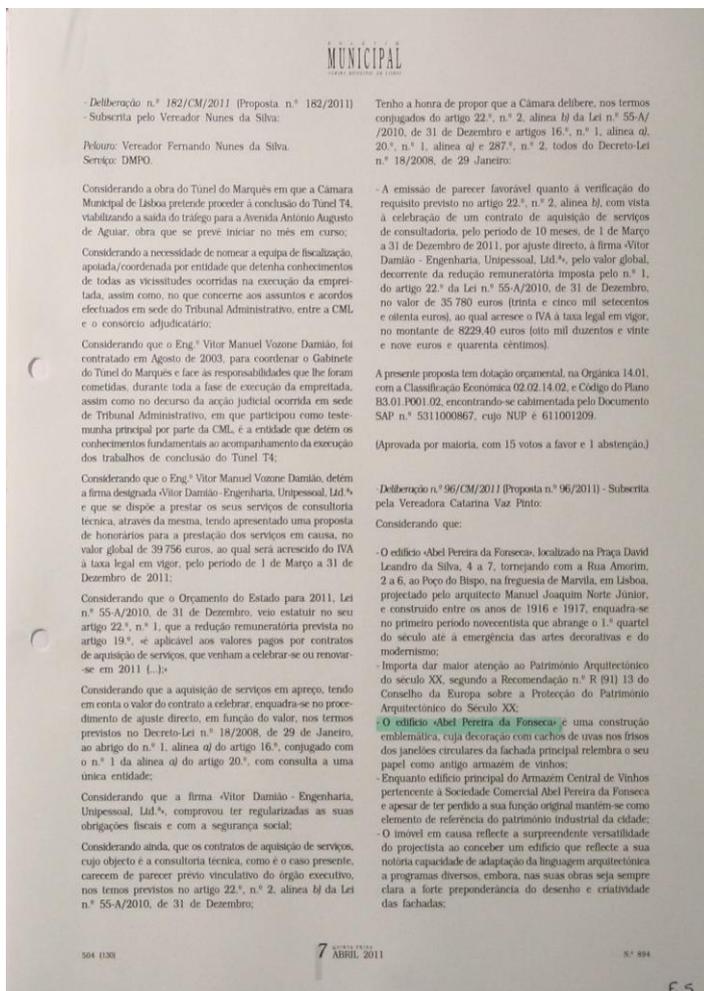
Figura 131 - Vista da entrada da Orquestra Jazz de Matosinhos (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Janeiro 2018)

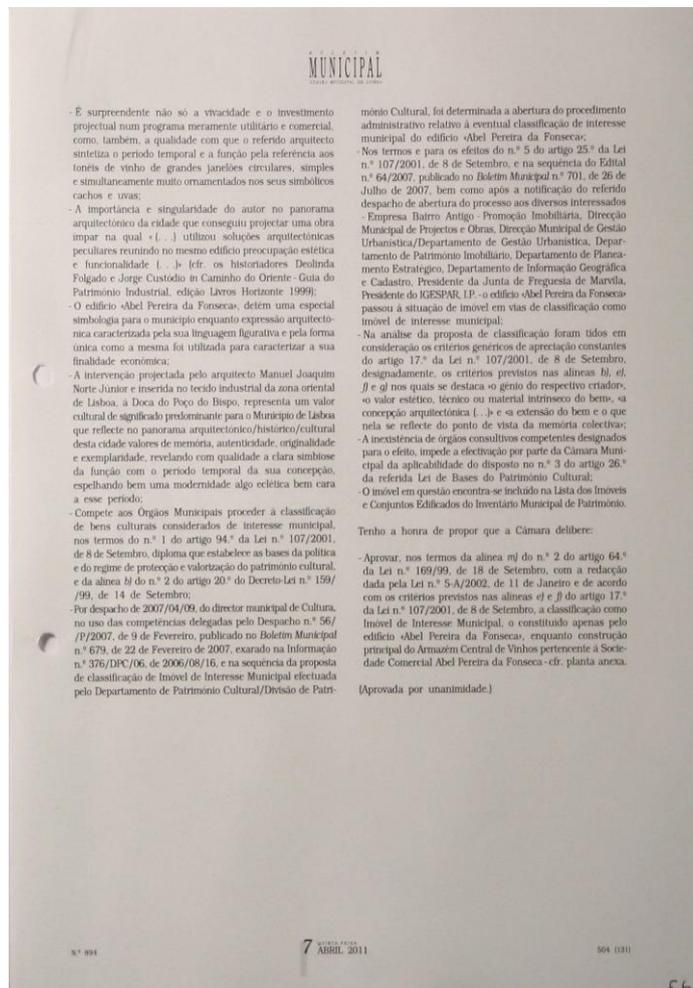


Figura 132 - Vista do espaço de ensaios da Orquestra Jazz de Matosinhos (Fotografia gentilmente cedida pelo Arq. Guilherme Vaz; Autoria: Luís Ferreira Alves; Data: Janeiro 2018)

## D – Documentos Municipais

### I – LX WORK HUB





**EDIFÍCIO ABEL PEREIRA DA FONSECA**  
Documento-síntese

Inserir-se no que pode ser considerado o 1º período cronológico novecentista, que abrange o primeiro quartel do século até à emergência das artes decorativas e do modernismo. Período de grande eclétismo, onde pontuam das experiências arte-nova aos "neo" (românico, árabe, etc.), da Casa Portuguesa à tradição "Beaux Arts".

O Edifício Abel Pereira da Fonseca em análise tem projecto do Arquitecto Manuel Joaquim Norte Júnior (1878/1962), desenvolvido nos anos de 1916 e 17, notando-se entre outras alterações realizadas em fase de obra face ao projecto aprovado, o desenho diverso das serralharias e o não revestimento integral em cantaria, da fachada principal aberta sobre a Praça Leandro da Silva. A versatilidade do projectista está bem patente na concepção do edifício, sendo notória a capacidade de adaptação da sua linguagem arquitectónica a programas bem diversos, embora nas suas obras sempre com clara preponderância do desenho e criatividade das fachadas.

É surpreendente a vivacidade e o investimento projectual num programa meramente utilitário e comercial, mais ainda pela qualidade com que Norte Júnior sintetiza o período temporal e a função, com referência aos tonéis de vinho dos grandes janelões circulares, simples e simultaneamente muito ornamentados nos seus simbólicos cachos e uvas. É bem equilibrada a harmonia destes grandes vãos/tonéis, não só com os vãos curvos do piso térreo, como com os restantes vãos do piso superior, que espelham bem uma modernidade algo eclética bem cara a este período temporal. Na fachada virada à rua Amorim, este eclétismo pode fazer lembrar algumas incursões "neo-românicas" no dimensionamento e expressão de alguns vãos.

Dando pois o projecto, em termos de criatividade, preponderância ao desenho das fachadas, muitas vezes repercutindo-se na concepção das coberturas, algo muito comum no edificado deste período temporal assim como no que lhe é sequente onde predominam as intervenções "art-déco"/modernistas, as áreas interiores da Abel Pereira da Fonseca, têm hoje funções diversificadas e algo alteradas.

Esta intervenção projectada por Norte Júnior, inserida no tecido industrial da zona oriental de Lisboa, à Doca do Poço do Bispo, cumpre os critérios genéricos de apreciação previstos no artº 17º da Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, designadamente o interesse do bem como testemunho simbólico e como valor estético e de memória na sua concepção arquitectónica.

O Edifício Abel Pereira da Fonseca tem interesse cultural relevante pois reflecte também valores de memória, autenticidade e originalidade, pelo que representa um valor cultural de significativo para o Município de Lisboa.

Este edifício está referenciado em inúmeras publicações e inventários do património lisboeta, conforme consta no parecer para o projecto de decisão final para a sua classificação como Imóvel de Interesse Municipal.

04.03.2011

F. 16



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA  
DIRECÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA  
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO CULTURAL  
DIVISÃO DE PATRIMÓNIO CULTURAL

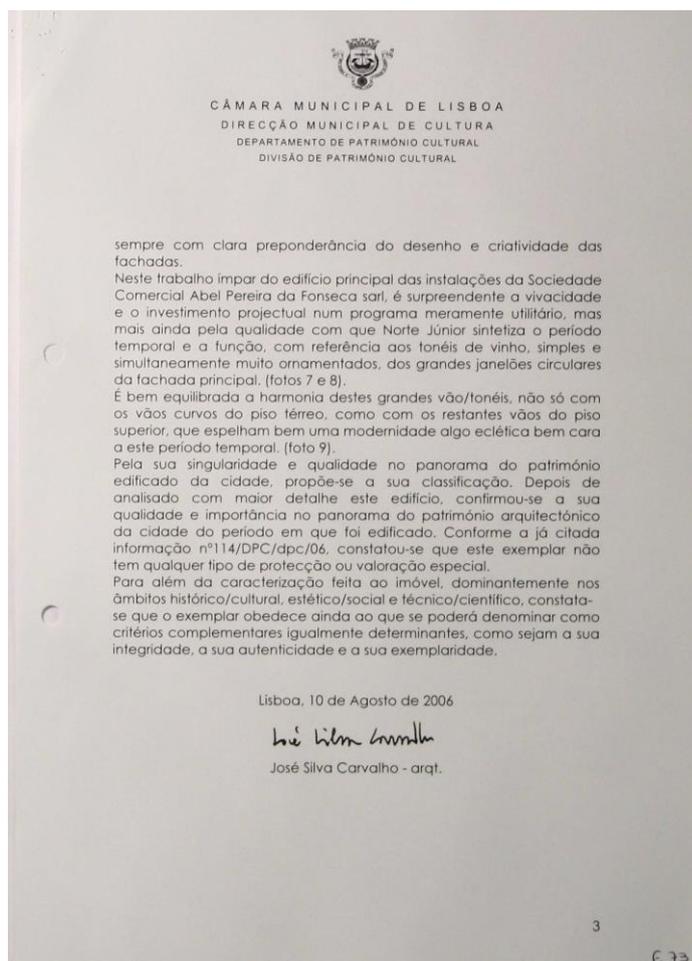
Era pelo piso térreo deste corpo central que se fazia a entrada para o Armazém, distinta pois das dos postos de venda laterais, locais de venda estes que proliferavam pelo país. As instalações viradas à Praça Leandro da Silva, funcionavam pois como o núcleo central da empresa de "vinhos e azeites para consumo e exportação", que já em 1928, segundo os próprios, possuía "mais de meio cento de estabelecimentos em Lisboa e diversas dependências em vários pontos do país".



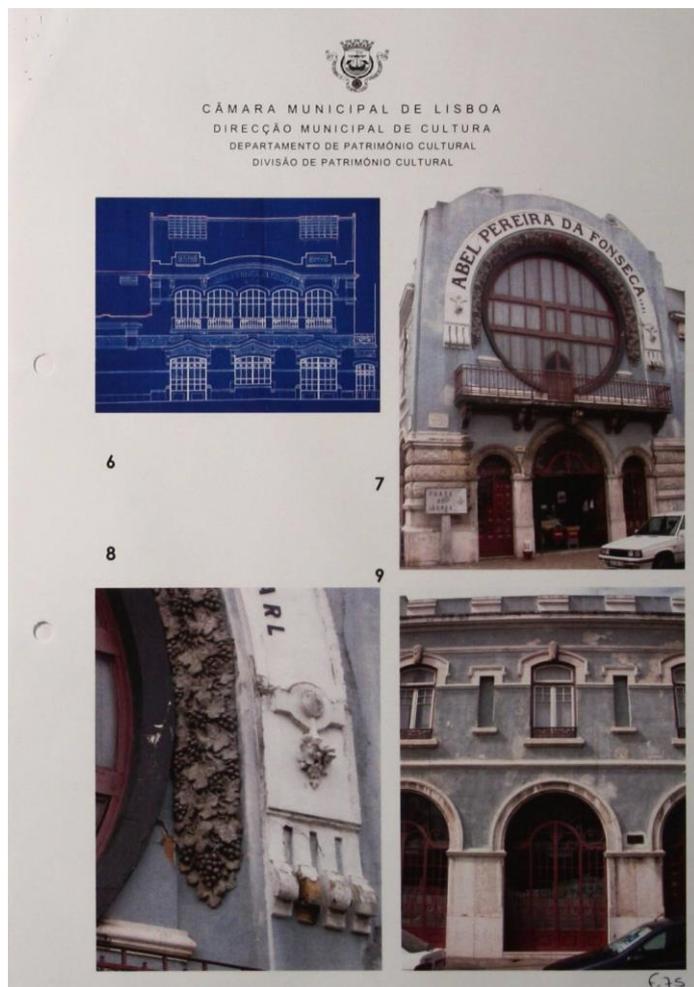
O projecto original de Norte Júnior do prolongamento do armazém para a Rua do Amorim, contíguo ao edifício principal virado à Praça, não se edificou conforme o projecto apresentado à Câmara, (foto 6), não tendo interesse notório a construção levada a cabo em sua substituição.

Nas áreas interiores do edifício principal da Abel Pereira da Fonseca, hoje com funções diversificadas e algo alteradas, embora mantendo-se a essência da sua estrutura, desenvolvem-se espaços não particularmente relevantes. (foto 5).

A versatilidade de Norte Júnior está bem patente na concepção deste edifício. É notória a sua capacidade de adaptação da linguagem arquitectónica a programas bem diversos, embora, nas suas obras,







## E – Fichas SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)

### I – Armazéns Vinícolas Abel Pereira da Fonseca



**SIPA** Sistema de Informação para o Património Arquitetónico  
IPAT.PUBLICIDADE

- SIPA »
- Pesquisar SIPA »
- Recursos »
- Produção e Serviços »
- Revista Monumentos »
- Notícias »
- Agenda »
- Forte Sacavém »

**ARMAZÉNS VINÍCOLAS ABEL PEREIRA DA FONSECA**

Portugal, Lisboa, Lisboa, Marvila

IPA,00003180

Arquitetura de armazenamento e arquitectura comercial, do início da novecentista. Edifício com estrutura em betão armado revestida a alvenaria tradicional, a pálio interior com interesse, envolvido por vários andares. Núcleo a NE, com fachada de gosto oitocentista e exótico, de linhas curvas e composição de sentido clássico.

Número IPA Antigo: PT031106210383

Registo visualizado 1043 vezes desde 27 Julho de 2011



Registo

Mapa

Alterar Registo

Votar/Comentar

Arquivos e coleções

9 Imagens

Adicionar Imagens

Votos/Comentários (0)

**REGISTO**

**DESCRIÇÃO**

Planta poligonal composta por armazéns, adegas e oficinas de implantação rectangular, no sentido N-S, de volumetria horizontalizante do carácter industrial, com maior imponência a SE, compreendendo os seguintes espaços: no RIC serviços médicos, telefonistas, caldeira central de energia, lavagem e engarrafamento de vinho, e armazém com cais de desembarque de todos os produtos, a SE e S, bancaria, carpintaria e azeite; a N, 1º andar com laboratório e arquivos, 2º andar com escritórios; a NO, níveis em todos os pisos, com barreiras. Fachadas em alvenaria pintadas a cinzento, destacando-se entre as platibandas triangulares do sector SE, a divisa da sociedade. Coberturas em telhados de 2 águas suportadas por metras metálicas. A NE, implanta-se o núcleo de lojas no RIC e habitação no 1º andar, destacando-se do conjunto pelo seu teteario ligado a gosto oitocentista, com roco em pedra alternando com arcaria dos vãos rematada por cantaria, no RIC, e dois janelões circulares contornados parcialmente por frisos decorativos com cachos de uvas, no 1º andar, a abrir para varandas em consola, com serrilhadas.

**ACESSOS**

Praça David Leandro da Silva, n.º 4, 5 e 6; Rua do Amorim, n.º12; Avenida Infante D. Henrique

**PROTEÇÃO**

Categoria: IM - Imóvel de Interesse Municipal, Edital n.º 8/2012 da Câmara Municipal de Lisboa, Boletim Municipal n.º 936 de 28 janeiro 2012

**ENQUADRAMENTO**

Urbano, implantado na zona Oriental da cidade, "Caminho do Oriente", na proximidade do rio e doca do Poço do Bispo. Envolvido a N, por P, ajardinada; a E, pela R. do Amorim e a S, pela Av. Infante D. Henrique. Freixas ao armazém, a N, oitocentista ou Clássico Oriental e a E, o prédio do andarco do industrial José Domingos Barreiros, que se prolonga em moendas e armazém. Predominam nesta freguesia os depósitos de cereais, armazéns de Vinhos, fábricas de magnum, indústrias de tabacos, colégio e lanarias.

**DESCRIÇÃO COMPLEMENTAR**

**UTILIZAÇÃO INICIAL**

Armazenamento e logística; adaga

**UTILIZAÇÃO ACTUAL**

Devoluto

**PROPRIEDADE**

Privada; pessoa singular







# Refuncionalização de Edifícios de Arquitetura Industrial, de Armazenamento e Comercial

## AFECÇÃO

Sem afectação

## ÉPOCA CONSTRUÇÃO

Séc. 20

## ARQUITECTO / CONSTRUTOR / AUTOR

ARQUITECTO: Manuel Joaquim Norte Júnior (1917), CONSTRUÇÃO: Sebastião Borges Gouveia (1910-17), José Augusto de Oliveira (1918), Miguel Veiga (1922-27), António Veiga (1929), Francisco Ferreira da Fonseca (1947).

## CRONOLOGIA

Séc.19, finais / séc. 20, princípio - o Poço do Bispo definiu-se como zona industrial e comercial especializada: implantação de tanques e armazéns vinhos, tendo a acção destes conduzido os lavradores a melhorar as condições do cultura e fabrico de vinho; 1906 - Abel Pereira da Fonseca e Francisco do Assis fundaram esta firma que se situava na Rua da Manutenção do Estado, em Xabregas, vindo a formar a primeira empresa vinícola portuguesa que integrava numa mesma companhia os diversos segmentos do comércio de vinho; 1908 - passou para a Rua do Amorim, abindo várias sucursais na cidade para a venda da colheita de José Maria dos Santos "rei do vinho"; mais tarde a empresa "Val do Rio" associou-se a Abel Pereira da Fonseca; 1910 - construiu-se o primeiro piso do edifício hoje existente na esquina do Largo com a Rua Amorim; 1915 - construção de armazém em alvenaria de 2 pisos, em cimento armado (858.00 m<sup>2</sup>) por 17356 e de cavalariça e cocheira para 10 animais, frente ao Largo D. Luís (Praça David Leandrol), com pavimento em betonilha sobreposta com brisa, piso superior em betão armado e revestimento de paredes a azulejo até 1,75 m e estuacado (300 m<sup>2</sup>) por 6550; 1916 - alteração da fachada do armazém e da cobertura; construção de parte do grande armazém em betão armado (897,00 m<sup>2</sup>) por 20544; alterações e construção de tanques em betão armado (184 m<sup>2</sup>) por 4518; 1917 - o arquitecto Manuel Joaquim Norte Júnior (1879-1962) executou o seu projecto de alteração, adaptando-o a armazém e habitação, no 1.º e 2.º pisos, respectivamente; alterações ao projecto: aproveitamento das paredes do armazém até ao 2.º piso, construindo-se para cima em alvenaria de pedra mole, com 0,65m; as paredes laterais em betão armado de 0,20m; todas as peças de madeira em pinho nacional; construção de vedação e varais alterações (13,40m<sup>2</sup>) por 2514; 1918 - construção de armazém em arcos com frente para a Rua Amorim em tijolo a vez e meia, sobre pilares, com reboco de cal e areia; as fachadas lateral sobre o Tejo e posterior e o pavimento em madeira (vigas 0,25x0,10); 1924 - Marcelino Nunes Correia entrou para a firma como sócio gerente, iniciando-se a transformação e ampliação de armazéns adjacentes àquele edifício, entretanto construídos; 1924 / 1925 - ampliação dos armazéns na Rua Amorim n.º 10 a 14, com pavimento em alvenaria de pedra, calcário rijo, argamassa de cal 1:2, rebocada nos dois paramentos; pavimento em betão armado; 1926 - Suspensão da obra de construção de 3 pavimentos, por falta de licença; 1930 - esta casa comercial tornou-se a maior de Lisboa, constituindo uma "vila", pela contínua expansão de oficinas, armazéns e casas de pessoas; Marcelino Nunes Correia, Manuel e António (seus filhos) e António Pereira da Silva são os gerentes da sociedade; 1961 - existiam 1 200 trabalhadores; 1965 - obras clandestinas, com ampliação de armazém através da construção de parede em alvenaria de tijolo e cimento, na Rua do Açúcar (168m<sup>2</sup>) e demolição de outra (3x6m2); 1974 - Manuel Rodrigues dos Santos e Alcino Rodrigues Pinheiro passaram a novos proprietários; 1982 - era a 2.ª maior empresa de comercialização de vinhos em Portugal; 1998 - a firma cedeu o espaço dos armazéns, presentemente devolvido à Câmara Municipal de Lisboa, para actividades de reanimação cultural e turística integradas no "Caminho do Oriente", em articulação com a EXPO 98 e a AMBELIS - música ao vivo, arte pública, exposições, passagem de modelos, mostra de gastronomia.

## DADOS TÉCNICOS

Estrutura autónoma

## MATERIAIS

Cimento, ferro, pedra, tijolo, reboco pintado, cantaria de calcário

## BIBLIOGRAFIA

Indústria Portuguesa, n.º 9, Lisboa, Novembro 1928; Jornal Diário de Notícias, Lisboa, 1982; Guia Urbanístico de Lisboa, Lisboa, AAP, 1987, p. 243; PAIXÃO, Maria da Conceição, Norte Júnior Obra Arquitectónica, (tese de mestrado, texto policopiado), Lisboa, 1989; Plano Director Municipal, Relatório de Enquadramento, Lisboa, Outubro 1993; ARALJO, Norberto, Peregrinações de Lisboa, Lisboa, 1993; FERNANDES, José Manuel, A Arquitectura Modernista em Portugal (1890-1940), Lisboa, Gradiva, 1993; FERNANDES, José Manuel, Lisboa em Obras, Lisboa, 1997; FERRO Carlos, "Expo98 elimina Degradação", in Diário de Notícias, 09 Fevereiro 1998 pp. 10-12; "Oltares a Oriente", in Expresso, Lisboa, 14 Março 1998, p. 3; MOTA, Inêsava (coord.), O LIVRO de Lisboa, Lisboa, 1994; PEDREIRINHO José Manuel, Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Séc. I à Actualidade, Porto, Afrontamento, 1994; RODRIGO Duarte, "Caminho do Oriente", in O Independente, Lisboa, 09 Janeiro 1998, pp. 38; SANTANA Francisco e LUCENA Eduardo, (Dir.), Dicionário da História do Lisboa, Lisboa, 1994; SILVA, Raquel Henriques da, "Armazéns Abel Pereira da Fonseca" in Arquitectura do Século XX, Frankfurt, 1997; TOSTÕES, Ana, "Arquitectura Portuguesa do Séc. XX", in História da Arte Portuguesa, (Dir. Paulo Pereira), vol.III, Lisboa, 1995.

## DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA

IHRU: DGMN/DSID; CML

## DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

IHRU: DGMN/DSID; CML: Arquivo Fotográfico; Família Abel Pereira da Fonseca

## DOCUMENTAÇÃO ADMINISTRATIVA

CML: Arquivo de obras, Processo de Obra n.º 18 813; Família Abel Pereira da Fonseca

## INTERVENÇÃO REALIZADA

PROPRIETÁRIO: 1917 - intervenção do arquitecto Norte Júnior nas alterações das casas existentes no Largo D. Luís contornando a Rua do Amorim; 1919 - reparações e abertura de porta na fachada N. (n.º 27) e construção de 1.º andar; 1921 - pedido para execução de muro no caliz sobre o rio; 1922 - ampliação dos muros de vedação do terreno dos armazéns, junto da Rua Amorim; 1924 / 1925 - ampliação dos armazéns na Rua Amorim n.º 10 a 14, com paramentos em alvenaria de pedra, calcário rijo, argamassa de cal 1:2, rebocada nos dois paramentos; pavimento em betão armado; 1927 - reparações no armazém, com substituição de armação de madeira com 2 envidraçados, por caixilhos de ferro; 1929 - construção de pavimento em betão armado, com escada de serviço (1,00m de largura) e envidraçado com calibrista em ferro; 1932 - abertura de porta na fachada posterior, para torresões anexos; 1933 - colocação de tanque subterrâneo (4 000 litros); 1943 - notificação de que tubos de águas pluviais prejudicam pavimento da via pública; 1947 - pintura na fachada S. de: "CAVES DOS GRANDES VINHOS-



MENAGEM- SANGUINHAL"; 1968 - reparação de telhado; 1981 - projecto de alteração e ampliação do estabelecimento fabril de modo a permitir novos sectores e equipamentos.

## OBSERVAÇÕES

O PDM de Lisboa 93 propunha para a área industrial/portuária onde se implantam os armazéns; instalação do novo parque de exposições da cidade, implementação de núcleo de investigação e tecnologia na zona de Cabo Ruivo, instalação de equipamentos culturais de recreio e lazer ligados ao rio, de novo pavilhão de desportos, e de Parque verde ribeirinho integrando parque de diversões.

## AUTOR E DATA

Teresa Furlado 1998

## ACTUALIZAÇÃO

## II– Edifício da Real Companhia Vinícola



- SIPA »
- Parâmetros SIPA »
- Recursos »
- Produtos e Serviços »
- Revista Monumentos »
- Notícias
- Agenda
- Forte Sacavém »

**EDIFÍCIO DA REAL COMPANHIA VINÍCOLA**  
**Portugal, Porto, Matosinhos, União das freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira**

Arquitetura industrial, eclética.

IPA.00004967



Número IPA Antigo: PT011308060026

Registo visualizado 254 vezes desde 27 Julho de 2011

Registo	Mapa	Alterar Registo	Votar/Comentar
Arquivos e colecções	8 Imagens	Adicionar Imagens	Votos/Comentários (0)

### REGISTO

Edifício e estrutura [Edifício](#) [Armazenamento e logística](#) [Adega](#)

### DESCRIÇÃO

Edifício de planta rectangular com pátio ao centro. Coberturas em telhados articulados por ocreas de apenas um piso para a R. Mouzinho de Albuquerque e Av. Menéres. Um torreão de dois pisos no gavelo entre a Av. Menéres e R. D. João I com cobertura em telhado de quatro águas. Nesta última R. o edifício desenvolve-se articulando zonas de dois pisos com torreões do três pisos e coberturas de duas águas ou quatro águas respectivamente. Adossado a este corpo na quase extensão do pátio um corpo de r/c de cobertura em telhado de duas águas. No pátio localizam-se duas construções destinadas cultura a armazéns / depósito, de planta rectangular de apenas um piso com cobertura em telhado de duas águas. A fachada principal orientada a N. deste conjunto possui um torreão na esquina a O., onde se localiza a entrada marcada pela interrupção dos edifícios de r/c para dar lugar a um portão e um muro anexo por uma grade de ferro. O espaço interior destes edifícios é caracterizado por um despojamento decorativo, com grandes paredes de alvenaria de pedra, coberturas inclinadas com a estrutura do suporte à vista. A maioria das aberturas são janelas de duas folhas sem qualquer moldura, à excepção das voltadas para as ruas envolventes, ora com ombreira e padeira em tijolo, ou um friso contínuo em relevo a percorrer a fachada sobre as aberturas.

### ACESSOS

Matosinhos, Avenida Menéres

### PROTECÇÃO

Categoria: MIP - Monumento de Interesse Público / ZEP, Portaria n.º 431-B/2013, DR, 2.ª série, n.º 124 de 01 julho 2013

### ENQUADRAMENTO

Urbano, constitui a quase totalidade de um quarteirão, delimitando dois gavelos. Para N, a Avenida Menéres, onde se localiza a entrada, a O, a Rua D. João I e a E, a Rua de Mouzinho de Albuquerque. Para S, esta unidade fabril está adossado às traseiras das construções entre a Rua D. João I e a Rua de Mouzinho de Albuquerque.

### DESCRIÇÃO COMPLEMENTAR

#### UTILIZAÇÃO INICIAL

Armazenamento e logística: adega

#### UTILIZAÇÃO ACTUAL

Cultural e recreativa: centro de exposições

#### PROPRIEDADE

Privada: associação

### AFECÇÃO

Sem afecção

### ÉPOCA CONSTRUÇÃO

Séc. 20 / 21

### ARQUITECTO / CONSTRUTOR / AUTOR

ENGENHEIROS: Licínio Guimarães.

### CRONOLOGIA

1897 / 1901 - Construída por Menéres & C.ª; 1903 - Pequena ampliação com a construção de um torreão na esquina entre a Av. Menéres e R. D. João I; 1905 - Extinta a sociedade Menéres & C.ª os vinhos do Porto, espumosos e de mesa passam a ser comercializados pela Companhia Vinícola Portuguesa com sede no Porto; 1916, 27 Abr. - fechamento de Clemente Menéres; 1929 - Introdução de elementos decorativos na fachada; 1930 - Enceramento da Real Vinícola; 1995, 18 Abril - Despacho de abertura do processo de inscrição relativo à eventual classificação do imóvel; 2011, 17 de Novembro - publicação do anúncio nº 1697/2011, DR, 2.ª série, nº 221, com projecto de decisão relativo à classificação como Monumento de Interesse Público e fixação da respectiva zona especial de protecção; 2013, 16 de maio - alteração ao projecto de decisão relativo à classificação como monumento de interesse público (MIP) e à fixação da respectiva zona especial de protecção (ZEP), através do Anúncio n.º 1791-C/2013, publicado no DR, 2.ª série, n.º 94, 2017, 17 novembro - inauguração da Casa da Arquitectura, 2018 - atribuição do prémio FAD 2018 a obra de revitalização da Casa da Arquitectura, na categoria Arquitectura, com menção especial do júri, por Guilherme Machado propor "um lugar de referência que celebra a profissão (do arquiteto) e se converte em exemplo de recuperação e de renovação urbana".

### DADOS TÉCNICOS

Sistema estrutura de paredes portantes.

### MATERIAIS

Paredes exteriores de alvenaria de granito rebocado; Colunas em ferro fundido; Cobertura apoiada em asnas de madeira revestida a folha de barro do tipo marçalha; Cavilhanças exteriores do madeiro pintada; Friso de remate junto ao beiral em azulejos; Peleitos em tijolo maciço; Grade e portão de entrada em ferro fundido; Pátio revestido a cubo de granito.

### BIBLIOGRAFIA

LEITÃO, Joaquim, Guia Ilustrado da Foz, Matosinhos, Leça e Lavadores, Porto, 1907, SALGADO, Alguns aspectos da evolução urbana de Matosinhos, Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, nº 30, Matosinhos, 1998.

### DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA

#### DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

DGPC: DGEMNDSID

#### DOCUMENTAÇÃO ADMINISTRATIVA

#### INTERVENÇÃO REALIZADA

2017 - conclusão das obras de reabilitação do edifício e adaptação a arquivo e centro de exposições.

#### OBSERVAÇÕES

Nos finais do séc. 19, no 1.º Plano de Urbanização de Matosinhos prevista no chamado *Áreal do Prado* a ocupação por uma malha ortogonal regular, composta por quarteirões com dimensões de 112 x 66m e estrutura viária não hierarquizada com largura de 10 metros. O Plano de reconversão de Matosinhos S. prevê a readaptação deste complexo para actividades culturais. Este complexo fabril não eram na verdade uma fábrica, mas sim uma unidade constituída por armazéns onde se efectuava a análise química laboratorial, a rotulagem, a embalagem e exposição do vinho. Este edifício possui uma tansaria a vapor, uma das primeiras na região. Neste edifício a linha férrea teve em tempos o seu terminus. Esta unidade industrial tinha ligação directa às doas do porto de Leixões por três linhas férreas. Constitui a 1.ª unidade industrial a instalar-se na zona. A sua importância é comprovada pelo nome da R. que lhe dá acesso: Menéres. Actualmente esta unidade fabril é das únicas que ainda mantem uma implantação aproximada à da malha estabelecida pelo Plano de Urbanização original.

#### AUTOR E DATA

Isabel Soreno 1995

#### ACTUALIZAÇÃO



## F –Enunciado PFA (Projeto Final de Arquitectura)

ISCTE-IUL  
Departamento de Arquitectura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitectura  
**PROJECTO FINAL DE ARQUITECTURA**  
5ºano, ano lectivo 2017|2018  
Docente: Pedro Mendes



### 1. Objectivos

Projecto Final de Arquitectura (PFA) materializa o último ano do Mestrado Integrado em Arquitectura e o início de uma carreira na área de arquitectura. Na conclusão de PFA, aos estudantes é requerida a demonstração da capacidade de explorar problemas complexos de uma forma aprofundada e que se desenvolvam enquadrados por uma perspectiva crítica que articule as diversas áreas de conhecimento envolvidas. Deverá ainda ser considerado o domínio das ferramentas próprias do universo do projecto enquanto pedra de fundação do processo de investigação das propostas apresentadas.

Aos alunos é solicitado que elaborem um projecto de arquitectura que seja reflexo de um rigoroso processo de investigação. Semelhante rigor é exigido na solução e comunicação da solução desenvolvida. As opções assumidas, no universo do projecto, deverão posicionar-se, numa perspectiva crítica, no contexto nacional e internacional da área de investigação do projecto de arquitectura.

Os objectivos do último ano do 2º ciclo centram-se em capacitar o aluno a adquirir competências para:

1. Desenvolver e aprofundar os domínios da prática do projecto de arquitectura enquanto processo que se materializa numa forma construída.
2. Desenvolver a capacidade de elaborar uma leitura crítica e integrada de um território urbano concreto em processo de transformação e requalificação.
3. Propor e desenvolver uma estratégia geral e os programas de regeneração urbana e arquitectónica do território.
4. Trabalhar os objectivos, definidos em 1 e 2, num processo de simultaneidade e interação.
5. Desenvolver e comunicar uma síntese de projecto que estabeleça o cruzamento de componentes formais, culturais, construtivas e estruturais.

6. Exploração das potencialidades da relação entre os processos de concepção de projecto e a sua representação e comunicação gráfica e oral.

## 2. Método

O processo de ensino/aprendizagem é desenvolvido em aulas de apoio tutorial e nos seminários/conferências sobre os temas e módulos do programa. No âmbito das aulas e seminários serão analisados, em grupo, casos de estudo relacionados com os temas do trabalho. Deste modo será possível estabelecer o cruzamento e interação entre as componentes de carácter teórico com a prática desenvolvida nas propostas dos alunos.

Atendendo a que o desenvolvimento dos objectivos e a aplicação prática dos conteúdos programáticos se envolvem num processo não linear, pleno de avanços e recuos, caracterizado pela permanente interação dos factores envolvidos na elaboração da síntese projectual, não é possível estabelecer uma relação unívoca e directa entre os objectivos de aprendizagem e o programa. As relações que se estabelecem, na definição da proposta final de projecto, são de carácter dinâmico e interactivo. Na síntese final da estratégia de projecto arquitectónico, a apresentar por cada aluno, não se trata de encontrar a solução ideal que responda a cada um dos factores individualmente; trata-se antes de investigar/descobrir a melhor relação entre os conteúdos e a forma arquitectónica, ou seja entre o quadro de temas e factores seleccionados para o desenvolvimento da proposta e sua concretização material e formal. Não sendo um processo arbitrário ou aleatório, a lógica da proposta constrói-se através de uma trama de relações que se definem e redefinem no universo alargado das várias vertentes da investigação do projecto de arquitectura.

## 3. Programa

Alenquer é o local seleccionado para desenvolver os trabalhos de PFA. Trata-se de uma Vila inserida na Área Metropolitana de Lisboa (AML). A sua localização estratégica contribui para a sua relevância no território. O concelho é caracterizado por um contraste entre uma rede de infra estruturas de mobilidade (rodoviária e comboio) e um sistema de produção industrial e agrícola.

O Exercício de projecto centra-se na abordagem da dinâmica de relações que se estabelecem entre o edificado existente e proposto, bem como do espaço público e do território. As áreas a abordar organizam-se em torno da Vila de Alenquer, do Carregado e das estações de comboio da Vala do Carregado.

Cabe aos alunos a leitura e interpretação do território existente e consequente selecção do tema a desenvolver no trabalho. O território apresenta diversas oportunidades de intervenção. Desde a Vila de Alenquer (requalificação de edificado e espaço público, construção de novos equipamentos), passando pelo Bairro Calouste Gulbenkian, Carregado até às estações de comboio.

## 4 Exercício/Calendarização

Ao longo do ano será desenvolvido um exercício que se envolve numa permanente e progressiva articulação do todo com a parte e da parte com o todo.

O trabalho será desenvolvido de acordo com a seguinte calendarização. É de realçar que as propostas deverão ser concluídas até ao final do período lectivo (Maio 2018), havendo a possibilidade de melhorar os trabalhos até Julho.

#### **4.1 - Leitura crítica do território. Hipóteses para o projecto (Trabalho de grupo, máximo 4 elementos)**

Entrega (23/10/2017): caderno síntese A2 e painel em A1, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).  
(Escala 1/10 000, 1/2000) 6 semanas

Apresentações e críticas (25, 27 Outubro) 1 semana

#### **4.2 - Proposta de projecto de Edifício/Espaços exteriores (individual)**

Entrega (11/12/2017): caderno síntese A3, 3 painéis A1, desenhos em A1, maquetas, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).  
(Escala 1/2000, 1/500) 5 semanas

Apresentações e críticas (13, 15 Dezembro) 1 semana

#### **4.3 - Proposta de projecto de Edifício/Espaços exteriores (individual)**

Entrega (26/02/2018): caderno síntese A3 e 3 painéis A1, desenhos em A1, maquetas, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).  
(Escala 1/2000, 1/500, 1/200) 1 semana

Apresentações e críticas

#### **4.4 - Revisão das propostas de 1), 2) e 3) (individual)**

Entrega (02/04/2018): caderno síntese A3 e 3 painéis A1, desenhos em A1, maquetas, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).  
Escala 1/5000, 1/2000, 1/500, 1/200 3 semanas

Apresentações e críticas

#### **4.5.- Proposta de projecto de Edifício/Espaços exteriores (individual)**

Entrega (14/05/2018): caderno síntese A3 e 3 painéis A1, desenhos em A1, maquetas, modelo 3D (facultativo), esquemas síntese, Memória Descritiva (máximo 5 000 caracteres), síntese do processo de evolução da proposta (todo o percurso de trabalho deverá ser registado em caderno A4. Poderão ser utilizados outros meios de registo complementares).  
Desenvolvimento das soluções construtivas das propostas (1/50, 1/20, 1/10).

(Escala 1/2000, 1/500, 1/200, 1/50, 1/20, 1/10) 6 semanas

Apresentações e críticas

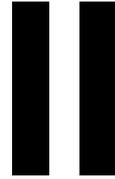
#### **5. Aferição da evolução dos trabalhos**

A evolução dos trabalhos será aferida ao longo do semestre até à avaliação final. Incide sobre os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e a sua participação efetiva tanto nos trabalhos de grupo como individuais. Será ainda dada especial atenção à regularidade das presenças dos alunos nas aulas.

No processo de aferição serão considerados os conteúdos dos enunciados do exercício e da FUC. Será igualmente ponderado:

- O processo de pesquisa e reflexão sobre os temas do projecto.
- A clareza das propostas, nomeadamente na relação entre edifício e o contexto territorial.
- A utilização e controlo de princípios construtivos da forma.
- A incorporação de conhecimentos tecnológicos e de sustentabilidade.
- A qualidade das propostas.
- A clareza e rigor na apresentação (gráfica, escrita e oral) das propostas.
- A participação e assiduidade.





# **Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado**

**Refuncionalização de Antigos Armazéns na Vala do Carregado para  
Alojamento e Unidade de Apoio a Atividades Náuticas**





Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitetura

**Eunice Daniela Vieira Ruivo**

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Arquitetura

**Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado**

Tutor:

Professor Pedro Mendes, Professor Auxiliar Convidado

ISCTE-IUL

Lisboa, Outubro, 2018



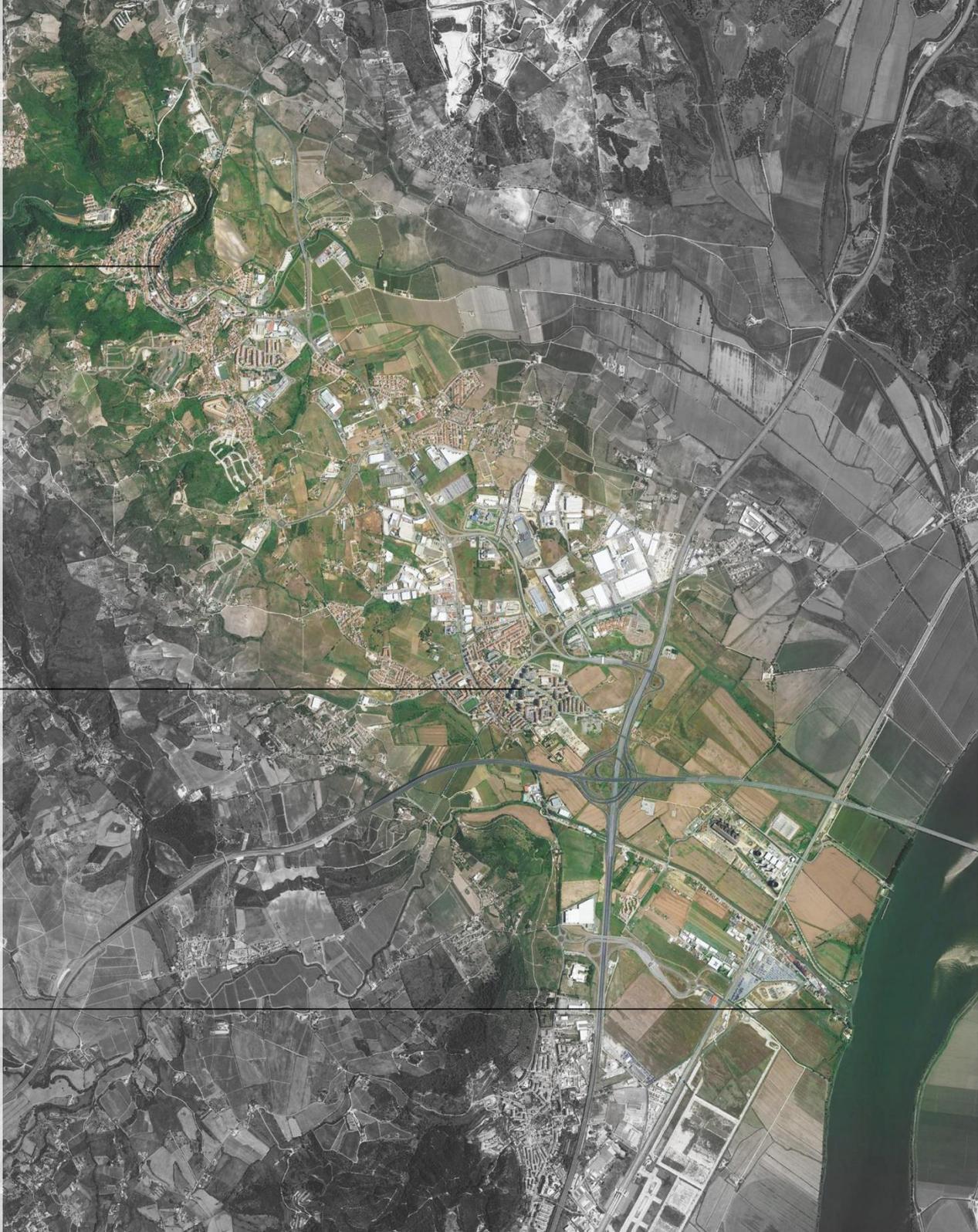
## ÍNDICE

<b>1. O Território – Faixa Alenquer-Vala Do Carregado.....</b>	<b>270</b>
<b>2. Proposta De Grupo - Percorso Pedonal Vila-Tejo.....</b>	<b>276</b>
<b>3. Proposta Individual - Regeneração Dos Antigos Armazéns De Cerâmica Da Vala Do Carregado.....</b>	<b>284</b>
O Lugar   A Vala Do Carregado.....	287
Surgimento Do Projeto.....	295
Regeneração Dos Antigos Armazéns De Cerâmica Da Vala Do Carregado.....	307
Desenhos Técnicos.....	310
Sistemas Construtivos.....	322
Fotomontagens.....	331

Alenquer

Carregado

Vala do  
Carregado



## 1. O TERRITÓRIO - FAIXA ALENQUER-VALA DO CARREGADO

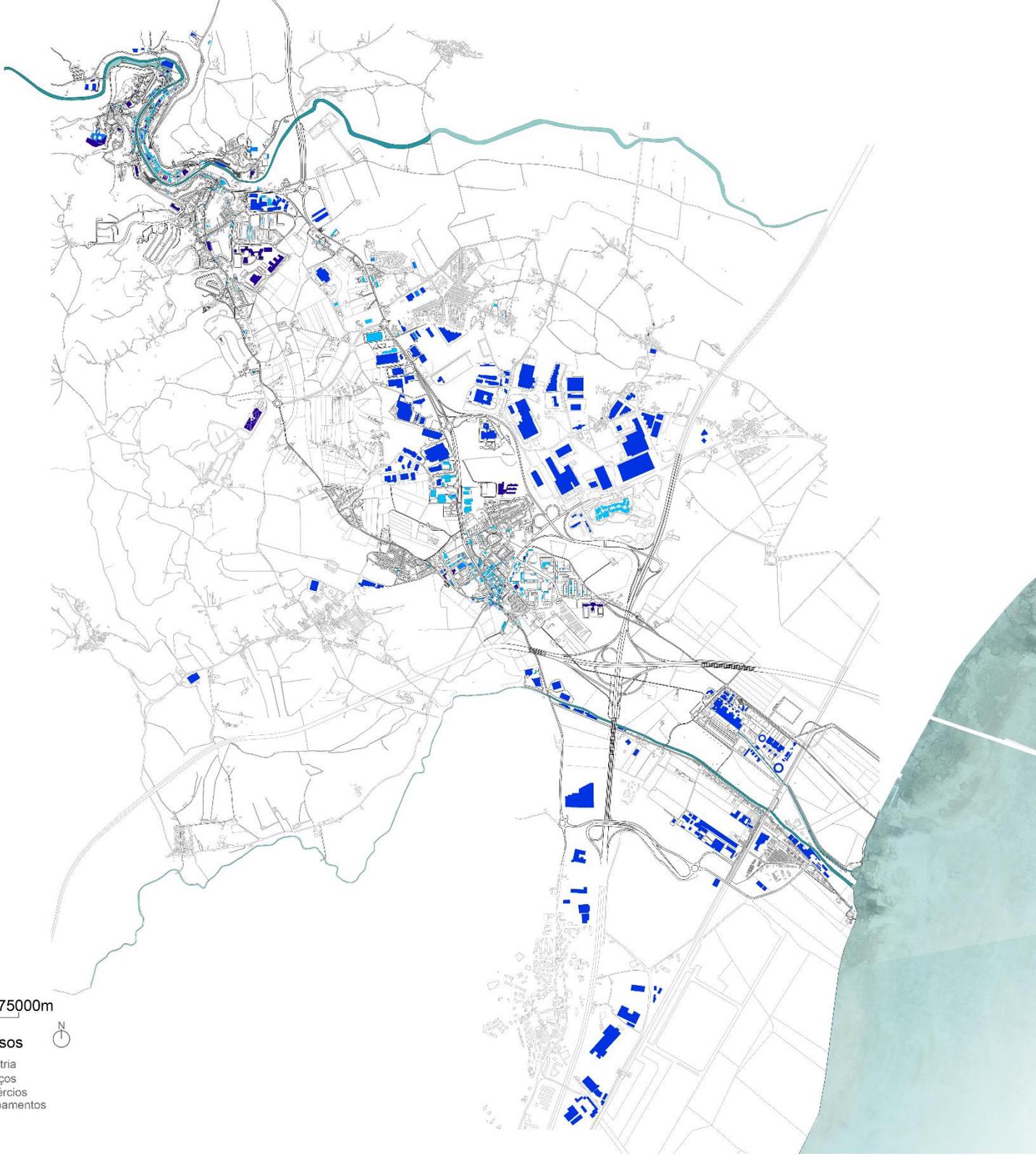
Nesta vertente prática de Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, do ano letivo 2017/2018, é proposto um exercício focado numa abordagem de relações e dinâmicas entre o edificado existente e o proposto num território inserido na Área Metropolitana de Lisboa (AML) que abrange desde a Vila de Alenquer, passando pelo Bairro Calouste Gulbenkian, Carregado, terminando na zona ribeirinha da Vala do Carregado.

Esta faixa define-se por ser um território de grandes contrastes, onde a relação (ou falta dela) entre as infraestruturas de mobilidade (rodoviária e ferroviária) e sistemas de produção industrial e agrícola é colocada em evidência.

Alenquer, vila histórica, berço do humanista Damião de Góis, define-se pelo seu rio que acompanha o desenvolver da vila e pela “encosta do Presépio de Portugal”. É testemunho de um vasto património que afirma a sua memória e história singulares. Tem uma paisagem natural característica que acompanha a transição do campo para a planície passando pelas suas vinhas (fulcrais para a economia da região). Nos últimos anos, é notório o impacto que a crise económica teve no seu desenvolvimento, pelas suas construções inacabadas ou de fraca qualidade, com custos elevados para o município, resultando em vários problemas de gestão territorial e ambiental.

A zona do Carregado é caracterizada por processos de crescimento urbano acelerado sem organização e planeamento, resultando num desenho de inúmeros contrastes de usos (habitação, indústria, comércio, infraestruturas) em que o espaço público existente é consequência de áreas sobrantes não planeadas nem estruturadas. Em seu redor estão situadas também várias indústrias de grandes dimensões dando origem a um tráfego muito grande de pesados que, pela falta de planeamento urbano, resulta em grandes congestionamentos e confusões dentro das urbes próximas.

A Vala do Carregado é um território fortemente marcado pelo atravessamento da linha do comboio tornando-se numa grande barreira de mobilidade para o local. Tem na sua grande maioria terrenos agrícolas pela proximidade ao rio Tejo e grandes estruturas industriais.



0 75000m

Planta de Usos



- Indústria
- Serviços
- Comércios
- Equipamentos



*Vista sobre a vila de Alenquer*

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Vista do cruzamento da Estrada Nacional n.º 1 com Estrada Nacional n.º 3, no Carregado*

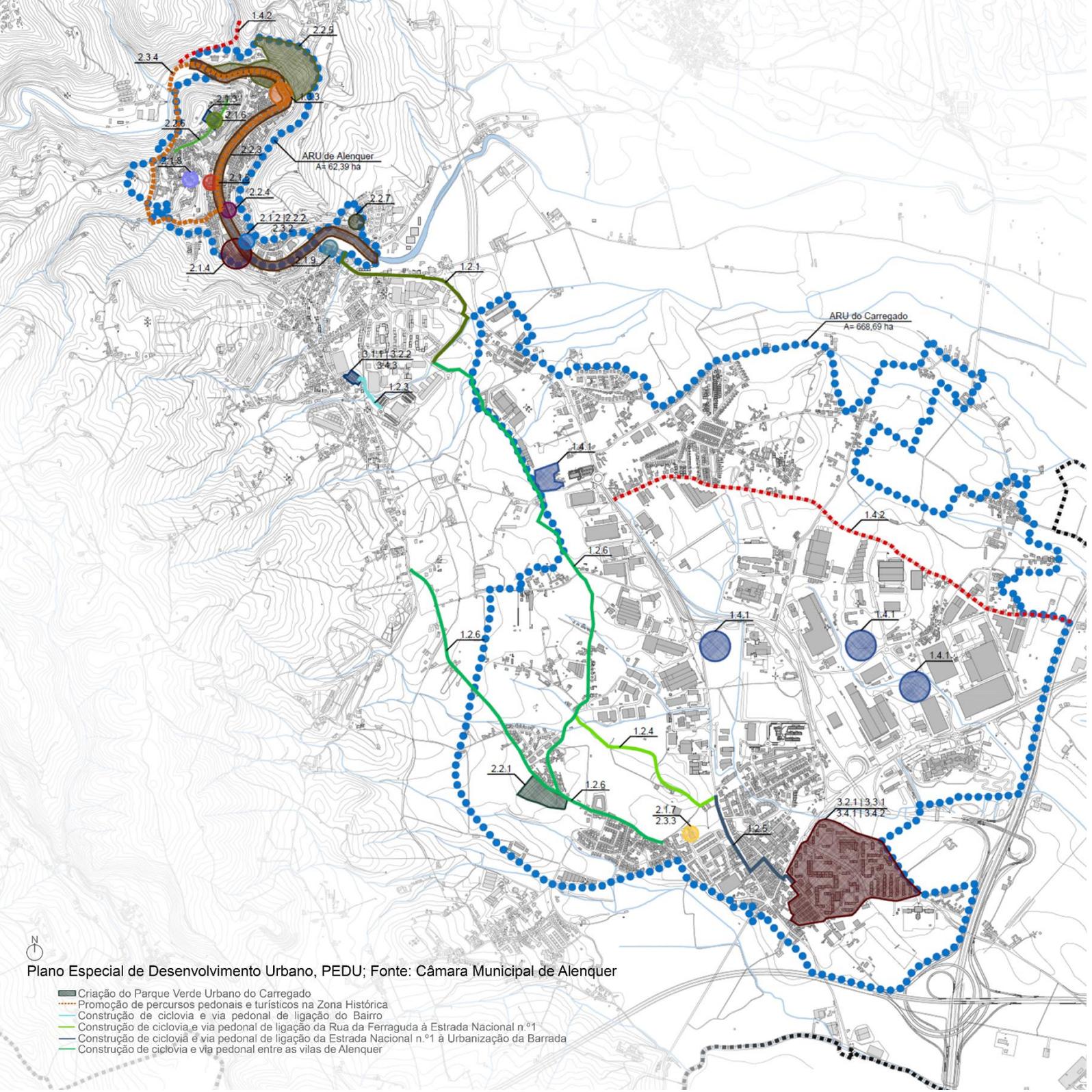


*Vista da frente rio-Tejo na Vala do Carregado*

2. PROPOSTA DE GRUPO  
**PERCURSO PEDONAL VILA-TEJO**



*Fotomontagem do Percurso Pedestre Vila-Tejo, Alenquer.*



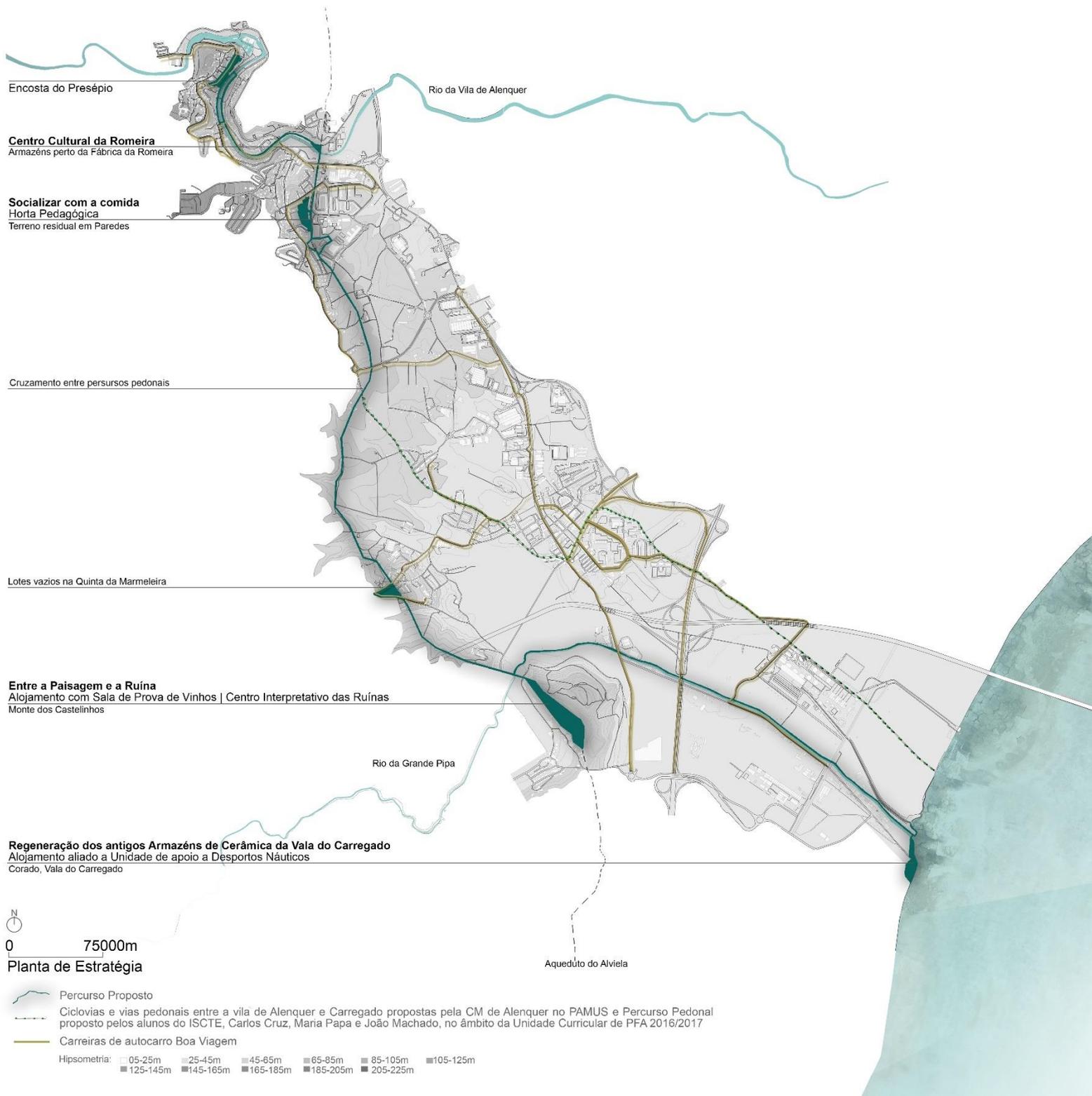
Plano Especial de Desenvolvimento Urbano, PEDU; Fonte: Câmara Municipal de Alenquer

- Criação do Parque Verde Urbano do Carregado
- Promoção de percursos pedonais e turísticos na Zona Histórica
- Construção de ciclovia e via pedonal de ligação do Bairro
- Construção de ciclovia e via pedonal de ligação da Rua da Ferraguda à Estrada Nacional n.º 1
- Construção de ciclovia e via pedonal de ligação da Estrada Nacional n.º 1 à Urbanização da Barrada
- Construção de ciclovia e via pedonal entre as vilas de Alenquer

A seguinte proposta insere-se na faixa entre a vila histórica de Alenquer e a Vala do Carregado, no concelho de Alenquer. Atualmente, esta faixa é composta por dois grandes núcleos, a zona histórica e o Carregado, cuja relação se baseia em vias rodoviárias, desprezando qualquer contacto direto entre a pessoa e o espaço. Em adição, esta condição dificulta o acesso entre núcleos e, mais gravemente, o acesso à via ferroviária.

Recentemente, surgiram várias propostas que pretendem resolver este impasse e reunir estes núcleos de um modo não dependente no veículo privado. Aqui referem-se principalmente as estratégias da Câmara de Alenquer de criar um percurso turístico, novas ciclovias e um Parque Urbano, e à estratégia desenvolvida pelos alunos do ISCTE, Carlos Cruz, Maria Papa e João Machado, no âmbito da Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura no ano letivo de 2016/2017.

Contudo, estas não se embrenham muito na zona histórica ou no povoado Paredes, permanecendo mais na zona do Carregado e na Guizanderia até ao Corado. Em adição, por se manterem maioritariamente junto aos núcleos industriais e residenciais, menosprezam a paisagem rural que distingue o concelho.



Encosta do Presépio

Rio da Vila de Alenquer

**Centro Cultural da Romeira**

Armazéns perto da Fábrica da Romeira

**Socializar com a comida**

Horta Pedagógica

Terreno residual em Paredes

Cruzamento entre persursos pedonais

Lotes vazios na Quinta da Marmeleira

**Entre a Paisagem e a Ruína**

Alojamento com Sala de Prova de Vinhos | Centro Interpretativo das Ruínas

Monte dos Castelinhos

Rio da Grande Pipa

**Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado**

Alojamento aliado a Unidade de apoio a Desportos Náuticos

Corado, Vala do Carregado

Aqueduto do Alviela



0 75000m

**Planta de Estratégia**

- Percurso Proposto
- Ciclovias e vias pedonais entre a vila de Alenquer e Carregado propostas pela CM de Alenquer no PAMUS e Percurso Pedonal proposto pelos alunos do ISCTE, Carlos Cruz, Maria Papa e João Machado, no âmbito da Unidade Curricular de PFA 2016/2017
- Carreiras de autocarro Boa Viagem

Hipsometria:  05-25m  25-45m  45-65m  65-85m  85-105m  105-125m  
 125-145m  145-165m  165-185m  185-205m  205-225m

Assim sendo, a estratégia aqui proposta pretende complementar essas propostas de mobilidade, contribuindo com pontos de permanência e de acesso facilitado em locais estratégicos que incentivem o uso deste percurso pedestre alternativo. Enfatiza-se, todavia, que a intenção não é a de criar uma travessia rápida entre a zona histórica e o Rio Tejo, mas sim a de revelar a existência de um percurso recreativo não dependente do veículo privado que conecta os dois núcleos principais e os bairros de Paredes, da Quinta da Marmeleira e do Corado.

Simultaneamente, procura-se resolver outras questões que dificultam o uso do espaço público por parte da população, incluindo a relação de “dormitório” que Paredes mantém com a vila e a falta de relação entre os habitantes e o seu património natural, nomeadamente a Ria de Alenquer, o Monte dos Castelinhos e o Rio Tejo.

A água, elemento de grande presença em Alenquer, surge como elemento definidor deste percurso. Ao utilizar certas linhas de água que marcam o território, nomeadamente a Ria de Alenquer e o Rio da Grande Pipa, em junção com o Aqueduto do Alviela, é possível desenhar um trajeto que põe em evidência a paisagem natural do concelho e o seu carácter rural.



*Fotomontagem do percurso pedonal*



*Fotomontagem do percurso pedonal*

### 3. PROPOSTA INDIVIDUAL

## **REGENERAÇÃO DOS ANTIGOS ARMAZÉNS DE CERÂMICA DA VALA DO CARREGADO**



Central Termoeletrica do Ribatejo

Rua da Vala

Linha dos Caminhos de Ferro

Vala do Carregado

Terreno Cadastral

Rua Prudencio Duarte Correia

Antigos Armazens da Antiga Fabricao  
de Ceramica da Vala do Carregado

0 100m



Planta de localizacao  
Vala do Carregado



## O LUGAR | A VALA DO CARREGADO

Inserido na proposta estratégica que pretende a junção dos núcleos da vila de Alenquer e da Vala do Carregado através de um percurso recreativo, pedestre, alternativo e sustentável, surge o projeto do alojamento ancorado a uma unidade de apoio a atividades náuticas localizado junto ao rio Tejo, na área do Corado, Vala do Carregado.

A proposta de programa de alojamento aliado a uma unidade de apoio a desportos náuticos, localiza-se na frente ribeirinha da Vala do Carregado, na freguesia de Castanheira do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, na área Metropolitana de Lisboa Norte.

O terreno do lote a ser utilizado é bastante vasto e é confrontado a Norte com a EN 1-3 e com o Rio Grande da Pipa (nesta zona designado por Vala do Carregado), a Este com o Rio Tejo, a Sul com terrenos agrícolas e a Oeste com a linha dos caminhos de ferro que marca fortemente este terreno, dificultando o acesso também às margens do rio Tejo. Na sua envolvente existem ainda grandes unidades industriais que contrastam com os restantes terrenos até à margem do Rio Tejo, de uso agrícola e pasto para os animais.

## Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Vista do Rio Tejo para a Vala do Carregado*

Contudo, apesar da vasta dimensão cadastral, apenas se irá utilizar uma pequena percentagem do terreno - frente ribeirinha, área dos antigos armazéns da antiga e já inexistente fábrica da Cerâmica da Vala do Carregado. É de salientar que os terrenos se mostram planos sendo caracterizados por uma altitude gradiente que varia entre os 3.5m e os 4.5m e que apesar dos solos serem em geral férteis, o potencial agrícola é incerto uma vez que são frequentemente sujeitos a inundações e, daí também, não ser permitida a ampliação da implantação do edificado.

Atualmente existem propostas de requalificação do espaço público inseridas no Plano de Pormenor da Vala do Carregado, sendo que algumas já foram realizadas como é o caso da requalificação do passeio ao longo da Rua da Vala (ligação à frente ribeirinha).

“A Arquitectura Civil está representada em diversos imóveis, cuja existência atesta a importância que alguns núcleos ali tiveram no passado. (...) Destacam-se assim diversos imóveis, dos quais (...) o Cais da Vala do Carregado (Castanheira do Ribatejo). Construído no século XIX, este cais servia de via de penetração para as zonas de Castanheira e Alenquer e registou assinalável movimento até meados do século XX: numa primeira fase, servindo a fábrica de cerâmica aí existente, numa segunda, que terminou sensivelmente na década de sessenta, o transporte de vinhos. Além da função piscatória que ainda se mantém, o cais da Vala do Carregado servia também as lezírias, na outra margem, nomeadamente no transporte de pedra para os trabalhos de valagem.”<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> Câmara Municipal de Vila Franca de Xira – 1ª Revisão do Plano diretor Municipal de Vila Franca de Xira. **Análise e Diagnóstico. Caderno IV – História e Património (V6)**. I Vol. 2004. Pág. 36

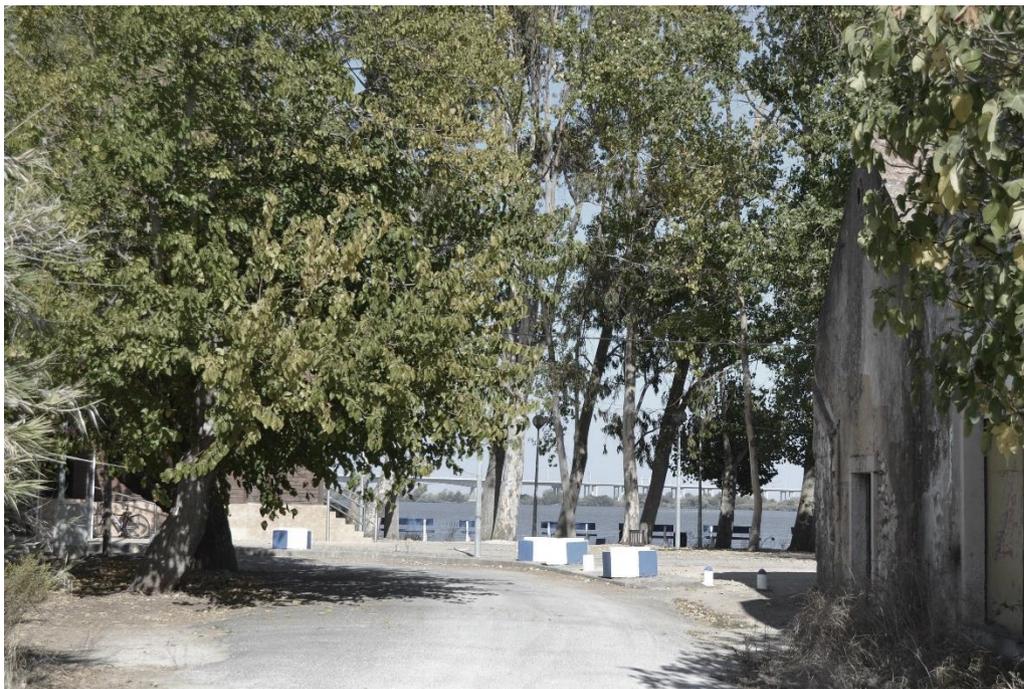
## Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Requalificação do passeio da Rua da Vala*



*Vista sobre o Rio Tejo na Vala do Carregado*



*Relação do Alçado Noroeste dos antigos armazéns de Cerâmica com o Rio Tejo*



*Rua Prudêncio Duarte Correia*

Corado, Vala do Carregado  
(Proposta de alojamento +  
Unidade de Apoio  
a Atividades Náuticas)

Caminho do Tejo  
Lisboa-Fátima

União Desportiva Vilafranquense  
(Clube Náutico)

Secção de Vela, Alhandra  
(Vela; Canoagem; Kayak-polo;  
Windsurf; Sup; Formação Náutica)

0 1000m



Ortofotomapa Vala do Carregado - Alhandra



## SURGIMENTO DO PROJETO

A intenção de reabilitação e refuncionalização dos edifícios dos antigos armazéns da antiga Fábrica da Cerâmica e requalificação do espaço público envolvente, surge com o intuito de conferir uma nova frente ribeirinha à Vala do Carregado, através das potencialidades aí existentes.

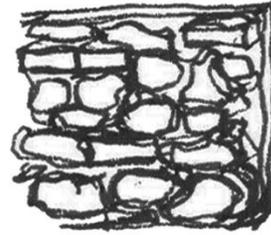
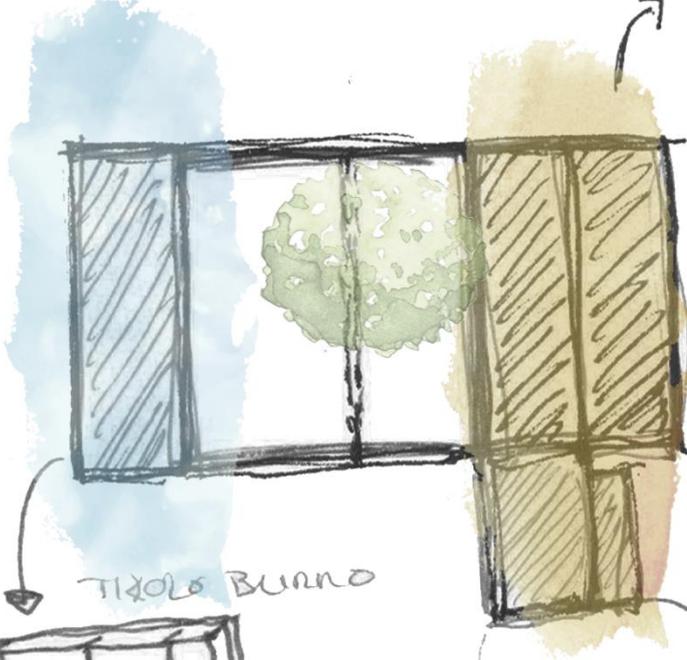
De acordo com a estratégia definida pelo grupo, esta proposta encontra-se no fim de um percurso sustentável pedonal alternativo que tem início em Alenquer, e visa à refuncionalização do antigo edificado num programa de alojamento com uma unidade de apoio a desportos náuticos sugeridos para o local (funcionando aliados ao Clube União Desportiva Vilafranquense e ao Clube Náutico de Alhandra) com base nas potencialidades que este apresenta devido à sua proximidade e relação com o Rio Tejo.

Este programa de alojamento, surge pelo conjunto de potencialidades existentes no local, possibilitando simultaneamente, a complementação do percurso de peregrinação a Fátima, o qual, cruza a Vala do Carregado a cerca de 500 metros do alojamento proposto.

Unidade de apoio  
às atividades náuticas

Alojamento

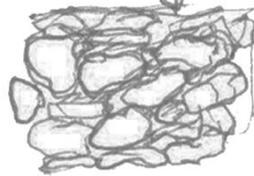
ALTO → PEDRA + TISCO



TIZOLO BUENO



TIZOLO



ALTO → PEDRA + TISCO

Este edificado, atualmente em avançado estado de degradação, passou pelo menos por duas fases de construção – notáveis, pelos seus diferentes sistemas construtivos – uma, a meados do séc. XIX com um sistema construtivo de alvenaria mista (pedra e tijolo) e outra a meados do séc. XX com as alvenarias de tijolo.

O alojamento funciona no antigo edifício habitacional e nas duas naves traseiras a este (construções em alvenaria mista) e a unidade de apoio às atividades náuticas na nave mais a Sudoeste. Sendo que as naves centrais estão ausentes de cobertura, é pretendido que este seja um espaço de pátio interior, comum aos dois programas.

O projeto visa o tratamento do edificado e envolvente próxima, tendo sempre a preocupação de respeitar a natureza e edificados existentes. Este tratamento é feito através da organização do espaço público, tendo em conta a programática de desportos náuticos subjacentes à proposta (ampliação do cais existente) e da criação de uma zona de estacionamento “camuflada” por arvoredos densos apoiando o funcionamento do programa proposto e núcleo de cafetaria aí existente.

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Alçado Noroeste e Alçado Nordeste dos antigos armazéns de Cerâmica*



*Conjunto do edificado dos armazéns e antiga habitação*

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Alçado Sudoeste e Alçado Sudeste dos antigos armazéns de Cerâmica*



*Alçado Sudeste parcial dos antigos armazéns de Cerâmica*

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Alçado Nordeste da antiga habitação*



*Alçado Nordeste parcial dos antigos armazéns de Cerâmica*

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado

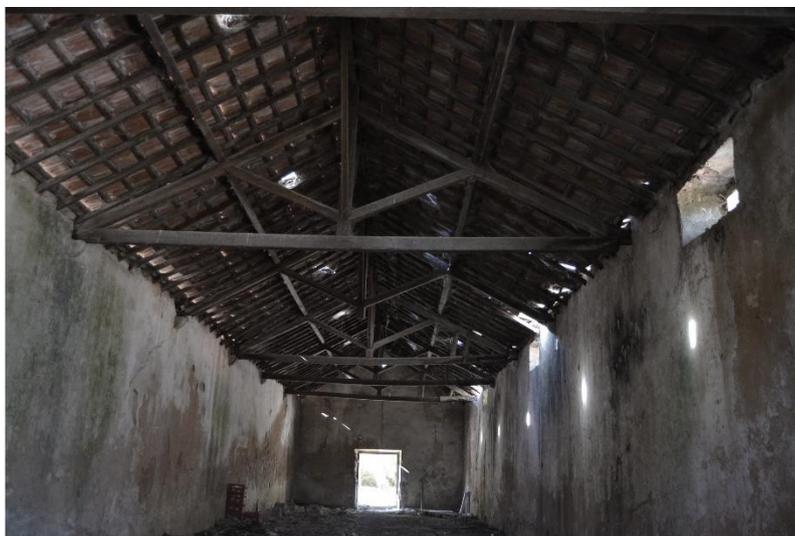


*Alçado Nordeste interior dos antigos armazéns de Cerâmica*



*Pátio interior resultante do desabamento das duas coberturas outrora aí existentes*

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Vista do interior do armazém a Nordeste*



*Vista do interior do armazém a Nordeste*



*Vista do interior da antiga habitação*



*Vista do interior da antiga habitação*

## Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Relação do antigo edifício de habitação com o Rio Tejo*



*Relação do edificado de armazenamento com a recente edificação de instalações sanitárias*

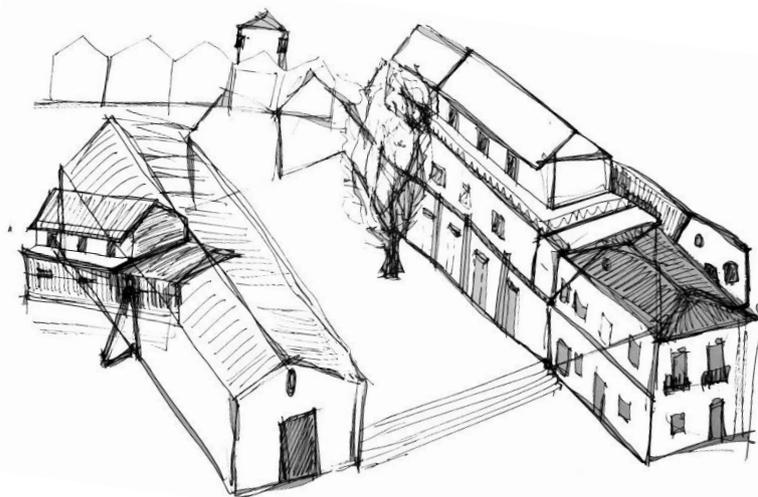
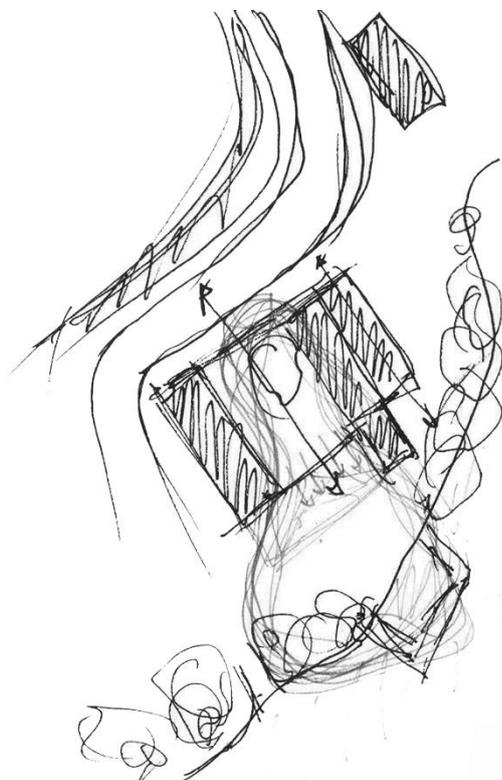
Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Relação do edificado de armazenamento com a recente edificação de café*



*Cais da Vala do Carregado*

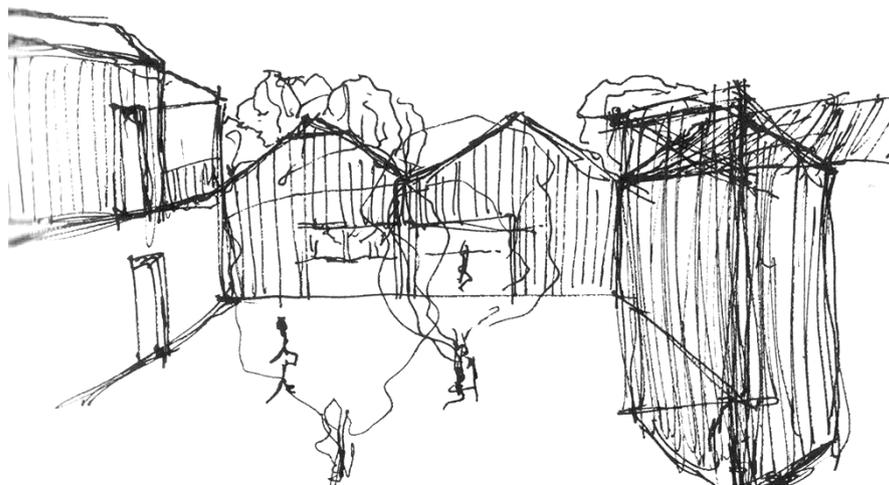
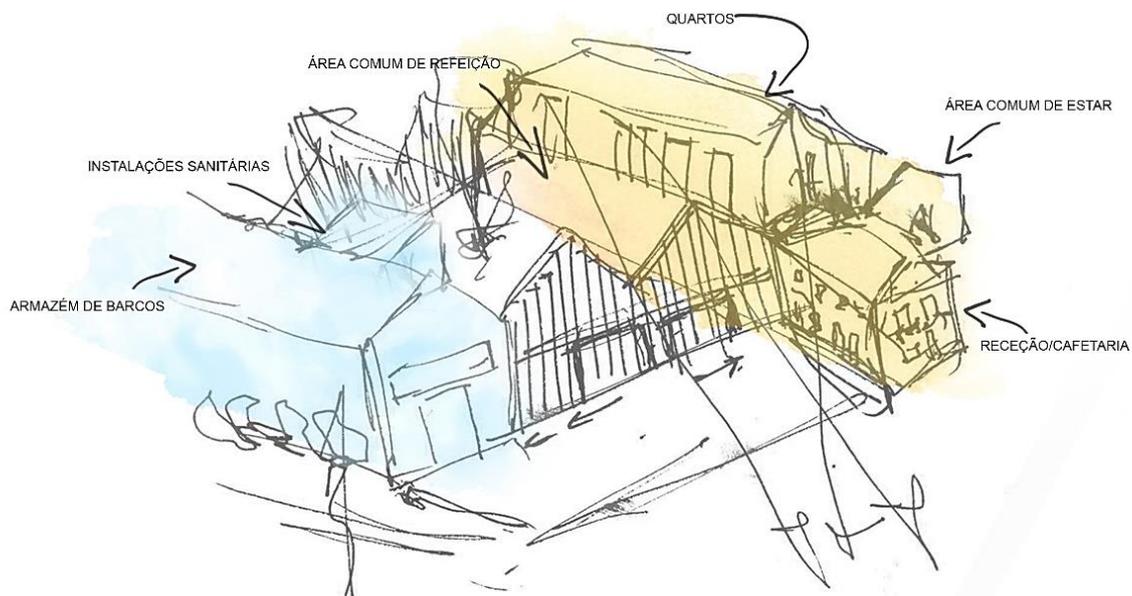


*Esquços primários*

## REGENERAÇÃO DOS ANTIGOS ARMAZÉNS DE CERÂMICA DA VALA DO CARREGADO

Situado na zona ribeirinha da Vala do Carregado, isolado das urbanizações envolventes, o alojamento e unidade de apoio a desportos náuticos, é construído no local de um antigo armazém de cerâmica pertencente à já inexistente Fábrica da Cerâmica da Vala do Carregado. Imaginado como um núcleo que impulsiona novas dinâmicas ao lugar pelo seu desenho, este projeto nasce não só com a ambição de fazer permanecer a identidade original do edifício, mas também simultaneamente assumir a contemporaneidade do mesmo. Através do respeito mútuo entre a pré-existência e a nova intervenção e do que resulta da sua aliança, é permitida a “inserção” de um outro elemento nesta simbiose – a relação com a mãe natureza, nomeadamente com o Rio Tejo e vegetação envolvente e assim criar toda a vivência pretendida em torno da margem do rio Tejo.

## Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



Esquiços

A zona do alojamento é organizada em 4 áreas distintas: Recepção/Cafetaria; área comum de refeição; área comum de estar; zonas privadas/quartos. Esta distinção é definida pelos próprios edifícios, ou seja, a zona de recepção/cafetaria encontra-se no antigo edifício habitacional aí existente, a área comum de refeição na nave com acesso à recepção e com acesso ao pátio, a zona de estar na nave a nordeste e os quartos no piso superior da antiga habitação e no novo volume criado na zona superior da nave da área comum de refeição. É pretendido no alojamento a existência de dois momentos: o momento de convívio, em que tudo é partilhado e vivido e o momento mais privado, contudo, através das dinâmicas criadas pelo desenho existente nesta zona, são possíveis relações entre os dois momentos sem interferem um com o outro.

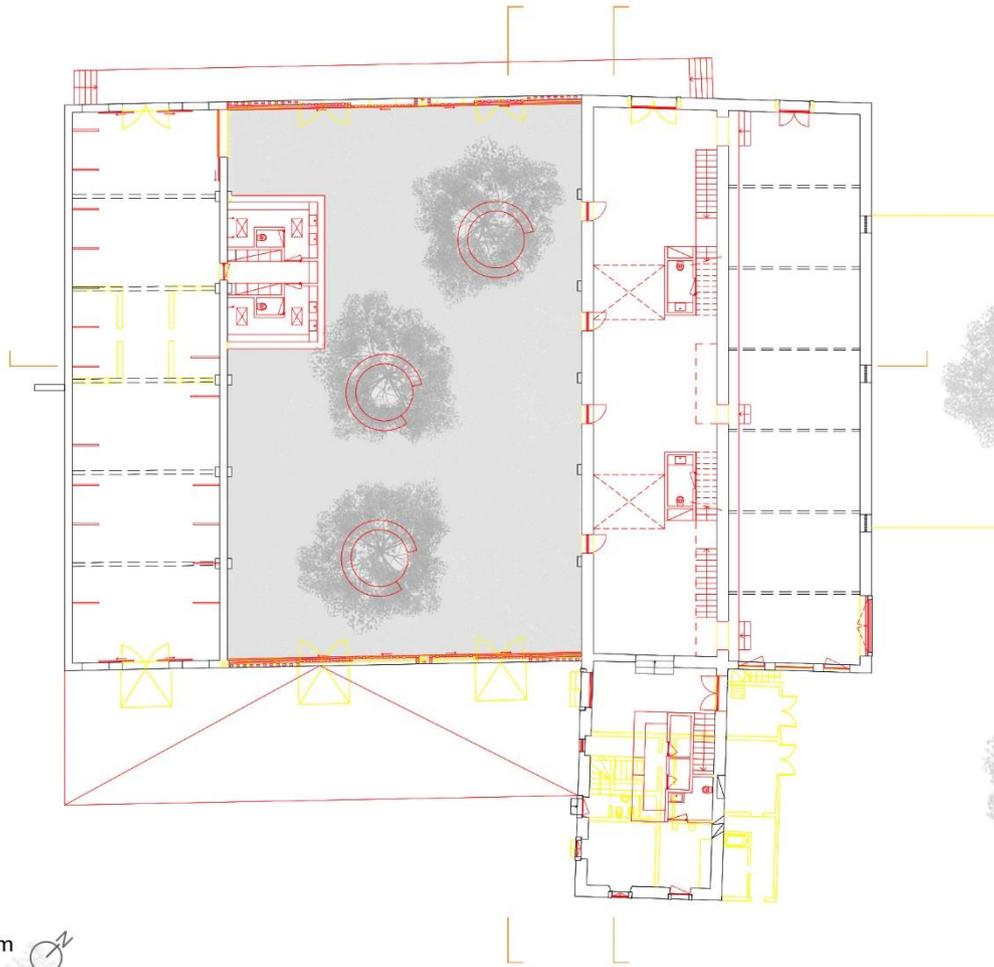
A unidade de apoio a atividades náuticas situa-se na nave a sudoeste deste conjunto. Esta unidade, tem unicamente a função de armazenamento de material náutico, como canoas, kayaks, materiais associados aos mesmos, e à atividade piscatória também aí exercida. É criado também, aliado a esta nave, um corpo com instalações sanitárias que dá apoio ao funcionamento da mesma.

A relação entre estes dois núcleos de naves é feita através do pátio central, que pretende estabelecer a relação entre programas e relação entre o interior e a natureza exterior das mesmas. Neste pátio foi respeitada a natureza aí existente com a permanência de uma árvore (figueira) que se foi vinculando ao espaço, pois onde atualmente é o pátio, existiram em tempos duas naves cobertas, mas que, com o abandono e passar do tempo, as coberturas ruíram criando assim esse pátio.

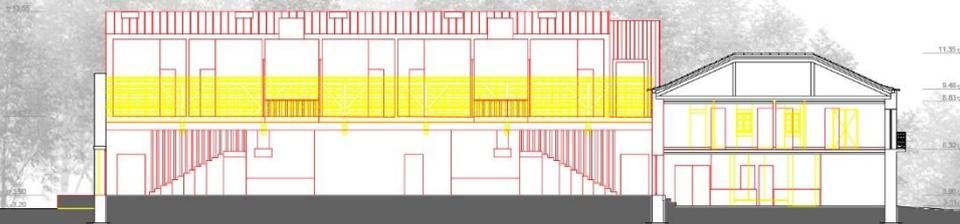
## DESENHOS TÉCNICOS



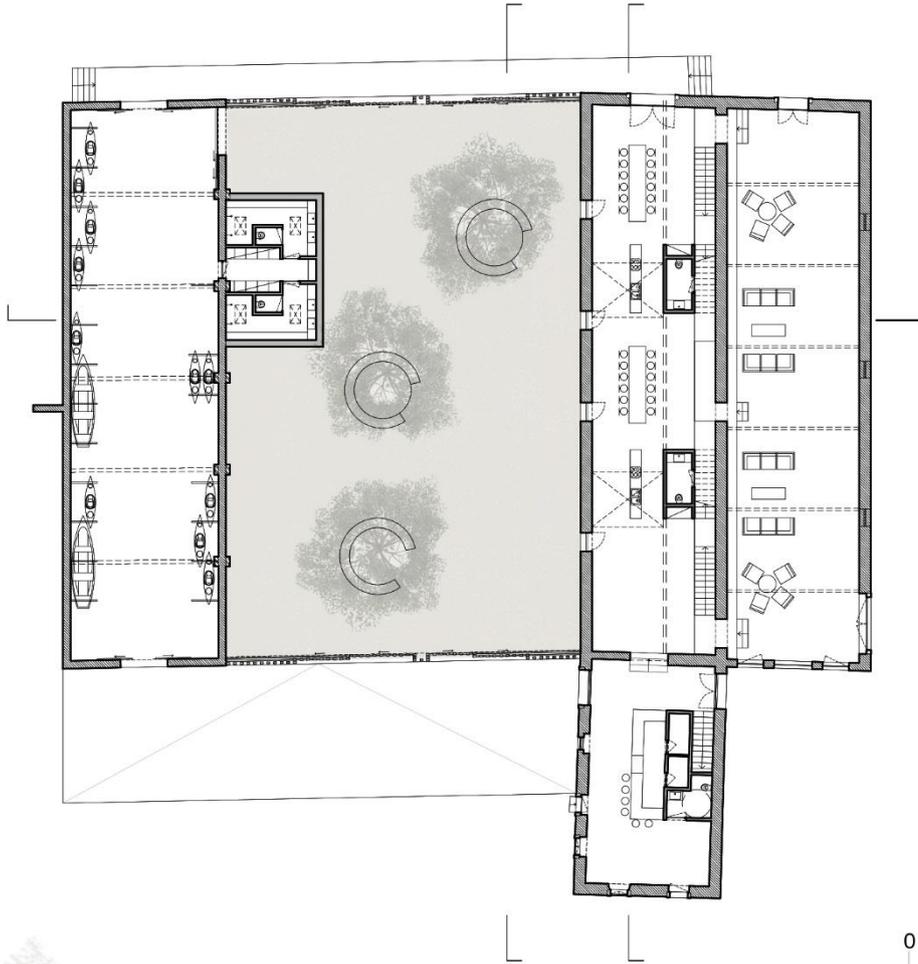
0 20m N  
Planta de Implantação



0 10m   
 Planta Piso 0 - Demolição/Construção



0 10m  
 Corte Longitudinal - Demolição/Construção



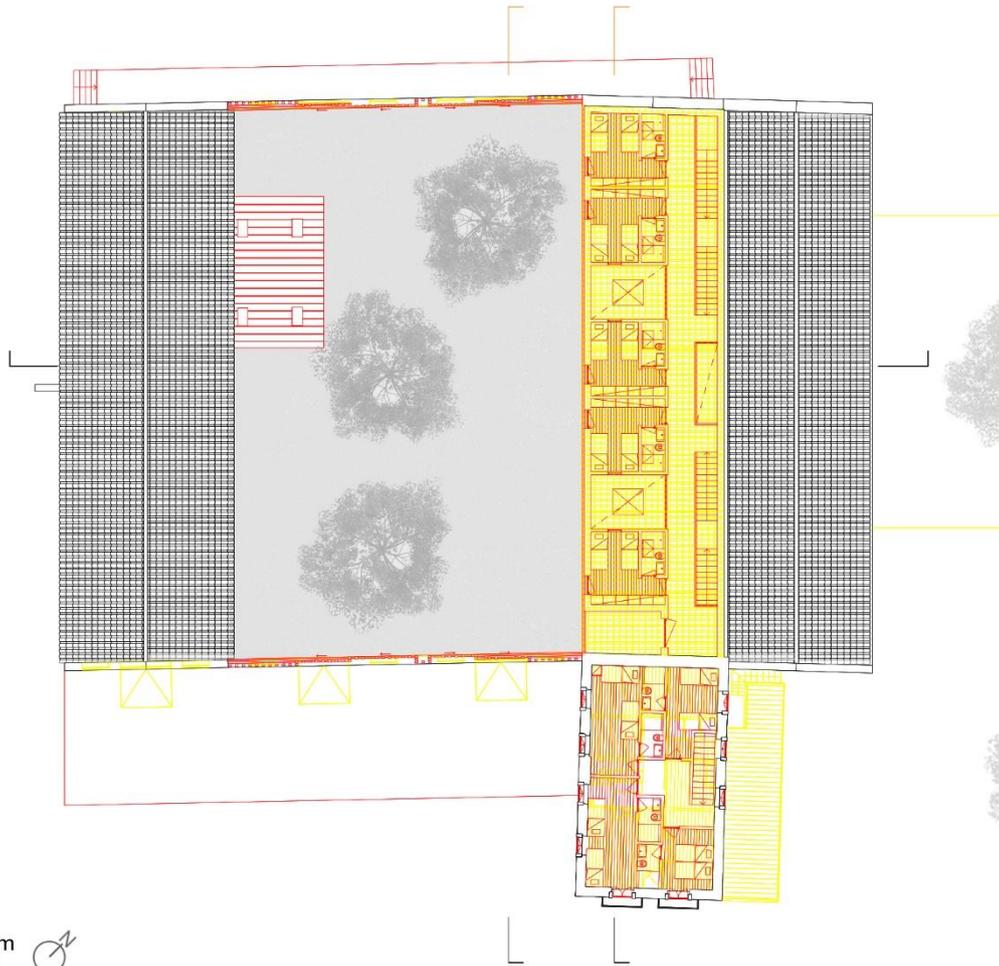
0 10m 

Planta Piso 0

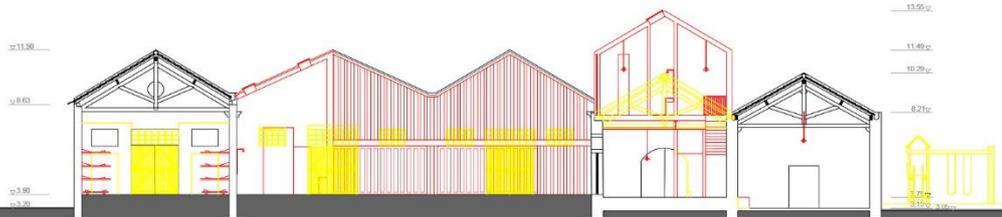


0 10m

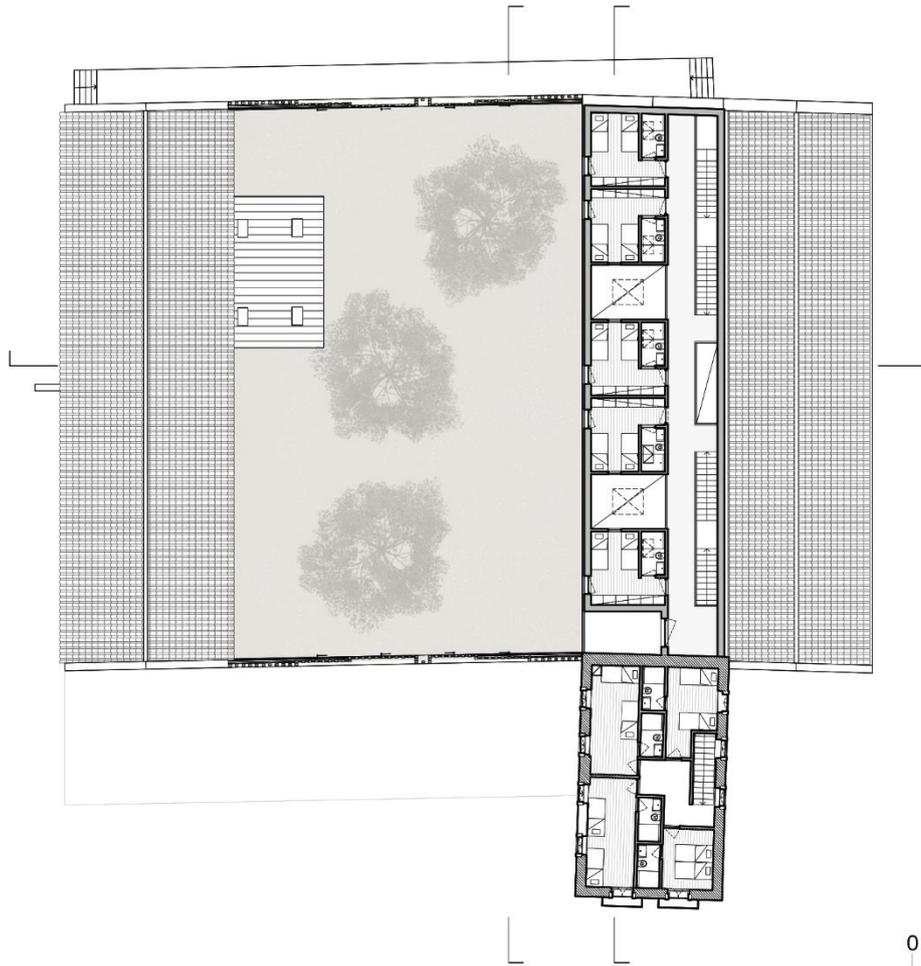
Corte Longitudinal



0 10m   
 Planta Piso 1 - Demolição/Construção

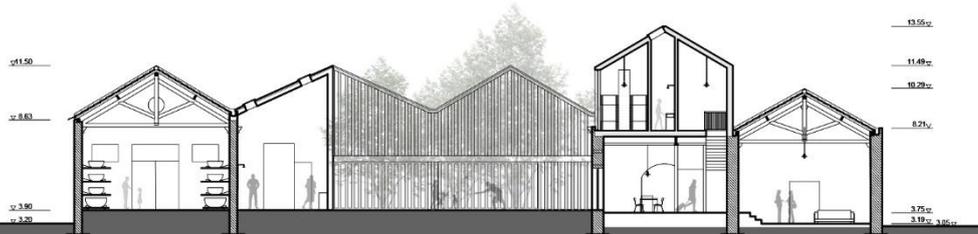


0 10m  
 Corte Transversal - Demolição/Construção



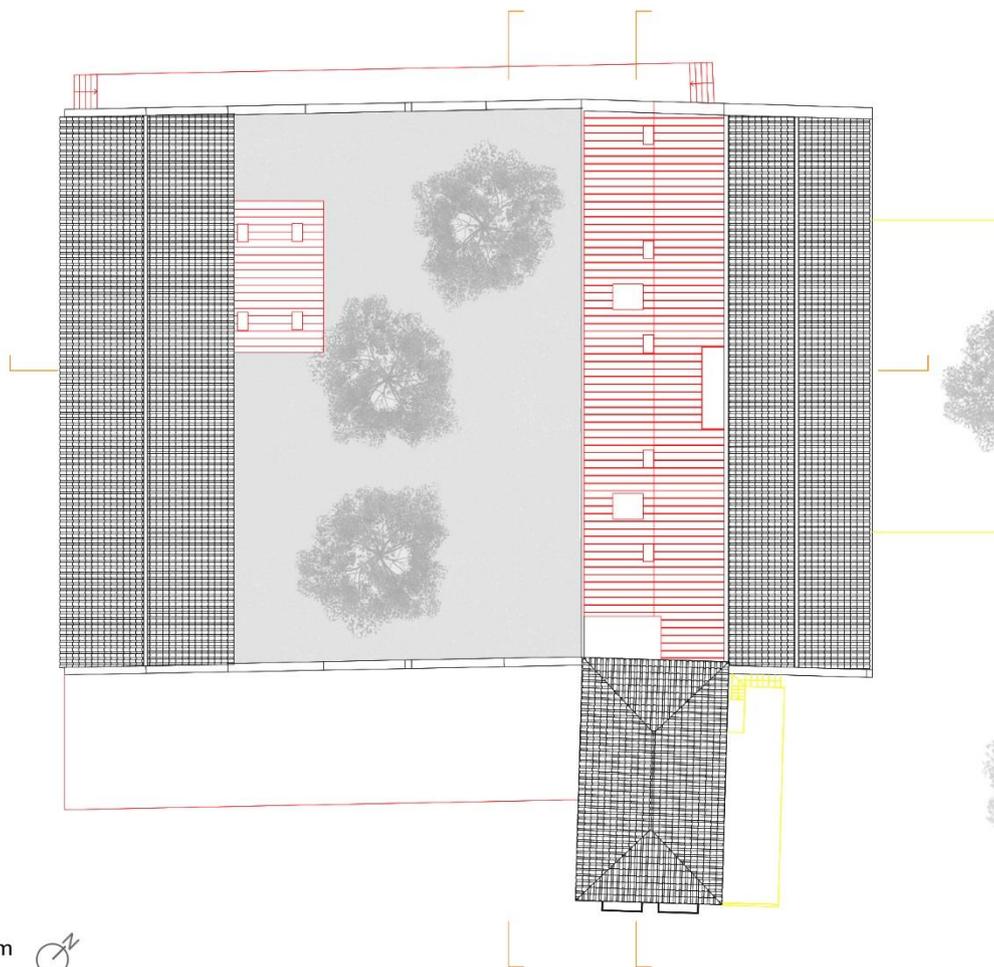
0 10m

Planta Piso 1



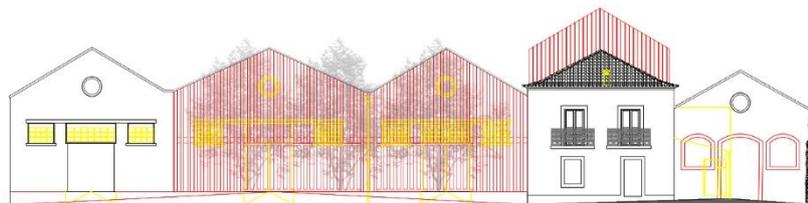
0 10m

Corte Transversal



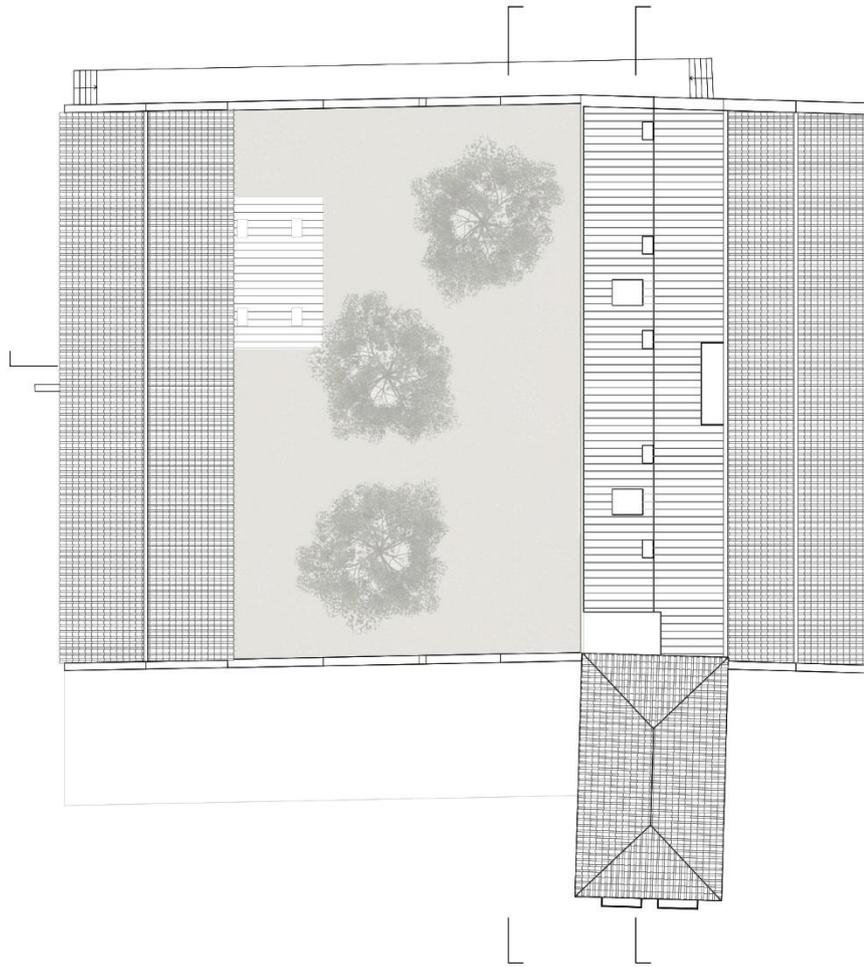
0 10m

Planta de Cobertura - Demolição/Construção



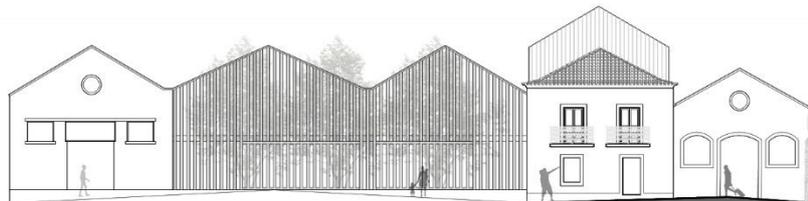
0 10m

Alçado Sudeste (Frente Rio) - Demolição/Construção



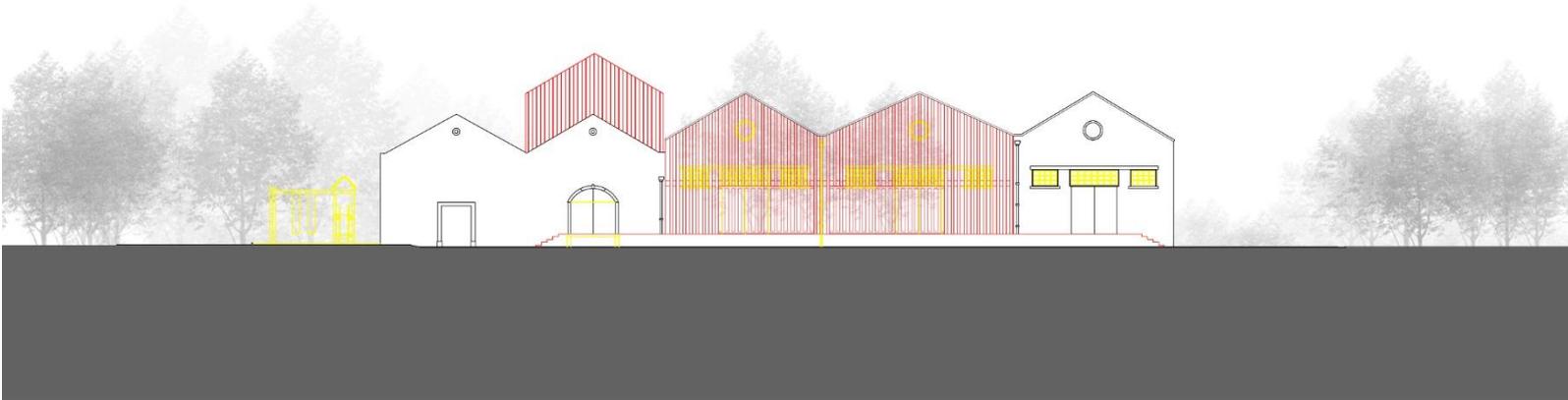
0 10m

Planta de Cobertura



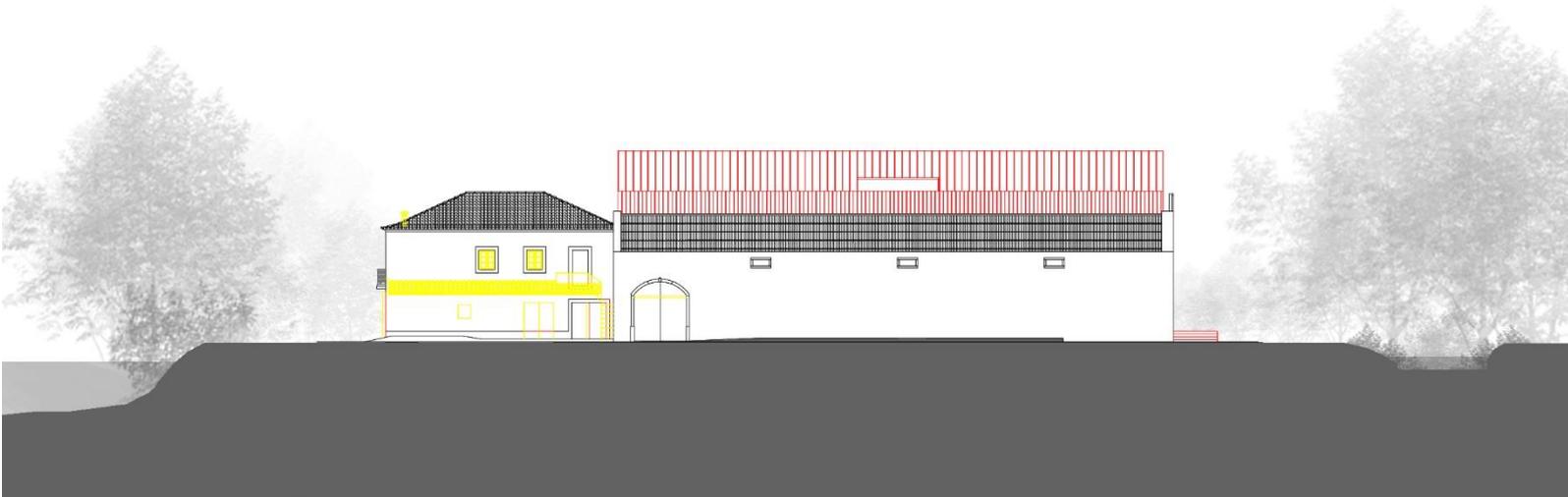
0 10m

Alçado Sudeste (Frente Rio)



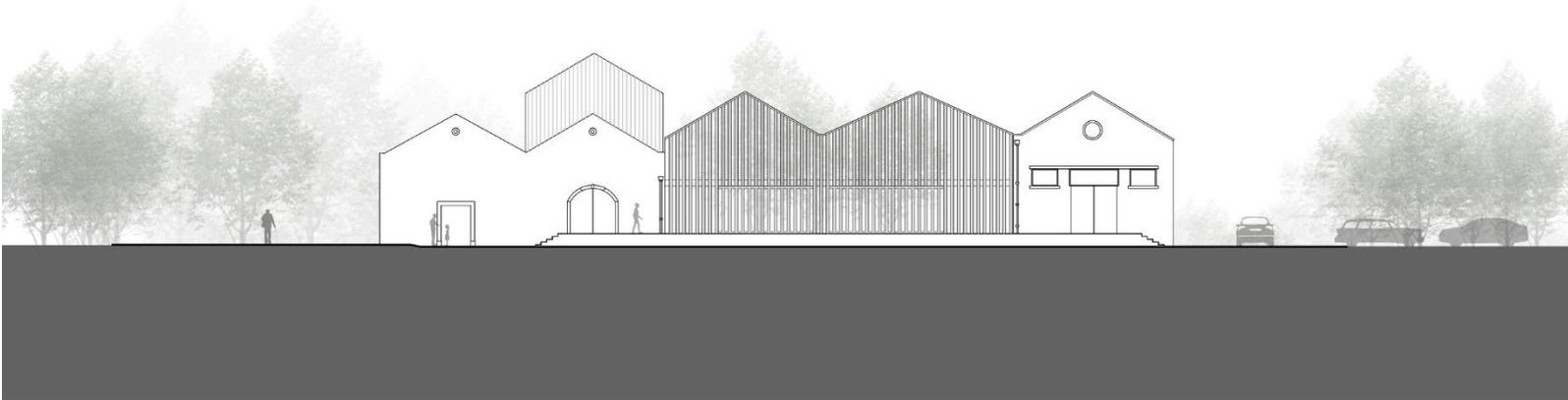
0 10m

Alçado Noroeste - Demolição/Construção

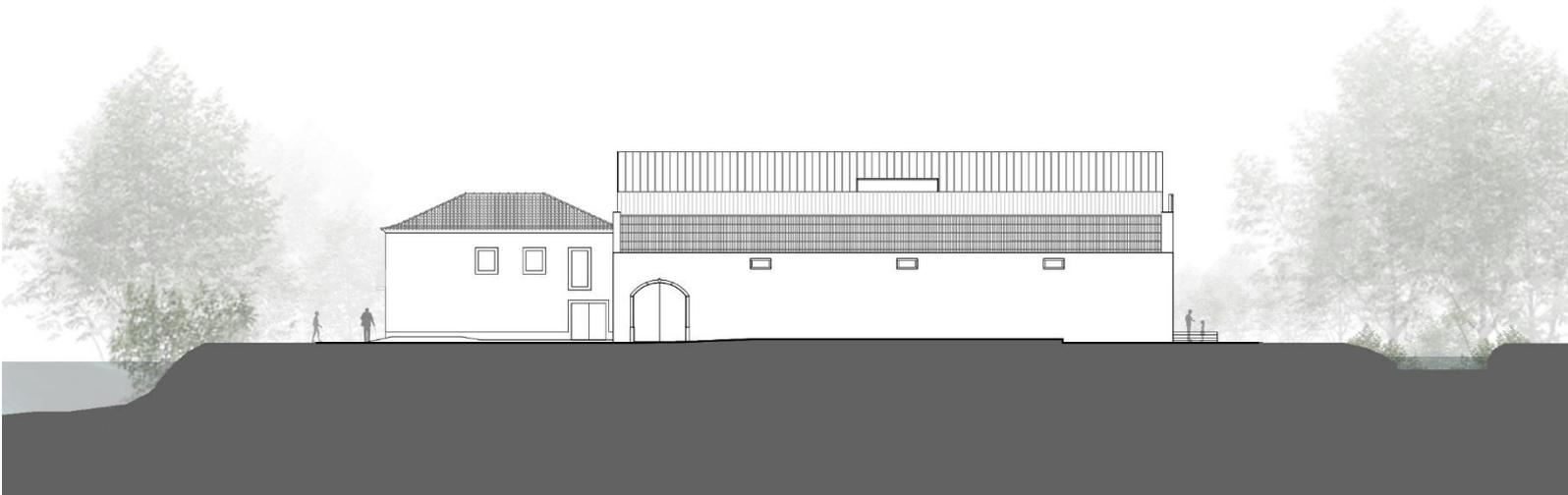


0 10m

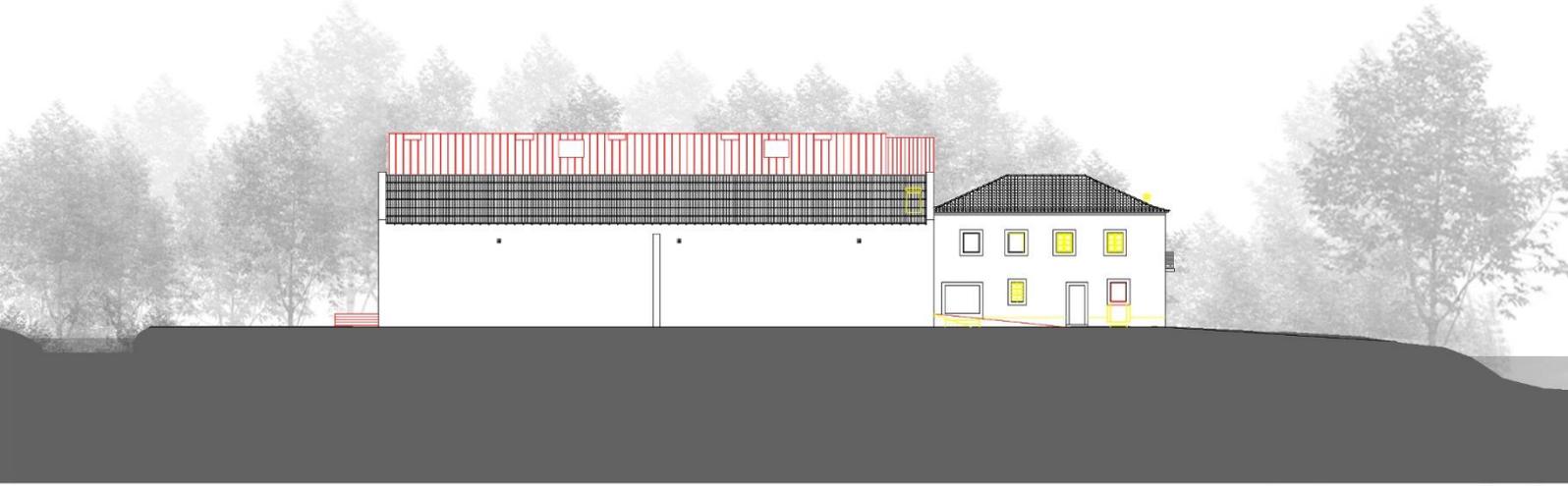
Alçado Nordeste - Demolição/Construção



0 10m  
Alçado Noroeste



0 10m  
Alçado Nordeste



0 10m

Alçado Sudoeste - Demolição/Construção



0 10m

Alçado Sudoeste Interior - Demolição/Construção



0 10m  
Alçado Sudoeste



0 10m  
Alçado Sudoeste Interior

## SISTEMAS CONSTRUTIVOS

### REFORÇO E REABILITAÇÃO DO EXISTENTE

É utilizado um método construtivo baseado principalmente no reforço das paredes existentes, tanto as de alvenaria mista como as de alvenaria de tijolo, para a continuação da leitura mais próxima do original do conjunto. Este reforço é feito através de uma lamina de betão (betão projetado + malha sol + ferrolhos) rebocado no interior com estuque e no exterior com um reboco térmico que confere uma melhor resistência térmica ao edifício.

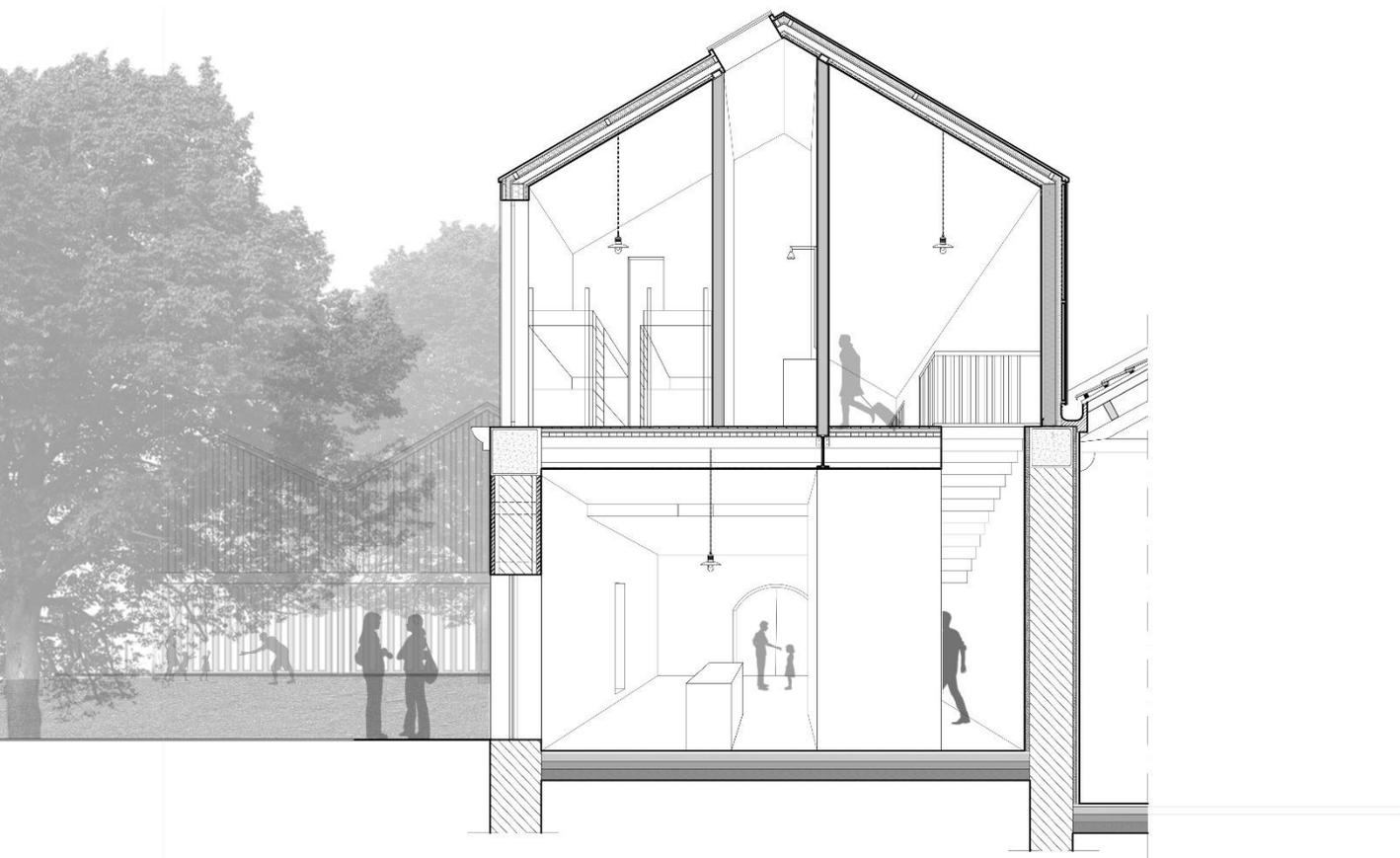
Nos pavimentos do piso térreo é utilizada uma base de brita, geotêxtil, tout venant, massame de betão e tela impermeabilizante e o acabamento com betonilha afagada pelo caráter e lembrança industrial que esta transmite. As tubagens e fios necessários ao funcionamento do edifício passarão por uma calha técnica própria para essas ligações. No pavimento exterior do pátio é utilizado saibro, sendo este um material de origem natural e de textura em pó, permite a permeabilidade do solo acabando por ser mais sustentável e respeitador do meio ambiente.

Nas coberturas, as asnas são mantidas e dada a devida manutenção e reforço estrutural necessários às mesmas. É colocado ainda isolamento através de painéis sandwich. Estes painéis, além de isolamento térmico e acústico, permitem servir de estrutura que suporta as telhas e dar um ambiente mais acolhedor ao interior do edifício através do acabamento em madeira. Este tipo de tratamento na cobertura é apenas dado na nave do alojamento, pois a cobertura da unidade de apoio às atividades náuticas é uma cobertura ventilada pelo programa que se propõe a adaptar.

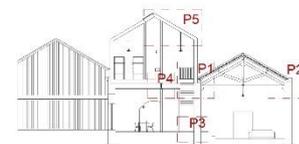
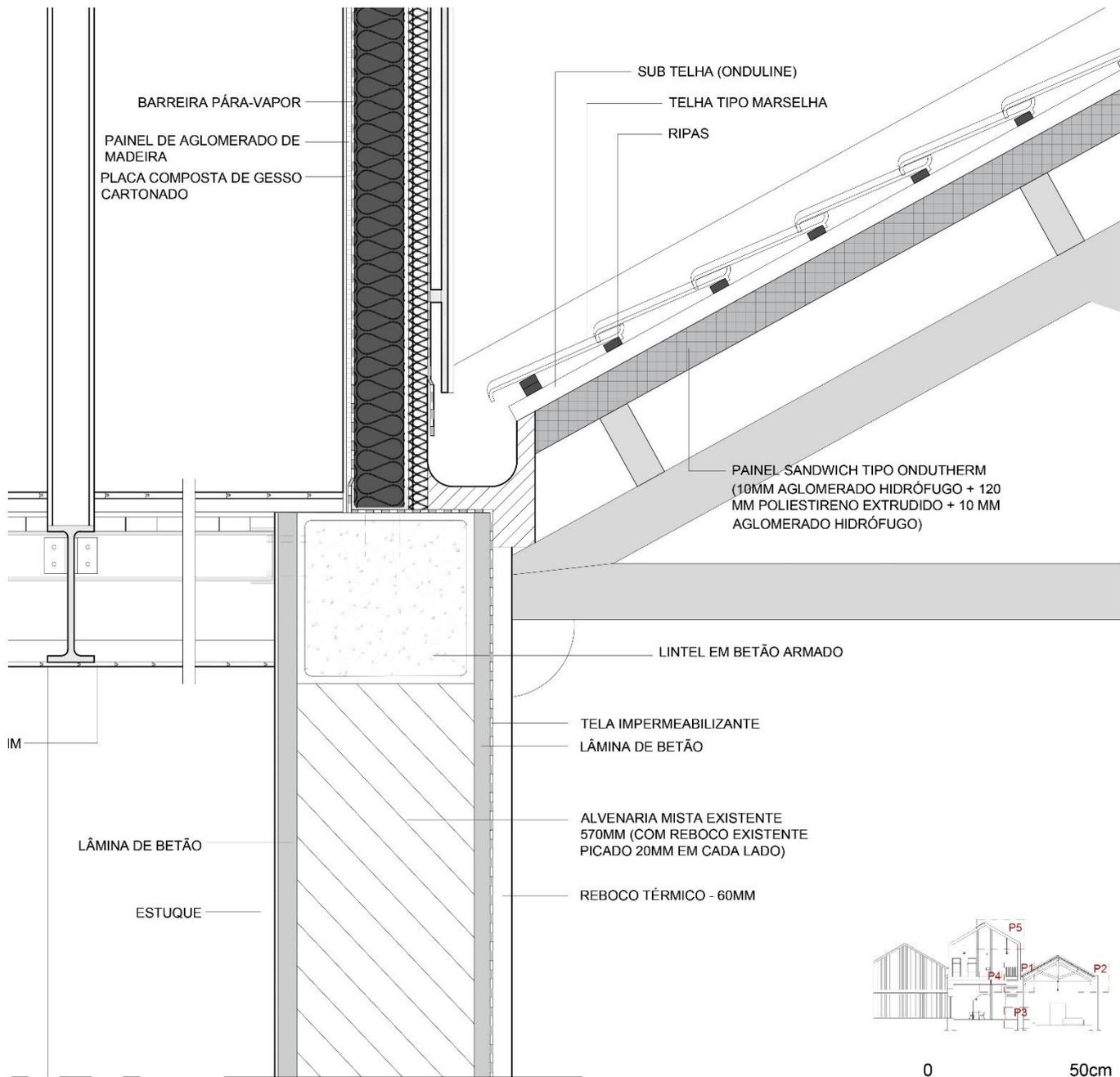
## O NOVO

O novo volume que assenta na nave dos espaços comuns de refeição, trata de uma estrutura leve metálica para que os esforços sobre as paredes existentes não sejam abusivos. Esse volume tem então paredes de estrutura metálica revestidas no interior com placas de gesso cartonado e no exterior com tábuas de madeira. Este último material foi escolhido com o intuito de uma maior relação com a natureza por ser um material natural e tradicional. Esta estrutura metálica é continuada na cobertura, contudo o seu revestimento exterior é feito com placas de zinco titânico, de fácil aplicação, manutenção e com grande resistência térmica. Relativamente ao pavimento deste volume, a sua estrutura assenta sobre gradil metálico tendo acabamentos de madeira tanto para o pavimento do piso superior como para o teto do piso inferior.

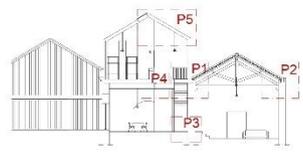
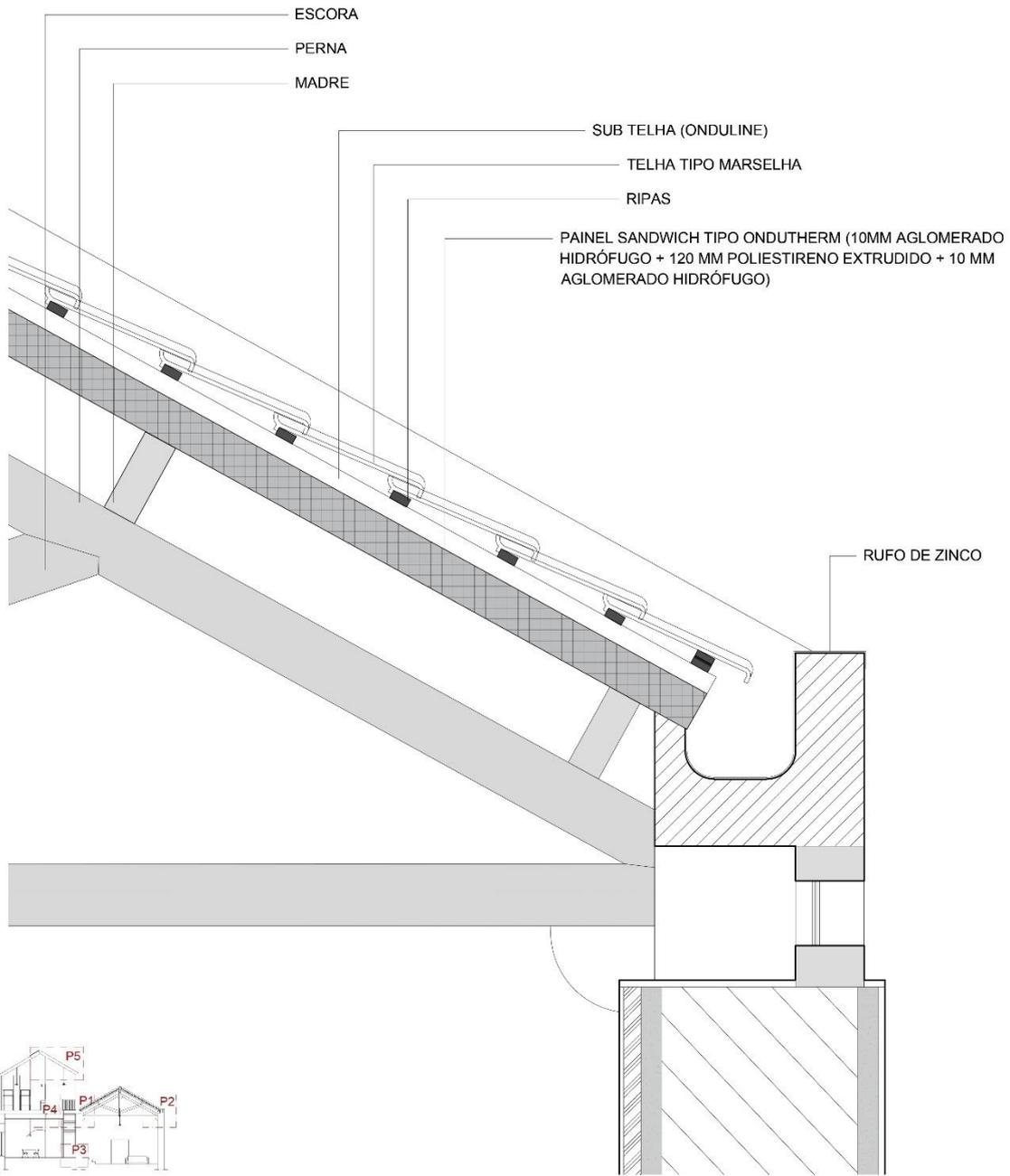
Também o novo volume referente às instalações sanitárias do armazém de barcos e agregado ao mesmo, funciona sob o mesmo método construtivo do novo volume do alojamento – estrutura metálica com revestimento de madeira e ventilação natural através de janelas tipo Velux elétricas.



Perspetiva do alojamento

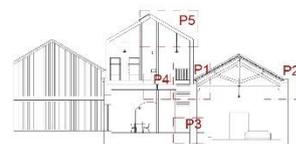
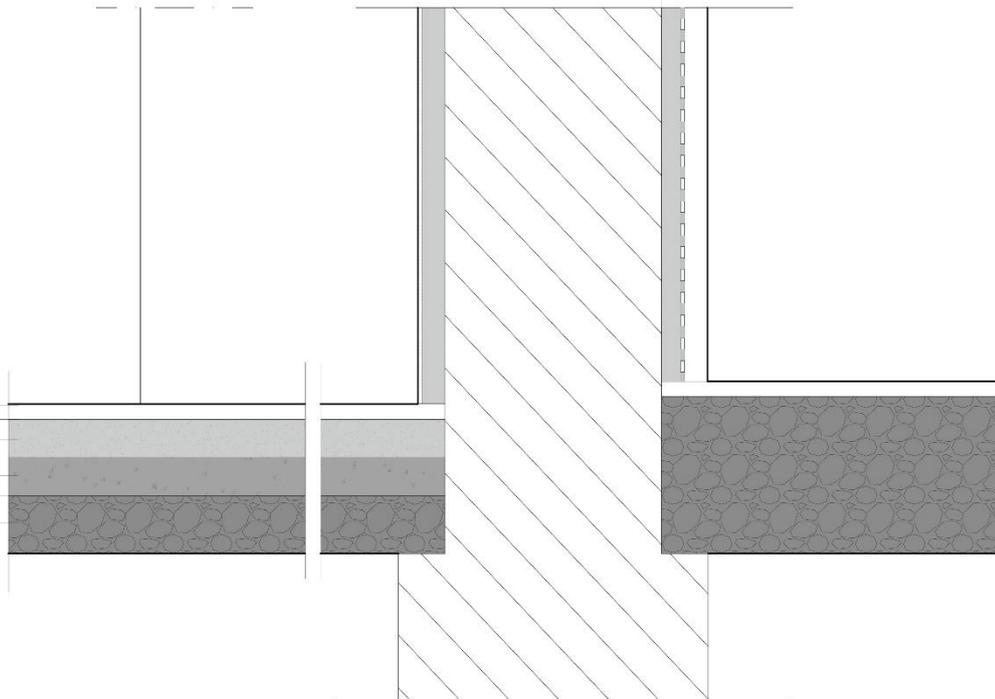


0 50cm  
 Pormenor 1

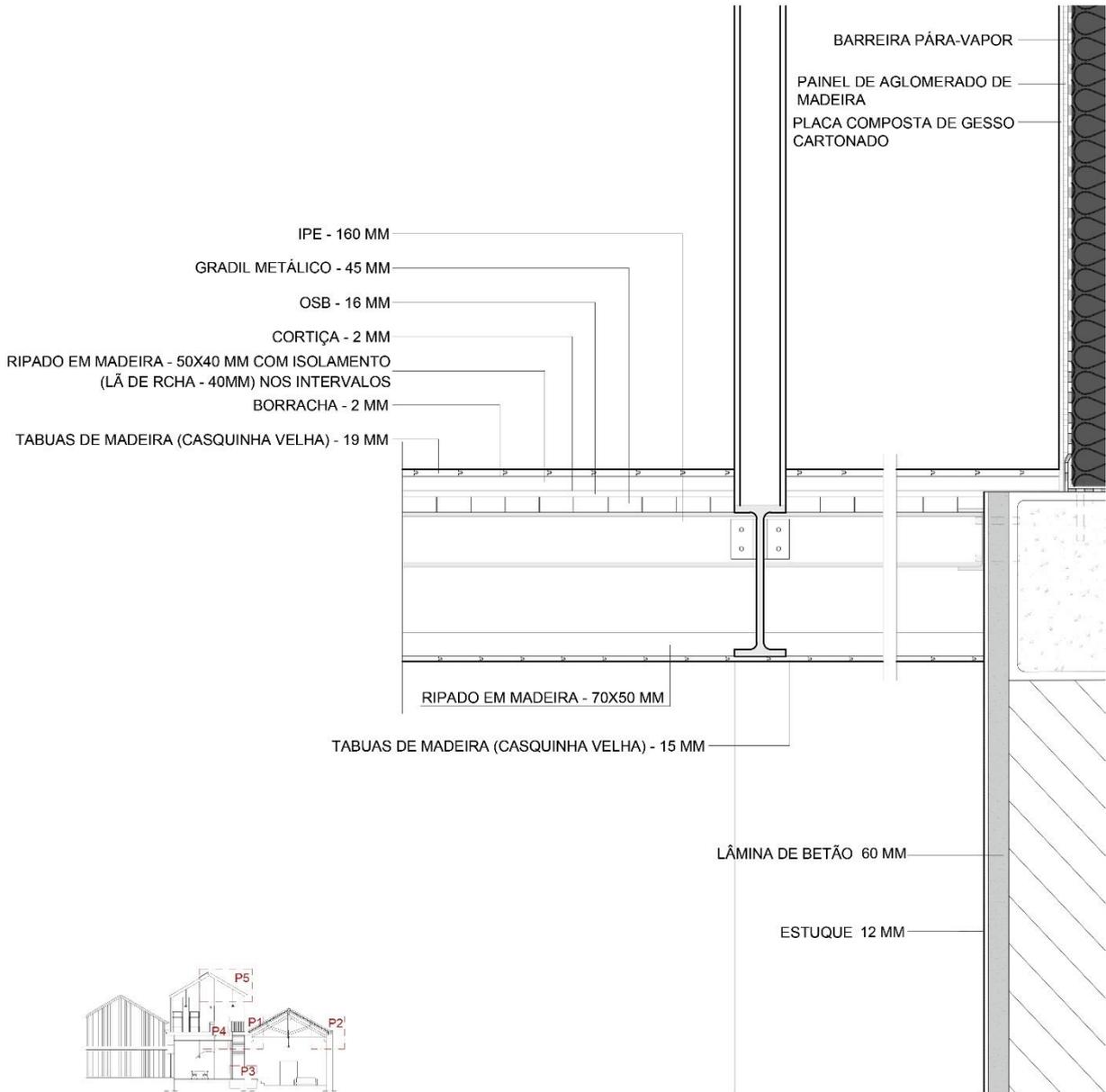


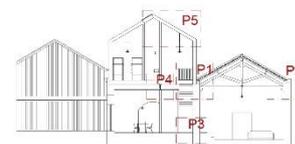
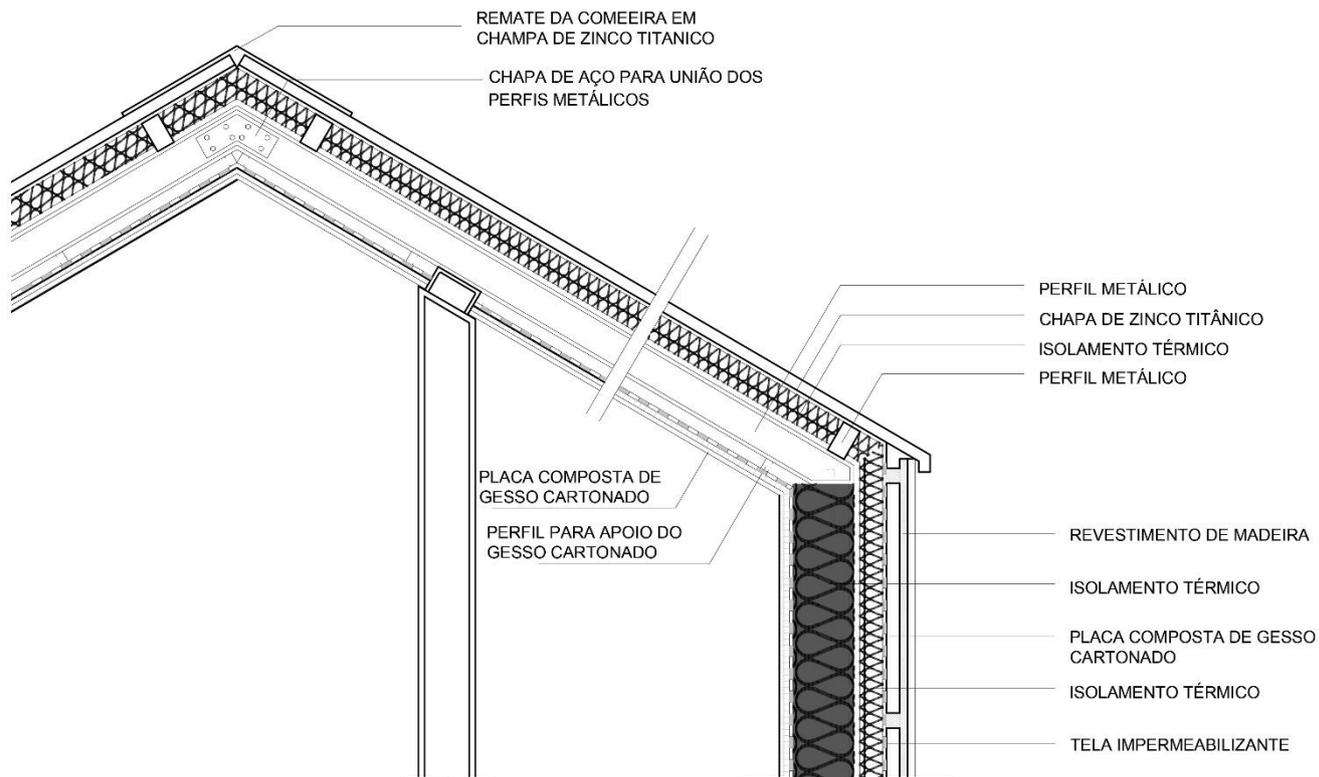
0 ————— 50cm  
 Pormenor 2

BETONILHA AFAGADA 50 MM  
TELA IMPERMEABILIZANTE  
MASSAME DE BETÃO ARMADO 100 MM  
TOUT VENANT 100 MM  
GEOTEXTIL  
BRITA 150 MM



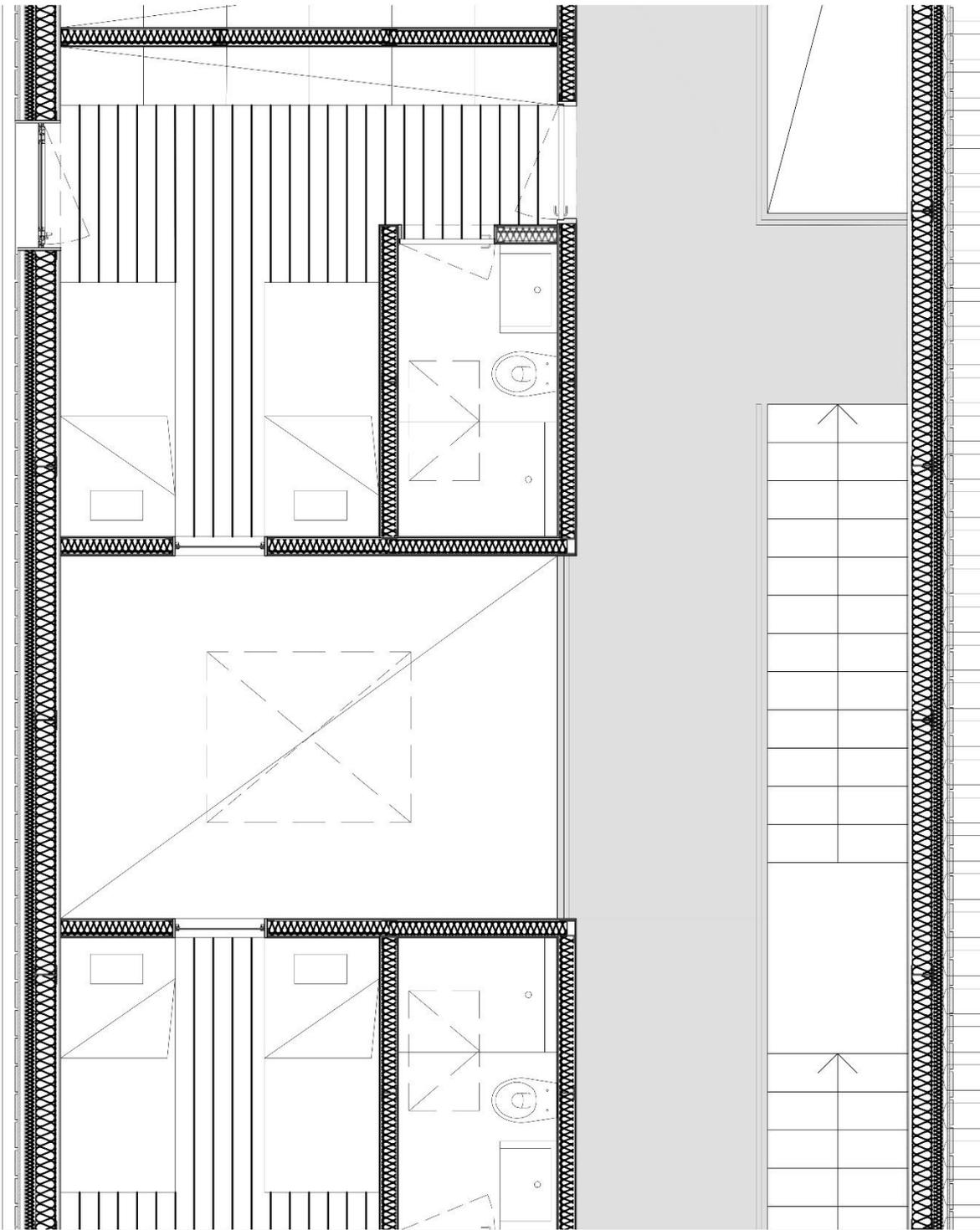
0 50cm  
Pormenor 3





0 50cm  
 Pormenor 5

0 1m  
Planta pormenor piso 1



FOTOMONTAGENS

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



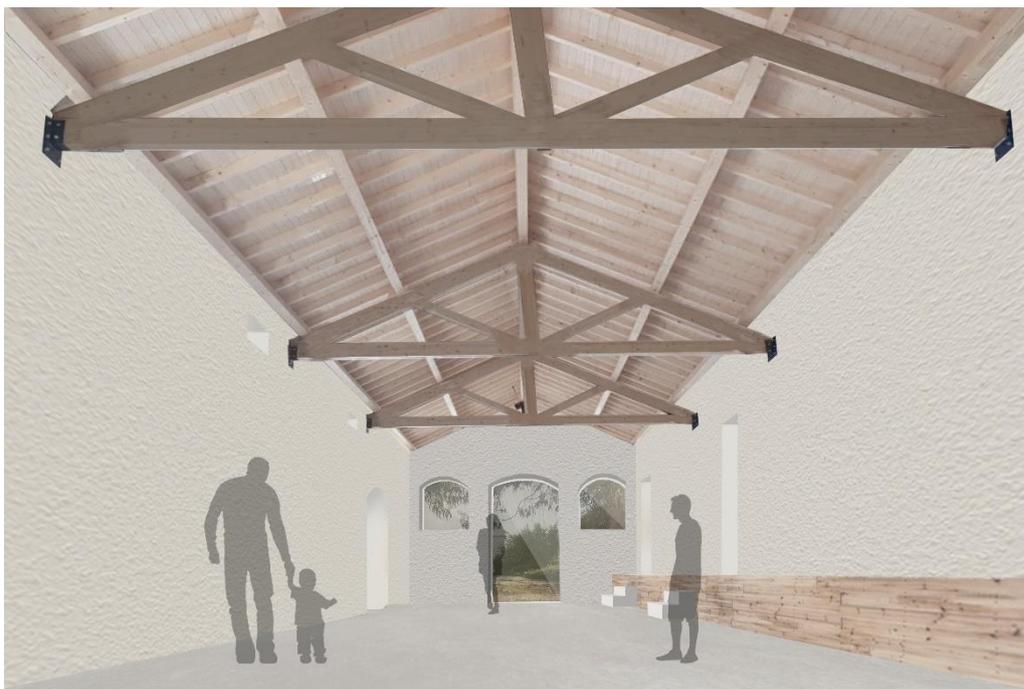
*Fotomontagem do projeto*

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Fotomontagem do projeto*

Regeneração dos antigos Armazéns de Cerâmica da Vala do Carregado



*Fotomontagem do projeto*



*Fotomontagem do projeto*



*Fotomontagem do projeto*



*Fotomontagem do projeto*





